

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA

DAYANNE TEIXEIRA LIMA

**O “FATOR *TEMPO*” COMO EIXO DA TEORIZAÇÃO SAUSSURIANA
SOBRE A LÍNGUA**

MACEIÓ

2021

DAYANNE TEIXEIRA LIMA

O “FATOR *TEMPO*” COMO EIXO DA TEORIZAÇÃO
SAUSSURIANA SOBRE A LÍNGUA

Texto apresentado à Banca de Defesa de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL), como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística, na linha de Teoria e Análise Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Núbia Rabelo Bakker Faria

MACEIÓ

2021

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

L732f	<p>Lima, Dayanne Teixeira. O “fator tempo” como eixo da teorização saussuriana sobre a língua / Dayanne Teixeira Lima. – 2021. 169 f. : il. color.</p> <p>Orientadora: Núbia Rabelo Bakker Faria. Tese (doutorado em Linguística e Literatura) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura. Maceió.</p> <p>Bibliografia: f. 166-168. Anexos: f. 169.</p> <p>1. Saussure, Ferdinand de, 1857-1913 - Estudo e ensino. 2. Língua. 3. Sincronia e diacronia. I. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 81-112-114</p>
-------	---



TERMO DE APROVAÇÃO

DAYANNE TEIXEIRA LIMA

Título do trabalho: "O "FATOR TEMPO" COMO EIXO DA TEORIZAÇÃO SAUSSURIANA SOBRE A LÍNGUA"

Tese aprovada como requisito para obtenção do grau de DOUTOR em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora:

Profa. Dra. Núbia Rabelo Bakker Faria (PPGLL/Ufal)

Examinadores:

Profa. Dra. Maria Fausta Pereira de Castro (IEL/Unicamp)

Prof. Dr. Marcen de Oliveira Souza (UFU)

Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins (PPGLL/Ufal)

Prof. Dr. Aldir Santos de Paula (PPGLL/Ufal)

Maceió, 17 de setembro de 2021.

Aos meus pais, meus verdadeiros e eternos
amigos.

AGRADECIMENTOS

Escrevo estes agradecimentos, literalmente, após ter concluído a escrita desta tese. Por essa razão, ao escrevê-los, sou movida por um sentimento de profunda gratidão ao recordar-me de todas as pessoas que, direta ou indiretamente, de perto ou de longe, estiveram presentes durante o meu percurso por esse caminho árduo, mas também repleto de boas surpresas e de muito aprendizado, que, certamente, extrapolam os limites estritamente acadêmicos.

Inicialmente, agradeço a minha família, em especial, aos meus pais, Sr. Lima e Sra. Maria Helena, que, desde sempre, jamais mediram esforços para que eu pudesse me dedicar integralmente aos estudos. Agradeço aos professores Dra. Maria Fausta Pereira de Castro e Dr. Marcen Oliveira Souza e Dr. Aldir Santos de Paula (querido professor de Fonologia do PPGLL-UFAL), que estiveram presentes na minha banca de qualificação e que, na ocasião, teceram observações valiosas que enriqueceram o trabalho que agora apresento neste ciclo que se encerra; agradeço ainda por terem aceito participar da minha banca de defesa, juntamente com o querido Prof. Dr. Adeilson Sedrins, a quem eu tive a honra de conhecer e de ser aluna na disciplina de Morfologia na pós-graduação. Tenho a certeza de que a leitura e os comentários destes estimados professores trarão o refinamento necessário para a versão final deste trabalho. Agradeço também aos professores Dr. Jair Barbosa da Silva, querido professor de Semântica na pós-graduação, e Dra. Micaela Pafume Coelho que aceitaram serem suplentes da banca. Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa concedida mesmo num período difícil para a ciência e para os estudantes do nosso país. Agradeço aos queridos colegas “saussurianos” que tive a oportunidade de conhecer na UFAL, especialmente a Alexandre Sales pelas leituras compartilhadas e pela agradável companhia nos eventos acadêmicos. Agradeço ao Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure (CNPq), coordenado atualmente pelas professoras Dra. Eliane Silveira e Dra. Micaela Pafume, por ter proporcionado ótimos encontros e trocas de experiências acerca do instigante universo conceitual saussuriano. Agradeço aos queridos amigos e companheiros de luta na pós-graduação, que formam o grupo chamado carinhosamente de “Senhoras”: André Cordeiro, Antônia Maria, Erika Araújo, Manuel Álvaro, Marcos Grutzmacher, Míriam Pessôa e Samuel Barbosa; a experiência como pós-graduanda ao lado de vocês foi certamente bem mais leve e mais produtiva. Agradeço aos meus queridos “irmãos gêmeos”, Karlos Eduardo (Kadu) e Estêvão dos Anjos, pela companhia (quase) diária e pela feliz surpresa de tê-los conhecido no período de graduação e

de tê-los como amigos hoje. Agradeço ao Programa de Educação Tutorial de Letras da UFAL (PET-Letras) e a todos os petianos que fizeram parte do grupo entre o período de 2011 a 2013, especialmente a Diogo Santos, querido petiano que, à época, recepcionou atenciosamente a minha entrada e a minha adaptação ao grupo mesmo estando longe, e que, desde então, tornou-se uma referência acadêmica para mim. Agradeço a todos os meus alunos do IFAL-Arapiraca e do IFAL-Palmeira dos Índios, por me desafiarem diariamente a ser uma docente mais qualificada e mais humana. Agradeço a Rodrigo, pela companhia diária, mas, sobretudo, por ter sido durante esses últimos meses a voz da razão quando emoções negativas tentaram controlar a minha mente. Por fim, mas certamente não menos importante, agradeço especialmente a minha querida professora e orientadora Dra. Núbia Rabelo Bakker Faria, a quem eu tive a honra de ser aluna desde 2010, ano em que iniciei meu percurso no Curso de Letras da Universidade Federal de Alagoas, e orientanda desde 2012. Se o ensino de Ferdinand de Saussure afetou-me de tal forma a ponto de ter dedicado anos de pesquisa a sua complexa teorização da linguagem, foi porque, antes, fui inspirada pelo ensino doce e marcante da professora Núbia. Por fim, se Antonie Meillet, um dos alunos mais brilhantes de Saussure, me permitir, resumirei o impacto que teve o ensino da professora sobre mim tomando emprestadas algumas das palavras do aluno dirigidas ao mestre genebrino: “Sua pessoa desperta amor à ciência”.

RESUMO

A reflexão sobre o “fator Tempo” é constante na teorização de Saussure. Em vários momentos de seu percurso teórico, o linguista genebrino insiste no fato de que o Tempo altera a língua e se questiona sobre quais as implicações desse fato incontestável para a linguística. Tais elaborações podem ser encontradas tanto no *Curso de linguística geral*, obra póstuma publicada em 1916, quanto nas fontes manuscritas. Esses manuscritos, em particular, revelam que a inquietação do linguista/professor genebrino em relação ao “fator Tempo” surge muito antes dos três cursos de linguística geral ministrados por Saussure em Genebra no período de 1907-1911, cursos estes que, como é demasiadamente sabido, deram origem ao livro que foi publicado em seu nome. Os desdobramentos dessa reflexão também são bastante conhecidos: a formulação do par conceitual *sincronia/diacronia* e a consequente bifurcação da linguística em sincrônica e diacrônica. Esses conceitos, unidos aos de *língua* e *fala*, se estabeleceram como princípios norteadores da linguística, provocando uma revolução teórico-metodológica na área. Contudo, em razão de uma vulgarização do pensamento saussuriano, é comum haver um reducionismo das noções saussurianas de *sincronia* e *diacronia*, por vezes compreendidas unicamente como uma escolha metodológica necessária. Partindo desse pressuposto, o objetivo principal desta tese é investigar os desdobramentos teóricos da incidência do “fator Tempo” sobre a teorização saussuriana acerca da língua. Partimos da hipótese de que o “fator Tempo” opera como o eixo dessa teorização: ao se interrogar constantemente sobre a natureza da língua, Saussure convoca o Tempo como um “princípio absoluto” que atua não só para a delimitação da *langue*, como também para o estabelecimento dos princípios teóricos e metodológicos em que se é possível elegê-la como o objeto linguístico. Nessa perspectiva, assumimos com Chiss (1978) que, ao nomear os conceitos de *sincronia* e *diacronia*, Saussure estabelece mais do que uma operação metodológica; trata-se sobretudo de uma operação epistemológica fundamental para a ciência linguística. Para cumprirmos nosso objetivo, buscamos nos aproximar das aulas de Saussure em Genebra por entendermos que o acontecimento do ensino foi determinante para a sua elaboração teórica acerca da relação entre o “fator Tempo” e a língua. A maneira como esse ensino foi interpretado e materializado posteriormente no CLG também é uma questão que se impõe, uma vez que ela testemunha a repercussão e o potencial teórico das últimas lições de Saussure. Por essa razão, o *corpus* desta pesquisa é composto por dois momentos singulares de sua atuação: pelas notas preparatórias para a série de três Conferências proferidas pelo genebrino na Universidade de Genebra (1891), que marcam seu retorno à terra natal e inauguram o seu ensino nesta instituição, e pelos cadernos de Constantin relativos ao III Curso (1910-1911) em cotejo com notas preparatórias de Saussure para esse curso e com o CLG (1916), ou seja, suas aulas derradeiras sobre linguística geral.

Palavras-chave: Saussure. Língua. “fator Tempo”. Sincronia e diacronia. Ensino de Saussure.

ABSTRACT

The reflection on the “Time factor” is constant in Saussure's theorizing. At various points in his theoretical career, the Genevan linguist insists on the fact that Time alters language and asks himself about the implications of this incontestable fact for linguistics. Such elaborations can be found both in the *Course of General Linguistics*, a posthumous work published in 1916, and in the manuscript sources. These manuscripts, in particular, reveal that the concern of the Genevan linguist/professor in relation to the “Time factor” arises long before the three courses in general linguistics taught by Saussure in Geneva in the period 1907-1911, courses which, as it is too much known, gave rise to the book that was published in their name. The consequences of this reflection are also well known: the formulation of the conceptual pair *synchrony/diachrony* and the consequent bifurcation of linguistics into synchronic and diachronic. These concepts, together with those of *language* and *speech*, established themselves as guiding principles of linguistics, causing a theoretical-methodological revolution in the area. However, due to a vulgarization of Saussurean thought, it is common to have a reductionism of Saussurean notions of *synchrony* and *diachrony*, sometimes understood only as a necessary methodological choice. Based on this assumption, the main objective of this thesis is to investigate the theoretical consequences of the incidence of the “Time factor” on Saussurean theorizing about language. We start from the hypothesis that the “Time factor” operates as the axis of this theorization: by constantly questioning himself about the nature of language, Saussure summons Time as an “absolute principle” that acts not only for the delimitation of language, but also for the establishment of theoretical and methodological principles in which it is possible to elect it as the linguistic object. From this perspective, we assume with Chiss (1978) that, by naming the concepts of *synchrony* and *diachrony*, Saussure establishes more than a methodological operation; it is above all a fundamental epistemological operation for linguistic science. In order to fulfill our objective, we sought to approach Saussure's classes in Geneva, as we understand that teaching event was crucial for his theoretical elaboration about the relationship between the “Time factor” and language. How this teaching was interpreted and materialized later in the CLG is also an important question, as it bears witness to the repercussions and theoretical potential of Saussure's last lessons. For this reason, the *corpus* of this research is composed of two unique moments of his performance: the preparatory notes for the series of three Lectures given by the Genevan at the University of Geneva (1891), which mark his return to his homeland and inaugurate his teaching at this institution, and by Constantin's notebooks relating to the III Course (1910-1911) in comparison with Saussure's preparatory notes for this course and with the CLG (1916), that is, his final classes on general linguistics.

Key words: Saussure. Language. “Time factor”. Synchrony and diachrony. Saussure teaching.

LISTA DE ABREVIACOES E ACRONIMIAS

Obras de referência

CLG – Curso de Linguística Geral

ELG – Escritos de Linguística Geral

Conjunto de fontes manuscritas

PC – Primeira Conferência

SC – Segunda Conferência

TC – Terceira Conferência

I Curso – Primeiro Curso de Linguística Geral

II Curso – Segundo Curso de Linguística Geral

III Curso – Terceiro Curso de Linguística Geral

Outros

CFS. – *Cahiers Ferdinand de Saussure*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1	
O “fator Tempo” em Saussure: sua produtividade teórica e heterogeneidade interpretativa	16
1.1 Yong-Ho Choi	16
1.2 André-Jean Pétroff	28
1.3. Michel Arrivé	35
1.4 Maria Fausta Cajahyba Pereira de Castro	39
1.5 O <i>quê</i> da questão do “fator Tempo” em Saussure?	43
CAPÍTULO 2	
Entre o CLG e as fontes manuscritas: a “escolha de leitura”	46
2.1 O CLG: um trabalho de intérpretes	47
2.1.1 “Qu’allions-nous faire de ces matériaux?”	53
2.2 O <i>corpus</i> de pesquisa para além do CLG	60
2.2.1 O contexto intelectual/institucional do ensino de Saussure em Genebra	64
2.2.2 As conferências de Saussure em Genebra (1891)	67
2.2.3 O III Curso de linguística geral (1910-1911)	71
CAPÍTULO 3	
As conferências em Genebra: o linguista em atuação	79
3.1 Primeira Conferência: o princípio da <i>continuidade</i> da língua no Tempo.....	81
3.2 Segunda Conferência: o princípio do <i>movimento</i> da língua no Tempo.....	90
3.3 Terceira Conferência: a revisão	104
CAPÍTULO 4	
As últimas aulas de linguística geral em Genebra: o professor em atuação	107
4.1 “ <i>L’immutabilité et mutabilité du signe</i> ”	112
4.2 “ <i>La linguistique statique et la linguistique historique</i> ”	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
REFERÊNCIAS	168
ANEXO.....	171

INTRODUÇÃO

“Em qualquer exemplo que a história nos permita acompanhar uma língua ao longo de dois ou três séculos, constata-se que o espaço de tempo escoado corresponde regularmente a uma modificação mais ou menos forte dessa língua. Não há exemplo de imobilidade absoluta. *Absoluto é o princípio do movimento da língua no tempo [...]*”. (SAUSSURE, 2004[2002], p. 268, grifo nosso).

Se a citação que serve de epígrafe para esta introdução viesse desacompanhada de sua fonte, talvez um leitor iniciante do universo conceitual de Ferdinand de Saussure não atribuisse sua autoria ao mestre genebrino. Mesmo passagens retiradas da famosa obra póstuma publicada em 1916, o *Curso de linguística geral*, como, por exemplo, a de que “o tempo altera todas as coisas” e que, assim sendo, “não existe razão para que a língua escape a essa lei universal” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 91), não seriam, talvez, atribuídas ao genebrino pelo mesmo leitor iniciante hipotético.

Isso porque, embora a questão da alteração da língua no tempo esteja presente na teorização saussuriana, a representação corrente de Saussure é a de um linguista que excluiu fatores externos que evidenciam o caráter dinâmico da língua no contexto social, tais como a *fala*, o *sujeito*, a *história* e a *referência*. Recentemente, Cruz e Faria (2019) fizeram um comentário a respeito dessa imagem póstuma associada ao genebrino, o qual recorreremos abaixo:

Trata-se da já tão repisada representação segundo a qual Saussure é o fundador da linguística moderna, mas um fundador que, ao delimitar o objeto da ciência que funda, deixa de fora aspectos fundamentais da comunicação humana, hoje abordados de forma privilegiada pelas disciplinas contemporâneas (CRUZ, M.; FARIA, N., 2019, p. 2-3).

Por outro lado, considerar absoluto *o princípio do movimento da língua no tempo* ou mesmo assumir que *o tempo altera a língua* significa reconhecer, dentre outros aspectos, que a língua não é um sistema inerte e imutável. Ora, isso não parece saussuriano. Ou, pelo menos, não parecia...

Nos últimos anos, temos assistido a um novo movimento de retorno a Saussure em função da descoberta, na década de 50 e, mais recentemente, na segunda metade da década de 90, de manuscritos saussurianos que, somados à leitura do CLG (ou, às vezes, até mesmo substituindo-a), têm contribuído para uma mudança na representação do linguista genebrino, especialmente aquela em que, em razão da suposta “exclusão” da fala, do sujeito, da história e da referência, associa a teorização saussuriana a uma

perspectiva “irreal” de língua, que pouco (ou nada) revela sobre a “vida” da língua na sociedade.

De acordo com Normand (2009, p. 147), o trabalho com os manuscritos proporcionou o interesse recente pelo lugar que o tempo ocupa na teoria¹ saussuriana, e, em razão disso, a associação do nome de Saussure a uma concepção de língua que se define enquanto um sistema *imutável* de signos tem sido problematizada. É exatamente o reconhecimento do papel do tempo na natureza da língua que, segundo a autora, permite que o caráter dinâmico inerente ao sistema linguístico seja abordado (*ibid.*, p. 149).

É, pois, nesse espaço renovador das pesquisas em torno da fortuna teórica saussuriana que situamos a questão geral deste trabalho: a reflexão de Saussure acerca do “fator Tempo” e sua relação com o objeto *langue*.

Digamos inicialmente que essa reflexão é constante na teorização saussuriana. A esse respeito, afirma Pereira de Castro (2016, p. 65): “À medida que se avança na leitura da obra de Saussure, é impossível não reconhecer a preocupação do autor em teorizar o tempo”. Em vários momentos de seu percurso teórico, o linguista genebrino insiste no fato de que o Tempo altera a língua e se questiona sobre quais as implicações disso para a ciência linguística. Tais elaborações podem ser encontradas tanto na obra póstuma quanto nas fontes manuscritas. Esses manuscritos, em particular, revelam que a inquietação do linguista e professor genebrino em relação ao “fator Tempo” surge muito antes dos três cursos de linguística geral ministrados por ele em Genebra no período de 1907-1911.

Os desdobramentos da incidência do “fator Tempo” sobre a teorização saussuriana são bastante conhecidos: trata-se da formulação do par conceitual *sincronia/diacronia* e da consequente bifurcação da linguística em *sincrônica* e *diacrônica*. Esses conceitos, unidos aos de *língua* e *fala*, se estabeleceram como princípios norteadores da linguística, provocando uma verdadeira revolução teórico-metodológica na ciência linguística; basta observarmos o fato de a linguística do século XX ter elegido para sua abordagem prioritariamente o ponto de vista sincrônico, entendido na época como a grande novidade saussuriana.

¹ Normand utiliza a expressão “teoria saussuriana” e, por essa razão, para mantermos coerência com o trabalho da autora, reproduzimos o termo tal como se apresenta no trecho citado. No entanto, ao longo deste trabalho, nós utilizamos a expressão “teorização saussuriana” porque, a nosso ver, é a que melhor expressa os deslocamentos operados por Saussure em sua reflexão contínua e inacabada sobre o fenômeno da linguagem.

Contudo, em razão de uma certa vulgarização do pensamento saussuriano, é comum haver um reducionismo das noções saussurianas de *sincronia* e *diacronia*, por vezes compreendidas unicamente como uma escolha metodológica necessária diante da existência inevitável de dois objetos distintos: os elementos que coexistem num sistema em equilíbrio e a passagem desses elementos no curso do tempo. Essa forma meramente “técnica” de conceber a oposição entre o sincrônico e o diacrônico, a nosso ver, mascara a eficácia teórica desses conceitos, uma vez que ignora o contexto teórico em que estes foram formulados, bem como a sua relação com o sistema conceitual saussuriano.

Diante do exposto, o objetivo principal desta tese é investigar os desdobramentos teóricos da incidência do “fator Tempo” sobre a teorização saussuriana acerca da *língua*. Ao assumirmos com Chiss (1978) a operação metodológica, mas, sobretudo, epistemológica dos conceitos de *sincronia* e *diacronia*, levantamos a hipótese de que o “fator Tempo” opera como o eixo dessa teorização: ao se interrogar constantemente sobre a natureza da língua, Saussure convoca o Tempo como um “princípio absoluto” que atua não só para a delimitação da *langue*, como também para o estabelecimento dos princípios teóricos e metodológicos em que se é possível elegê-la como o objeto linguístico.

Para cumprirmos nosso objetivo, buscamos nos aproximar das aulas de Saussure em Genebra por entendermos que o acontecimento do ensino foi determinante para a sua elaboração teórica acerca da relação entre o “fator Tempo” e a língua. Para tanto, consideramos dois momentos singulares de sua atuação na Universidade de Genebra: em 1891, ano em que retorna a sua terra natal e inicia seus trabalhos como docente nessa instituição, e em 1910-1911, período em que ocorrem as suas derradeiras aulas sobre linguística geral.

Tendo delineado, em linhas gerais, o tema a ser abordado nesta tese, bem como os objetivos e os principais pressupostos para essa abordagem, apresentaremos, a seguir, a divisão dos capítulos que irão compor este trabalho, que se insere na chamada *filologia saussuriana*².

Primeiramente, a fim de testemunharmos a produtividade teórica e a heterogeneidade interpretativa em relação à reflexão saussuriana sobre o “fator Tempo”, no **Capítulo 1**, revisitaremos trabalhos de autores que fizeram desse tema matéria de análise e que são, hoje, referências importantes: Choi (2004), Pétróff (2004), Arrivé (2010) e Pereira de Castro (2013; 2016). Esse passo será importante para que, a partir das

² Compreendendo-a como o “conjunto de trabalhos visando à reconstituição do pensamento de Saussure – em particular aquele relativo à linguística geral” (CRUZ, 2009, p. 110).

inúmeras possibilidades de abordagem dessa questão que esses trabalhos testemunham, poderemos situar o *quê* da questão do Tempo em Saussure será o foco desta pesquisa.

Desbravar a complexa teorização de Saussure exige um posicionamento teórico em relação às diversas fontes saussurianas disponíveis hoje. Como é demasiadamente sabido, além do CLG, o pesquisador tem a sua disposição as obras críticas, os manuscritos saussurianos, os cadernos de alunos que estiveram presentes nos três cursos de linguística geral e as cartas de Saussure; portanto, são muitas as fontes que compõem o que Fiorin, Flores e Barbisan (2013, p. 17) definem como sendo o *corpus saussuriano*. Diante disso, no **Capítulo 2**, discorreremos sobre o *corpus* selecionado para esta pesquisa, bem como as razões teóricas que fundamentaram nossa “escolha de leitura” dessas fontes.

Para nos aproximarmos do ensino de Saussure quando de sua chegada à Universidade de Genebra, no **Capítulo 3**, procederemos à análise das três conferências sobre *linguística geral* proferidas em 1891 pelo genebrino a fim de investigarmos como a relação entre o “fator Tempo” e a língua esteve presente nesse momento inaugural. Para tanto, utilizaremos como material para a análise a edição traduzida dos *Escritos de linguística geral* de Bouquet e Engler, publicada no Brasil em 2004, em cotejo com a edição crítica de Engler (SAUSSURE, 1974).

Por fim, no **Capítulo 4**, continuaremos perseguindo o ensino do professor Saussure, mas, desta vez, nos concentraremos no contexto de suas últimas aulas de linguística geral no período de 1910-1911 com o intuito de analisarmos os desdobramentos teóricos e metodológicos do instante em que, segundo Gambarara (2005, p. 36), a dialética entre língua e Tempo “contamina” o planejamento da segunda parte do curso. Como material de análise do III Curso, partiremos dos cadernos de Émile Constantin, em cotejo com as notas preparatórias de Saussure para este curso e com o CLG. Quando necessário, recorreremos também à edição crítica de Engler (SAUSSURE, 1989) para complementar alguma informação e/ou trecho ausente no caderno de Constantin ou para situarmos trechos específicos da obra póstuma.

CAPÍTULO 1

O “fator Tempo” em Saussure: sua produtividade teórica e heterogeneidade interpretativa

“Falar sobre o tempo na teorização saussuriana nos põe naquela encruzilhada de que falam os seus alunos” (PEREIRA DE CASTRO, 2013, p. 97).

Neste capítulo, nos propomos a revisitar a investigação sobre o “fator Tempo” em Saussure a partir de um breve percurso sobre trabalhos de autores que, no rol dos estudos saussurianos, se debruçaram sobre essa temática. Cumpre salientar que nosso intuito não é o de esgotar a discussão empreendida nesses trabalhos, mas o de tão somente testemunhar a produtividade teórica de reflexão do Tempo em Saussure para, em seguida, demarcar nosso recorte de pesquisa, ou seja, o *quê* da reflexão saussuriana sobre o “fator Tempo” será enfatizado nesta tese.

Antes de avançarmos neste percurso, destacamos um aspecto que caracteriza os trabalhos aqui discutidos: a heterogeneidade. Embora se aproximem na medida em que partem do mesmo tema, há aspectos que os particularizam, tais como o *corpus* analisado, a metodologia adotada, as hipóteses defendidas, os conceitos enfatizados e os desdobramentos teóricos dessas discussões, aspecto este que dificulta o estabelecimento de uma síntese dos resultados a que eles chegam. No entanto, ainda que por caminhos diferentes e resultados, por vezes, destoantes, todos esses pesquisadores compartilham a assertiva de que o “fator Tempo” não é um elemento banal na reflexão de Saussure, aspecto que nos interessa.

Feitas essas observações iniciais, partiremos para a apresentação dos autores que serão convocados: Yong-Ho Choi (2002), André-Jean Pétroff (2004), Michel Arrivé (2010) e Maria Fausta Cajahyba Pereira de Castro (2013; 2016). Optamos por apresentá-los seguindo a ordem cronológica de suas publicações; sendo assim, iniciaremos com o trabalho mais antigo e finalizaremos com o mais recente. Ao final do capítulo, discorreremos sobre os principais aspectos levantados em relação ao “fator Tempo” em Saussure, assim como demarcaremos nosso interesse de pesquisa diante da pluralidade de caminhos possíveis para a investigação desse tema.

1.1 Yong-Ho Choi

O livro de Yong-Ho Choi, intitulado *Le problème du temps chez Ferdinand de Saussure*, foi publicado em 2002 pela editora parisiense L'Harmattan. Essa obra é uma referência importante nas discussões acerca da reflexão saussuriana sobre o tempo. A esse respeito, cumpre mencionar que, nos outros três trabalhos que serão apresentados neste capítulo, o livro do linguista coreano é referido, o que testemunha sua relevância.

Na obra, Choi apresenta o resultado de sua tese de doutorado, orientada por Michel Arrivé e defendida entre os anos de 1996-1997. Arrivé (2001), que escreve o prefácio do livro, atesta a sintonia entre Choi e Saussure ao afirmar que o linguista coreano demonstrou ter compreendido profundamente a especificidade do pensamento saussuriano. Por essa razão, para o autor, a obra de Choi é uma “introdução real à leitura de Saussure” (ARRIVÉ, 2001, p. 10).

Outro aspecto importante relacionado ao trabalho de Choi é o fato de este ter sido um dos primeiros que se propôs a investigar os impactos do “fator Tempo” na teorização saussuriana. O próprio autor destaca esse pioneirismo: “até agora ninguém, que eu saiba, tentou reconstruir as ideias de Saussure sobre o modelo do que este chama o ‘princípio absoluto’³” (CHOI, 2002, p. 14). Ademais, considerando a possibilidade de que já existissem trabalhos nessa temática, destaca-se, no do linguista coreano, a ampliação do campo de análise: os efeitos do tempo são investigados não apenas na reflexão de Saussure sobre linguística geral, mas também sobre as lendas germânicas e sobre os anagramas, o que, segundo Arrivé, é uma característica do saussurismo coreano⁴.

Essa expansão do campo de análise faz jus a afirmação, retirada de Arrivé, que norteará todo o trabalho de Choi, a saber, a de que o tempo é *onipresente* na reflexão saussuriana⁵. É, pois, a partir dessa onipresença do tempo que o autor busca reler Saussure. Cumpre destacar, ainda, que, nessa releitura, Choi não descarta o CLG, mas alia a leitura deste a das obras críticas (Godel, Tullio de Mauro e Engler) e a das fontes manuscritas.

³ Tradução nossa: “Mais jusqu'à présent personne, à ma connaissance, n'a tenté de reconstruire les idées de Saussure sur le modèle de ce que celui-ci appelle le «principe absolu”.

⁴ Nas palavras de Arrivé: “Como seu amigo Sungdo Kim, Yong-Ho Choi pertence ao que eu chamaria com prazer de a Escola Saussuriana da Coreia. Ela me parece caracterizar-se, em particular, pelo interesse distribuído igualmente entre os três principais elementos da pesquisa saussuriana: a reflexão linguística propriamente dita, em particular, no CLG e em textos relacionados, as pesquisas sobre anagramas e o trabalho semiológico sobre a lenda germânica” (ARRIVÉ, 2001, p. 8).

⁵ Tradução nossa: “Le temps n'est pas refoulé; il est même omnipresent” (ARRIVÉ apud CHOI, 2002, p. 14).

Como na maior parte dos trabalhos que se propõem a situar o problema do tempo⁶ na reflexão saussuriana, Choi declara que o primeiro impasse é encontrar um espaço para essa discussão, uma vez que a leitura de Saussure pelo viés estruturalista insiste num modelo a-temporal da *langue*. Ao problematizar esse modelo, o autor defende que, se a onipresença do tempo em Saussure é uma verdade,

[...] a imagem a-temporal que geralmente temos atribuído ao pensamento de Saussure no paradigma estruturalista não é mais válida. Essa imagem corresponde à ideologia estruturalista e não ao próprio Saussure. O erro do estruturalismo, ao que parece, consistiria em privar o pensamento saussuriano do *dinâmico* em favor do *sistemático* e, assim, não entender o dinamismo de seu pensamento linguístico⁷ (CHOI, 2002, p. 14, grifos no original).

Em várias passagens de seu texto, Choi questiona a recepção estruturalista das ideias saussurianas, responsável por propagar o pensamento de Saussure como anti-histórico e antipragmático. Contudo, na conclusão de seu trabalho, o linguista esclarece que a sua intenção não foi a de invalidar completamente a leitura estruturalista, mas apenas a de preencher uma “lacuna”: “preencher essa lacuna não é desconstruir o Saussure estruturalista [...]”⁸ (CHOI, 2002, p. 132).

Para a discussão do tempo na reflexão saussuriana, Choi adota um ponto de vista noemado por ele como fenomenológico, e o faz com base na concepção de Normand, para quem, segundo o autor, “a reflexão linguística não deixa de ter uma visão filosófica, especialmente no caso de Saussure” (CHOI, 2002, p. 15). Ainda em relação ao ponto de vista adotado, Choi delimita qual é a questão que norteará seu trabalho:

A questão que se coloca não é saber *o que é o tempo*. Digamos imediatamente que Saussure nunca o definiu explicitamente, e que não cabe a mim fazê-lo em seu nome. Por outro lado, vou me perguntar a questão de saber do ‘onde’ e do ‘como’ ele encontrou esse problema⁹ (CHOI, 2002, p. 15, grifos no original).

Quanto à estrutura da obra, Choi divide-a em duas partes: a primeira é dedicada aos estudos saussurianos; nela, o autor discute as críticas anti-histórica e antipragmática

⁶ Em seu trabalho, Choi não destaca o termo Tempo com inicial maiúscula. Para sermos coerentes com o trabalho do autor, iremos manter essa grafia nesta seção. De nossa parte, assumimos a posição teórica de que a forma como Saussure registra a palavra é igualmente relevante, ponto a ser discutido nos capítulos 3 e 4.

⁷ Tradução nossa: “l’image a-temporelle qu’on a souvent attribuée à la pensée de Saussure dans le paradigme structuraliste ne tient plus. Cette image correspond à l’idéologie structuraliste et non à Saussure lui-même. L’erreur du structuralisme, semble-t-il, consisterait à priver la pensée saussurienne de *dynamique* en faveur du *systématique* et ainsi à ne pas comprendre le dynamisme de sa pensée linguistique”.

⁸ Tradução nossa: “Comblent cette lacune, ce n’est pas déconstruire le Saussure structuraliste [...]”.

⁹ Tradução nossa: “La question qui se pose n’est pas de savoir *ce qu’est le temps*. Disons tout de suite que Saussure ne l’a jamais explicitement défini et qu’il ne m’appartient pas de le faire en son nom. En revanche, je me poserai la question de savoir où et comment il a rencontré ce problème”.

direcionadas à linguística saussuriana e faz um breve percurso pelas questões em torno da filologia saussuriana. A segunda parte, por sua vez, é dedicada propriamente ao problema do tempo *em Saussure*.

Vale destacar, dentre os capítulos que compõem a segunda parte, o capítulo *Les données philologiques*, no qual Choi faz um cuidadoso mapeamento do termo “tempo” e das expressões a ele relacionadas (“temporalidade”, “efeitos do tempo” etc.) presentes nos textos saussurianos por ele consultados. Em razão dos objetivos deste trabalho, nesta seção, daremos ênfase ao capítulo *La langue et le temps*, que também está presente na segunda parte da obra de Choi. No referido capítulo, a proposta de Choi é reintroduzir a dimensão do tempo a partir de quatro teoremas saussurianos: *o princípio da arbitrariedade, o princípio da linearidade, a dicotomia língua/fala e a dicotomia sincronia/diacronia*.

Na discussão acerca do teorema do *princípio de arbitrariedade*, Choi retoma um diagrama utilizado por Saussure no III Curso para ilustrar o princípio de continuidade da língua, que se dá “no tempo”. O autor destaca o fato de, nesse diagrama, o genebrino definir a arbitrariedade do signo “fora do tempo”; daí, resulta o que Choi considera o primeiro impasse: “o regime do arbitrário está no extremo oposto do império do tempo¹⁰” (CHOI, 2002, p. 77).

Tal como posto no diagrama, o conceito saussuriano de arbitrariedade, segundo Choi, é definido a partir da oposição entre “tempo” e “não-tempo” e entre “liberdade” e “não-liberdade”. Assim, o linguista coreano explica que “o princípio do ‘arbitrário do signo’ vem em paralelo com o princípio de ‘liberdade’, e esse princípio de ‘liberdade’ é válido apenas ‘fora do tempo’¹¹” (CHOI, 2002, p. 78). Sendo o princípio da arbitrariedade considerado o “primeiro princípio” e definido a partir do “não-tempo”, supõe-se que o princípio do “não-tempo” prevalece sobre o princípio do tempo em Saussure. Mas, para Choi, essa afirmação não se coaduna com a própria teorização saussuriana.

Outro problema apontado pelo autor a partir do diagrama mencionado é o da dupla noção de arbitrariedade em Saussure, qual seja, a ideia de “livre escolha”, de um lado, e de “ausência de liberdade” do outro. O linguista coreano propõe duas respostas possíveis para essa aparente contradição.

¹⁰ Tradução nossa: “[...] le régime de l' arbitraire est à l'extrême opposé de l'empire du temps”.

¹¹ Tradução nossa: “[...] le principe de l'«arbitraire du signe» entre en parallèle avec le principe de «liberté», et ce principe de liberte ne vaut que «hors de la donnée temps»”.

A primeira delas diz respeito à possibilidade de um equívoco ao se tomar o termo “arbitrário” com o sentido de “livre escolha”; Choi julga que o sentido mais adequado é o de “vínculo arbitrário”, e o faz com base nos princípios de imutabilidade e mutabilidade: “Se a língua é a mesma, tanto ontem como hoje, é porque ela nos é imposta e não disponível (princípio da imutabilidade). Se a língua muda da mesma forma, é porque não se pode controlá-la livremente (princípio da mutabilidade)¹²” (CHOI, 2002, p. 79). Nessa perspectiva, não há “livre escolha” por parte do sujeito falante, independentemente de estarmos lidando com a continuidade da língua no tempo ou com a sua alteração. Para o autor, “a dimensão histórica e social da língua e o vínculo arbitrário realizado pela ausência de liberdade estão intimamente ligados¹³” (ibidem.).

Por outro lado, segundo Choi, a possibilidade de compreender a arbitrariedade saussuriana no sentido de “livre escolha” não está completamente descartada, e é nessa linha de raciocínio que o linguista desenvolve a segunda resposta para a questão da duplicidade do arbitrário em Saussure (“livre escolha” x “ausência de liberdade”). Com base na discussão de Capt-Artaud, que, segundo Choi, demonstrou claramente que o arbitrário em Saussure não é derivado da semiologia da significação, mas da semiologia da comunicação, o autor assume que “é por esse desvio pragmático que o fosso entre os dois sentidos da arbitrariedade do signo pode ser preenchido¹⁴” (CHOI, 2002, p. 80).

Partindo da afirmação saussuriana de que o laço que une o significante ao significado é radicalmente arbitrário, Choi questiona: “em que consiste precisamente essa radicalidade do arbitrário?¹⁵” (ibidem.). O autor recorre a trechos da obra crítica de Tullio de Mauro para afirmar que a radicalidade do arbitrário não está relacionada simplesmente ao “laço” que une o significante e o significado em si, mas na maneira de combiná-los. Noutras palavras, “a essência do arbitrário consiste no caminho de ‘unificar arbitrariamente’ as duas massas amorfas, nessa ‘combinação’ arbitrária¹⁶” (ibidem.).

Em seguida, retomando os estudos de Parret, que deslocam a arbitrariedade do domínio da língua para o da discursividade, Choi defende que a arbitrariedade saussuriana

¹² Tradução nossa: “Si la langue reste toujours la même, aujourd'hui comme hier, c'est parce qu'elle nous est imposée et non disponible (principe d'immutabilité). Si la langue change tout de même, c'est parce qu'on ne peut la contrôler librement (principe de mutabilité)”.

¹³ Tradução nossa: “La dimension historique et sociale de la langue et l'arbitraire du lien tenu pour absence de liberté sont intimement liés”.

¹⁴ Tradução nossa: “C'est par ce détour pragmatique que le fosso entre les deux sens contradictoires de l'arbitraire du signe peut être comblé”.

¹⁵ Tradução nossa: “En quoi consiste précisément cette radicalité de l'arbitraire?”.

¹⁶ Tradução nossa: “L'essentiel de l'arbitraire consiste dans la façon d'« unifier arbitrairement » les deux masses amorphes, dans cette « combinaison » arbitraire”.

não deve ser entendida como um princípio transcendental, mas como uma estratégia discursiva que entra em jogo cada vez que falamos e que reconecta a língua com o mundo: “o arbitrário saussuriano permite compreender como a língua fornece significado ao mundo, e, assim, torna-o comunicável, cortando-o de acordo com a ordem da língua¹⁷” (CHOI, 2002, p. 81).

Ao aprofundar a questão do arbitrário em Saussure, Choi convoca a noção saussuriana de *syntaxe*. Partindo de uma citação da obra crítica de Engler, o autor explica que a *syntaxe*, para o genebrino, não corresponde a um sistema de regras unicamente, “pelo contrário, é um jogo no qual ‘existe uma flutuação entre o que é fixado pela língua e o que é deixado para a liberdade individual¹⁸’” (CHOI, 2002, p. 82). É a partir dessa “flutuação” que, segundo o autor, acontece a divisão arbitrária do real. Por essa razão, o linguista defende que o princípio da arbitrariedade não diz respeito à língua, mas à fala.

A fim de resolver os impasses circunscritos no arbitrário do signo, Choi propõe uma reinterpretação da arbitrariedade saussuriana, e, a partir daí, retoma as oposições entre “tempo” e “não-tempo” e entre “liberdade” e “não-liberdade”. Para o autor, é certo que o vínculo arbitrário mantido pela não-liberdade no tempo é o único capaz de demonstrar a dimensão histórica e social da língua (a *langue*, para Saussure, é, sempre uma herança do passado, e, nesse sentido, não há “liberdade”). Porém, a arbitrariedade entendida como “livre escolha” não invalida a arbitrariedade fundada na não-liberdade, desde que a “livre escolha” seja entendida como ato comunicativo (na *fala*, a arbitrariedade pautada na “livre escolha” explica aquilo que é da ordem do sujeito, de sua “liberdade individual”).

Além disso, segundo Choi, o arbitrário (pautado no “não-tempo”) não contradiz a realidade histórica e social da língua (definida no “tempo”):

É verdade que constitui um princípio do não-tempo, mas isso não significa que seja indiferente ao tempo. Historicamente, produz, por assim dizer, *efeitos temporais* na medida em que cada ato comunicativo leva em conta os ‘acidentes diacrônicos’, exatamente como se o não-tempo produzisse o tempo¹⁹ (CHOI, 2002, p. 82, grifos no original).

¹⁷ Tradução nossa: “L'arbitraire saussurien vise à permettre de comprendre comment le langage fournit du sens au monde et de la sorte le rend communicable en le « découplant » selon l'ordre de la langue”.

¹⁸ “La syntaxe saussurienne ne se réduit pas à un *système* de règles. Elle constitue plutôt un *jeu* dans lequel «se présente le flottement entre ce qui est fixé par la langue et ce qui est laissé à la liberté individuelle »”.

¹⁹ “Il est vrai qu'il constitue un principe de non-temps, mais cela ne veut pas dire qu'il soit indifférent au temps. Sur le plan historique, il produit pour ainsi dire des *effets temporels* dans la mesure où chaque acte communicatif prend en charge des «accidents diachroniques», exactement comme si le non-temps produisait le temps”.

Por outro lado, para Choi, a arbitrariedade tomada no sentido de “livre escolha” não exclui a possibilidade da língua enquanto um código social, uma vez que nenhuma escolha individual acontece sem considerar aquilo que é fixado pela língua.

Em suma, a arbitrariedade saussuriana, tal como reinterpretada por Choi, é deslocada do campo da *língua* para a *fala* e, nesse gesto, o *sujeito falante* comparece como a instância onde os princípios de “tempo” e “não-tempo”, bem como os de “liberdade” e “não-liberdade” se cruzam. No Capítulo 4 desta tese, que abordará III Curso, lugar em que o diagrama analisado por Choi comparece, apresentaremos nossa análise a respeito dessa passagem considerando o contexto de discussão de Saussure acerca do Tempo em sua aula derradeira de linguística geral.

O segundo teorema discutido por Choi é o do *princípio da linearidade*. Inicialmente, o autor defende duas assertivas: 1. o princípio de linearidade aplica-se apenas ao *significante*; 2. o princípio de linearidade é da ordem da *fala*, e não da *língua*. Num primeiro momento, o autor rebate as críticas feitas particularmente por Jakobson e Milner quanto ao caráter linear do significante. Em seguida, o linguista dá ênfase à relação entre a linearidade e o tempo propriamente dita.

Choi afirma que Saussure insistiu constantemente na dívida que o caráter linear do significante tem com o tempo, e lamenta que essa dívida tenha sido silenciada nos estudos saussurianos. Concordando com Godel, para quem o caráter linear do significante só pode ser explicado a partir do “tempo subjetivo” do sujeito falante, o linguista coreano se propõe a investigar como o tempo linear intervém na língua, e o faz a partir de um “ponto de vista duplo”, a saber, “modo 1: antes/depois” e “modo 2: virtual/real” (CHOI, 2002, p. 85). Começemos pelo modo 1: antes/depois.

Ao retomar uma passagem saussuriana que versa sobre a natureza auditiva do significante, o autor questiona o que está, de fato, em jogo entre o significante e o tempo. Para Choi, não se trata de uma simples analogia entre a natureza auditiva do significante e a ordem temporal, tampouco da “ideia ingênua” de que o tempo é linear, mas da noção de “mensurabilidade”:

Assim como o alongamento do tempo é mensurável, o significante que ‘se desenvolve’ também é delimitável. O que a medição do tempo e a delimitação do significante têm em comum é que elas se aplicam a ‘uma única dimensão’²⁰ (CHOI, 2002, p. 86, grifos no original).

²⁰ “De même que le temps qui s’étire est mesurable, de même le signifiant qui «se déroule» est délimitable. La mesure du temps et la délimitation du signifiant ont ceci de commun qu’elles s’appliquent sur «une seule dimension»”.

Na sequência, Choi articula o tempo linear à análise linguística afirmando que é provável que o tempo linear seja a condição fundamental de toda análise linguística (CHOI, 2002, p. 86). Prossegue o autor afirmando que, mais do que a ideia de “extensão”, a linearidade pressupõe um “conjunto”, uma “sucessão”, uma “ordem”. Daí, é derivado o modo antes/depois: “assim como o tempo é mensurável de acordo com a ordem numérica, da mesma forma, a palavra é decomposta segundo a ordem ‘sucessiva’²¹” (ibidem., grifos no original).

Outro fator atrelado ao tempo linear, segundo Choi, é o de que a ordem linear define a gramaticalidade. É o princípio de linearidade que impede, por exemplo, que a palavra *signifier* inverta essa ordem. Mesmo que haja casos em que a inversão da ordem linear da palavra não resulte num caso de agramaticalidade, como, por exemplo, o “je dois” e o “dois je” mencionado por Saussure e recuperado pelo autor, persiste a ideia de que “[...] a mudança na ordem das palavras está vinculada à mudança de valor gramatical²²” (CHOI, 2002, p. 87).

Uma última problematização em relação ao tempo linear considerado no modo antes/depois refere-se ao “fato sintático”: a relação antes / depois não seria muito simples para explicar a complexidade do fato sintático?, indaga o autor. Com base nas palavras de Saussure, para quem o fato sintático só existe a partir de uma sequência, Choi argumenta a favor da relevância da linearidade mesmo para o nível mais abstrato da língua: “a ordem sintática que atinge o maior nível de abstração só faz sentido se for baseada na ordem linear²³” (CHOI, 2002, p. 88).

Assim, Choi destaca o “triplo mérito” do tempo linear que intervém na língua a partir do modo antes / depois, uma vez que ele funda a análise linguística (com a noção de “mensurabilidade”), serve como o critério que decide sobre um valor gramatical e, por fim, se apresenta como o material para a análise abstrata da língua (no nível da sintaxe).

Ao tratar do modo virtual/real, Choi afirma que este não foi esclarecido nos estudos saussurianos. Para discuti-lo, o autor retoma a distinção entre os eixos sintagmático e associativo proposta por Saussure para esclarecer o mecanismo da língua.

Um fato prontamente notável, segundo o autor, é o de que essa distinção é fundada no tempo linear, uma vez que as relações sintagmáticas estão sujeitas à ordem imposta

²¹ “De même que le temps est mesurable selon l'ordre numérique, de même le mot est décomposable selon l'ordre «successif»”.

²² “[...] le changement de l'ordre des mots est lié au changement de la valeur grammaticale”.

²³ “L'ordre syntaxique qui atteint le haut niveau d'abstraction ne prend sens qu'à condition qu'il soit fondé sur l'ordre linéaire”.

pela linearidade, enquanto que as relações associativas não: “a relação sintagmática faz parte de ordem sucessiva e discursiva, eficaz, temporal [...] Por outro lado, a relação associativa é da ordem espacial, intuitiva, mnemônica²⁴” (CHOI, 2002, p. 89), explica o autor.

De acordo com Choi, Saussure descreve o funcionamento do mecanismo da língua a partir da oposição entre virtual e real, espacial e temporal e, por fim, intuitivo e discursivo. Para o autor, isso explica a relação intrínseca entre os dois eixos: no sintagma, impera apenas uma sequência linear; porém, é a “imagem do espaço” que prevalece na memória dos sujeitos falantes (CHOI, 2002, p. 89). Tudo isso testemunha o fato de que, para Saussure, “[...] a língua não constitui um sistema fechado. Está fadada à abertura discursiva, e essa abertura nada mais é do que um efeito da temporalidade²⁵” (CHOI, 2002, p. 90).

Em síntese, a análise de Choi a respeito do tempo linear revela que é através desse tempo que a língua se realiza no discurso. Além disso, a discussão do autor atesta a relevância da linearidade para a linguística, uma vez que ela serve tanto para guiar o linguista em relação aos critérios de análise das unidades da língua (modo antes/depois), quanto para fundamentar o exercício efetivo do mecanismo da língua pelos sujeitos falantes (modo virtual/real).

Cumpramos ressaltar que, em nossa análise, em função do *corpus* selecionado para este trabalho, a discussão sobre a relação entre tempo e linearidade não será contemplada. Porém, julgamos pertinente não excluir a discussão de Choi a respeito dessa relação em nossa breve apresentação sobre o autor, uma vez que se trata de apontamentos relevantes para a sua própria argumentação ao longo de sua obra.

O terceiro teorema discutido por Choi é o da dicotomia *língua/fala*. Nele, Choi problematiza três distinções que caracterizam essa oposição, a saber, as ideias de essencial/acessório, de social/individual e, mais uma vez, de virtual/real.

Inicialmente, Choi rebate as críticas atribuídas à ideia de essencial/acessória atreladas às noções saussurianas de *língua* e *fala*, respectivamente. Segundo o autor, do ponto de vista filológico, essa oposição (essencial/acessória) diz respeito mais à distinção língua e linguagem do que a de língua e fala: sendo a linguagem um fenômeno

²⁴ “Le rapport syntagmatique relève de l'ordre successif, discursif, effectif, temporel [...] Par contre, le rapport associatif relève de l'ordre spatial, intuitif, mnémonique”.

²⁵ Tradução nossa: “[...] la langue ne constitue pas un système clos. Elle est vouée à l'ouverture discursive, et cette ouverture n'est pas autre chose qu'un effet de la temporalité”.

heterogêneo, ela não é essencial em relação à língua, esta considerada como “um centro organizador” (CHOI, 2002, p. 91).

A segunda distinção, a que atribui à oposição *língua/fala* a ideia de social/individual, também foi alvo de críticas. Choi retoma os argumentos apresentados por Jakobson contra essa distinção para, então, rebatê-los. Segundo o autor, Jakobson defende que, ao lado do social, a língua apresenta uma dimensão individual, uma vez que só existe em função do indivíduo que a utiliza; por outro lado, além do aspecto individual, a fala apresenta um aspecto social porque o ato de fala ocorre sempre numa situação comunicativa.

Com base nos estudos de Wunderli, Choi afirma que Saussure estava ciente quanto à existência de uma “língua individual” ao propor, ao lado da “instituição da língua”, o conceito de “tesouro da língua”. Para o autor, “esse ‘tesouro’, como um ‘armário da memória’, pode ser entendido como o que é retido por cada indivíduo²⁶” (ibidem.).

Quanto à ideia de haver uma dimensão social na fala, Choi discorda de Jakobson. Segundo o autor, a definição de *fala* como um “ato individual relacionado à realização discursiva” por Saussure é incompatível com a ideia de que a fala possa ter um alcance social. No entanto, isso não significa que o ato de fala seja um ato solitário, sem a intervenção do interlocutor. Se há um aspecto social, há nessa troca prevista no “circuito da fala”: “note que não é a fala, mas o ‘circuito da fala’ que é social para Saussure²⁷” (ibidem.), destaca o autor.

Por fim, Choi discorre sobre a distinção virtual/real. Inicialmente, o autor lamenta que esta não tenha sido tão discutida nos estudos saussurianos, dada sua importância para o entendimento da oposição entre língua e fala. É a partir desse ponto que o linguista coreano aprofunda a ideia de que é através do tempo linear que a língua é realizada no discurso.

Choi explica que a virtualidade está associada à noção de “tesouro da língua”: “depositado no cérebro do sujeito falante, esse tesouro só existe numa forma virtual²⁸” (CHOI, 2002, p. 92). No entanto, segundo o autor, essa ideia de virtualidade nada tem a ver com a ideia de *imanência* oriunda da glossemática de Hjelmslev, que reduz a língua

²⁶ Tradução nossa: “Ce «trésor», en tant que «casier de la mémoire», peut se comprendre comme ce qui est retenu par chaque individu”.

²⁷ Tradução nossa: “Notons que ce n'est pas la parole mais plutôt le « circuit de la parole » qui est social pour Saussure”.

²⁸ Tradução nossa: “Déposé dans le cerveau du sujet parlant, ce trésor n'existe que sous une forme virtuelle”.

a um “esquema abstrato, privado de toda contaminação factual²⁹” (CHOI, 2002, p. 92). Apoiando-se numa das passagens em que Saussure discute a ideia de “tesouro da língua”, Choi assim se posiciona:

O ‘tesouro da língua depositado em todo cérebro’ está essencialmente disponível. Ele está condenado à abertura discursiva. Essa idéia de disponibilidade contraria a tese imanentista na medida em que introduz a noção de sujeito. Dizer que a língua está à disposição de um sujeito falante é admitir que ela constitui não um esquema abstrato, mas um esquema a realizar³⁰ (CHOI, 2002, p. 92).

Resta explicar como o sujeito falante externaliza esse tesouro que é a língua depositada em seu cérebro. Choi recorda que a língua, para Saussure, não é composta apenas de palavras, mas da relação que as colocam em jogo. Essa relação mostra que há uma “ordem gramatical”, qual seja, “[...] um ‘processo’ a partir do qual é possível estabelecer uma ordem das palavras³¹” (CHOI, 2002, p. 93).

Com base no conceito de “esquema métrico abstrato”, oriundo do curso de versificação em francês dado por Saussure, Choi chama esse processo que estabelece a ordem das palavras de *esquema sintático abstrato*. Ao sujeito falante, cabe o preenchimento desse esquema sintático das unidades concretas: “dispor de uma língua, é, portanto, saber realizar esse ato de preenchimento³²” (ibidem.). Esse ato no qual o sujeito preenche o esquema sintático abstrato, segundo Choi, acontece por ocasião da *fala*, e, com isso, “[...] ‘o que está virtualmente no cérebro’ aproveita a oportunidade de se reconectar com o exterior³³” (ibidem.).

Esse jogo entre o “tesouro da língua” e a sua realização na fala por um sujeito falante revela o quanto os conceitos de *língua* e *fala* estão imbricados, além de evidenciar a dinamicidade que há nessa relação: “essa relação de vai-e-vem entre a abertura e o fechamento faz com que a língua mantenha uma relação essencialmente dinâmica com a fala³⁴” (CHOI, 2002, p. 94).

É por esse motivo que, de acordo com Choi, o estruturalismo, embora tenha razão ao reconhecer a revolução do conceito de *língua* enquanto um *sistema de signos*, comete

²⁹ Tradução nossa: “Elle se réduit de la sorte à un schéma abstrait, privé de toute contamination factuelle”.

³⁰ Tradução nossa: “Le «trésor de la langue déposé dans chaque cerveau» est essentiellement disponible. Il est voué à l'ouverture discursive. Cette idée de disponibilité contrevient à la thèse immanentiste dans la mesure où elle introduit la notion de sujet. Dire que la langue se met à la disposition d'un sujet parlant, c'est admettre qu'elle constitue, non pas un schéma abstrait mais un schéma à réaliser”.

³¹ “[...] un «procédé» à partir duquel on peut établir un ordre des mots”.

³² “Disposer d'une langue, c'est donc savoir accomplir cet acte de remplissage”.

³³ “C'est ainsi que « ce qui est virtuellement dans le cerveau » saisit l'occasion de renouer avec l'extérieur”.

³⁴ “Ce rapport de va et vient entre l'ouverture et la fermeture fait que la langue entretient un rapport essentiellement dynamique avec la parole”.

um equívoco ao considerar esse sistema como estático e/ou imanente. A língua não é um sistema fechado, uma vez que, sendo submetida, constantemente, à “abertura discursiva” via fala, há o enfraquecimento desse fechamento: “de onde vem essa fragilidade, senão pelo fato de a língua estar exposta a todo o tempo à abertura discursiva, à abertura temporal?”³⁵ (CHOI, 2002, p. 94), indaga o autor.

O último teorema discutido por Choi é o da oposição entre *sincronia* e *diacronia*. Segundo o autor, se atribuirmos a Saussure a paternidade de uma revolução não apenas na linguística, mas nas humanidades, é porque o genebrino, ao questionar o paradigma histórico do século XIX, reconhece uma nova dimensão, a saber, a sincronia, que anula o tempo: “por isso a ‘exclusão do fator tempo’ andava de mãos dadas com o aparecimento de uma nova ordem de língua [...]”³⁶ (ibidem.), ressalta o autor. Foi assim que se passou do *eixo das sucessividades* para o *eixo das contemporaneidades*, fato que exige que o linguista faça “tábula rasa” de tudo o que seja diacrônico, pois somente desse modo é possível acessar o “mundo da consciência dos sujeitos falantes”³⁷ (ibidem.).

Choi avalia como problemática não a distinção entre sincronia e diacronia, mas “[...] a radicalidade com que Saussure desenha essa linha de demarcação”³⁸ (CHOI, 2002, p. 95). Aqui, vale destacar que foi a convicção da validade dessa distinção radical entre sincronia e diacronia que sustentou a prática de uma linguística majoritariamente sincrônica no século XX. Contudo, conforme veremos neste trabalho, sobretudo no Capítulo 4, Saussure, por diversas vezes, expõe as dificuldades para uma separação radical entre sincronia e diacronia, dado que seus objetos estão em constante oposição no fenômeno global da língua, lugar onde história e sistema linguístico se entrecruzam.

Choi questiona a possibilidade de separar claramente a sincronia da diacronia chamando a atenção para o fato de que, no termo “sincronia”, Saussure mantém o “chronie”, qual seja, a ideia de “tempo”. Desta feita, apoiando-se em Jakobson e contrariando a ideia de uma “acronia” proposta por Greimas, o linguista coreano defende que é difícil anular esse “chronie” da “sin-cronia saussuriana” (CHOI, 2002, p. 95). Nessa perspectiva, a noção de tempo não diz respeito apenas à diacronia, mas é também inseparável da sincronia saussuriana.

³⁵ “D’où vient cette fragilité, sinon du fait que la langue s’expose tout le temps à l’ouverture discursive, à l’ouverture temporelle?”

³⁶ “Voilà pourquoi l’ « exclusion du facteur temps » est allée de pair avec l’apparition d’un nouvel ordre de la langue [...]”.

³⁷ “monde de conscience des sujets parlants”.

³⁸ “Ce qui fait problème pourtant, ce n’est pas la possibilité d’une distinction entre synchronie et diachronie mais la radicalité avec laquelle Saussure trace cette ligne de démarcation”.

Se há um “tempo” que é excluído da sincronia, resta saber de qual “tempo” se trata. Choi propõe, então, uma “solução parcial, mas coerente”: para o autor, se acompanharmos o que diz Saussure, o “fator Tempo” que deve ser excluído do eixo das contemporaneidades diz respeito ao que é diacrônico; por conseguinte, o que é diacrônico significa “o que vem do passado”. “De fato, é o ‘passado’ que é o alvo³⁹” (CHOI, 2002, p. 96), não o “fator Tempo”.

Se o sujeito falante ignora o “passado”, é porque este representa um conhecimento reconstruído pelos linguistas e que não corresponde ao que é, efetivamente, a língua praticada pelos falantes num estado atual. Assim, o linguista coreano insiste no fato de que o que é excluído da sincronia não é o tempo, mas o corpo dos conhecimentos que são tributários ao passado (CHOI, 2002, p. 96).

Por fim e, mais uma vez, se posicionando contra a leitura estruturalista das ideias de Saussure, Choi explica que a prioridade do sincrônico sobre o diacrônico não deve ser entendida como a vitória do estático sobre o dinâmico, mas do presente sobre o passado, uma vez que “[...] o presente é o único que constitui a zona onde língua e consciência coincidem⁴⁰” (CHOI, 2002, p. 97).

Ao final de seu trabalho, após ter investigado o “como” e o “onde” a questão do tempo comparece na reflexão linguística e nas pesquisas sobre as lendas germânicas e sobre os anagramas realizadas por Saussure, Choi conclui que essa investigação revela uma tripla dimensão, a saber, *histórica, social e discursiva*:

(i) O ser semiológico continua mudando, daí seu caráter fundamentalmente histórico; (ii) Essa alteração ocorre durante a transmissão semiológica, no curso da circulação social; (iii) Para que tal e tal signo circule dentro da sociedade, são necessários atos de fala⁴¹ (CHOI, 2002, p. 132).

Em todas essas dimensões, o tempo comparece como um fator determinante, ora como aquele responsável por revelar a história do signo, marcada pela continuidade e pela alteração, ora como aquele que determina o exercício da língua através da fala.

1.2 André-Jean Pétroff

É no livro *Saussure: la langue, l'ordre et le désordre*, publicado em 2004 pela editora L'Harmattan, que o semiótico André-Jean Pétroff reúne seus tratados,

³⁹ “En fait, c'est le «passé» qui est pris pour cible”.

⁴⁰ “[...] le présent et lui seul qui constitue la zone où langue et conscience coïncide”.

⁴¹ “(i) L'être sémiologique ne cesse de changer, d'où son caractère foncièrement historique; (ii) Ce changement a lieu au cours de la transmission sémiologique, au cours de la circulation sociale; (iii) Pour que tel ou tel signe circule au sein de la société, il faut des actes de discours”.

produzidos em mais de uma década⁴², acerca da questão do Tempo em Saussure. A respeito da estrutura da obra: além do prefácio, o livro apresenta cinco grandes partes, assim intituladas: *Autres perspectives*, *Prolégomènes*, *Le transformisme de Saussure*, *Les fondements scientifiques de la linguistique* e *Reconstruction et réhabilitation*. Nosso breve percurso dará ênfase à terceira parte, a saber, *Le transformisme de Saussure*, porque é nela que o autor se propõe a discutir a questão central do Tempo e o fato da evolução das línguas.

Cumprе salientar, de início, dois pontos assumidos por Pétrоff: o primeiro deles, de natureza teórica, diz respeito à assunção de que o tempo é o “ator” da mudança linguística; o segundo, de natureza metodológica, refere-se ao fato de o autor excluir o CLG de suas análises, partindo apenas dos textos autógrafos de Saussure.

A afirmação de que o tempo figura como o ator da mudança linguística decorre da distinção proposta por Pétrоff entre *tempo-quadro* e *tempo-ator*. Para o semiótico, o tempo-quadro é o tempo “cronometrável”, durável, que se pode medir; já o tempo-ator não pode ser medido em termos de duração, uma vez que ele corresponde à frequência dos eventos que acarretam o surgimento de novos sistemas. Assim, o autor assume que o tempo acústico, o tempo do discurso e o tempo da diacronia são de natureza diferente (PÉTROFF, 2004, p. 178).

Como veremos nas seções 1.3 e 1.4, Arrivé e Pereira de Castro contestam a hipótese do tempo-ator da mudança linguística proposta por Pétrоff. Para esses autores, se é possível apontar um ator da mudança linguística na reflexão saussuriana, este é a *massa falante* que, através do exercício da *língua* pela *fala*, transmite, de indivíduo para indivíduo, as inovações empregadas, posição com a qual concordamos. Como será discutido nos capítulos 3 e 4 deste trabalho, a mudança linguística para Saussure é resultado do percurso contínuo da língua *no* tempo, a partir de um constante de *remanejamento* de seus elementos.

A proposta de Pétrоff de um percurso metodológico que descarta a análise do CLG cumpre uma função: reestabelecer a cronologia dos textos saussurianos datados de 1891 a 1911. Nesse trajeto, o autor declara ter descoberto “[...] o fio vermelho que conecta

⁴² O primeiro texto no qual Pétrоff abordou esse tema, intitulado *Ferdinand de Saussure: le facteur TEMPS et l'étude des transformations des systèmes sémiologiques*, foi publicado em 1989.

todos esses textos: é a busca sistemática pelos fundamentos de uma linguística racional, uma linguística científica⁴³” (PÉTROFF, 2004, p. 18). Ainda segundo o autor:

Essa mudança de perspectiva de leitura [...] coloca o C.L.G. em seu devido lugar, o de ser uma primeira interpretação do pensamento de Saussure, que, apesar de ser uma síntese notável, não pode mais ser considerada como a expressão definitiva e imutável da concepção saussuriana⁴⁴ (PÉTROFF, 2004, p. 18).

Sendo assim, o descarte do CLG foi assumido pelo autor, que entende que a obra póstuma não se apresenta como *a melhor* interpretação das ideias de Saussure. No Capítulo 2, discorreremos sobre a “escolha de leitura” que fizemos em relação ao CLG. Por ora, cumpre assinalar que, diferentemente de Pétróff, não o descartamos de nosso *corpus* de análise.

Rudolf Engler, que escreve o prefácio do livro de Pétróff, declara que o objetivo do semiótico é esclarecer a epistemologia saussuriana a partir de uma epistemologia científica moderna, resultante do trabalho em termodinâmica e de outras ciências. Para tanto, Pétróff aborda a reflexão temporal de Saussure a partir do modelo científico proposto por Ilya Prigogine, vencedor do Prêmio Nobel de Química em 1977 em razão de seus estudos em Termodinâmica. Aqui, concordamos com o comentário de Choi em relação ao trabalho de Pétróff inspirado na Física e na Química:

Por mais interessante que seja essa contribuição, o tempo do qual fala Pétróff não é aquele de Saussure. Para reconhecer a importância de tempo na linguística, não há necessidade de recorrer à termodinâmica ou a teoria da complexidade crescente das organizações físico-químicas, apenas porque as línguas naturais não estão se tornando mais sofisticadas à medida que o tempo passa. Pelo contrário, *o que me parece essencial é examinar o lugar que a concepção do tempo do próprio Saussure ocupa em sua teoria*⁴⁵(CHOI, 2002, p. 53, grifo nosso).

Assim como Choi, acreditamos que é “essencial” investigar o lugar do tempo na própria teorização saussuriana, aspecto que se alinha ao objetivo desta tese. Além disso, para nós, essa análise é mais produtiva quando ancorada no contexto da linguística do

⁴³ “[...] le fil rouge qui relie tous ces textes: c’est la recherche systématique des fondements d’une linguistique rationnelle, d’une linguistique scientifique”.

⁴⁴ “Ce changement de perspective de lecture [...] remet tout d’abord le C.L.G. à sa juste place, celle d’être une première interprétation de la pensée de Saussure, qui, tout en étant une synthèse remarquable, ne peut être considérée comme l’expression définitive et immuable de la conception saussurienne”.

⁴⁵ Tradução nossa: “Aussi intéressante que soit cette contribution, le temps dont parle Pétróff n’est pas celui de Saussure. Pour reconnaître l’importance du temps en linguistique, il n’est pas nécessaire de faire appel à la thermodynamique ou à la théorie de la complexité croissante des organisations physico-chimiques, ne serait-ce que parce que les langues naturelles ne sont pas de plus en plus sophistiquées à mesure que le temps passe. Ce qui me paraît au contraire essentiel, c’est d’examiner la place que la conception du temps propre à Saussure lui-même occupe dans sa théorie”.

século XIX, uma vez que é neste cenário que Saussure se formará e atuará como linguista e professor e enfrentará a complexidade da língua considerada sob os efeitos do ‘fator Tempo’.

Apesar de nos distanciarmos de Pétroff nos dois aspectos discutidos acima, reconhecemos o mérito do autor ao apresentar argumentos consistentes em prol da dinamicidade do sistema e ao problematizar a leitura estruturalista das ideias de Saussure.

Em seu prefácio, Pétroff marca claramente sua crítica quanto à filiação a Saussure reivindicada pelo estruturalismo. Para o autor, essa filiação deu-se às custas de uma “mutilação”: “a concepção saussuriana de evolução foi considerada obsoleta e radicalmente descartada⁴⁶” (PÉTROFF, 2004, p. 17). Como consequência dessa extirpação, o estudo dos sistemas foi preservado pelos estruturalistas, enquanto que os estudos que diziam respeito às transformações das línguas durante a história foram condenados.

O que Pétroff busca demonstrar em seu livro é que toda a pesquisa realizada por Saussure “está centrada na questão do que acontece com um sistema como a língua quando é lançado na espiral do tempo, o *turbilhão do tempo*⁴⁷” (PÉTROFF, 2004, p. 20, grifo no original). Nesse percurso, complementa o autor, o essencial não é percorrer o caminho de cada mutação da palavra (objeto da filologia), mas o de compreender como nos movimentamos de um sistema para outro.

Desse modo, ao reintegrar a concepção do tempo em Saussure, eliminada pela tradição estruturalista em detrimento do estudo do sistema, da “ordem”, Pétroff pretende reintegrar, também, o lugar da “desordem”, qual seja, das mudanças sofridas pelo sistema no curso do tempo. Para o autor, é justamente por lidar, simultaneamente, com a ordem e a desordem da língua que se pode afirmar que Saussure não se apresenta como um estruturalista.

Na sequência, Pétroff discute quais as razões que conduziram o estruturalismo e as demais abordagens linguísticas a uma total rejeição da concepção de tempo em Saussure. A primeira delas diz respeito à incompatibilidade entre o fato do “acidente histórico” revelado pelo tempo e a visão científica que os estruturalistas tinham da linguística. Segundo o autor, a concepção de tempo do estruturalismo decorre da

⁴⁶ Tradução nossa: “[...] la conception saussurienne des évolutions a été jugée obsolete et radicalement écartée”.

⁴⁷ Tradução nossa: “Toute la recherche de Saussure est centrée sur la question de savoir ce que, devient un système tel que la langue lorsqu’il est lancé dans la spirale du temps, le *tourbillion du temps*”.

mecânica clássica de Newton; nesta, “o tempo é um quadro no qual interagem as forças antagônicas⁴⁸” (PETROFF, 2004, p. 115), explica o autor. Na mecânica newtoniana, o sentido do tempo não intervém nas equações e, por isso, é possível revertê-lo sem que essas equações percam sua validade. Esse é o princípio da *reversibilidade*.

Para Pétróff, a concepção de tempo em Saussure é compatível não com a da mecânica clássica, mas como a da Termodinâmica; nesta, o tempo intervém na análise do fenômeno porque, uma vez que haja a transformação, o estado final nunca é idêntico ao estado inicial. Contrariamente à Mecânica Clássica, a Termodinâmica é pautada no princípio de *irreversibilidade*. Sendo assim, para Pétróff,

Saussure e o estruturalismo não pertencem ao mesmo paradigma. Fala-se de desordem, de irreversibilidade e da possibilidade, dadas certas condições, que uma desordem provoque a aparição de uma outra ordem. Para o estruturalismo, e então para a linguística contemporânea, é a busca pela ordem que é o único objeto. A desordem é um fato marginal⁴⁹ (PÉTROFF, 2004, p. 116).

De acordo com Pétróff, o estruturalismo recorre a uma *teleologia* para explicar o fenômeno linguístico. Na perspectiva teleológica, destaca-se a previsibilidade inerente ao sistema, considerado em seu estado presente; essa previsibilidade permite desvelar o passado e projetar o futuro. Para esclarecer o ponto de vista teleológico adotado na linguística estruturalista, o autor recorre às lições de Trubetzkoy e formula a seguinte explicação:

[...] se a língua é um sistema onde tudo se sustenta, todos os fenômenos linguísticos fazem parte desse sistema e, portanto, *deve-se considerar que a evolução do sistema fonológico é, a todo momento, liderada pela tendência a um objetivo*. Excelente definição de teleologia⁵⁰ (PÉTROFF, 2004, p. 116, grifos no original).

Nessa perspectiva, complementa Pétróff (2004, p. 118), a concepção teleológica da linguística estruturalista pressupõe uma ordem previsível no fenômeno linguístico, ordem esta que se pretende descobrir e analisar. Contudo, o autor demonstra que essa perspectiva esbarra no “acaso” do “caráter acidental” atrelado a toda mudança linguística, aspecto constantemente reconhecido por Saussure.

⁴⁸ Tradução nossa: “[...] le temps est un cadre dans lequel interagissent des forces antagonistes”.

⁴⁹ Tradução nossa: “Saussure et le structuralisme n’appartiennent pas au même paradigme. L’un parle de désordre, d’irréversibilité et de la possibilité, dans certaines conditions, qu’un désordre provoque l’apparition d’un autre ordre. Pour le structuralisme, et ensuite pour la linguistique contemporaine, c’est la recherche de l’ordre qui est l’unique objet. Le désordre est un fait marginal”.

⁵⁰ Tradução nossa: “[...] si la langue est un système où tout se tient, tous les phénomènes linguistiques font partie de ce système et ainsi il faut considérer que l’évolution du système phonologique est, à chaque moment donnée, dirigée par la tendance vers un but. Excellente définition de la téléologie”.

Seguindo as lições presentes no livro *La nouvelle Alliance, Métamorphose de la science*, de autoria de Prigogine e Stengers (1979), Pétroff insiste na assertiva de que o estruturalismo está inserido no paradigma newtoniano; esse paradigma é marcado por um “determinismo absoluto”, que entende a natureza como um dado estável, cujas leis imutáveis devem ser encontradas. Para o semiótico, “quando Jakobson recusa e rejeita como ultrapassado o *acaso* saussuriano, ele se coloca deliberadamente nessa perspectiva científica, nesse paradigma⁵¹” (PÉTROFF, 2004, p. 124, grifo no original).

Em contrapartida, Pétroff entende o projeto científico de Saussure como semelhante ao da Termodinâmica proposta por Prigogine, sobretudo à noção de *estrutura dissipativa*. O autor explica que o surgimento de uma estrutura dissipativa está relacionado a uma flutuação que, ao invés de ser insignificante, “assume uma importância tal que outro sistema é estabelecido⁵²” (PÉTROFF, 2004, p. 126).

Deslocando a definição de estrutura dissipativa para o plano linguístico, entendemos que essa “flutuação” está relacionada aos “acidentes de fala” que, no curso do tempo e a depender das circunstâncias, afetam o sistema linguístico, reequilibrando-o. Eis porque Pétroff, à luz de Prigogine, reconhece uma desordem na ordem da *langue* saussuriana, e é a partir desse ponto de vista que o autor distingue Saussure dos estruturalistas.

Outro conceito discutido por Pétroff é o de *ciclo tetralógico*⁵³ de Morin (1977). Em linhas gerais, essa noção significa que *ordem, organização, desordem e interações* são termos complementares, inconcebíveis um sem o outro: “a organização precisa de princípios de ordem que intervenham nas interações que a constituem⁵⁴” (MORIN apud PÉTROFF, 2004, p. 131).

De acordo com Pétroff (2004, p. 132), para explicar a transição de um estado linguístico a outro, é preciso levar em conta o “fator Tempo” concebido a partir da dualidade continuidade/mutabilidade, e a definição de língua a partir da dualidade língua/fala. É nesse contexto que o autor atesta a utilidade da metodologia proposta por Morin: “o ciclo tetralógico, repensado em função dos conceitos saussurianos, fornecerá

⁵¹ “Quand Jakobson refuse et rejette comme obsolete le hasard saussurien, il se place délibérément dans cette perspective scientifique, dans ce paradigme”.

⁵² “[...] prend une importance telle qu’un autre système s’établit”.

⁵³ “boucle tétralogique” (PÉTROFF, 2004, p. 130).

⁵⁴ “L’organisation a besoin de principes d’ordre intervenant à travers les interactions qui la constituent”.

uma explicação teórica tanto da mutabilidade quanto da continuidade das línguas, que era o principal objetivo de Saussure⁵⁵ (PÉTROFF, 2004, p. 132).

Ao final da terceira parte de sua obra, Pétróff discute a dualidade língua/fala, situando-a em relação aos processos de transformação da língua no tempo. Para tanto, o autor percorre, nos textos autógrafos de Saussure, a trajetória do mestre quando da formulação desses conceitos, extraindo deles consequências teóricas para pensarmos a mudança linguística.

Uma dessas consequências decorre da atribuição do caráter social/individual à língua/fala, respectivamente. Segundo o autor, essa definição de língua e de fala aparece pela primeira vez no Curso I, quando Saussure explica a criação analógica, uma das causas da mudança linguística. Considerando, pois, a distinção entre social e individual, tem-se que “toda mudança da língua tem como ponto de partida um *fato individual* que se manifestou na fala de um indivíduo⁵⁶” (PÉTROFF, 2004, p. 134-135, grifo no original), explica o autor. Noutras palavras, as mudanças que, porventura, acontecem na ordem da língua (de caráter social) são originadas na desordem do ato de fala (de caráter individual).

Ao prosseguir em sua análise, Pétróff declara que no III Curso a distinção entre social/individual reaparece como elementos indissociáveis. É justamente a interação entre o social e o indivíduo que, para o autor, se configura como a “linha de frente do raciocínio saussuriano”: “o indivíduo é a imagem do que é social, especialmente porque é impossível encontrar em qualquer outro lugar do que no indivíduo um objeto língua [...]”⁵⁷ (PÉTROFF, 2004, p. 136).

Porém, apesar de amplamente desenvolvidas no CLG e nas descrições dos fundamentos da linguística, Pétróff afirma que as abordagens que distinguem língua e fala têm esquecido gradualmente a interação entre esses elementos, ao qual rebate da seguinte maneira: “se os estudos devem ser imperativamente distinguidos, permanece o fato de que estamos na presença de uma dualidade⁵⁸” (PÉTROFF, 2004, p. 137).

Da leitura da obra de Pétróff, uma conclusão se impõe: a dinamicidade do conceito saussuriano de língua, reivindicada pelo autor em contraposição à linguística

⁵⁵ “La boucle tétralogique, repensée en fonction des concepts saussuriens, permettra de rendre compte au niveau théorique, à la fois de la mutabilité et de la continuité des langues, ce qui était l’objectif premier de Saussure”.

⁵⁶ “Tout changement de la langue a comme point de départ un *fait individuel* qui s’est manifeste dans la parole d’un individu”.

⁵⁷ “L’individu est à l’image de ce qui est social, d’autant qu’il est impossible de trouver ailleurs que dans l’individu un objet langue [...]”.

⁵⁸ Tradução nossa: “Si les études doivent être impérativement distinguées, il n’en reste pas moins que l’on est en présence d’une dualité”.

estruturalista, está circunscrita na relação inseparável entre ordem e desordem, nesse eterno “devir” em que se apresenta o sistema linguístico. Em todo o caso, essa dinamicidade é revelada na medida em que o tempo é reintegrado à reflexão saussuriana; nessa reintegração, o papel do sujeito falante na transmissão/alteração da língua é evidenciado.

1.3 Michel Arrivé

Para abordar a discussão de Michel Arrivé, selecionamos o texto *O ‘T’empo na reflexão de Saussure*, presente na obra *Em busca de Ferdinand de Saussure*⁵⁹, publicado em 2010 pela editora Parábola. Ao contrário de Choi e de Pétróff, que dedicaram um livro inteiro para a temática do tempo em Saussure, em Arrivé, o tema é discutido num dos capítulos deste que se configura como o primeiro livro a respeito de Saussure publicado pelo autor⁶⁰.

É verdade que, antes dessa obra, Arrivé já havia publicado artigos não menos importantes sobre a temática do tempo em Saussure: *Saussure: le temps et la symbolisation*, em 1990; *Il y a temps et temps: modestes remarques sur les conceptions saussuriennes du temps*, em 1993; *Diachronie et linearité*, em 1995, entre outros. No entanto, decidimos partir do capítulo do livro em função de este reunir o que há de mais recente na discussão do autor acerca da temática do Tempo em Saussure.

De início, chama a atenção o próprio título proposto por Arrivé ao capítulo, uma vez que, nele, o “t” do termo “Tempo” está grafado com letra maiúscula. Esta não foi uma escolha aleatória. Após comparar o trecho a respeito da intervenção do “fator tempo” tal como comparece no CLG e nas fontes manuscritas, o autor assim se posiciona:

Um estranho pudor parece ter empurrado os editores a censurar, com o ritmo e as repetições, tudo o que é meditação sobre o ‘T’empo (intencionalmente isolo a maiúscula entre aspas: os editores a suprimiram) – e não apenas sobre o ‘fator tempo’ (ARRIVÉ, 2010, p. 136, grifos no original).

Assim, o uso do “T” por Arrivé tem um duplo efeito: de um lado, ilustra o modo como o autor lê o CLG, sempre amparado pelas fontes manuscritas; do outro, testemunha a relevância da reflexão sobre o tempo em Saussure, já que, mais que um recurso da

⁵⁹ A versão original da obra, intitulada *À la recherche de Ferdinand de Saussure*, foi publicada em 2007 pela editora *Presses Universitaires de France*.

⁶⁰ Destacamos que, diferentemente das obras de Choi e de Pétróff, o livro de Arrivé foi traduzido para o português.

escrita, a letra original maiúscula parece denotar a gravidade com que o assunto deve ser tratado pelos linguistas. O texto de Arrivé e, acrescentamos, este trabalho, buscam, dentre outros aspectos, testemunhar essa relevância.

Para Arrivé, o tempo está no centro da reflexão saussuriana, e isso, segundo o autor, contraria a “posição dominante” na linguística, uma vez que, nesse lugar, a noção saussuriana de tempo desaparece. Em nota de rodapé, o autor explica que essa posição é geralmente caracterizada como “estruturalista” (ARRIVÉ, 2010, p. 134). Assim como Choi e Pétroff, Arrivé atribui à tradição estruturalista o apagamento do “fator tempo” e de seus efeitos na teorização saussuriana.

Para abordar a centralidade do tempo em Saussure, Arrivé distingue três aspectos da reflexão saussuriana: *o aspecto estritamente linguístico, a componente semiológica da reflexão de Saussure* (a saber, a pesquisa sobre a lenda, os textos correlatos e as passagens semiológicas do CLG e dos textos correlatos) e *a pesquisa sobre os anagramas*.

Na reflexão estritamente linguística de Saussure, Arrivé separa dois modos distintos de intervenção do tempo: o tempo que determina o segundo princípio do signo, a saber, o caráter linear do significante, e o tempo que altera a língua. Noutras palavras, o tempo da linearidade e o tempo da diacronia. A questão que o autor se propõe a investigar é até que ponto é possível estabelecer uma distinção entre esses “dois tempos” saussurianos são válidos ou se há apenas um tempo atuante em Saussure.

Ao retomar passagens tanto do CLG quanto das obras críticas de Godel e de Engler a respeito do caráter linear do significante, o autor destaca a “equivalência absoluta” entre as expressões “caráter temporal” e “caráter linear” presentes nessas obras críticas (ARRIVÉ, 2010, p. 136). Para abordar o segundo modo de intervenção do tempo na reflexão linguística de Saussure, Arrivé parte da edição crítica de Engler, destacando o famoso trecho em que o genebrino evidencia o fato de o tempo alterar a língua, fato este que, segundo o autor, desembocará no “estabelecimento da oposição fundamental entre ‘duas linguísticas’” (ibidem.), que, no CLG, será marcada pela oposição sincronia/diacronia.

Arrivé afirma que, tal como posto acima, o problema do tempo em Saussure parece se resolver de forma simples: o tempo que determina o caráter linear do significante afeta a *fala*, e o tempo que está na origem da mudança linguística afeta a *língua*. Noutros termos: o tempo da *sincronia* produz efeitos na fala, enquanto que o tempo da *diacronia* produz efeitos na língua, divisão esta também testemunhada, segundo

o autor, numa passagem da obra crítica de Godel⁶¹. No entanto, para Arrivé, o problema não está resolvido nesses termos.

Na sequência, o linguista francês problematiza a mudança da expressão “caráter linear do significante” para “caráter linear da língua” no CLG⁶². Para o autor, é fato que o conceito de *significante* não se confunde com o de *língua*; no entanto, a menção ao caráter linear da língua abre caminho para o estabelecimento do caráter linear do significante de tal modo que é “como se as duas denominações do princípio visassem à mesma realidade: não haveria diferença alguma entre o caráter linear do significante e o da língua” (ARRIVÉ, 2010, p. 138), afirma o autor. Para sustentar essa afirmação, o autor recorre às notas do caderno de Riedlinger referente ao I Curso, lugar onde o caráter linear da língua é definido da mesma forma que o caráter linear do significante: “a impossibilidade de pronunciar, ao mesmo tempo, dois elementos da língua” (ibidem.).

A partir dessa “contradição flagrante” entre as duas concepções saussurianas de *linearidade* (a do significante e a da língua), o autor questiona a própria duplicidade do tempo saussuriano:

Não seria ela uma ilusão, reflexo enganador da dicotomia operada entre língua e fala? E essa mesma dicotomia tem o caráter absolutamente nítido que lhe é conferido em algumas passagens do CLG? Será que na realidade não há alguma porosidade entre os dois conceitos? (ARRIVÉ, 2010, p. 140).

O autor defende que há um só tempo em Saussure: “é o mesmo tempo que está em causa no caráter linear – dessa vez estendido ao significado e, com isso, à língua – e na diacronia” (ARRIVÉ, 2010, p. 140). Para fundamentá-la, o linguista recorre a um trecho do CLG⁶³ em que a identidade do objeto linguístico é colocada em pauta. Segundo Arrivé, no referido trecho, não há dúvidas de que se trata do mesmo tempo aquele que separa as ocorrências sucessivas de *Messieurs!* e os usos sucessivos, embora distanciados, de *calidum* e de *chaud*.

⁶¹ “Saussure utiliza a noção de tempo de duas maneiras muito diferentes, segundo ele esteja levando em consideração a perspectiva diacrônica ou a perspectiva sincrônica: no primeiro caso, o tempo é o agente, mais exatamente a condição necessária da mudança; no segundo, é simplesmente o espaço do discurso” (GODEL, 1957-1969, p. 207 apud ARRIVÉ, 2010, p. 137).

⁶² Na tradução brasileira utilizada neste trabalho, páginas 84 e 142, respectivamente.

⁶³ Eis o trecho: “[...] é de grande interesse saber como *Messieurs!* repetido várias vezes em sequência em um discurso é idêntico a si mesmo, assim como saber por que *pas* (negação) é idêntico a *pas* (substantivo) ou, o que dá no mesmo, por que *chaud* é idêntico a *calidum*”.

De uma citação presente nas notas do caderno de Constantin, que corresponde ao III Curso⁶⁴ e que também aborda o problema da identidade do objeto linguístico, Arrivé extrai a seguinte consequência: “os ‘atos’ que fazem, a cada vez, surgir uma nova ocorrência, ao mesmo tempo idêntica e diferente, da palavra são atos de fala” (ARRIVÉ, 2010, p. 140). Daí, decorre a ideia presente tanto na obra canônica quanto nas fontes manuscritas de que a mudança linguística se origina na *fala*: “[...] *tudo quanto seja diacrônico na língua, não o é senão pela fala*” (CLG, p. 115, grifo no original).

Ao insistir na assertiva de que a concepção saussuriana de tempo é única, ou seja, que é o mesmo tempo que intervém na fala e na língua, Arrivé afirma que a única diferença é “[...] é o papel conferido à ‘massa falante’ no momento da intervenção na língua (ARRIVÉ, 2010, p. 144). Aqui, o autor se afasta radicalmente de Pétróff, que, como vimos, defende que o tempo na teorização saussuriana é duplo: há o “tempo-ator” da diacronia e o “tempo-quadro” do discurso. O “tempo-ator” da diacronia, para Pétróff, é a causa da mudança linguística.

Arrivé questiona a função causal do tempo defendida por Pétróff. Segundo o autor, Saussure nunca atribuiu ao tempo a causa da mudança linguística. Para fundamentar essa afirmação, o linguista recorre à passagem do CLG em que se supõe uma língua tomada no tempo sem a massa falante: “o tempo não agiria sobre ela” (CLG, p. 92). Ou seja, o tempo sem a massa falante não é capaz de produzir efeitos na língua, logo, ele não é o “ator” da mudança linguística.

Segundo Arrivé, se há um ator para a mudança linguística, este é a *massa falante*, restando ao tempo o status de “condição pressuposta pelo próprio conceito de mudança”:

É verdade que as transformações podem aparecer com o tempo a partir do momento em que a ‘massa falante’ intervém. Mas então seria legítimo dizer que o tempo é ‘ator’? Não seria mais adequado dizer que ele é a condição pressuposta pelo próprio conceito de mudança? Seria possível conceber uma mudança sem estabelecer um antes e um depois? Quanto ao ator da mudança, trata-se claramente da ‘massa falante’, ou seja, tão literalmente quanto possível, da ‘massa’ dos sujeitos falantes, que transmitem uns aos outros as inovações produzidas em seus ‘atos’ de fala (ARRIVÉ, 2010, p. 145, grifos no original).

⁶⁴ Eis a citação tal como foi reproduzida em Arrivé (2010, p. 142): “Assim como tivemos dificuldade em reconhecer o que é uma entidade, é difícil reconhecer o que é uma identidade. Frequentemente fazemos identidades como a seguinte: um trem parte às 5 horas de Cornavin, todos os dias; para nós ele é idêntico. Um orador fala da guerra e repete quinze ou vinte vezes a palavra guerra. Nós a declaramos idêntica. Ora, a cada vez que a palavra é pronunciada, fazem-se atos separados”.

O autor recorda que a atuação dos sujeitos falantes não é de modo algum consciente. Ao retomar a metáfora saussuriana que compara a língua à partida do jogo de xadrez e os desdobramentos oriundos dessa comparação, Arrivé explica:

Dessa maneira, a língua, por conta da especificidade desses signos, está, em sua evolução, absolutamente submetida ao ‘acaso dos acontecimentos fonéticos e outros’[...] Há, propriamente falando, um jogador para esse jogo? Talvez. Mas ele é ‘inconsciente’ [...]. Trata-se de ‘uma força cega [que está] em luta com a organização de um sistema de signos’ [...] (ARRIVÉ, 2010, p. 149, grifos no original).

Na sequência, Arrivé discute as causas das mudanças linguísticas. Segundo o autor, ao lado da mudança fonética, esta de natureza “fortuita”, “acidental” e temporal, Saussure elenca outros dois tipos de fenômenos de mudança: a *analogia* e a *etimologia popular*. É aqui onde, para Arrivé, reside uma “tentação paradoxal” em Saussure: o fato de o linguista genebrino “[...] repatriar a analogia e os outros fenômenos de interpretação, contudo fontes de mudanças históricas, da diacronia à sincronia” (ARRIVÉ, 2010, p. 151).

Eis o paradoxo levantado por Arrivé: como fenômenos que dizem respeito à mudança linguística (objeto da diacronia) podem estar situados na sincronia? A resposta de Saussure, retomada pelo linguista francês, pode ser encontrada na obra póstuma:

Em resumo, a analogia, considerada em si mesma, não passa de um aspecto do fenômeno de interpretação, uma manifestação da atividade geral que distingue as unidades para utilizá-las em seguida. Eis porque dizemos que é inteiramente gramatical e sincrônica (CLG, p. 193).

Dessa lição, uma consequência: “já entendemos: se a analogia, ‘gramatical’, é de fato ‘sincrônica’, só vai sobrar para o ‘diacrônico’, no final das contas, o ‘fonético’, completamente submetido ao acaso” (ARRIVÉ, 2010, p. 152, grifos do autor).

Em detrimento do que chama de “ambivalências” e “inversões” saussurianas no que diz respeito às causas da mudança linguística, Arrivé conclui essa parte de seu texto enfatizando as dificuldades impostas pelo “malabarismo” característico do esforço teórico de Saussure: “[...] é necessário pelo menos um certo dom para a acrobacia teórica para identificar nesse conjunto de proposições algo que se assemelhe a uma ‘sincronia dinâmica’” (ibidem.), afirma o autor. Apesar disso, Arrivé insiste na assertiva de que não se pode atribuir ao tempo o estatuto de causa da mudança linguística, com a qual, adiantamos, estamos completamente de acordo.

1.4 Maria Fausta Cajahyba Pereira de Castro

A respeito das investigações sobre a presença do tempo na reflexão saussuriana no contexto brasileiro, destaca-se o trabalho da linguista Pereira de Castro. O interesse da autora por esse tema surge em razão de suas pesquisas na área de Aquisição de Linguagem, que buscam articular a reflexão saussuriana sobre o tempo e a mudança linguística e a teorização em aquisição de linguagem. Os dois textos que serão discutidos a seguir testemunham a contribuição da autora no que tange a problemática do tempo em Saussure.

Partindo do pressuposto de que a reflexão de Saussure sobre o tempo não é banal, Pereira de Castro, em seu *Pequeno ensaio sobre o Tempo na teorização saussuriana*, discute os desdobramentos da questão da ação do tempo sobre a língua. O texto faz parte do livro *Saussure: a invenção da linguística*, organizado por José Luiz Fiorin, Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan e publicado em 2013 pela editora Contexto, na ocasião do centenário da morte de Saussure.

O primeiro desdobramento apontado por Pereira de Castro diz respeito à necessária cisão entre a Linguística sincrônica e a Linguística diacrônica⁶⁵ ocasionada pelo tempo, o que, segundo a autora, diz respeito a uma questão metodológica. Para ela, a afirmação de Saussure de que o tempo altera a língua deve ser entendida como a assunção de que o genebrino dá visibilidade a dois objetos distintos, razão da necessária dualidade da ciência linguística. Outro destaque dado pela autora é o de que, para Saussure, esses objetos não estão numa “oposição flagrante e abrupta, mas numa relação de radical disparidade” (PEREIRA DE CASTRO, 2013: 89).

Uma vez discutida a necessária divisão da linguística em duas ciências, Pereira de Castro parte para o princípio da arbitrariedade e sua relação com as leis do valor linguístico, que dizem respeito à *sincronia*, e com as forças antagônicas de conservação e de mudança da língua no tempo, que são reveladas através da *diacronia*.

Ao abordar a relação do princípio da arbitrariedade com as leis do valor linguístico, a autora convoca a discussão de De Mauro e de Milner com a intenção de dar visibilidade aos “laços estreitos entre o princípio de arbitrariedade do signo e da noção de sistema, na medida em que um signo só existe pelos outros signos (PEREIRA DE CASTRO, 2013, p. 90).

⁶⁵ Vale registrar o destaque que Pereira de Castro (2013: 88) faz em relação à inovação saussuriana quanto ao termo “diacronia” que, segundo a autora, “[...] é criado para se distanciar de uma simples visão da história”, retomando, a partir daí, a Primeira Conferência de Saussure proferida na Universidade de Genebra, em 1891, na qual o genebrino “separa cuidadosamente o ponto de vista da língua na história daquele da história da língua, a que o termo diacronia vai imprimir uma nova dimensão” (ibidem.).

Para tratar da relação do princípio da arbitrariedade com as forças de conservação e de mudança linguística, a autora parte do seguinte teorema: “[...] porque é arbitrário não há razão para o signo mudar, e também porque é arbitrário nada impede que se estabeleça qualquer outra relação entre a matéria fônica e as ideias” (PEREIRA DE CASTRO, 2013, p. 91). Em outras palavras, por ser arbitrário, não há uma “norma razoável” (CLG, p. 87) que faça preferir um a outro significante para um determinado significado (por exemplo, *bouef* a *boi*); a arbitrariedade desautoriza esse tipo de discussão. Por outro lado, o mesmo fato de não haver relação motivada entre o significante e o significado não impede que, dadas as devidas circunstâncias, haja um deslocamento na relação entre o som e as ideias.

A partir do cruzamento desses dois aspectos relacionados à arbitrariedade, a autora assim conclui:

Ao contrário do que se nota na realidade sincrônica, em que o princípio da arbitrariedade está em estreita relação com a noção de sistema, de um estado de língua e fora do eixo temporal, para falar de continuidade e mudança, Saussure associa ao princípio da arbitrariedade do signo a questão do tempo; só assim lhe é possível tratar as forças antagônicas em funcionamento na língua. A imutabilidade e mutabilidade se explicam na sucessão temporal. (PEREIRA DE CASTRO, 2013: 91).

Nota-se que, para a autora, a definição de sincronia dá-se “fora do eixo temporal”, uma vez que lida com a noção de um estado de língua, enquanto as questões que dizem respeito à diacronia acontecem necessariamente na linha do tempo.

Por fim, Pereira de Castro se posiciona a respeito das duas hipóteses da ação do tempo sobre a língua, a saber, o tempo como agente da mudança linguística ou não. Para a autora, o tempo não é o agente da mudança linguística: “[...] toda mudança se projeta no tempo, que não é, contudo, sua causa ou agente” (PEREIRA DE CASTRO, 2013, p. 92). Assim, se afasta de Pétróff, para quem o tempo é o único autor da mudança linguística. Apoiando-se em Arrivé, a linguista assume ser a massa falante o agente da mudança, “[...] a massa dos sujeitos falantes, que transmitem uns aos outros as inovações produzidas em seus atos de fala” (PEREIRA DE CASTRO, 2013, p. 93).

Num texto mais recente, intitulado *Ler os manuscritos saussurianos com o Curso de linguística geral*, Pereira de Castro retoma a reflexão saussuriana sobre o tempo, desta vez enfatizando, especificamente, o tema da transmissão do signo linguístico no eixo do tempo. Ele faz parte da coletânea de textos presente no livro *O efeito Saussure: cem anos do Curso de linguística geral*, organizado por Carlos Alberto Faraco e publicado em 2016 pela editora Parábola em comemoração aos cem anos de publicação do CLG.

A proposta de Pereira de Castro (2016, p. 58) nesse texto é ler o manuscrito *Arquivo Saussure 372/9*, do conjunto reunido sob o título *De l'essence double du langage*, aliado à leitura do CLG para analisar “[...] as marcas do movimento de Saussure em relação ao estabelecimento do problema do tempo na língua, questão central também no CLG”. De início, o que essa leitura dupla revela, segundo a autora, é o reconhecimento, no manuscrito, das hipóteses apresentadas ao longo do CLG a respeito das linguísticas sincrônica e diacrônica; além disso, a autora destaca que “o confronto dos dois textos aponta para convergências e divergências entre eles” (PEREIRA DE CASTRO, 2017, p. 62).

A primeira divergência diz respeito à passagem, no CLG, que versa sobre o problema do tempo e seus efeitos para o estudo da língua, presente no capítulo III da Primeira Parte. Na edição crítica de Engler, argumenta, essa mesma passagem aparece de uma forma mais radical do que a formulação dada pelos editores: “Saussure adianta uma cisão da linguística em duas ‘ciências’, portanto, com dois objetos distintos, como se lê no manuscrito em pauta” (PEREIRA DE CASTRO, 2016, p. 62). Assim como no texto de 2013, a autora destaca a cisão radical entre os objetos das linguísticas sincrônica e diacrônica.

Outra diferença que merece destaque diz respeito ao contexto da expressão “tábula rasa” no CLG: essa expressão, segundo a autora, versa sobre a necessidade do esvaziamento de qualquer visão histórica no estudo da língua considerada num estado, mas, na obra canônica, “a oposição requerida para o linguista parte da constatação da relação do falante com a língua; para este último, a sucessão dos fatos do tempo não existe [...]” (PEREIRA DE CASTRO, 2016, p. 64). Recordamos que, ao problematizar a expressão “tábula rasa” em Saussure, Choi (2002) afirma que essa expressão está relacionada ao passado da língua, e não à noção de tempo; ela diz respeito ao que o linguista deve ignorar para analisar um estado de língua.

Dando continuidade à análise da nota manuscrita, Pereira de Castro identifica três pontos abordados por Saussure na referida nota: as relações entre linguagem e pensamento, a indagação acerca da origem da linguagem e, por fim, os efeitos da transmissão do signo no tempo, sobre o qual discorreremos a seguir.

A autora afirma que o fenômeno da transmissão da língua na nota manuscrita é abordado por Saussure pelo viés da “origem da linguagem”. O que norteia essa questão, argumenta,

[...] é a ênfase dada por Saussure ao fato de que a transmissão pode acarretar a supressão do pensamento⁶⁶ e a conseqüente supressão do ‘fenômeno primordial’ da linguagem, qual seja, a associação de um pensamento a um signo” (PEREIRA DE CASTRO, 2016, p. 70, grifos no original).

Na sequência, afirma que Saussure não explicita, na nota em análise, o fator contingencial atrelado à “supressão do pensamento”, deixando-o implícito ao dizer que, na transmissão do signo ao longo do tempo, o pensamento pode ser suprimido porque pode diferir de um instante a outro.

A partir desse “enigma” encontrado na nota manuscrita, que, segundo Pereira de Castro, deixa em aberto “o destino do signo linguístico no eixo do tempo”, a autora lança mão de duas hipóteses:

Estamos diante de uma hipótese sobre a autonomia do significante em continuar uma trajetória no tempo, sem o pensamento? Ou de uma formulação sobre a mudança, pela qual uma ideia (pensamento) é substituída por outra? (PEREIRA DE CASTRO, 2016, p. 70-71).

Independentemente das duas hipóteses, para Pereira da Castro, as palavras de Saussure são radicais quanto ao fato de que, uma vez que haja a supressão de um dos elementos do signo linguístico, há, conseqüentemente, a supressão do fenômeno primordial da linguagem, qual seja, a união entre o significante e o significado.

1.5 O *quê* da questão do “fator Tempo” em Saussure?

Começamos este capítulo destacando a heterogeneidade dos trabalhos que se propuseram a investigar o “fator Tempo” em Saussure. Acreditamos que nosso sobrevoo sobre esses trabalhos atesta esse fato. Viu-se, por exemplo, que Choi parte de um ponto de vista fenomenológico, enquanto Pétroff assume um ponto de vista oriundo da Termodinâmica; ou, ainda, que o *corpus* de análise de Pétroff é composto apenas por textos autógrafos de Saussure, enquanto os demais autores aliam a leitura do CLG às fontes manuscritas, dentre outras divergências. Contudo, um aspecto claramente em comum entre esses trabalhos é o testemunho da relevância e da produtividade teórica do “fator Tempo” em Saussure.

Como apontamos na introdução deste capítulo, uma vez que esses trabalhos divergem em relação aos posicionamentos teóricos e, sobretudo, aos percursos

⁶⁶ Vale registrar uma dificuldade que Pereira de Castro aponta em relação ao emprego do termo “expressão do pensamento” utilizado na nota manuscrita. A autora recorda que a ideia de língua como “expressão de pensamento” é contestada por Saussure no capítulo que versa sobre o valor linguístico.

metodológicos adotados, ao final deste capítulo, não propomos uma síntese, mas apenas destacar alguns aspectos importantes nessas discussões para, em seguida, demarcamos nosso campo de interesse. Trata-se, portanto, do quê da questão do “fator Tempo” em Saussure será abordado nesta tese.

Desta feita, da discussão empreendida por Choi (2002), Pétróff (2004), Arrivé (2010) e Pereira de Castro (2013; 2016), destacamos três aspectos:

- i. A problematização do paradigma estruturalista:** todos os autores apresentados, em maior ou menor grau, tecem críticas à tradição estruturalista, uma vez que, nela, a reflexão saussuriana acerca da relação do tempo com a língua foi excluída e, em detrimento disso, o caráter dinâmico da *língua* foi silenciado. Choi e Pétróff, guardadas as devidas diferenças, insistem neste aspecto. Nesse sentido, o ponto de partida para o reestabelecimento do “fator Tempo” na teorização de Saussure parece exigir, necessariamente, uma problematização da interpretação estruturalista das ideias de Saussure. Sem negarmos a validade desses questionamentos, o que propomos neste trabalho é um caminho diferente, que, aqui, caracterizamos como “retrospectivo”: situaremos a reflexão saussuriana acerca do “fator Tempo” no contexto do ensino de Saussure em Genebra e não de seu destino;

- ii. A reivindicação da centralidade da questão do Tempo em Saussure:** Arrivé e, em seguida, Choi foram os autores que mais insistiram na *onipresença* do tempo. A presença do “fator Tempo” em diferentes lugares da reflexão de Saussure (reflexão sobre a linguística geral, pesquisas sobre as lendas germânicas, sobre os anagramas etc.) atestam essa centralidade, como bem testemunha o trabalho de Choi. Nesta tese, também reivindicamos a centralidade da questão do tempo em Saussure, mas do lugar específico da reflexão do genebrino acerca da *linguística geral*, buscando demonstrar como o inevitável enfrentamento do “fator Tempo” por Saussure foi determinante para o estabelecimento dos pilares epistemológico e metodológico da ciência linguística, o que o torna o eixo em torno do qual se articulam os demais conceitos.

iii. A questão do Tempo e sua relação com os pares conceituais *sincronia/diacronia*, *língua/fala* e com os princípios *imutabilidade* e *mutabilidade do signo*: esses conceitos foram convocados de maneiras distintas nos trabalhos dos autores. Arrivé, por exemplo, enfatizou o par conceitual *língua/fala* e os princípios de *arbitrariedade* e de *linearidade*; Choi, por sua vez, abordou os pares *sincronia/diacronia* e *língua/fala*, além dos princípios de *arbitrariedade* e de *linearidade*. Sendo assim, pode-se afirmar que essas noções gravitam em torno da incidência do “fator Tempo” na língua. Em razão dos objetivos deste trabalho e, conseqüentemente, do *corpus* desta pesquisa, daremos ênfase aos princípios de *imutabilidade* e *mutabilidade* e aos conceitos de *sincronia* e *diacronia* reconhecendo no estabelecimento desses conceitos o “fator Tempo” como “princípio absoluto”;

Tendo, portanto, revisitado a questão do “fator Tempo” em Saussure a partir da discussão desses autores e, em seguida, demarcado qual o nosso recorte em relação a esse tema, no próximo capítulo, faremos uma discussão teórica acerca do *corpus* desta pesquisa.

CAPÍTULO 2

Entre o CLG e as fontes manuscritas: uma “escolha de leitura”

“De Saussure, somente podemos fazer leituras pessoais, o que supõe sempre escolhas e interpretações e ao mesmo tempo, esquecimentos e reduções” (NORMAND, 2011, p. 11).

O propósito deste capítulo não é apenas discorrer sobre a metodologia adotada neste trabalho. Isso porque, em se tratando de Saussure, a discussão metodológica demanda sempre e simultaneamente uma discussão teórica. É o que nos sugere o trecho de Normand citado acima: por qualquer lugar que nos propusermos a “ler” Saussure, quer seja através do CLG, quer seja através das fontes manuscritas, isso exigirá de nossa parte “escolhas e interpretações” que, conseqüentemente, ocasionarão “esquecimentos e reduções”.

Ainda a esse respeito, é interessante mencionarmos o que afirma Choi (2002) na conclusão de seu trabalho discutido no Capítulo 1. No trecho que reproduziremos a seguir, o autor recupera a ideia de que a questão “ler Saussure” é sempre requerida, ao passo que, em relação a outros autores igualmente relevantes no contexto científico geral, o caminho que se abre não é especificamente o da leitura, mas o da *compreensão*. Eis o que afirma o linguista coreano:

Dizemos que lemos Saussure, mas não dizemos que lemos Chomsky. Nós aprendemos Chomsky e aplicamos seus princípios, isso é tudo. Da mesma forma, não dizemos que lemos Newton: basta entender Newton para aplicar seus princípios. Não precisamos ler isso. Daí *a contrario* esta evidência: a questão da *leitura* surge em conexão com Saussure⁶⁷ (CHOI, 2002, p. 131, grifos no original).

Para embasar sua afirmação, Choi evoca os títulos de três obras referentes a pesquisas em torno de Saussure que reproduzem a ideia de “leitura”: são os livros *Reading Saussure*, de Roy Harris (1987), *Re-reading Saussure*, de P.-J. Thibault (1997) e *Introduction à la lecture de Saussure*, de Simon Bouquet (1997).

O que Chomsky e Newton apresentam em comum e que Choi parece buscar ressaltar no trecho acima é o fato de que os princípios formulados por esses autores estão circunscritos num corpo teórico claramente delimitado e deliberadamente publicado por

⁶⁷ Tradução nossa: “On dit qu'on lit Saussure mais on ne dit pas qu'on lit Chomsky. On apprend Chomsky et on applique ses principes, c'est tout. De même ne dit-on pas qu'on lit Newton: il suffit de comprendre Newton pour appliquer ses principes. On n'a pas besoin de le lire. D'où *a contrario* cette évidence: la question de *lire* se pose à propos de Saussure”.

eles. Nessa perspectiva, não há espaço para *possíveis* interpretações; mesmo que não descartemos a ideia de “interpretações equivocadas” acerca desses princípios, notemos que esse equívoco sempre poderá ser desfeito se, por exemplo, for empreendido um estudo mais atento.

Em contrapartida, no que diz respeito a Saussure, o caminho que se impõe é sempre o da leitura e, conseqüentemente, o da interpretação, dadas as características particulares de sua *inacabada* elaboração teórica. Dizemos *inacabada* porque ela não se manifesta de forma completa em nenhum lugar, nem mesmo nas fontes manuscritas, como era possível supor inicialmente.

Além disso, a adjetivação “inacabada” justifica-se também por convocar o fato de que o linguista genebrino jamais publicou os princípios que formulara concomitantemente às suas obrigações acadêmicas. É por essa razão que, conforme sinalizamos na introdução, em nota de rodapé, preferimos a expressão “teorização saussuriana” à “teoria saussuriana”, uma vez que, para nós, a primeira parece estar mais alinhada à natureza contínua do pensamento saussuriano, razão pela qual a adotamos neste trabalho.

Uma vez situado o objetivo deste capítulo, que é discutir teoricamente a seleção do *corpus* desta pesquisa, discorreremos, na seção a seguir, sobre o *Curso de linguística geral* e a nossa escolha de leitura⁶⁸ em relação a essa obra.

2.1 O CLG: um trabalho de intérpretes

“Saberá a crítica distinguir entre o mestre e seus intérpretes? Ficarlhe-íamos gratos se dirigisse contra nós os golpes com que seria injusto oprimir uma memória que nos é querida” (BALLY; SECHEHAYE, 2006[1915], p. 4, grifo nosso).

É demasiadamente conhecido o fato de que o *Curso de linguística geral* não foi escrito por Saussure, embora seu nome tenha figurado, desde o princípio, como o “autor” dessa obra. Apesar dessa questão inicial em torno da autoria, o CLG não deixou de ser lido na época e, como ressalta Cruz (2009, p. 115), não houve, de imediato, qualquer questionamento por parte dos contemporâneos de Saussure em torno da autenticidade da obra.

Ainda a respeito da complexa questão autoral do CLG, Milner (2003) chama a atenção para o fato de que, “desde sua publicação, o Curso funciona como uma obra”

⁶⁸ Expressão que recolhemos em Normand (2011, p. 11).

(MILNER, 2003, p. 17). É exatamente esse fato que, segundo o autor, “prova materialmente que a noção de obra não supõe, contrariamente ao que se crê, o autor como prévio” (MILNER, 2003, p. 17). Para Milner, o que aconteceu no caso do CLG foi uma autoria retroativa: “Saussure passou a ser retroativamente o autor do Curso embora não tenha escrito, no sentido estrito, nenhuma de suas páginas” (ibidem.).

Cumpramos ressaltar que os efeitos das primeiras leituras do CLG realizadas no início do século XX provocaram uma verdadeira revolução no cenário da linguística; aqui, basta mencionarmos, a título de passagem, o impacto que teve o *Cours* sobre dois grandes movimentos, o Círculo Linguístico de Praga (1926) e o Círculo Linguístico de Copenhague (1931), representados por Jakobson e Hjelmslev, ambos fortemente influenciados pelas ideias inovadoras de *língua, sistema, signo e valor linguístico* veiculadas a partir da obra póstuma. É importante frisar que essa influência não se deu da mesma maneira nos dois autores⁶⁹, mas é indiscutível que ela tenha ocorrido.

Tão logo lemos o prefácio da obra póstuma, tomamos conhecimento de que o texto que se apresenta em nome de Saussure corresponde a um trabalho de edição proposto por Charles Bally e Albert Sechehaye a partir de anotações de alunos referentes a três cursos de linguística geral lecionados por Saussure em Genebra, além de pouquíssimas notas do próprio genebrino. Nesse sentido, esse livro é o primeiro texto publicado que propõe *uma* interpretação das ideias de Saussure, das quais se tinha “apenas ecos, por vezes discordantes” (BALLY; SECHEHAYE, 2006[1915], p. 2). Daí a apreensão com que os editores lançam, no prefácio da obra, a questão que anuncia os riscos desse ousado empreendimento: “Saberá a crítica distinguir entre os mestres e seus intérpretes?”.

É interessante destacar que, apesar de todas as fontes manuscritas de que dispomos hoje (o que, em tese, nos aproximariam das “verdadeiras” lições de Saussure), parece persistir a mesma sensação que tiveram os editores: a de termos somente “ecos, por vezes discordantes” do pensamento saussuriano, dada sua natureza inconstante e inacabada. É o que se revela principalmente a partir das inúmeras rasuras, dos espaços em branco e do caráter não linear das ideias de Saussure presentes em seus manuscritos.

Os trabalhos em torno da fortuna teórica saussuriana precisam, então, partir dessas questões de origem em torno do CLG, haja vista que as condições particulares que

⁶⁹ Para uma discussão mais detalhada acerca das diferentes leituras do CLG realizadas por Jakobson e Hjelmslev (principais representantes do CLP e do CLC, respectivamente) no que tange o conceito de *escrita*, remetemos o leitor à leitura do Capítulo 3 da dissertação *Forma pura e forma material: língua, oralidade e escrita a partir de Hjelmslev*, de Lima (2016), e do artigo *O Curso de linguística geral e seus efeitos: a escrita em Hjelmslev*, de Faria e Lima (2017).

caracterizam e, ao mesmo tempo, problematizam a obra póstuma demandam necessariamente uma “escolha de leitura” por parte do pesquisador/leitor de Saussure. Nessa direção, Fiorin, Flores e Barbisan (2013) afirmam que a gênese do *Cours* “não é apenas uma curiosidade a mais” e que reconhecê-la “é determinante para o tipo de leitura que se pode imprimir ao livro e para o entendimento das relações do CLG com as demais fontes manuscritas” (FIORIN et al., 2013, p. 12).

Sem nos determos numa discussão detalhada sobre a trajetória da filologia saussuriana, uma vez que esta não é a nossa intenção neste trabalho, recorremos novamente a Cruz com o intuito apenas de pontuar os dois caminhos que orientam o trabalho filológico a partir da descoberta dos manuscritos saussurianos na década de 50, fato que, aliado à questão da gênese do CLG, atribui à obra póstuma um lugar de suspeita.

De acordo com Cruz, há a orientação *filológica*, que visa à reconstituição do “verdadeiro” pensamento de Saussure. Seu principal representante é Bouquet, para quem o CLG é “um texto inteiramente apócrifo” (CRUZ, 2009, p. 108). É pertinente destacar que, dentre os autores que investigaram a questão do “fator Tempo” em Saussure revisitados no capítulo anterior, Pétrouff é o único que se insere na tradição bouquetiana, uma vez que o autor propõe uma reconstituição do pensamento saussuriano considerando unicamente os textos autógrafos em sua cronologia.

A outra orientação é denominada por Cruz como *histórica*, cujo objetivo é “[...] investigar os modos de apropriação do Curso, considerado antes de tudo como um objeto histórico” (CRUZ, 2009, p. 110). Segundo o autor, são representantes dessa orientação Normand, Chiss e Puech; acrescentamos aqui Choi, Arrivé e Pereira de Castro, autores que, ao se debruçarem sobre a questão do Tempo em Saussure, não ignoraram a obra póstuma.

Pode-se afirmar que, de modo geral, a proposta da orientação histórica é (re)ler o CLG *com* os manuscritos, reconhecendo, nesse caminho, os percalços que ambos os textos apresentam. Trata-se de uma (re)leitura do *Cours* “perturbada pelo recurso aos manuscritos”, para utilizarmos os termos de Normand (2009, p. 169). É da autora também o trecho a seguir, que apresenta um caminho interessante e possível sobre como aliar a leitura do CLG a dos manuscritos, com o qual concordamos:

Não se trata, evidentemente, de ignorar os trabalhos filológicos, mas de resguardar-lhes seu papel de complemento e correção eventual, recusando que eles sejam obstáculos a uma primeira reflexão sobre o *Curso* como texto, único texto facilmente legível de modo corrente, um

texto para ser lido como tantos outros o fizeram com grande proveito (NORMAND, 2009, p. 18, grifo no original).

Tendo contextualizado em linhas gerais algumas das questões problemáticas em torno da gênese do CLG, bem como os possíveis caminhos para enfrentá-las, a seguir, discorreremos sobre o tipo de leitura que propomos para o *Cours*, buscando discutir as condições particulares de publicação dessa obra.

Aqui, é preciso pontuar desde então que seguiremos neste trabalho a *orientação histórica* no que diz respeito à abordagem do CLG. Isso significa que não descartamos a obra canônica. Contudo, convém ressaltar a maneira como ela será abordada: em razão de nosso interesse em nos aproximarmos do ensino de Saussure, como discutiremos mais adiante, privilegiaremos em nossa análise as notas referentes às conferências de 1891 e ao III Curso; o CLG será convocado na medida que representa o primeiro gesto de interpretação do ensino de Saussure, que, ao ser materializado num texto, mesmo com todas as dificuldades que o trabalho de edição impunha, testemunha o impacto das ideias do genebrino sobre os alunos e sobre os próprios editores.

Antes de prosseguirmos, gostaríamos de retomar a questão lançada pelos editores no prefácio para insistirmos num ponto crucial para nós, pois reforça aquilo que é exatamente o CLG: um trabalho de intérpretes.

Notemos que, na pergunta, os editores se assumem deliberadamente como intérpretes das lições de Saussure e, por causa disso, temem que os “golpes” da crítica sejam dirigidos injustamente ao professor genebrino. Esses “editores intérpretes” não escondem as dificuldades do trabalho a que se propuseram fazer, tampouco as escolhas metodológicas que precisaram adotar para apresentar ao “público erudito e a todos os amigos da Linguística” um texto caracterizado não como a verdade do pensamento saussuriano, mas, minimamente, como “um todo orgânico” (BALLY; SECHEHAYE, 2006[1915], p. 3).

Nesse sentido, é interessante destacar que o trabalho dos editores se assemelha com aquele desempenhado pelos pesquisadores de Saussure na atualidade, com a diferença de que, certamente, o volume do material disponível hoje é significativamente maior e, em razão disso, as escolhas metodológicas tornam-se ainda mais complexas. Nos dois casos, há sempre “escolhas e interpretações e, ao mesmo tempo, esquecimentos e reduções”, como advertiu-nos Normand no início deste capítulo.

Nosso intuito ao enfatizarmos a ideia de “editores intérpretes” não se apresenta como uma tentativa de livrá-los das críticas que se delinearam ao longo dos pouco mais

de cem anos passados desde a publicação do CLG, mas o de insistirmos no fato de que, sejam quais forem as vias de acesso ao pensamento saussuriano, elas se apresentam sempre como vias indiretas, dado que “ler Saussure” requer sempre um trabalho de interpretação, tal como fizeram os editores do CLG.

Aqui, é interessante considerarmos, a partir de Faraco (2016), o fato de que, em 1916, Antonie Meillet publica uma resenha “nada simpática” a respeito da obra póstuma. Segundo o autor, as críticas do linguista francês “evidenciam sua total discordância com o trabalho que Bally e Sechehaye fizeram” (FARACO, 2016, p. 12).

A resenha de Meillet, longe de ser apenas “mais uma crítica”, apresenta um valor importante. Inicialmente, por ter sido a primeira resenha publicada, quase simultaneamente à publicação do CLG. Além disso, como se sabe, Meillet havia sido aluno de Saussure em Paris e, desde então, tornou-se amigo e correspondente do genebrino ao longo de sua vida.

Algumas das cartas de Saussure endereçadas a Meillet foram reunidas e publicadas nos *CFS*.⁷⁰ Hoje, elas integram uma parte importante do chamado *corpus saussuriano*⁷¹ (FIORIN et al., 2013, p. 13). Faraco (2016, p. 12) também nos lembra que é Meillet a quem a Sra. Marie Faesch, viúva de Saussure, recorre em 1913 em busca de orientações sobre como proceder diante do pedido de alguns alunos para que publicassem as notas referentes às aulas que tiveram com o mestre genebrino.

Esses fatos demonstram o quanto Meillet era próximo de Saussure e de sua família. Em razão disso, pode-se supor que o linguista francês gozava de certa “autoridade” no que diz respeito ao julgamento da obra que estampava na capa o nome e a memória de seu querido mestre e amigo, razão pela qual a sua avaliação ao projeto de Bally e Sechehaye não se apresentar como uma simples resenha.

A maior parte das palavras de Meillet em relação ao CLG são duras, apesar de haver aqui ou ali algumas considerações positivas. No início do texto, o autor ressalta que o CLG, fruto da “decisão audaciosa” tomada pelos editores de “fundir num todo os três cursos”, é “[...] o livro que o mestre não fizera e, sem dúvida, não teria nunca feito⁷²”

⁷⁰ Trata-se dos documentos intitulados *Cartas de Ferdinand de Saussure a Antonie Meillet*, publicados por Émile Benveniste no *CFS* n. 21, em 1964.

⁷¹ Fiorin, Flores e Barbisan propõem uma distinção válida entre *corpus saussuriano* e *corpus de pesquisa*: este corresponde à seleção das fontes saussurianas que o pesquisador faz a partir de seus objetivos de pesquisa; aquele é o conjunto heterogêneo de fontes saussurianas (FIORIN et al., 2013, p. 17). Segundo os autores, a vantagem desse procedimento é desviar-se das questões polêmicas em torno da autenticidade das fontes e preservar “o lugar de fundador do *Curso de linguística geral*” (ibidem.).

⁷² Tradução nossa: “[...] le livre que le maitre n’avait pas fait, qu’il n’aurait sans doute jamais fait”.

(MEILLET, 1916, p. 32). Noutro trecho, o autor destaca que há, na obra póstuma, a “impressão do ensino de Saussure”, mas que esse ensino aparece de uma forma muito “esquemática⁷³” (MEILLET, 1916, p. 33).

Por outro lado, Meillet chama a atenção para duas distinções fundamentais presentes no CLG, a saber, as de *língua x fala* e *sincronia x diacronia*, e afirma que esta última “domina o livro”⁷⁴ (ibid., p. 34). Mais adiante, o autor dá destaque às duas primeiras partes do livro que, segundo ele, “devem ser lidas com muita atenção por todos os linguistas”, uma vez que “lá encontrarão material para muitas reflexões⁷⁵” (ibidem.). As duas partes do CLG a que o linguista faz referência são as dos “Princípios gerais” e a da “Linguística sincrônica”. Essas partes são antecedidas pela “Introdução” e por um “Apêndice” e seguidas pela “Linguística diacrônica”, pela “Linguística geográfica” e por uma parte intitulada “Questões de linguística retrospectiva” que se apresenta como a conclusão da obra.

Essas breves considerações a respeito da resenha de Meillet testemunham, para além das críticas lançadas ao CLG desde a sua publicação, o impacto que teve essa obra no que diz respeito à influência que exerceu sobre as primeiras leituras que os linguistas do início do século XX fizeram de Saussure. Não parece banal o fato de Meillet ter destacado as duas primeiras partes do livro; os editores do CLG claramente privilegiam a *sincronia*, dando a ela um lugar de destaque na obra.

Mais adiante, discutiremos as motivações que fundamentaram essa decisão metodológica, expressas textualmente pelos próprios editores no prefácio. Por ora, basta chamarmos a atenção para o fato de que, se a distinção entre *sincronia* e *diacronia* “domina o livro”, conforme assinala Meillet, parece ser possível afirmar que essa “escolha de leitura” por parte dos editores aponta para o entendimento aguçado de que o “fator Tempo” é o eixo da teorização saussuriana sobre a língua.

Como dito acima, não é nossa intenção minimizar as críticas direcionadas aos editores ou à obra que eles erguem em nome de Saussure. Entendemos que, mesmo numa *orientação histórica*, as escolhas feitas pelos editores devem ser problematizadas, e é exatamente isso que enriquece a discussão e faz do recurso às fontes manuscritas um caminho hoje incontornável.

⁷³ Tradução nossa: “Quant à la forme, on a l’impression de l’enseignement de Saussure, mais schématisé”.

⁷⁴ Tradução nossa: “Une autre distinction domine le livre, celle de la synchronie et de la diachronie”.

⁷⁵ Tradução nossa: “Les deux premières parties de l’ouvrage surtout devront être lues de très près par tous les linguistes; ils y trouveront matière à bien des réflexions”.

Para citarmos apenas algumas dessas problematizações, recorreremos mais uma vez a Milner (2003); o autor destaca a presença de fragmentos de datas diferentes num mesmo capítulo, erros de transcrição, distorções de pensamento e as adições editoriais presentes na obra póstuma (MILNER, 2003, p. 17). A respeito desse último aspecto, mencionamos apenas a famosa frase que encerra o último capítulo do *Cours*, a saber, “*a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma*”. O trabalho filológico revela que essa frase não consta nos cadernos dos alunos nem nas anotações pessoais de Saussure, razão pela qual ela se constitui como um acréscimo dos editores.

Contudo, acreditamos que insistir na condição de intérpretes dos editores se justifica por dois motivos: em primeiro lugar, porque afasta qualquer discussão no que diz respeito à ausência do “verdadeiro Saussure” no CLG, já que, desde o início, a obra se apresenta como *uma* interpretação possível das ideias do genebrino a partir do material disponível naquele momento para a execução desse projeto editorial. Em segundo lugar, a vantagem de reconhecermos a condição de intérpretes dos editores é que, a partir desse reconhecimento, poderemos nos debruçar sobre uma questão que nos parece mais produtiva do que a polêmica da autenticidade: o que o gesto interpretativo dos editores, materializado no texto publicado em 1916, revela sobre as últimas lições de Saussure em Genebra?

Para buscar responder a essa questão, optamos por um caminho que nos pareceu válido: dar voz aos próprios “editores intérpretes” com o intuito de comentarmos as “escolhas de leitura” feitas, bem como as motivações que orientaram a publicação deste que se apresenta como o primeiro trabalho filológico das primeiras fontes manuscritas relativas aos cursos de linguística geral. É o que discutiremos na próxima seção.

2.1.1 “Qu’allions-nous faire de ces matériaux?”

Inicialmente, gostaríamos de chamar a atenção para um fato importante sobre as condições externas de publicação do CLG. Como se sabe, o livro foi publicado em 1916. Sabe-se também que, nesse mesmo ano, a Europa enfrentava a Primeira Guerra Mundial, iniciada em 1914 e só finalizada em 1918, período este marcado por batalhas emblemáticas, como as de Verdun e Somme, ocorridas na região da França em 1916.

É verdade que a Suíça manteve uma postura neutra frente à guerra e, por essa razão, é possível afirmar que o país gozava de uma certa tranquilidade em contraste com os países beligerantes, servindo, inclusive, como refúgio para pensadores, artistas e

político de diferentes lugares da Europa. Contudo, não há dúvidas de que se trata de um período bastante desolador e caótico e, portanto, nada propício para a publicação de um livro. Ainda assim, Bally e Sechehaye mantiveram o projeto editorial idealizado após a morte de Saussure em 1913.

Diante desse fato, surge uma questão: o que havia de tão instigante nessas lições ao ponto de justificar a urgência dessa publicação?

Essa questão foi contemplada ao longo dos primeiros parágrafos do prefácio dos editores à obra póstuma. Logo nas primeiras linhas, os editores compartilham conosco a lembrança de terem ouvido por diversas vezes as lamentações do mestre genebrino em relação à “insuficiência dos princípios e dos métodos que caracterizavam a Linguística” (BALLY; SECHEHAYE, 2006[1915], p. 1), que, hoje, se tornaram bastante conhecidas a partir das fontes manuscritas, com destaque para as cartas trocadas entre Saussure e seus colegas linguistas, especialmente Meillet, conforme já mencionado anteriormente.

Bally e Sechehaye tinham consciência da importância dos três cursos para o percurso teórico de Saussure, já que esses cursos foram o lugar onde, pela primeira vez, o genebrino pôde “dar a conhecer as ideias pessoais que amadurecera durante tantos anos” (ibidem.). Em seguida, com um certo tom de lamento, os editores recuperam o fato de que essas ideias originais tiveram que dividir um generoso espaço com as obrigações de Saussure para com o programa dos cursos:

[...] é verdade que as necessidades do programa o obrigaram a consagrar a metade de cada um desses cursos a uma exposição relativa às línguas indo-europeias, sua história e sua descrição, pelo que *a parte essencial do seu tema ficou singularmente reduzida*” (BALLY; SECHEHAYE, 2006[1915], p. 1, grifo nosso).

É válido pontuar que, ao final do prefácio, os editores parecem se afastar da ideia de que, ao abordar a história e a descrição das línguas indo-europeias, Saussure estaria apenas cumprindo uma obrigatoriedade curricular. Voltaremos a esse ponto mais adiante.

Em seguida, os editores manifestam explicitamente o desejo de que as ideias do mestre fossem publicadas e, ao que parece, esse desejo não era exclusivamente deles: “Todos quantos tiveram o privilégio de acompanhar tão fecundo ensino deploraram que dele não tivesse surgido um livro” (ibidem.). O plano era relativamente simples: “uma publicação fundada num simples arranjo de anotações pessoais de Ferdinand de Saussure, combinadas com as notas de estudantes” (ibidem.). Porém, “grande foi a decepção” dos editores: as notas de Saussure as quais tiveram acesso na época, caracterizadas por eles

como “esboços assaz antigos”, apesar de terem seu valor, não correspondiam aos cadernos dos alunos.

Os editores destacam, ainda, que Saussure destruía as folhas em que escrevia diariamente o esboço das aulas de cada curso. No entanto, sabe-se que, anos mais tarde, foram encontradas várias anotações pessoais do genebrino relativas a esses cursos, notas estas que foram publicadas, inicialmente, por Godel (1957) em *Les Sources Manuscrites du Cours de Linguistique Générale de Ferdinand de Saussure* e na edição crítica do CLG de Engler (1968) e, posteriormente, nos *Écrits de Linguistique Générale* editados por Bouquet e Engler (2002). Ainda a respeito dessas notas autógrafas, Marques (2016) chama atenção para o fato de que a maior parte delas é referente ao conteúdo ministrado no III Curso, o que, segundo a autora, é mais um indicativo do valor atribuído a esse curso, sobretudo pelos editores, que fizeram dele “o sustentáculo para o CLG” (MARQUES, 2016, p. 126). Na seção 2.2.2, nos deteremos um pouco mais sobre esse aspecto que, por si só, atribui um grau de relevância ao III Curso, embora as razões que justificam a seleção desse material para a nossa análise não estejam restritas a esse fato inicial.

Somada à decepcionante surpresa da quase escassez de notas do próprio mestre, há outro grande impasse: nem Bally nem Sechehaye estiveram efetivamente presentes nos cursos. Eles declaram textualmente essa ausência no prefácio: “Essa verificação nos decepcionou tanto mais quanto obrigações profissionais nos haviam impedido quase completamente de nos aproveitarmos de seus derradeiros ensinamentos [...]” (BALLY; SECHEHAYE, 2006[1915], p. 2).

As implicações dessa declaração são anunciadas logo em seguida: “Cumprira, pois, recorrer às anotações feitas pelos estudantes ao longo dessas três séries de conferências” (ibidem.). Ou seja, para o trabalho de edição dos três cursos a que se propuseram, os editores dependiam quase que exclusivamente de um material de “terceiros”, uma vez que não foram ouvintes desses cursos. Tudo de que eles dispunham eram os cadernos dos alunos, e, vale ressaltar, de *alguns* alunos.

Qual foi, então, o material efetivamente utilizado para a edição do CLG? De acordo com Bally e Sechehaye, no que diz respeito aos dois primeiros cursos, foram utilizados os cadernos de Louis Caille, Léopold Gautier, Paul Regard e Albert Riedlinger. Para o terceiro curso, segundo eles, “o mais importante”, foram utilizados apenas os cadernos de Mme. Albert Sechehaye, George Dégallier e Francis Joseph. Soma-se a esse material as notas de Louis Brüttsch “acerca de um ponto especial” (ibidem.) não declarado

pelos editores. Aqui vale pontuar a ausência dos cadernos de Émile Constantin no *corpus* de trabalho dos editores, aluno que participou do II e III Cursos. Esse material só será disponibilizado pelo próprio Constantin anos mais tarde e se tornará uma importante fonte de pesquisa tanto dos conteúdos tratados no III Curso quanto da forma de ensino de Saussure. Na seção 2.2.3, discorreremos sobre esse aspecto.

A partir daí, intervém a pergunta que serviu de título para esta seção: “Que iríamos fazer desse material?” (BALLY; SECHEHAYE, 2006[1915], p. 2). O questionamento era extremamente necessário, pois, ao mesmo tempo em que retomava a questão problemática da ausência dos editores nos cursos anunciada anteriormente, se propunha a buscar uma alternativa para minimizá-la. O primeiro passo é anunciado logo em seguida:

Um trabalho crítico preliminar se impunha: era mister, para cada curso, e para cada pormenor de curso, comparando todas as versões, chegar até o pensamento do qual tínhamos apenas ecos, por vezes discordantes (BALLY; SECHEHAYE, 2006[1915], p. 2).

Aqui, a afirmação dos editores de que só havia “ecos, por vezes discordantes” do pensamento saussuriano ganha ainda mais significado; eles tinham plena consciência de que aquilo que se apresentava nos cadernos dos alunos correspondia ao registro particular do que foram as aulas de Saussure naqueles cursos, por isso as eventuais discordâncias. Para todos os efeitos, tratava-se de uma “experiência de ensino⁷⁶” materializada naqueles cadernos. Diríamos mais: uma “experiência de ensino” para os alunos e, de modo muito especial, para o professor Saussure.

É então que os editores recorrem à colaboração de Riedlinger, aluno que esteve presente nos dois primeiros cursos e, segundo eles, “um dos discípulos que acompanharam o pensamento do mestre com o maior interesse” (*ibidem.*). Para o terceiro curso, foi A. Sechehaye quem “levou a cabo o mesmo trabalho minucioso de colação e arranjo” (*ibidem.*). Recorrer à memória de alunos que estiveram presentes nesses cursos se apresentava então como uma estratégia necessária.

Mais ensuite?, indagam-se os editores (BALLY; SECHEHAYE, 1965 [1915], p. 8). As dificuldades relacionadas à “forma de ensino oral” são, então, enfatizadas (por exemplo, “as repetições inevitáveis numa exposição livre”), isso tudo somado ao estilo peculiar do mestre Saussure, que, segundo eles, era “um desses homens que se renovam sem cessar” (*ibidem.*). Em razão dessas características, a possibilidade de publicar os

⁷⁶ A ideia de enfatizar os cursos de Genebra como uma “experiência de ensino” é crucial para este trabalho. A partir da seção 2.2.3, essa ideia será retomada a fim de esclarecermos sua relevância.

cadernos dos alunos na sua forma original é completamente descartada. Nem mesmo a possibilidade de publicação somente dos cadernos relativos ao terceiro curso na sua forma original, “o mais definitivo”, seria uma alternativa válida para “facilitar” o trabalho, já que, de acordo com os editores, isso seria “empobrecer o livro, roubando-o de todas as riquezas abundantes espalhadas nos dois outros” (ibidem.)

Diante de todas as dificuldades apontadas, eis que os editores decidem por uma solução caracterizada por eles como “audaciosa”, mas também “mais racional”: “tentar uma reconstituição, uma síntese, com base no terceiro curso [...]” (BALLY; SECHEHAYE, 2006[1915], p. 3, grifos nossos). O parágrafo de onde esse trecho foi retirado é marcado por termos e expressões que reforçam a ideia de que a síntese proposta não deve tomada como o pensamento do mestre, ainda que haja ali o objetivo claro de se aproximar tanto quanto possível desse pensamento; nessa direção, Bally e Secheyaye afirmam que o intuito da “recriação” que propõem é

[...] tentar ver tal pensamento em sua forma definitiva, isentado das flutuações inerentes à lição falada, depois encaixá-lo em seu meio natural, *apresentando-lhe todas as partes numa ordem conforme à intenção do autor, mesmo quando semelhante intenção fosse mais adivinhada que manifestada* (BALLY; SECHEHAYE, 2006[1915], p. 3, grifos nossos).

A decisão da ordem de apresentação dos conteúdos das aulas no *Cours* foi palco de muitas discussões. Um dos aspectos mais problematizados nesse contexto é a forma como a ordem do III Curso aparece na obra póstuma. Isso porque, nesse curso, Saussure aborda, primeiramente, “As línguas” para, em seguida, tratar a respeito d’ “A língua”, ou seja, o genebrino propõe um caminho do empírico (das línguas concretas) para o teórico (generalização). No CLG, porém, essa ordem foi invertida, já que a parte dedicada às “línguas”, contemplada no capítulo “Linguística geográfica” e numa parte do capítulo “Questões de linguística retrospectiva”, foi deslocada para o final do livro, enquanto que a parte que versa sobre a “língua”, presente nos capítulos “Princípios gerais” e “Linguística sincrônica” e em boa parte da “Introdução”, ocupa o centro da obra.

A esse respeito, De Mauro (1967), faz o seguinte comentário: “Tivemos então que passar da análise geral da língua à análise da ‘execução’ individual⁷⁷” (DE MAURO, 1967, n. 12, p. 406). Anos mais tarde, ao comentar essa escolha metodológica dos editores, Gambarara (2005) afirma, num certo tom de desaprovação, que o CLG “ dá o

⁷⁷ Tradução nossa: “On aurait ensuite dû passer de l’analyse générale de la langue à l’analyse de l’‘exécution’ individuelle”.

primeiro lugar na exposição ao que foi a segunda parte de Saussure, e rejeita no final do livro, num capítulo que não chama a atenção, as questões que Saussure considerou preliminares⁷⁸” (GAMBARARA, 2005, p. 30).

Sob essa ótica, é possível considerar que houve certa negligência por parte dos editores ao modificarem a ordem de apresentação do III Curso, uma vez que essa modificação parece desconfigurar o percurso teórico e metodológico proposto por Saussure em seu ensino. A esse respeito, Normand (2009) apresenta um ponto de vista diferente. Para a autora, é pouco justificável argumentar que os editores teriam minimizado a preocupação do genebrino em enfatizar, inicialmente, o estudo das línguas, uma vez que, apesar de surpreendente, o assunto abordado na primeira parte do terceiro curso era bastante conhecido, “muito mais que os desenvolvimentos inteiramente novos sobre a língua aos quais os editores deram o primeiro e o mais extenso lugar” (NORMAND, 2009, p. 136).

Aqui, gostaríamos de retomar um ponto anunciado anteriormente para, então, finalizarmos nossas considerações acerca do gesto interpretativo dos editores. No início do prefácio, Bally e Sechehaye declaram que Saussure, ao abordar a história e a descrição das línguas indo-europeias, estaria apenas cumprindo as exigências do programa do curso e que, por essa razão, “a parte essencial do seu tema ficou singularmente reduzida”. Dissemos que esse entendimento parece ter sido abandonado por eles ao final do prefácio, e é sobre isso que discorreremos a partir de agora, uma vez que esse aspecto está relacionado à ordem de apresentação do III Curso no CLG.

Nos parágrafos finais do prefácio, os editores se antecipam em relação a duas críticas ao trabalho de “assimilação e reconstituição” que propuseram a fim de “traçar um todo orgânico sem negligenciar nada que pudesse contribuir para a impressão do conjunto” (BALLY; SACHEHAYE, 2006[1915], p. 3). No que diz respeito especificamente à última crítica abordada, Bally e Sechehaye assim se posicionam:

[...] censurar-nos-ão talvez por termos reproduzido desenvolvimentos relativos a pontos já adquiridos antes de F. de Saussure. Nem tudo pode ser novo numa exposição assim vasta; entretanto, *se princípios já conhecidos são necessários para a compreensão do conjunto, querer-se-á censurar-nos por não havê-los suprimido?* Dessarte, o capítulo acerca das mudanças fonéticas encerra coisas já ditas, e quicá de maneira mais definitiva; todavia, além do fato de que essa parte oculta numerosos pormenores originais e preciosos, *uma leitura mesmo*

⁷⁸ Tradução nossa: “[...] donne la première place dans l’exposition à ce qui était la deuxième partie de Saussure, et rejette à la fin du livre, dans un chapitre qui n’attire pas l’attention, les questions que Saussure considérait comme préliminaires”.

superficial mostrará o que a sua supressão acarretaria, por contraste, para a compreensão dos princípios sobre os quais F. de Saussure assenta seu sistema de Linguística estática (BALLY; SECHEHAYE, 2006[1915], p. 4, grifo nosso).

Algumas observações são oportunas antes de comentarmos esse trecho: o capítulo sobre “mudanças fonéticas” a que os editores se referem compõe a segunda seção da parte destinada à “Linguística diacrônica”, que, por sua vez, sucede toda a parte sobre a Linguística sincrônica.

Bally e Sechehaye reconhecem que, apesar de bastante conhecidos, os princípios abordados na linguística diacrônica, mais especificamente aqueles relacionados às mudanças fonéticas, são necessários para “a compreensão do conjunto”. Além disso, há que se considerar que nesse conteúdo demasiadamente conhecido abordado por Saussure, há “numerosos pormenores originais e preciosos”, ou seja, mesmo em se tratando de um conteúdo tradicional, há marcas de originalidade do professor genebrino que não foram ignoradas pelos editores.

Sendo assim, é pertinente destacar que a manutenção desses princípios na obra caracteriza-se, também, como “uma escolha de leitura”, pois se trata de uma interpretação dos editores daquilo que se apresentava como fundamental para a compreensão do todo, apesar de toda possível resistência do público erudito, já tão familiarizado com o estudo histórico das línguas e com os princípios dele derivados. Ou seja, se, por um lado, havia razões consideráveis para suprimir toda essa discussão da obra, por outro, havia mais razões ainda para mantê-las, tendo em vista o compromisso dos editores com o “todo orgânico”.

As linhas finais da citação acima são extremamente importantes, pois é nesse trecho que fica ainda mais evidente o que os editores intérpretes compreenderam como sendo a parte essencial das últimas lições de Saussure, aspecto que justificaria as escolhas feitas em prol da estrutura orgânica do livro. Para Bally e Sechehaye, essa parte essencial é a *linguística estática*: a inversão da ordem do III Curso, que confere à *sincronia* um lugar de destaque no livro; a manutenção de princípios relacionados às mudanças fonéticas; todas essas decisões se justificam em função “da compreensão dos princípios sobre os quais F. de Saussure assenta seu sistema de Linguística estática” (BALLY; SECHEHAYE, 2006[1915], p. 4).

Para finalizarmos, retomaremos a questão levantada no início desta seção. Interrogamos sobre o que o gesto interpretativo dos editores, tal como materializado no CLG, revela acerca das últimas lições de Saussure. Essa questão foi contemplada ao longo

da nossa discussão de diferentes maneiras, porém, é pertinente buscarmos respondê-la de forma mais objetiva.

Em primeiro lugar, para nós, esse gesto revela o reconhecimento, por parte dos editores, do potencial inovador dos princípios saussurianos divulgados ao público pela primeira vez nas aulas dadas nos três cursos, com especial destaque para o terceiro, compreendido por eles como “o mais definitivo”, razão pela qual constroem a base estrutural do *Cours* a partir desse material.

É verdade que a maneira como os editores interpretam o III Curso e o materializam na obra póstuma foi e ainda é problematizada por diversos autores; no entanto, não se pode negar que se trata aí de *uma* interpretação legítima: ao priorizarem a parte destinada à “língua” e os princípios dela derivados, os editores sinalizam para o público aquilo que entenderam como sendo a novidade do ensino de Saussure, a parte mais essencial, razão que justificará, inclusive, a urgência da publicação do livro mesmo em condições externas bastante desfavoráveis e considerando todos os riscos implicados num projeto editorial como esse.

Por fim, acreditamos que a decisão dos editores intérpretes de estruturar os capítulos do CLG a partir da distinção entre *sincronia* e *diacronia* (como assinala Meillet em sua resenha) parece ser um indício de que esses conceitos operaram como o eixo do ensino derradeiro de Saussure e, conseqüentemente, de sua teorização sobre a língua, sendo o “fator Tempo” o catalisador dessa discussão.

2.2 O corpus de pesquisa para além do CLG

Tendo nos posicionado em relação à obra póstuma e estabelecido o lugar do CLG como o primeiro gesto interpretativo do pensamento saussuriano a partir dos cursos de linguística geral, nesta seção, propomo-nos a discorrer brevemente sobre as demais fontes saussurianas que irão compor nosso *corpus de pesquisa* (FIORIN et al., 2013, p. 13), bem como as justificativas que orientaram essa seleção.

Os trabalhos discutidos no Capítulo 1, com destaque para o de Choi (2002) e o de Arrivé (2010), testemunham a presença da reflexão saussuriana sobre o Tempo em diversos campos temáticos explorados pelo genebrino ao longo de seu percurso teórico (linguística geral, anagramas, lendas germânicas). Diante da constância dessa reflexão num material tão heterogêneo, foi necessário alinhar a seleção do *corpus* ao objetivo principal desta tese, que é investigar os desdobramentos teóricos da incidência do “fator Tempo” sobre a teorização saussuriana acerca de *la langue*

Em razão desse objetivo, a primeira delimitação a que nos propusemos foi a de nos centrarmos nos textos que abordassem aspectos mais diretamente relacionados à linguística geral por entendermos que, neles, há o intuito claro por parte de Saussure de buscar estabelecer o objeto da linguística, bem como os princípios que norteiam o estudo desse objeto⁷⁹, mas sem ignorarmos a produtividade teórica das demais fontes no que diz respeito à teorização saussuriana sobre a língua, aspecto que retomaremos na seção 2.2.3.

Nessa direção, no que diz respeito ao problema do Tempo tal como abordado por Saussure, focamos apenas no que Arrivé (2010, p. 134-135) chama de “o aspecto estritamente linguístico” dessa reflexão, que, por sua vez, se diferencia de outros dois aspectos apontados pelo autor, “a componente semiológica da reflexão de Saussure” e “a pesquisa sobre os anagramas”.

Após estabelecermos essa primeira delimitação, restava-nos ainda outra questão metodológica: no universo das fontes que versam explicitamente sobre linguística geral, quais delas especificamente merecem a nossa atenção? Aqui, é preciso recuperar nosso planejamento inicial a respeito da seleção do *corpus* e apresentarmos a alteração que se impôs em razão do nosso próprio percurso de pesquisa durante a escrita desta tese.

Na construção do projeto desta tese, propusemos-nos a partir dos ELG, uma vez que, conforme atesta Cruz, essa obra “traz a integralidade dos textos manuscritos de Saussure sobre a linguística geral, bem como as lições de linguística geral em sua continuidade” (CRUZ, 2009, 118). Mas havia outro aspecto nesse livro que chamava nossa atenção de forma particular: o fato de que uma parte dessa obra foi constituída por textos saussurianos inéditos descobertos em 1996⁸⁰, “na ocasião de uma reforma da residência de Saussure” (CRUZ, 2009, 118), como assinala o autor. Em relação a esses textos, Bouquet e Engler escrevem no prefácio:

Sob o título ‘Da essência dupla da linguagem’, eles provêm, em sua maioria, de um grande envelope que contém maços de folhas da mesma natureza e do mesmo formato, sendo que várias delas trazem a menção: ‘Da dupla essência da linguagem’, ‘Dupla essência’ ou ‘Essência dupla (da linguagem)’. Uma etiqueta com a menção ‘Ciência da linguagem’

⁷⁹ A propósito, este foi o critério utilizado por Godel no inventário e classificação dos manuscritos saussurianos nos arquivos da Biblioteca de Genebra, reunindo-os sob o número 3951. (cf. GODEL, 1960, p. 5-9).

⁸⁰ Há, ainda, a edição crítica desses manuscritos publicada em 2011 por René Amacker sob o título *Science du Langage – De la double essence du langage*. Essa obra testemunha as problematizações em torno da edição desse manuscrito proposta Bouquet e Engler; para muitos autores, há diferenças significativas entre o manuscrito e a edição apresentada nos ELG. Apesar de reconhecermos essa discussão, não nos debruçaremos sobre ela por extrapolar o objetivo deste trabalho.

estava colada nesse envelope (BOUQUET; ENGLER, 2004[2002], p. 16, grifos no original).

Após a publicação desse material inédito, lançou-se a hipótese de que ele corresponderia ao esboço de um livro sobre linguística geral anunciado por Saussure numa famosa carta endereçada a Meillet, documento este que aparece pela primeira vez na edição crítica de Godel (1957). Na referida carta, dentre outros assuntos, o linguista genebrino compartilha com seu colega francês a sua profunda insatisfação com a terminologia corrente da área, fato que, segundo ele, o conduziria inevitavelmente à publicação de um livro. A seguir, reproduziremos o trecho da carta em que esse livro é anunciado:

Sem cessar, a inépcia absoluta da terminologia corrente, a necessidade de a reformar, e de mostrar com isso que espécie de objeto é a língua em geral, tem estragado meu prazer histórico, embora eu não tenha nenhum desejo mais caro que o de não ter de me ocupar da língua em geral.

Isso terminará, à minha revelia, em um livro em que, sem entusiasmo nem paixão, eu explicarei por que não há um só termo empregado em linguística ao qual eu atribua um sentido qualquer. E apenas depois disso, eu confesso, que eu poderei retomar meu trabalho do ponto onde eu o havia deixado⁸¹ (SAUSSURE apud GODEL, 1957, p. 31 - grifos nossos).

O trecho é rico em detalhes acerca dos “bastidores” da teorização saussuriana e até surpreende por revelar o desagrado de Saussure ao ser conduzido, “à sua revelia”, a um livro que escreveria “sem entusiasmo nem paixão”. Tal postura contrasta com o impacto que teve sua reflexão sobre “que espécie de objeto é a língua em geral” não só para a linguística do século XX, como para as ciências humanas de forma geral. A respeito da carta a Meillet, Turra (2018) faz o seguinte comentário: “Na carta, o genebrino já parece deixar claro que a linguística geral não seria senão que um desvio necessário dos estudos pelos quais de fato tinha interesse, um desvio que se impunha, incontornável” (TURRA, 2018, p. 60-61). O que se sabe é que, de fato, apesar da necessidade que se impôs a Saussure, esse livro jamais fora publicado por ele.

No entanto, há indícios que sustentam a hipótese de que o manuscrito descoberto em 1996 seria esse livro anunciado; um dos mais fortes é o fato de lermos na primeira

⁸¹ “Sans <cesse>, cette ineptie de la terminologie courante, la nécessité de la réformer, et de montrer pour cela quelle espèce d’objet est la langue en général, vient gêner mon plaisir historique, quoique je n’aie pas de plus cher vœu que de ne pas avoir à m’occuper de la langue en général.

Cela finira malgré moi par un livre où, sans enthousiasme, j’expliquerai pourquoi il n’y a pas un seul terme employé en linguistique auquel j’accorde un sens quelconque. Et ce n’est qu’après cela, je l’avoue, que je pourrai reprendre mon travail au point où je l’avais laissé » Para a reprodução desse trecho, recorremos à tradução proposta por Turra (2018, p. 61) em seu trabalho.

página do documento o termo “Prefácio”, o que sugere uma possível intenção de publicação por parte de Saussure. Além disso, merece destaque as características físicas das folhas desse manuscrito (“da mesma natureza e do mesmo formato”) e a etiqueta “Ciência da linguagem” colada no envelope no qual esse material estava guardado, conforme descrevem Bouquet e Engler no prefácio do ELG, uma vez que sugerem não terem esses textos sido escritos aleatoriamente, mas, aparentemente, destinarem-se a um objetivo específico.

Por essas e outras razões, tais textos provocaram (e ainda provocam) bastante entusiasmo por parte dos pesquisadores que buscam investigar a teorização saussuriana. De nossa parte, pensávamos que, na hipótese de estarmos diante de um suposto projeto de livro sobre linguística geral idealizado por Saussure, seria válido investigar como a questão do “fator Tempo” comparece nesse texto, assim como as consequências teóricas dessa reflexão. Nessa perspectiva, o potencial de descoberta que esse material poderia nos proporcionar era realmente animador, já que estaríamos lidando com um texto que, aparentemente, se apresentava como a primeira tentativa do genebrino de superar a “a inépcia absoluta da terminologia corrente” para sistematizar suas ideias relacionadas à linguística geral num livro.

No entanto, antes mesmo de nos debruçarmos sobre esse material, durante nosso percurso, fomos surpreendidos com o alcance teórico das notas relativas ao ensino de Saussure no que diz respeito à formulação de princípios oriundos do “fator Tempo”, e, aqui, nos referimos, de forma geral, tanto às notas pessoais de Saussure quanto a de seus alunos.

Diferentemente do manuscrito descoberto em 1996, no qual podemos entrever a imagem do “Saussure linguista” em seu ofício, os textos associados ao *ensino* do genebrino caracterizam-se como esboços das aulas do “Saussure professor”, rascunhos estes que, aparentemente, não se destinavam a uma publicação futura⁸²; ou, ainda, como anotações particulares dos ensinamentos do mestre, tal como puderam ser registrados pelos alunos. Trata-se, pois, de textos que emergem *no* e *para* o contexto do ensino de Saussure.

A nossa surpresa reside no fato de que, para nós, essas notas revelam que o *acontecimento do ensino* foi determinante para a formulação teórica de Saussure acerca da relação entre o “fator Tempo” e a língua. Ao compararmos previamente textos que

⁸² Aqui vale mencionar a hipótese de Gambarara (2005) de um “Saussure autor do III Curso”, fato que, em certa medida, problematiza a suposta ausência total de intenção de publicação por parte de Saussure.

correspondem a dois momentos distintos do ensino de Saussure em Genebra, podemos observar diferenças significativas no que se refere aos desdobramentos teóricos oriundos dessa reflexão, a saber, o estabelecimento dos conceitos de *imutabilidade e mutabilidade* e *sincronia e diacronia* e de suas consequências para a linguística.

Em razão dessas constatações iniciais e da hipótese de ser o Tempo o eixo da teorização saussuriana sobre a língua, a composição do *corpus* desta tese foi alterada. Para nos aproximarmos do ensino de Saussure, além do CLG, partiremos de um conjunto de textos relacionados a dois momentos distintos de sua atuação como linguista/professor em Genebra: **1)** as notas preparatórias para a série de três conferências proferidas em 1891 e **2)** as notas relativas ao III Curso (1910-1911), mais especificamente os cadernos de Constantin em cotejo com notas preparatórias de Saussure para esse curso.

Ainda a respeito desse material, que guarda o valor intrínseco de seu conteúdo, teceremos alguns comentários sobre o contexto intelectual/institucional do ensino de Saussure em Genebra que consideramos importante explicitar antes de partirmos para as informações mais específicas do nosso *corpus*.

2.2.1 O contexto intelectual/institucional do ensino de Saussure em Genebra

Para tratarmos desta questão, apoiamo-nos em Amsterdanska (1985) que, em sua reflexão no campo da sociologia da ciência, assume ser o desenvolvimento da ciência um progresso tanto social quanto intelectual. Nesse sentido, a autora analisa a formação de três escolas de pensamento na linguística: os Neogramáticos, os Neo-Idealistas e a Escola de Genebra inaugurada por Saussure. Para o interesse de nosso trabalho, faremos referência mais direta à última das três escolas. Nosso *corpus* abarca dois extremos da atuação de Saussure na Universidade de Genebra: suas três conferências inaugurais em 1891 e suas últimas lições no terceiro curso de linguística geral, ocorridas entre os anos 1910 e 1911. Será o ensino de Saussure em Genebra neste intervalo de tempo que forjará a figura do “mestre” seguido por seus “discípulos”, dando origem à referida Escola de Genebra e o empreendimento de divulgação de seus ensinamentos, quer sob a forma de um livro, como o CLG, quer sob a forma de seus manuscritos autorais editados ou não.

Nosso intuito aqui não será o de esgotar os critérios discutidos por Amsterdanska para a formação de uma “escola de pensamento”, mas estabelecer um contexto que nos auxilie na “escuta” das lições do genebrino. Nesse sentido, justifica-se ainda nossa escolha de dois momentos de seu ensino oral.

A questão posta por Amsterdanska que destacamos diz respeito ao percurso de Saussure entre Leipzig, Paris e Genebra. Em cada um dos sistemas acadêmicos que encontrou nestes três países, Saussure atuou e foi diferentemente influenciado na construção de seu sistema teórico.

Para a autora, coloca-se uma questão central: seria Saussure um pensador marginal? A questão diz respeito à relação entre marginalidade e poder de inovação no campo das ideias. Segundo M. Mulkay, citado por Amsterdanska, no campo da ciência, mudanças paradigmáticas são geralmente operadas por cientistas situados à margem de um determinado campo.

Assim, um scholar que está isolado ou mesmo alienado da elite num determinado campo pode estar mais inclinado a questionar os pressupostos básicos de sua disciplina ou voltar-se para problemas que não tenham sido abordados sistematicamente.⁸³ (AMSTERDANSKA, 1985, p. 238).

Amsterdanska argumenta que parece difícil considerar Saussure um pensador marginal, uma vez que em Leipzig, enquanto um jovem estudante suíço, Saussure estudou com expoentes da Escola Neogramática, encontrando-se no centro da linguística histórico-comparativa. Além disso, embora controversa, a recepção do seu *Mémoire* deu a ele o reconhecimento de se tratar de um “linguista original ou mesmo brilhante” (AMSTERDANSKA, 1985, p. 238). No entanto, argumenta a autora, a marginalidade diz menos do contato com uma cultura dominante do que da falta de uma integração completa com essa cultura. Nesse sentido, o próprio Saussure atesta em seus *Souvenirs* seu isolamento enquanto um estudante estrangeiro de apenas 19 anos de idade, excluído do grupo de doutores.

A chegada de Saussure em Paris ocorre num momento em que a linguística francesa, embora ainda dependente do reconhecimento dos linguistas alemães, contava com uma estrutura favorável ao seu desenvolvimento e independência intelectual. A institucionalização da área na França se dá com a criação da *École Pratique des Hautes Études*, em 1868, que abrigou os estudos linguísticos e, posteriormente, da Sociedade de Linguística, que patrocinava a publicação do *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris* e do *Mémoires*, meios para publicação e divulgação dos trabalhos franceses na área. Esta situação periférica em relação às autoridades alemãs favoreceu a inclusão de temas

⁸³ Tradução nossa: “Thus, a scholar who is isolated or even alienated from the elite in a given field may be more inclined to question the basic assumptions of his discipline or to turn his attention to problems which have not been addressed systematically”.

negligenciados pelos alemães, como ocorreu com os estudos semânticos desenvolvidos por Bréal, por exemplo.

Saussure assumirá as funções de professor na École Pratique e de secretário adjunto na Sociedade de Linguística, posições que permitirão a ele exercer forte influência no futuro desenvolvimento da área em solo francês. Libertar-se das amarras germânicas permitirá que Saussure saia da posição relativamente marginal para ocupar um papel central no contexto da jovem linguística francesa. Se inicialmente ensinou o que aprendera em Leipzig, “a liberdade da École, onde não havia programa específico de estudo, nenhum tema de curso definido, e muitas oportunidades para ensinar estudantes avançados e cursos especializados, encorajou a pesquisa inovadora” (AMSTERDANSKA, 1985, p. 245)⁸⁴. Durante uma década (1880-1891), Saussure ensinará uma geração inteira de linguistas franceses, sendo o mais influente deles, Antoine Meillet. Suas ideias inovadoras, entretanto, serão *seletivamente* adotadas pelos linguistas franceses que à época mantiveram suas pesquisas circunscritas aos limites da linguística histórico-comparativa. Será em Genebra, entretanto, que se observará uma substancial adesão às suas ideias originais.

Diferentemente do que já ocorrera na França, a linguística em Genebra não havia ainda se institucionalizado.

Para todos os efeitos, ele foi o primeiro linguista profissional de pleno direito a ensinar ali. A linguística vinha sendo ensinada em Genebra desde 1869, primeiro por Hermann Krauss, um professor de línguas germânicas, e depois em 1873 por Joseph Wertheimer, um professor de linguística e filologia. Nenhum deles, no entanto, formou futuros linguistas ou fez qualquer pesquisa relevante em linguística.⁸⁵ (AMSTERDANSKA, 1985, p. 248)

A autora conclui que, apesar de algum vínculo informal com a França ou com a Alemanha, Genebra encontrava-se numa posição isolada e periférica nos estudos linguísticos. Nestas circunstâncias, a Escola de Genebra, criada pelos estudantes e discípulos de Saussure, constitui-se num claro exemplo de como,

a ausência de meios institucionais independentes de legitimação levou um grupo de scholars situados bastante periféricamente a estabelecer uma escola de pensamento, reivindicando competência e autoridade

⁸⁴ Tradução nossa: “the freedom of the Ecole, where there was no specific program of study, no set course topics, and many opportunities to teach advanced students and specialized courses, encouraged innovative research”.

⁸⁵ Tradução nossa: “he was for all practical purposes the first full-fledged professional linguist ever to teach there. Linguistics had been taught in Geneva since 1869, first by Hermann Krauss, a lecturer in Germanic languages, and then after 1873 by Joseph Wertheimer, a professor of linguistics and philology. Neither of them, however, trained future linguists or did any significant research in linguistics ».

particulares numa nova área de estudos ⁸⁶ (AMSTERDANSKA, 1985, p.249)

Assim, diferentemente do que ocorreu com os estudantes franceses de Saussure, seus “discípulos” genebrinos empreendem um enorme esforço de divulgação das ideias do mestre, assim como encaminham seus trabalhos para os estudos sincrônicos. A mais famosa empreitada, certamente, foi a compilação de seus cursos na obra que teve por efeito determinar os destinos da linguística moderna predominantemente sincrônica.⁸⁷ Além deste esforço notável, ao qual já nos referimos anteriormente, é digno de nota a sequência de publicações que encontraremos por parte de Godel e Engler, por exemplo, que dão à fortuna saussuriana um destino que acompanhamos até hoje.

De nossa parte, interessa-nos pontuar este ambiente de acolhida a Saussure na Universidade de Genebra. Será neste cenário, bastante peculiar e independente, que o genebrino exporá livremente seus pensamentos a propósito da linguagem.

Não se quer com isso dizer que as ideias originais de Saussure tenham sido concebidas exclusivamente em Genebra. Muito antes, desde Leipzig, Saussure reconhece sua independência intelectual em relação aos seus professores. Quando de sua resenha do CLG, Meillet afirmará que, embora nunca tenha assistido as aulas de Saussure sobre linguística geral, muitos de seus princípios poderiam ser reconhecidos nas suas aulas de gramática comparada proferidas vinte anos antes na *École Pratique*. No entanto, observa-se que somente em Genebra formou-se uma escola de pensamento que explicitamente professou sua adesão teórica aos ensinamentos de mestre.

Feitas estas considerações iniciais sobre o contexto intelectual/institucional do ensino de Saussure em Genebra, nas duas próximas seções, faremos uma breve apresentação do contexto específico das conferências e do III Curso, assim como do material sobre o qual nossa análise se apoiará.

2.2.2 As conferências de Saussure em Genebra (1891)

“A audiência era formada por aproximadamente dez pessoas, incluindo alguns membros da família, alguns amigos e dois alunos [...] Esse foi o modesto começo da Linguística em nossa universidade. Porém, esse foi um evento importante: essa nova disciplina estava vindo diretamente da *École des Hautes Études*, trazida para nós por um jovem mestre de

⁸⁶ Tradução nossa : the absence of independent institutional means of legitimation prompted a group of rather peripherally located scholars to establish a school of thought by claiming special competence and authority in a new substantive area of study.

⁸⁷ A aderência da linguística moderna aos estudos sincrônicos é certamente um capítulo complexo da história da área, que passa pela divulgação do CLG, por exemplo, pelo Círculo Linguístico de Praga. Este ponto, entretanto, não merecerá nossa atenção, dados os limites de nosso trabalho.

grande fama que Paris gostaria que lá tivesse ficado” (SECHEHAYE apud BOUISSAC, 2012, p. 98).

As notas preparatórias para as três conferências proferidas por Saussure em Genebra no ano de 1891 estão conservadas na Biblioteca de Genebra sob o código Ms. Fr. 3951/1. Esse material foi resumido e parcialmente publicado por Godel em 1957. Posteriormente, essas notas foram transcritas e publicadas integralmente por Engler em seu quarto fascículo da edição crítica do CLG em 1974. Anos mais tarde, as conferências foram incluídas no conjunto de documentos editados e publicados por Bouquet e Engler em 2002, no livro *Escritos de linguística geral*. Ainda convém ressaltar que, recentemente, a própria Biblioteca de Genebra digitalizou e disponibilizou para consulta pública estes e os demais documentos manuscritos saussurianos através do site da instituição⁸⁸.

Como é demasiadamente sabido, essas conferências marcam o retorno de Saussure a sua terra natal após ter substituído Michel Bréal, respeitado linguista da época, e, como mencionado anteriormente, ter lecionado durante dez anos na *École des Hautes Études* em Paris. No período de sua estadia em Paris, afirma Bouissac (2012), “Saussure havia adquirido, através de suas habilidades pedagógicas e de sua pesquisa, uma alta consideração entre alunos e colegas” (BOUISSAC, 2012, p. 89).

Apesar de seu prestígio nas terras parisienses, Saussure decide repatriar-se a Genebra. Cogita-se que a razão para isso tenha sido a recusa do genebrino para obter a nacionalidade francesa, condição para que ele pudesse suceder a Bréal no *Collège de France*⁸⁹. Há ainda indícios de que Saussure não estava plenamente satisfeito com alguns acontecimentos na França. A esse respeito, Marques (2016) afirma:

Correspondências datadas do final da época em que tirou licença da Escola de Altos Estudos revelam um Saussure um pouco insatisfeito com a sua realidade, triste pelas perdas de alunos e amigos queridos e já decidido a repatriar-se a Genebra (MARQUES, 2016, p. 32).

Independentemente do real motivo, o fato é que seu retorno a Genebra será acompanhado por uma curiosa realidade: conforme afirma Silveira (2007), “Saussure irá trabalhar muito e publicar pouco nesse período” (SILVEIRA, 2007, p. 120). Apesar dessa

⁸⁸ Link para acesso aos manuscritos saussurianos: <https://archives.bgegeneve.ch/archive/layout/fondsnumerises/SAUSSURE FERDINAND DE/n:126>. No caso das três conferências na Universidade de Genebra, é possível acessá-las através do segundo link <https://archives.bgegeneve.ch/ark:/17786/vtae78f994bf3242bef/dao/0/layout:linear#id:415812576?gallery=true&brightness=100.00&>.

⁸⁹ (MOUNIN apud TURRA, 2018, p. 57).

“quietude” acadêmica, como discutido anteriormente, o contexto particular de Genebra se apresentará como um espaço frutífero para a propagação das ideias inovadoras do genebrino, cujo ápice deu-se nos cursos de linguística geral a partir de 1907.

As três conferências foram proferidas em razão da inauguração da cadeira de *História e comparação de línguas indo-europeias*, criada exclusivamente para Saussure. Marques (2016, p. 34) afirma que era uma prática comum da Universidade de Genebra a oferta de conferências abertas e gratuitas ao público como atividades extras aos cursos que faziam parte do programa anual. Apesar dessa abertura, apenas um grupo pequeno assistiu às aulas inaugurais de Saussure, tal como nos relata Sechehaye em seu memorial escrito após a morte do genebrino em 1913, do qual o trecho da epígrafe desta seção foi retirado. Segundo afirma o próprio linguista, assistiu a essas conferências uma audiência de, aproximadamente, dez pessoas, dentre elas, familiares e amigos de Saussure e dois alunos.

O trecho do memorial de Sechehaye é interessante porque, nele, o linguista compartilha conosco a sua memória sobre o que representava para a história da Linguística em Genebra ter o professor Saussure, “um jovem mestre de grande fama que Paris gostaria que lá tivesse ficado”, como parte do corpo docente daquela instituição. Conforme suas próprias palavras, tratava-se do começo da Linguística na Universidade de Genebra. E, a partir de Chicichimo (2009, p. 263), podemos acrescentar: tratava-se também de um “verdadeiro começo para Saussure⁹⁰”, uma vez que, como assinala o autor, era a primeira vez que o genebrino falava como professor em uma cadeira especialmente criada para ele.

Apesar da admiração e do respeito que Saussure rapidamente conquistará ao longo de sua atuação profissional na Universidade de Genebra, que, como discutido anteriormente, resultará na formação de discípulos e de uma escola em torno de seu nome, é preciso destacar que o começo “não foi assim tão glorioso”, como afirma Bouissac (2012, p. 98). Primeiro, em razão da condição inicial em que o genebrino se instala na universidade: como professor extraordinário, “um jargão acadêmico moderno, um professor não titular que teve que esperar alguns anos até ter sua docência oficializada em 1896” (BOUISSAC, 2012, p. 98).

Além disso, à época, como afirma Chicichimo, a Universidade de Genebra ainda se apresentava como “um ambiente bastante hostil e pouco preparado para uma linguística

⁹⁰ Tradução nossa: “un vrai début pour Saussure”.

como a dele. Um território a ser conquistado por Saussure⁹¹” (CHICICHIMO, 2009, p. 263). Bouissac (2012, p. 104) destaca ainda o conservadorismo dessa instituição, “que se considerava o templo de preservação da identidade da Suíça de língua francesa”.

Esse contexto inicial de Genebra é importante para situarmos o tom demasiadamente provocativo e, ao mesmo tempo, firme que Saussure assumirá nas conferências, marcado sobretudo por comparações irônicas e pela insistência em demonstrar suas inusitadas ideias a partir de uma gama de exemplos, alguns deles envolvendo, precisamente, a língua francesa. Outro fato digno de nota é a forma como os manuscritos originais dessas conferências se caracterizam: de acordo com Silveira (2007, p. 123-124), eles são marcados por “impasses quase sem sentido que se apresentam nas tentativas de escrita, na escrita e na reescrita sobrepostas, nos incisos”. Para a autora, isto “se apresenta como uma tentativa de escrever o que ainda não fora escrito por ninguém” (ibid., p. 124).

Sendo assim, o fato de estar diante de um público inicialmente “pouco preparado” para uma linguística inovadora, além de suas próprias angústias sinalizadas pelas marcas de seu processo de escrita são aspectos importantes para vislumbrarmos esse “difícil” começo em Genebra, que se deixa perceber através de suas aulas inaugurais.

Por fim, discorreremos sobre o material que será efetivamente utilizado em nossa análise das conferências no Capítulo 3. Por razão de praticidade, recorreremos à edição traduzida de Bouquet e Engler, publicada no Brasil em 2004. Entretanto, cotejamos esta edição com a de Engler (1974), onde encontramos a sinalização clara, com o uso de parêntesis angulares (<>), das intervenções de Saussure através de correções, notas feitas às margens e adições entre linhas; há ainda o uso de colchetes ([]) demarcando os acréscimos julgados evidentes e feitos pelo filólogo, e colchetes vazios para destacar a interrupção do texto. Estas marcas desapareceram completamente na edição de 2002 (com exceção dos colchetes vazios para destacar as lacunas do texto original), o que contribui para dar a impressão equivocada de uma escrita acabada. Para minimizar essa impressão, introduzimos no texto retirado dos ELG as marcas utilizadas por Engler (1974).

Tivemos ainda a possibilidade de visualizar os documentos manuscritos saussurianos com os quais trabalhamos através do site da Biblioteca de Genebra. A experiência de conferir os documentos manuscritos revelou-nos claramente os incontáveis rastros deixados por Saussure na escrita de seu texto, sinalizando suas muitas

⁹¹ Tradução nossa: “une ambiance assez hostile et peu préparée à une linguistique comme la sienne. Une territoire à conquérir pour Saussure”.

hesitações, retomadas e abandonos, diferentemente do que a edição de 2002, sobretudo, sugere ter ocorrido.

Não obstante a tomada de consciência dessas questões particulares a respeito desse material, não empreendemos uma análise diretamente baseada nos manuscritos saussurianos. Pareceu-nos precipitado nos aventarmos nessa tarefa sem o devido respaldo teórico e técnico, diferentemente do que ocorre, de modo muito particular, com o que chamamos aqui de “grupo de Uberlândia”, isto é, o grupo de pesquisadores coordenado pela Profa. Dra. Eliane Silveira da Universidade Federal de Uberlândia, autora mencionada anteriormente, que é pioneira no Brasil nos estudos dos manuscritos saussurianos. Sendo assim, por prudência, mas sobretudo por reconhecimento das exigências necessárias para um trabalho desta natureza, apoiamo-nos, quando possível, nas análises de Silveira (2007) relativamente à parte inicial da Primeira Conferência, objeto de análise da autora.

2.2.3 O III Curso de linguística geral (1910-1911)

“Poucos minutos depois, após ter apresentado superficialmente suas visões acerca da história do estudo da linguagem desde os filósofos gregos, ele começou a especificar o que entende por ‘linguística’: ‘o estudo científico das línguas’, uma definição que ele tomou emprestado do dicionário mais respeitado da época⁹². Ele imediatamente enfatiza que a palavra crucial nessa definição é a palavra ‘científico’. Ele, então, elabora que tipo de fatos – que hoje chamaríamos de dados – essa ciência considerará e que tipo de objetivos buscará alcançar. A estratégia de Saussure consiste em caracterizar tentativas passadas de explicar a língua como interessantes, porém irrelevantes para uma investigação verdadeiramente científica. Isso implica que essas abordagens incluem os vários esforços feitos até mesmo por seus contemporâneos. Eram riscos realmente grandes. **Essas observações introdutórias significavam a promessa de um tipo de graal intelectual: a verdade sobre a língua que só um método científico pode oferecer. E isso era o que estava acontecendo naquele momento, ou seja, durante os próximos oito meses**” (BOUISSAC, 2012, p.20-21, grifo em negrito nosso).

A citação acima foi retirada do primeiro capítulo do livro de Paul Bouissac (2012), intitulado *As últimas aulas de Saussure: uma introdução à linguística geral*, e faz referência aos momentos iniciais da aula do dia 28 de outubro de 1910, a primeira do Terceiro curso de linguística geral ministrado por Saussure em Genebra, quase vinte anos após as conferências em 1891. Esse curso foi ofertado em dois semestres, no período de outubro de 1910 a julho de 1911. É válido pontuar que, àquela altura, Saussure já havia

⁹² Trata-se do Dicionário de Hatzfeld, Darmesteter e Thomas.

construído uma sólida carreira entre seus colegas e alunos genebrinos, tendo deixado o cargo de professor extraordinário em 1896, ano em que é nomeado professor titular.

No capítulo mencionado, Bouissac propõe um “diário dramatizado” daquelas que, de fato, foram as últimas aulas de linguística geral dadas por Saussure. Isso porque, como se sabe, em 1912, apesar da promessa de um quarto curso de linguística geral, no qual a *fala* seria o objeto de discussão, o linguista genebrino precisou se afastar de suas atividades acadêmicas para tratar de sua saúde, vindo a falecer em fevereiro de 1913 aos 56 anos de idade.

A narrativa proposta por Bouissac é apresentada a partir da perspectiva dos alunos, tendo como base o material disponibilizado por Constantin, que, segundo ele, “[...] oferece uma visão única de Saussure como professor, seu estilo pedagógico e, o que é mais importante, quais eram suas ideias sobre a língua ao final de sua vida” (BOUISSAC, 2012, p. 10). O objetivo do autor com essa narrativa é “[...] recriar para os leitores o momento da *experiência de aprendizagem* no contexto concreto do pequeno anfiteatro da Universidade de Genebra no início do século XX” (BOUISSAC, 2012, p. 18, grifo nosso).

Apesar de tratar-se de uma abordagem ficcional, acreditamos que há certa vantagem em iniciar esta seção com um trecho dessa narrativa uma vez que ele nos oferece, de imediato, a “lente” sob a qual propomos considerar o III Curso: como uma “experiência de ensino”, sobretudo para Saussure, que, sob o efeito da escuta de sua própria prática pedagógica, formula, diante de seus alunos, os princípios da ciência linguística.

Cabe aqui um breve esclarecimento sobre a nossa afirmação de que é no III Curso que Saussure formulará os princípios da linguística, sob a pena de aparentar que estamos desconsiderando toda a trajetória de reflexão do genebrino e os efeitos desse percurso sobre sua própria teorização acerca da língua, questão à qual já nos referimos anteriormente.

Certamente, essa trajetória não se inicia nos cursos de linguística geral, mas abarca os trabalhos publicados pelo linguista genebrino muito antes de seu retorno a Genebra, com destaque para o célebre *Mémoire* (1878) que apresenta, dentre outros aspectos, o esboço da noção de *sistema* que será constantemente aprofundada pelo genebrino ao longo de suas reflexões. Além disso, há de se considerar as inúmeras folhas manuscritas que Saussure não publicou, incluindo aí as pesquisas sobre as lendas germânicas e sobre

os anagramas desenvolvidas pelo genebrino a partir de 1903⁹³, paralelamente as suas obrigações como professor na Universidade de Genebra.

A obra pioneira de Jean Starobinski (1971), intitulada *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*, somada a outras pesquisas, a exemplo dos trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores brasileiros Souza (2012; 2017) e Henriques (2019) sobre os estudos saussurianos acerca dos anagramas e das lendas germânicas, respectivamente, são testemunhos da produtividade teórica desses documentos e revelam uma relação contínua entre os conteúdos abordados nessas pesquisas “complementares” e os conceitos fundamentais da linguística elaborados por Saussure, especialmente os de *língua e fala*, *sincronia* e *diacronia*, *forma* e *substância* e *valor linguístico*. A esse respeito, Souza (2012) pontua na conclusão de seu trabalho:

[...] entendemos que a produção saussuriana sobre os anagramas foi uma produção que refletiu um incessante refinamento e construção de conceitos do campo da linguagem, mais especificamente na delimitação da língua enquanto objeto da linguística. Mesmo em se tratando de análises de textos poéticos, Saussure soube ver nesse *corpus* o funcionamento de língua, e não apenas de fala, o que de fato corrobora a noção de linguagem no próprio pensamento saussuriano. Sendo assim, essa produção foi salutar para Saussure sobre diversos aspectos teóricos, possibilitando, a cada análise, uma melhor distinção entre sincronia e diacronia, entre forma e substância, além de direcioná-lo ainda mais para sua teoria mestra, a teoria do valor (SOUZA, 2012, p. 125).

Sendo assim, se a teorização saussuriana acerca da língua não se restringe apenas aos cursos de linguística geral, mas se espalha por diferentes interesses de pesquisa de Saussure, tal como os trabalhos mencionados acima demonstram, em que sentido o III Curso se destaca em termos de formulação teórica, sobretudo em relação ao enfrentamento por Saussure da questão do “fator Tempo” e seus efeitos?

Para respondermos provisoriamente a essa questão, uma vez que ela só poderá ser contemplada integralmente nos Capítulos 3 e 4, pontuamos inicialmente que essa afirmação encontra seu respaldo na medida que estabelecemos uma análise comparativa entre as conferências de 1891 e as últimas aulas de linguística geral em 1910-1911. Como buscaremos demonstrar a partir de nossa análise, apesar de empreender uma reflexão sobre os efeitos do “fator Tempo” nos dois momentos, é somente no último curso que Saussure forjará os conceitos necessários para abordar a *língua*, que se apresenta como um fenômeno intrinsecamente temporal, como ele insistirá nas conferências e no III

⁹³ (GODEL, 1957, p. 28).

Curso. Essa visada teórica a partir da questão do Tempo desembocará na nomeação do par conceitual *sincronia/diacronia* e, conseqüentemente, na bifurcação da área em *linguística sincrônica* e *linguística diacrônica*, ocorridas no III Curso.

Dito isto, apresentaremos a seguir informações gerais sobre o III Curso e, em seguida, discutiremos sobre o material selecionado para a análise destas aulas.

De início, é oportuno trazermos um comentário de Bouissac acerca da forma como Saussure reagiu diante do convite para ministrar os cursos de linguística geral em 1909. O autor declara que Saussure teve certa relutância para aceitar ministrá-los. Isto porque, antes de 1909, as reflexões do genebrino acerca da natureza da língua e sobre que tipo de ciência a linguística deveria ser permaneceram por anos “como questões particulares ou eram discutidas com um círculo restrito de amigos e estudiosos da área” (BOUISSAC, 2012, p. 9).

Esse “novo” desafio do ensino foi produtivo para Saussure, uma vez que surtiu como um efeito apaziguador para as constantes dúvidas que o acompanharam ao longo de seu processo investigativo, já que ele precisava, em função das aulas, “organizar suas ideias de forma pedagógica” (BOUISSAC, 2012, p. 10). Esse aspecto dá aos cursos e aos materiais a eles relacionados um lugar de destaque no conjunto de textos que constituem a fortuna teórica saussuriana.

No I Curso, datado de 16 de janeiro a 3 de julho de 1907, matricularam-se, 6 alunos, dentre eles, A. Riedlinger (um dos editores do *Cours*); no II Curso, ocorrido no período de novembro de 1908 a julho de 1909, foram 11 alunos matriculados, dentre eles, novamente, A. Riedlinger, e um novo aluno, E. Constantin, que também assistirá às aulas do III Curso. No III Curso, matricularam-se 12 alunos, exatamente o dobro do I Curso. Dentre esses alunos, estão G. Dégallier, F. Joseph, Mme. Sechehaye e, como mencionado anteriormente, E. Constantin.

De Mauro apresenta um breve apanhado quanto aos conteúdos abordados nos cursos, ao qual recorreremos com o intuito de termos uma visão ampla dos tópicos das aulas que antecederam o III Curso. Segundo o autor, no I Curso, Saussure abordou os seguintes temas: Fonologia (fonética fisiológica), Linguística evolutiva, alterações fonética e análogicas, relação entre a análise subjetiva (as unidades tal como percebidas pelo falante na sincronia) e análise objetiva (as raízes, sufixos e outras unidades isoladas da gramática histórica), etimologia popular e problemas de reconstrução (DE MAURO, 1967, p. 353). No II Curso, Saussure discute o problema da relação entre teoria do signo e teoria da

língua, dando abertura para as definições de *sistema, unidade, identidade e valor linguístico*. Segundo De Mauro, a partir dessas definições fundamentais, Saussure

deduz a existência de duas perspectivas metodológicas diferentes para o estudo dos fatos linguísticos: a descrição sincrônica e a descrição diacrônica, cujos problemas ele esboça rapidamente⁹⁴ (DE MAURO, 1967, p. 353).

Bouissac relata que havia uma grande expectativa por parte dos alunos em relação ao conteúdo que seria ministrado no III Curso em função do que Saussure havia trabalhado antes:

Os dois cursos anteriores, ministrados por ele em 1906 e 1908, haviam impressionado aqueles que deles participaram. Havia sido uma experiência excitante e desafiadora. Os alunos deste ano também ouviram dizer que os dois cursos anteriores foram diferentes um do outro. O Professor Saussure não repetia as mesmas coisas ano após ano em seus cursos. Eles não tinham certeza do que esperar [...] (BOUISSAC, 2012, p. 19-20).

Diante do exposto, resta-nos justificar o porquê da seleção do III Curso em detrimento dos anteriores, sobretudo do II Curso, onde os termos “linguística sincrônica” e “linguística diacrônica” aparecem em abundância.

Inicialmente, gostaríamos de ressaltar que não se trata de pressupor que, por terem sido efetivamente as últimas aulas de linguística geral de Saussure, o terceiro curso representaria o estágio mais avançado de sua teorização, numa perspectiva que considera a ordem cronológica dos manuscritos saussurianos, como, por exemplo, o trabalho de Pétroff (2004), que, ao discutir a temática do tempo a partir do reestabelecimento de textos autógrafos de Saussure datados de 1891 a 1911, descarta o CLG de sua análise.

Este trabalho se afasta da perspectiva de Pétroff, em primeiro lugar, porque o CLG compõe nosso *corpus* de análise e, em segundo lugar, porque entendemos que não existe um começo, um meio e um fim no que diz respeito à reflexão teórica saussuriana; o que os cursos representam, em especial o III Curso, é o esforço de Saussure para formular suas ideias da forma mais límpida possível em razão do contexto de ensino, e não a palavra última do genebrino em torno de seu pensamento acerca da linguagem.

Nosso interesse pelo III Curso de Saussure deve-se ao fato de que, a nosso ver, ao enfrentar as questões complexas relacionados ao “fator Tempo” nessas últimas aulas, o genebrino formula os princípios norteadores tanto para o próprio reconhecimento do

⁹⁴ Tradução nossa: “Il déduit de ce corpus de définitions fondamentales l’existence de deux perspectives méthodologiques différentes pour l’étude des faits linguistiques: la description synchrone et la description diachronique, dont il trace rapidement les problèmes”.

objeto *langue* quanto para abordá-lo. Para formularmos essa proposição, apoiamo-nos no trabalho de Gambarara (2005) intitulado *Um texte original: présentation des textes de F. de Saussure*, o qual faremos uma breve apresentação a seguir.

Em seu texto, Gambarara propõe as seguintes ações: 1) defender a leitura de Saussure na época; 2) analisar algumas características do terceiro curso de linguística geral; 3) e, por fim, abordar as notas que o próprio Saussure preparou para esse curso. Das três ações, daremos ênfase à segunda porque, nela, o autor apresenta considerações sobre a constituição do III Curso, tanto no que diz respeito ao seu planejamento prévio quanto a sua execução. Nesse contexto, o autor chama a atenção para os efeitos da atividade docente sobre o próprio Saussure, aspecto que nos interessa.

Ao discutir as características do III Curso, Gambarara 2005, p. 36) constata que, durante a segunda parte do curso, destinada à *langue*, “a dialética entre a instituição (língua) e a mudança (Tempo)” fará Saussure propor uma reformulação nas suas aulas. Nesse processo, o genebrino irá antecipar as aulas sobre “Imutabilidade e mutabilidade do signo” e “Linguística estática e linguística histórica”, que só aconteceriam mais tarde. Diante deste fato, buscamos nos aproximar do ensino de Saussure para investigarmos o contexto em que essa reformulação proposta pelo genebrino a partir da intervenção do “fator Tempo” acontece, assim como seus efeitos sobre sua própria teorização.

Resta-nos, por fim, justificarmos a escolha dos cadernos de Constantin como principal fonte para vislumbrarmos as aulas de Saussure no III Curso. Ao longo deste capítulo, fizemos alguns comentários a respeito desse material que sinalizaram a sua relevância. Agora, gostaríamos de destacar algumas características desse aluno e de sua escuta/escrita atenta das aulas do mestre genebrino. Para isso, apoiamo-nos em Quijano (2005), autora responsável pela edição mais recente desses cadernos publicada no *Cahiers Ferdinand de Saussure*. n. 58, a qual irá compor nosso *corpus* de análise. Um destaque para esta edição diz respeito à publicação de algumas notas preparatórias do próprio Saussure referentes ao mesmo curso ao lado das notas de Constantin, aspecto que auxilia uma análise comparativa desses materiais

Numa carta datada de 23 de janeiro de 1958⁹⁵, Constantin relata a Godel que, após ter assistido à defesa de doutorado deste, aquele momento “inspirador” o fez retomar as anotações sobre linguística feitas durante sua participação nos cursos de Saussure (especificamente os dois últimos cursos de linguística geral e um curso de gramática

⁹⁵ (BPU. Ms. fr. 3972, f. 28 apud QUIJANO, 2005, p. 48).

comparada em grego e latim ofertado de 1909-1910). O aluno então entrega esses cadernos a Godel e o autoriza a tomar as decisões que julgar necessárias quanto a esse material. Lamenta, ainda, não ter conseguido entregá-los antes...

Para Quijano, apesar da disponibilização tardia desses textos, eles são indispensáveis para que possamos “tomar conhecimento desse terceiro curso onde um gênio linguístico incomparável despejou uma vida de estudos e de dúvidas científicas sobre o ‘mistério final da linguagem’⁹⁶” (QUIJANO, 2005, p. 48, grifos no original).

Um primeiro aspecto que chama a atenção em relação aos cadernos de Constantin quando comparados aos dos demais alunos presentes no terceiro curso diz respeito ao seu volume de páginas, que é significativamente maior: foram 11 cadernos com um total de 478 páginas, enquanto os de Georges Dégallier somam 8 cadernos com 223 páginas mais um índice; os de Francis Joseph, um total de 5 cadernos incompletos e os de Mme. Albert Secheyaye, apenas 3 cadernos com um total de 144 páginas⁹⁷.

Para além da riqueza de detalhes que o volume de páginas desse material sugere, somada a muitos outros aspectos igualmente interessantes, há uma característica apontada por Quijano que, para nós, é crucial: para a autora, os cadernos de Constantin não funcionam como uma simples transcrição, mas como uma “tradução” do ensino oral de Saussure:

Escrever exige levar o discurso da boca do professor para a do aluno por ocasião do exame. A passagem pela semiótica gráfica está assim a serviço da expressão oral subsequente. A disposição espacial dos esquemas, as frases lado a lado ou sobrepostas encontradas nestes cadernos tornam esta necessidade óbvia. Não se trata de um texto, mas de notas de um discurso oral que são utilizadas para produzir outro discurso oral numa data posterior⁹⁸ (QUIJANO, 2005, p. 49).

Pelas razões expostas e em função dos objetivos deste trabalho, acreditamos que os cadernos de Constantin se configuram como uma importante fonte de acesso para nos aproximarmos do ensino oral de Saussure, cadernos estes que, apesar de não corresponderem ao que foram efetivamente as aulas do mestre, trazem as marcas do

⁹⁶ Tradução nossa: “prendre connaissance de ce troisième cours où un génie linguistique inégalé a versé une vie d’études et de doute scientifique sur le ‘mystère final du langage’”.

⁹⁷ (GAMBARARA, 2005, p. 32).

⁹⁸ Tradução nossa: “Il faut au moyen de l’écriture mener le discours de la bouche du professeur à celle de l’élève passant l’examen. Le passage par la sémie graphique est ainsi au service de l’expression orale ultérieure. L’arrangement spatiale des schémas, les phrases côte à côte ou superposées que l’on trouve dans ces cahiers rendent évidente cette nécessité. Il ne s’agit pas d’un texte, mais des notes issues d’un discours oral et servant à produire ultérieurement un autre discours oral”.

processo de idas e vindas do professor genebrino em busca de desvendar o fenômeno complexo da língua no Tempo, sob a pena de um estudante especialmente arguto.

CAPÍTULO 3

As Conferências em Genebra: o linguista em atuação

“Eu consideraria, então, só por hoje, *a marcha da língua no tempo*, supondo que não precisamos nos preocupar com o fator da distância geográfica” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 132, grifo nosso).

Se a reflexão sobre os efeitos do Tempo na língua ocupa um lugar central na teorização saussuriana, como atestam os trabalhos revisitados no Capítulo 1, podemos afirmar que as conferências em Genebra representam uma etapa importante nesse percurso teórico de Saussure. Nelas, além do anúncio de noções fundamentais como as de *continuidade e transformação* e de *estado de língua* que, anos mais tarde, reaparecerão nos cursos de linguística geral, o linguista genebrino pretende discutir o fato de que a língua se diferencia no tempo e no espaço, mas, nitidamente, privilegiará o primeiro, dedicando as duas primeiras conferências e uma considerável parte da terceira para abordá-lo.

Para adentrarmos nessa discussão, o contexto particular e simbólico desse evento, discutido no Capítulo 2, não deve ser ignorado: trata-se da estreia de Saussure na Universidade de Genebra, uma instituição predominantemente conservadora e que ainda não desenvolvia uma discussão frutífera acerca dos fenômenos da linguagem como nos renomados centros acadêmicos da Alemanha e da França frequentados pelo genebrino. Por essa razão, conforme afirma Bouissac (2012), para além de seu valor substancial, essas aulas “revelam com grande clareza a posição epistemológica e a agenda de pesquisa desse jovem mestre da teoria da língua” (BOUISSAC, 2012, p. 100).

O tipo de linguagem que caracteriza esses textos, sobretudo o da Primeira Conferência, é um aspecto que vale ser mencionado. Bouissac destaca que Saussure emprega um estilo formal, marcado por “sentenças complexas e longas perguntas retóricas pontuadas por ‘senhores!’” (BOUISSAC, 2012, p. 99). Segundo o autor, isso se deve em razão da expectativa do linguista genebrino de que receberia naquela ocasião “uma plateia maior e mais oficial” (ibidem.). Contudo, conforme mencionado no Capítulo 2, somente familiares e amigos de Saussure e alguns poucos alunos matriculados assistiram a essas conferências.

Outro destaque desse texto, também mencionado no Capítulo 2, é o tom provocativo que Saussure assume ao longo de sua exposição, além das demonstrações exaustivas de seus argumentos. Grande parte dessas provocações são direcionadas às

noções de “língua mãe”, “língua filha”, entre outras, todas muito frequentes na linguística do século XIX. Ainda a respeito das noções que Saussure combate nessas aulas, Bouissac ressalta a “visão essencialista” presente no contexto de Genebra, que concebia o francês como um “ser” independente originado do latim. Segundo o autor,

Essas representações eram particularmente proeminentes no tempo em que os estados-nação que emergiram no século XIX adotaram suas línguas como base de sua identidade nacional e implementaram políticas educacionais com o objetivo de eliminar dialetos e idiomas minoritários, considerando tais manifestações como formas inferiores da língua. Saussure dedica a maior parte de sua aula ao enfraquecimento dessa crença (BOUISSAC, 2012, p. 101).

Isso porque, para construir o objeto da linguística, tema que será abordado por Saussure na PC, era preciso que ideias falsas sobre as línguas fossem abandonadas. Toda a terminologia pautada nessas noções equivocadas, como os termos “língua mãe” e “línguas filhas”, que serão constantemente rebatidos pelo genebrino, desviava a atenção dos linguistas da verdadeira natureza da língua, que se define a partir de sua condição social e histórica, não biológica/orgânica.

Nesse contexto, marcado pelo embate entre a tradição e a inovação que sua presença em Genebra representava naquele período, que Saussure convocará o Tempo como o fio condutor de sua argumentação. Esta não nos parece ser uma escolha banal, uma vez que testemunha o lugar do Tempo como o eixo da teorização saussuriana sobre a língua: para construir o objeto *langue* no projeto científico de uma linguística autônoma, era necessário antes reconhecê-lo no fenômeno complexo da língua no tempo. Nessa direção, já nas aulas de 1891, Saussure insistirá no fato paradoxal de que a língua *se altera em sua continuidade*, uma ideia completamente inusitada para a linguística de seu tempo e, sobretudo, para a Universidade de Genebra.

Apesar de não haver explicitamente nessas aulas um esforço de teorização por parte de Saussure para formular princípios teóricos e estabelecer um método de análise, seu valor deve-se, dentre outros aspectos, ao anúncio de muitas das questões que serão abordadas a respeito do Tempo no III Curso de maneira mais elaborada, sobretudo os conceitos de *imutabilidade* e *mutabilidade* do signo, razão pela qual esse material nos interessa particularmente.

Para procedermos à análise dessas aulas, daremos ênfase à Primeira e à Segunda Conferências porque é nesse material que Saussure abordará mais diretamente os princípios vinculados à relação entre o “fator Tempo” e a língua. Na Terceira e última conferência, Saussure se propõe a discutir os princípios da *continuidade* e da *divergência*

no espaço, embora ainda retome no início algumas das questões discutidas nas conferências anteriores a respeito do Tempo, razão pela qual essa parte inicial da TC também será contemplada. Nesse nosso percurso, buscaremos dar destaque aos principais encaminhamentos dessa discussão para a construção do projeto científico saussuriano guiado pelo princípio do Tempo que se desenrolará de forma mais expressiva e determinante no III Curso.

3.1 Primeira Conferência: o princípio da *continuidade* da língua no tempo

“O *primeiro aspecto*, <com efeito>, sob o qual deve ser considerada a ideia de *História*, quando se trata da língua, ou a primeira coisa que *faz* com que a língua tenha uma história, é o fato fundamental de sua *continuidade no tempo* [...]” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 133, grifos no original – colchetes angulares cf. SAUSSURE, 1974, p. 6).

Segundo Chidichimo (2009, p. 258), Saussure inicia seus trabalhos na Universidade de Genebra exatamente no dia 6 de novembro de 1891, uma sexta-feira, data em que inicia uma série de três conferências que seguirá até o dia 10 de novembro. Cumpre destacar que, das três conferências, a primeira é a que se apresenta relativamente mais extensa. Isso se explica, em parte, em razão do tempo destinado aos rituais iniciais típicos de uma cerimônia de inauguração, mas também em função da introdução que Saussure faz antes de se dedicar ao objetivo principal de sua exposição nesta aula, que é abordar o princípio da *continuidade* da língua no Tempo.

Em razão da extensão desse material, julgamos pertinente dividir a nossa análise em três blocos temáticos e trabalhá-los na sequência: a) no primeiro, Saussure discute a *autonomia da ciência linguística e o objeto dessa ciência*; b) no segundo, o genebrino define a *linguística enquanto uma ciência histórica*, além de esclarecer o *sentido do termo “história” para o linguista*; c) no terceiro, por fim, Saussure discorre sobre o *princípio da continuidade da língua no tempo*.

a) *A autonomia da ciência linguística e o objeto dessa ciência*

As primeiras palavras de Saussure são marcadas pela formalidade típica de uma cerimônia, com uma longa sequência de construções sintáticas, como assinala Bouissac, mas destacam-se particularmente pelo anúncio de “uma nova ordem de estudos” em Genebra:

Se a cadeira, que neste momento eu tenho a honra de inaugurar, representasse *uma nova ordem de estudos* em nossa Universidade, <se

eu tivesse hoje a missão ou o> privilégio <de introduzi-los no edifício que a ciência da linguagem está empenhada em construir há setenta anos, de descrever em linhas gerais o presente estado dessa ciência, de percorrer seu passado, que não é muito longo, ou de prognosticar seu futuro, de definir seu objetivo, sua utilidade, de estabelecer o lugar que ela ocupa no círculo dos conhecimentos humanos e os serviços que ela pode prestar numa> Faculdade de letras, <eu recearia não realizar muito dignamente minha tarefa, mas certamente não poderia me queixar, aqui, de abandono> (SAUSSURE, 2004[2002], p. 126, grifo nosso – colchetes angulares cf. SAUSSURE, 1974, p. 3).

Essa “nova ordem de estudos” deverá ser alcançada a partir da reivindicação da autonomia da ciência linguística e da necessária delimitação de seu objeto próprio. Estes são os dois pontos principais abordados na primeira parte da PC.

Para começar, Saussure destaca a utilidade da linguística para outras ciências como a etnografia e a psicologia, e ressalta que, no caso desta última, há bastante aproximação com o “objeto verdadeiro” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 127). O linguista não explica o porquê da aproximação entre a psicologia e o objeto da linguística, mas sabe-se que essa relação terá efeitos futuros, por exemplo, para o conceito de *signo linguístico*, definido por Saussure como uma unidade psíquica.

Essas constatações iniciais logo serão problematizadas a partir de duas perguntas lançadas por Saussure; nelas, o linguista questiona se, para se justificar ou mesmo para existir, a linguística precisa provar sua utilidade às outras ciências; e, ainda, qual ciência é requisitada a fornecer resultados para enriquecer objetos de outras ciências para que aquela se legitime enquanto tal. Para o genebrino, “isso é recusar a ela qualquer objeto próprio” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 127).

Ao analisar as páginas 3 e 4 do conjunto de manuscritos que correspondem à PC, Silveira (2007) afirma que essas duas perguntas mencionadas acima “iluminam a direção contrária que o texto irá tomar: a utilidade como obstáculo” (SILVEIRA, 2007, p. 128). É digno de nota o fato de que isso se apresenta de tal maneira no processo de escrita do genebrino que, a partir da página 5 do manuscrito, conforme constata a autora, Saussure abandona o termo “utilidade” (ibid., p. 129).

Uma vez abandonada a ideia de “utilidade” em prol da reivindicação da autonomia da linguística, Saussure direciona sua discussão para o objeto linguístico. Afinal, como destaca Silveira, “dizer do lugar da linguística em relação às outras ciências requer que se coloque uma interrogação sobre o seu objeto” (SILVEIRA, 2007, p. 130).

Nesse contexto, os termos *língua* e *linguagem* serão convocados, porém, diferentemente do que se apresenta nos cursos de linguística geral e no CLG, Saussure

não se preocupa, a princípio, em delimitar o objeto *língua* em oposição à *linguagem*, mas apenas em assinalar a relação necessária entre o fenômeno geral da linguagem e os estudos das línguas particulares. A esse respeito, Silveira pontua:

Língua e linguagem não apresentam uma distinção precisa e não parece ser o mais importante no momento em que *é preciso indicar de uma forma clara e categórica o lugar em que se coloca atualmente a ciência da linguagem*. Essa indicação sustenta-se na afirmação de que, seja quando se trata de manifestações diversas, seja quando se trata de leis gerais, **o estudo do fenômeno da linguagem não pode prescindir de se voltar para as formas particulares das línguas** (SILVEIRA, 2007, p. 133, grifo em itálico no original, grifo em negrito nosso).

Ou seja, para Saussure, o caminho para a generalização funde-se necessariamente no estudo das línguas particulares, ou, nas palavras do próprio Saussure, “Língua e linguagem são apenas uma mesma coisa: uma é a generalização da outra” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 128). Para o linguista, essa relação é uma via de mão dupla: não é possível abordar a linguagem sem as suas manifestações, que são as línguas particulares, nem é possível abordar as línguas sem recorrer à noção de linguagem.

Sendo assim, para Saussure, não há como construir uma teoria completa de como a linguagem funciona sem uma delimitação clara do que é o objeto da ciência linguística, e, para que isso seja possível, é necessário ultrapassar os limites da análise empírica em direção à generalização. Para Chiss (1978), é exatamente esse deslocamento do empírico para o teórico que distingue Saussure dos neogramáticos, uma vez que estes, apesar de anteciparem questões teóricas importantes, não ultrapassaram o “terreno do empirismo”: Nessa direção, a metodologia empreendida pelos neogramáticos

Reconhece que a descrição das línguas requer uma fase estática, que esta etapa é essencial para acessar a compreensão do passado, fornece uma base para a constituição da oposição sincrônico/diacrônico, permite avanços inegáveis, como a ruptura com o tema da ‘juventude’ ou ‘velhice’ das línguas, *mas mantém a questão no terreno do empirismo*⁹⁹ (CHISS, 1978, p. 97, grifo nosso).

Chiss prossegue afirmando que esses reconhecimentos feitos pelos neogramáticos se explicam mais por uma questão de “fornecer uma metodologia coerente, uma justificativa sólida para as pesquisas históricas do que para modificar o *télos* da linguística [...]”¹⁰⁰ (ibidem., grifo no original). Para o autor, é Saussure quem verdadeiramente

⁹⁹ Tradução nossa: “Reconnaitre que la description des langues nécessite une phase statique, que cette étape est indispensable pour accéder à la compréhension du passé, fournit une base à la constitution de l’opposition synchronique/diachronique, permet d’indéniables avancées comme la rupture avec le thème de la « jeunesse » ou de la « vieillesse » des langues mais maintient la question sur le terrain de l’empirisme”.

¹⁰⁰ Tradução nossa: “fournir une méthodologie cohérente, une justification solide aux recherches historiques que de modifier le *télos* de la linguistique [...]”.

estabelece a base metodológica e, sobretudo, epistemológica necessária para delimitar claramente o objeto da linguística, e o faz a partir do enfrentamento da questão da temporalidade da língua, pauta principal de suas conferências.

Ainda em relação ao percurso das línguas à generalização, é interessante observar que, para Saussure, todas as línguas são igualmente importantes nesses estudos, desde os dialetos mais recentes até o “mais ínfimo idioma polinésio” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 129). Todos eles contribuem para a construção do “edifício” da linguagem: “É uma pedra que ele traz ao edifício e que não será destruída” (ibidem.) Nesse ponto, há claramente uma provocação por parte de Saussure ao conservadorismo mencionado por Bouissac em relação à instituição genebrina, uma vez que o genebrino atribui valor a dialetos que não gozavam de tanto prestígio na universidade quanto o francês, por exemplo.

Para finalizarmos a discussão desse primeiro bloco, dois comentários são necessários: primeiro, o percurso das línguas particulares para a *langue* será a base do III Curso; Saussure discutirá o conceito teórico de *langue* e os conceitos a ela relacionados depois de uma longa explanação sobre a história das línguas. Ainda a esse respeito, é interessante observar que esta relação entre as línguas e a *língua* coloca em cena a dialética, não apenas entre mutabilidade e imutabilidade/mudança e continuidade, mas também entre empiria e idealização – recorrer às línguas enquanto realidades empíricas para poder conceber a *língua*. Em segundo lugar, mas ainda relacionado ao primeiro, observa-se que é somente pelo estudo das línguas particulares que é possível acompanhar os efeitos do Tempo agindo sobre a língua (continuidade e alteração).

b) A linguística enquanto uma ciência histórica e o sentido do termo “história” para o linguista

Colocadas as questões da linguística enquanto uma ciência autônoma e da relação necessária entre as línguas particulares e a *langue*, Saussure parte para a discussão sobre o lugar da linguística no rol das ciências históricas e sobre a acepção que o termo “história” deve ter para o linguista. Esta é uma questão fundamental para que o linguista genebrino possa avançar posteriormente para a explicitação dos princípios de *continuidade* e de *movimento* da língua no tempo.

Para iniciar essa discussão, Saussure retoma o debate acerca do status de ciência histórica para a linguística em contraposição ao de ciência natural/biológica, que dominou boa parte da linguística do século XIX. Para ele, esse debate já estava “encerrado e bem

encerrado” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 130), uma vez que era consensual a proposição de que “a ciência da linguagem é uma ciência histórica e nada além de uma ciência histórica” (ibidem.). A necessidade do retorno dessa questão deve-se ao sentido do termo “história” no contexto da linguística, haja vista as confusões entre aquilo que corresponde à língua e aquilo que diz respeito unicamente aos fatos externos a ela.

Saussure parte do próprio título da cadeira que estava inaugurando, a saber, “História e Comparação das Línguas indo-europeias”, para anunciar a questão:

Como é particularmente a respeito dessa ideia de história que se insistiu no título deste curso – ainda que outras denominações, como *Gramática comparada*, sejam mais usadas – eu acredito que devo tentar fazer o comentário, necessariamente muito abreviado e incompleto, do sentido que tem a palavra *história* para o linguista (SAUSSURE, 2004[2002], p. 131, grifos no original).

Sendo assim, se, por um lado, já não havia dúvidas de que a linguística se configurava como uma “ciência história”, por outro, o sentido do termo “história” para o linguista carecia de um esclarecimento. Ele então buscará não apenas reafirmar esse consenso, mas explicitar em que sentido a linguística pode ser considerada uma ciência histórica.

Saussure inicia sua argumentação afirmando que quanto mais se estuda a língua, mais se compreende que “*tudo na língua é história*” (ibidem., grifos no original), e que tudo o que parece orgânico na linguagem, na verdade, é “*contingente* e completamente acidental” (ibidem., grifos no original). Aqui, vale pontuar a clara referência aos estudos linguísticos circunscritos na tendência organicista, sobretudo aos desenvolvidos por August Schleicher. Como nos recorda Morpurgo Davies (1998, p. 86), a ênfase dessa tendência estava na descoberta das leis da mudança e de desenvolvimento das línguas, já que, uma vez comparadas aos organismos, as línguas eram concebidas como seres que carregavam em si próprios o impulso para a mudança. Nessa perspectiva, a linguística “se torna uma ciência sem conteúdo histórico”¹⁰¹ (MORPURGO DAVIES, 1998, p. 88).

Para reafirmar o caráter histórico da ciência linguística e argumentar a respeito do real sentido de *história* nessa perspectiva, Saussure trabalhará uma distinção fundamental entre *Língua na História* e *história da língua* (SAUSSURE, 2004[2002], p. 131). Segundo Depecker (2012), essa distinção representa uma “linha divisória fundamental que permite uma primeira repartição dos fatos segundo sejam representados como externos ou internos à língua” (DEPECKER, 2012, p. 40).

¹⁰¹ Tradução nossa: “[...] linguistics becomes a science with no historical content”.

O ponto de vista da *Língua na História* diz respeito aos fatos da língua relacionados “à vida dos povos, à vida política, social, literária”; esses fatos, segundo Saussure, não constituem, “ou constituem só de vez em quando, o que se pode denominar a vida da língua” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 131). O segundo ponto de vista, que é o da *história da língua*, é definido pelo genebrino da seguinte maneira:

É que toda língua tem, em si mesma, **uma história que se desenrola perpetuamente**, feita de uma sucessão de acontecimentos *linguísticos* que, exteriormente, não tiveram repercussão e jamais foram inscritos pelo célebre buril da história; assim como são, por sua vez, completamente independentes, em geral, do que se passa exteriormente (SAUSSURE, 2004[2002] p. 131, grifo itálico no original, grifo em negrito nosso).

É do ponto de vista da *história da língua* que, segundo Saussure, a ciência linguística reivindica o status de ciência histórica. O destaque dado ao termo “linguísticos” no texto denota que os acontecimentos dessa história são independentes de acontecimentos externos e que, por essa razão, não poderiam ter sido apreendidos pelo “célebre buril da história” (ibidem.). Aqui, pode-se ler a reafirmação da autonomia da ciência linguística reivindicada no início da PC: cabe à linguística (e não à História) investigar a história da língua.

Outro destaque importante é quanto ao trecho “uma história que se desenrola perpetuamente”, expressão que remete ao princípio de continuidade que será explorado pelo genebrino em seguida. Ou seja, a história da língua é uma história *perpétua*, que, caso não fossem os acontecimentos externos, como as guerras ou as dominações dos povos, não seria interrompida.

Porém, segundo Saussure, afirmar que “a língua tem uma história” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 132) não é suficiente para classificar a linguística como uma ciência histórica. Para ele, a segunda condição para que uma ciência seja definida dessa maneira é a de que o objeto que constitui a matéria da história represente, “em algum sentido, *atos humanos*” (ibidem., grifo no original). A língua enquadra-se nessa definição, com a diferença de que, de todos esses atos humanos, o “ato linguístico” é o “menos refletido, o menos premeditado e, ao mesmo tempo, o mais impessoal de todos” (ibidem.).

Após definir em que sentido a ciência linguística é compreendida enquanto uma ciência histórica, Saussure se propõe a abordar o que considera “dois pontos capitais” que explicam a diversidade das línguas, a saber, o *tempo* e o *espaço*: “as duas coisas, quando se quer ter uma visão exata dos acontecimentos, devem sempre ser levadas em conta ao mesmo tempo e em conjunto” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 132). Contudo, como

anunciamos na introdução deste capítulo, somente o “tempo” será enfatizado ao longo das três conferências, sendo a questão do espaço bastante curta e reservada apenas para o final da Terceira Conferência. Essa diferença de tratamento sugere fortemente que, embora Saussure afirme serem o tempo e o espaço de igual importância, o Tempo protagoniza a discussão e terá consequências teóricas radicais.

c) *O princípio de continuidade da língua no tempo*

Após insistir no status da linguística enquanto uma ciência histórica e no *ponto de vista da história da língua*, Saussure então abordará o objetivo principal de sua exposição. A *continuidade da língua no tempo*, é, segundo Saussure, o primeiro aspecto que faz com que a língua tenha uma história. O linguista esclarece que *continuidade* não é o mesmo que *fixidez*; para ele, continuidade deve ser entendida como “não interrupção forçada” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 133) da língua.

É nesse sentido que, apesar de todas as revoluções sociais, políticas, religiosas e, até mesmo, linguísticas, nunca houve, historicamente, “uma ruptura na *trama* contínua da linguagem” (ibidem., grifo nosso). Destacamos aqui o uso do termo “trama”, que pode remeter tanto à ideia de “tecido” (termo que será utilizado na Segunda Conferência para discutir o fenômeno da *analogia*) quanto a de um conjunto de acontecimentos ao longo do tempo. Em ambos os casos, tem-se a ideia de um entrelaçamento entre os acontecimentos linguísticos no curso do tempo.

A partir desse ponto, Saussure iniciará sua argumentação em relação ao ato de nomeação das línguas, concentrando-se no exemplo do latim e do francês. Para isso, o linguista recorrerá pela primeira vez à noção de *estado*. Ele explica que o fato de dois estados de língua (por exemplo, o latim do século de Augusto e o francês do século XIX) terem sido convencionalmente denominados de maneiras distintas não significa que sejam “duas coisas” diferentes:

Ora, que há *sucessão*, isso é indubitável e evidente mas, que haja duas coisas <nessa *sucessão*> é <falso, radicalmente> falso e <perigosamente falso, *do ponto de vista* de todas as concepções que se seguem>” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 133, grifos no original – colchetes angulares cf. SAUSSURE, 1974, p. 6).

Para validar essa afirmação, Saussure recorre à “simples observação¹⁰²” de que cada falante utiliza, no dia seguinte, a língua que falava no dia anterior. Por essa razão,

¹⁰² É oportuno destacar que essa maneira de se referir ao lugar do sujeito falante em relação a sua língua como uma “simples observação” também ocorrerá no III Curso. A nosso ver, essa expressão utilizada por

não existe ruptura entre o latim e o francês: “Jamais aconteceu que as pessoas da França acordassem dizendo *bom-dia* em francês, tendo, antes de dormir na véspera, dito *boa-noite* em latim” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 133, grifos no original). Trata-se então do primeiro “abalo” à concepção tradicional de língua como um “ser” independente.

A partir dessa simples constatação, Saussure problematiza duas afirmações corriqueiras da época: 1) a de que “o francês vem do latim” e 2) a de que o francês é língua filha do latim ou a de que o latim é língua mãe das línguas românicas. Baseando-se nas colocações de Gaston Paris, linguista romanista e um dos pioneiros na área da filologia, o genebrino rebate a primeira afirmação ao declarar que “o francês não *vem* do latim, mas *é* o latim, falado numa data determinada época e em determinados limites geográficos” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 134, grifos no original). Ou seja, num tempo e num espaço definidos. Para demonstrar sua afirmação ousada, Saussure vale-se da palavra francesa *chanter*, afirmando que essa palavra não “vem” da palavra latina *cantare*, “mas *é* a palavra latina *cantare*” (ibidem.).

Já em relação à 2), Saussure nega a existência de línguas filhas e línguas mães a partir do pressuposto de que essas denominações são estranhas às próprias “condições em que falamos, cada um, a nossa língua materna” (ibidem.). Aqui, novamente, o linguista convoca a noção de *estado* para argumentar que as diferentes denominações nada mais são do que os diferentes estados de língua:

Não existem línguas filhas nem línguas mães, <não existem em parte alguma> e nem jamais existiram. Há, em cada região do globo, *um estado de língua <que> se transforma lentamente*, de semana em semana, <de mês em mês, de ano em ano e> de século em século [...] (SAUSSURE, 2004[2002], p. 134, grifo nosso – colchetes angulares cf. SAUSSURE, 1974, p.7).

Na sequência, Saussure rebaterá as ideias de “nascimento” e de “morte” das línguas, começando por esta última.

Para o linguista genebrino, uma língua “só pode morrer de morte violenta” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 134), nunca por uma morte natural. Isso significa que a “causa” da morte de uma língua é sempre uma causa externa a ela, como, por exemplo, quando todo o povo que fala determinada língua é exterminado ou quando há imposição de um novo idioma em função de uma dominação política. Nesse sentido, a língua, em si mesma, é imperecível, não havendo jamais qualquer razão interna que impeça a sua

Saussure chama a atenção para aspectos “simples”, que, de certa forma, foram negligenciados pelos linguistas de seu tempo por serem aparentemente sem importância para o fenômeno linguístico.

continuidade/transmissão ao longo do tempo: “uma língua jamais morre de esgotamento interior” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 135).

Em seguida, Saussure volta-se para a ideia de nascimento. Segundo o genebrino, jamais houve conhecimento de uma língua que não tivesse sido falada no dia anterior ou, ainda, que não tivesse sido falada da mesma forma no dia anterior. Ele se antecipa em relação a uma possível contra argumentação a partir dos casos de “nascimento” das línguas artificiais, como o *volapük*, e utiliza-se destes para explicar “o que impede que nasça uma língua ou o que garante a transmissão das que existem [...]” (ibidem.).

Em primeiro lugar, Saussure argumenta que o povo está sempre satisfeito com sua língua materna, o que impede a iniciativa “natural” da construção de um novo idioma; em segundo lugar, mesmo que houvesse algum tipo de iniciativa nesse sentido, esta “se chocaria com a resistência invencível da massa que não renunciará a seu idioma habitual” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 135). Ele então volta a mencionar o *volapük* para enfatizar o fato de que, mesmo em condições favoráveis, essa língua não obteve sucesso.

Próximo de finalizar a sua primeira aula, Saussure apresenta uma discussão interessante a respeito de mais uma possível objeção quanto à impossibilidade de se defender a ideia de nascimento de uma língua:

Dir-se-á que negar, <nesse sentido>, que alguma língua tenha *nascido*, é jogar com as palavras, <e que basta definir o que se entende por> nascimento <para que não se possa negar o nascimento ou o> desenvolvimento progressivo de uma língua como o alemão, o francês. Eu respondo que, neste caso, joga-se com outra palavra, que é a palavra *língua*; **na realidade, a língua não é um ser definido e delimitado no tempo** (SAUSSURE, 2004[2002], p. 135, grifo em itálico no original, grifo em negrito nosso – colchetes angulares cf. SAUSSURE, 1974, p. 7).

Aqui, o princípio de continuidade da língua no tempo atinge o seu máximo: se a língua é um *continuum*, e, nesse sentido, não apresenta início, meio e fim, então o ato de nomear *estados* que se formam nessa duração perpétua é completamente arbitrário. Nessa perspectiva, para Saussure, distinguir, por exemplo, as línguas francesa e latina, o alemão moderno e o germânico de Armínio é o mesmo que admitir que, “em algum ponto, um começa e que o outro acaba, o que é arbitrário” (SAUSSURE, 2004[2002] p. 135-136). Trata-se de mais um “golpe” ao conservadorismo genebrino da época.

O trecho que finaliza o texto da PC é breve e marcado por lacunas, mas ainda assim é possível observarmos que o princípio do movimento, tema da próxima conferência, está numa relação de oposição com o princípio de continuidade: “Opondo, em nossa próxima reunião, o princípio de movimento ao princípio de inércia que [], nós teremos []” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 136). Ainda a esse respeito, vale pontuar que

essa escrita entrecortada e lacunar que marca o término da PC parece prenunciar as dificuldades do professor para enfrentar o paradoxo que se impõe para tratar da continuidade e da mudança.

A par dessa informação inicial, partiremos agora para a análise da Segunda Conferência.

3.2 Segunda Conferência: o princípio do *movimento da língua no tempo*

“Chegamos, assim, ao segundo <princípio, de valor universal como o primeiro, cujo conhecimento pode revelar> o que é a história das línguas: <é o ponto> de vista do *movimento <da língua> no tempo* [...]” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 137, grifos no original – colchetes angulares cf. SAUSSURE, 1974, p.8).

Diferentemente do que encontramos na Primeira Conferência, não há introdução na Segunda Conferência. Saussure inicia a SC retomando um ponto central discutido na aula anterior, para, a partir dele, seguir com a discussão proposta para aquele momento. Conforme anunciado na primeira aula, o linguista genebrino irá desenvolver o princípio da *transformação* da língua no tempo.

Aqui, é oportuno chamar a atenção para a oscilação dos termos adotada que se referem aos dois princípios relacionados à língua no tempo. Em relação ao primeiro princípio, observa-se que Saussure oscila entre os termos “continuidade” (no ELG, p. 132, p. 133, p. 137 etc.), “inércia” (p. 136) e “unidade” (p. 137), apesar de o primeiro ser mais abundante nas notas. No que se refere ao segundo princípio, encontramos, na segunda conferência, além do termo “transformação” (p. 137), os termos “movimento” (p. 137) e “mutabilidade” (p. 137). O termo “alteração”, que aparecerá no III Curso, não é utilizado por Saussure nessas notas.

Essa constatação inicial sugere que, nesse instante de sua reflexão, não havia por parte de Saussure uma preocupação em estabelecer uma terminologia mais acabada em relação a esses princípios, apesar de o termo “continuidade” apresentar-se de forma estável. Como buscaremos demonstrar no próximo capítulo, isso mudará na ocasião particular do III Curso, espaço onde os princípios de continuidade e de transformação/movimento/mutabilidade serão nomeados como *imutabilidade* e *mutabilidade*.

Outro aspecto interessante em relação à oscilação de termos para se referir ao segundo princípio é a aparente dificuldade de Saussure em encontrar uma palavra que expresse adequadamente o fato de que *há continuidade na mudança*, ou seja, de que não

há transformação total da língua. Como veremos adiante, o genebrino defenderá não só a correlação entre os dois princípios como também a ideia de que a língua se renova a partir de sua continuidade no tempo; nessa direção, termos como “remanejamento”, “tecido”, “enredamento” são convocados por Saussure na SC, todos eles alinhados à ideia de “trama contínua da língua” aludida na PC, que preserva, na mudança, elementos de sua história.

O linguista genebrino inicia sua segunda aula com uma provocação: uma vez que o princípio da *continuidade* da língua no tempo, discutido na aula anterior, explica a tradição da língua, ou seja, o fato de que não há qualquer cisão “natural”, já que “a língua <do dia seguinte sempre existiu na véspera sob a mesma forma>” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 136 – colchetes angulares cf. SAUSSURE, 1974, p. 8), como explicar que os falantes genebrinos não falavam, à época, o latim que falava Júlio César, ou, ainda, que Júlio César não falava o indo-europeu de seus ancestrais? Noutros termos, como explicar o fato da mudança da língua a partir de sua continuidade?

Em busca de uma resposta para esse questionamento, Saussure recorre à história de um homem russo chamado Boguslawski com sua exposição fotográfica nada tradicional: tratava-se de 480 retratos dele mesmo, sempre com a mesma pose, tirados regularmente no primeiro e no décimo quinto dia de cada mês durante um período de vinte anos. O linguista chama a atenção para o fato de que se forem tomadas duas fotografias de períodos próximos, não será possível notar mudanças significativas; contudo, se forem comparadas a 1ª e a 480ª, o resultado é que teremos claramente “dois Boguslawski” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 137).

Segundo o linguista genebrino, o resultado da exposição fotográfica do excêntrico Boguslawski é semelhante ao que acontece com a língua caso tivéssemos a possibilidade de “fonografar” o seu uso no curso do tempo:

Do mesmo modo, se tivesse sido possível <não fotografar, mas> fonografar <dia a dia>, desde a origem, tudo o que foi expresso em fala sobre o globo ou sobre uma parte do globo, as imagens <de língua> seriam sempre semelhantes de um dia para o outro, mas consideravelmente diferentes e, às vezes, <incalculavelmente> diferentes de 500 em 500 anos ou mesmo de 100 em 100 anos (SAUSSURE, 2004[2002], p. 137 – colchetes angulares cf. SAUSSURE, 1974, p. 8).

O efeito pedagógico dessa comparação feita por Saussure é duplo: testemunha o fato de a língua mudar no tempo e, concomitantemente, revela que essas mudanças só são perceptíveis quando consideradas num espaço longo do tempo. Em intervalos curtos,

essas mudanças, apesar de não cessarem, são imperceptíveis. E, aqui, vale pontuar: imperceptíveis para o *sujeito falante*. O falante não percebe a mudança porque está sempre submetido ao *aqui e agora* da língua e sob o efeito do princípio da *continuidade*: “a língua do dia seguinte sempre existiu na véspera”. Isso basta para que ele se sirva todos os dias de sua língua materna sem atentar-se para as mudanças que nela ocorrem.

Porém, a língua não para de mudar: de semana em semana, de mês em mês, de ano em ano e de século em século, há sempre, em cada região do globo, “um estado de língua que se transforma lentamente” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 134), afirma Saussure na PC. Esse fato é a base do segundo princípio que, para o genebrino, apresenta um “valor universal” assim como o primeiro: o do *movimento da língua no tempo*. Ele acrescenta que, a partir desse princípio, é possível “revelar o que é a história das línguas” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 137).

Ao anunciar o movimento da língua no tempo, Saussure vê a necessidade de salientar que esse princípio não entra em conflito com o da continuidade, “*já que tudo está ali*” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 137). Essa justificativa quase enigmática encontrará seu destino no momento em que Saussure abordar as causas das mudanças linguísticas. Mais adiante, voltaremos a ela.

Na sequência, ele volta a se contrapor à toda a ideia de línguas mães e línguas filhas e de “seres linguísticos” novos, aspecto amplamente abordado na PC para situar a continuidade da língua no tempo. Ao retomar essa crítica, Saussure explica que, mesmo quando se trata das transformações de uma língua no curso do tempo, o resultado dessas mudanças não gerará, *naturalmente*, uma língua “nova”: o que há sempre é uma língua que, uma vez dada,

[...] *rolará e se desenrolará <indefinidamente no tempo>*, sem nenhum termo prefixado à sua existência, sem que haja, nem mesmo, a possibilidade interior de acabar se não houver acidente, nem violência, se não houver uma força maior, superior e exterior que venha aboli-la (SAUSSURE, 2004[2002], p. 137 – colchetes angulares cf. SAUSSURE, 1974, p. 8).

Uma vez anunciados os princípios de *continuidade* e de *mutabilidade*, que explicam a condição da língua no tempo, uma questão se impõe: como sustentar que a língua apresente essas duas características aparentemente contraditórias?

Saussure havia previsto que *continuidade* e *transformação* da língua poderiam ser entendidos como princípios contraditórios. O linguista então rebate:

[...] <longe de serem contraditórios,> [esses princípios] estão em correlação tão estreita e tão evidente que, quando temos vontade de

menosprezar um deles, <ofendemos o outro>, ao mesmo tempo, e inevitavelmente, sem nem mesmo pensar nele (SAUSSURE, 2004[2002], p. 137 – colchetes angulares cf. SAUSSURE, 1974, p.8).

Nas linhas que se seguem, volta à cena o estilo provocativo de Saussure largamente presente na PC. Para argumentar a favor da “correlação tão estreita” entre os dois princípios, o linguista recorre a comparações irônicas que recuperam as ideias de “nascimento” e as de “línguas mães e línguas filhas” já rebatidas anteriormente. Ele afirma, por exemplo, que quem entende a língua francesa como “algo imóvel” no tempo, ou seja, quem desconsidera o princípio de *transformação*, acaba não compreendendo o que se passou entre os anos 500 e 900. E, nesse contexto, supõe um “salto”: “um salto antes de um parágrafo, um toque de varinha mágica, ou um parto <inaudito>, em que um idioma dá <subitamente> a vida a um outro idioma” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 137 – colchetes angulares cf. SAUSSURE, 1974, p.8).

Por outro lado, prossegue o linguista, quem suprime o princípio de *continuidade*, “imaginando que um dia o francês saiu, <como Minerva do cérebro de Júpiter>¹⁰³, armado dos pés à cabeça, das entranhas da língua latina, cai regularmente no sofisma da *imobilidade*” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 137-138, grifo no original – colchetes angulares cf. SAUSSURE, 1974, p.8). Nessa direção, a ideia de “salto” também comparece: a língua francesa teria “saltado” das “entranhas” da língua latina.

É preciso recuperar o contexto das conferências para compreendermos o alcance dessa postura combativa do genebrino. Como já discutido no Capítulo 2, é num ambiente inicialmente ainda bastante conservador no que diz respeito aos estudos linguísticos que o linguista genebrino precisará demarcar claramente a sua posição teórica em relação à língua. O primeiro passo para isso é buscar desfazer diversas concepções habituais em relação a esse objeto, segundo ele, tão complexo. Conforme suas próprias palavras na PC: “Não existe objeto comparável à língua, que é um ser muito complexo” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 133). Para o genebrino, é exatamente isso que faz com que “[...] todas as comparações e todas as imagens de que nos servimos *habitualmente* acabem, regularmente, por nos dar uma ideia falsa” (ibidem., grifo nosso).

Nessa direção, era preciso insistir no caráter complexo da língua para, a partir daí, buscar desfazer o óbvio, o “habitual” em matéria de linguística; as concepções biológicas

¹⁰³ Na mitologia grega, Minerva é a deusa da sabedoria e das artes. Seu “nascimento” deu-se de uma forma bastante atípica: seu pai, Júpiter, após ter engolido a deusa da prudência chamada Métis, sente uma dor de cabeça constante. Em razão disso, pede a seu filho, Vulcano, que abra a sua cabeça com o machado a fim de cessar aquela dor. Da cabeça de Júpiter sai, então, Minerva, em sua forma já adulta.

canalizavam boa parte dessas obviedades em relação à língua, razão pela qual Saussure rebate-as constantemente ao longo das conferências. Sem esse passo fundamental, a compreensão dos princípios de *continuidade* e *transformação* que, para o genebrino, caracterizam a língua no tempo estaria seriamente comprometida, já que pensar a língua como um ser biológico é ignorar as condições históricas reais de seu modo de existência na linha do tempo.

Para Saussure, junto ao equívoco de considerar as línguas como o resultado de “saltos” no curso do tempo, há outra suposição equivocada: a de que, entre dois saltos imaginários, a língua se encontra num estado de *equilíbrio* e de *repouso*. Agora, o linguista genebrino recorre aos seus conhecimentos em relação à Física¹⁰⁴ tanto para apontar o equívoco quanto para desfazê-lo. O linguista é firme e categórico em sua contraposição:

[...] não há jamais, na realidade, um equilíbrio, um ponto <permanente>, estável, em língua alguma. Colocamos, então, o princípio da transformação incessante das línguas como *absoluto* (SAUSSURE, 2004[2002], p. 138, grifo nosso – colchetes angulares cf. SAUSSURE, 1974, p. 8).

É válido destacar a partir desse trecho que Saussure não rejeita a ideia de *estado* de língua, mas a de que esse estado seja permanente, que seja inabalável: há sempre transformação e, portanto, *estados* de língua que se sucedem no tempo. Contudo, a delimitação de um estado de língua não é só possível quanto é plenamente realizada, por exemplo, pela língua escrita. O problema surge quando a língua escrita mascara a realidade da “língua viva”, que é a da incessante transformação. Mais adiante, voltaremos a esse ponto.

Cabe aqui um comentário a respeito do termo *absoluto* utilizado por Saussure para caracterizar o princípio da *transformação incessante* das línguas. Em seu *Dicionário de Filosofia*, Nicola Abbagnano (2012) afirma que o termo latino *absolutus* provavelmente corresponde ao significado do termo grego *kath' autò* (ou *por si*). Nessa perspectiva, “essa palavra qualificaria uma determinação que pertence a uma coisa *pela própria substância* ou *essência* da coisa, portanto, *intrinsecamente*” (ABBAGNANO, 2012, p. 2, grifos no original). Ainda segundo o autor, Kant irá distinguir de “por si” outro significado, a saber, “sob qualquer aspecto”. Segundo Abbagnano, os dois significados são mantidos no uso genérico de *absoluto*, porém, afirma que o segundo prevalece sob o primeiro “por ser

¹⁰⁴ Durante o período de 1875 a 1876, Saussure cursa Química e Física na Universidade de Genebra, seguindo, segundo ele, “uma espécie de tradição familiar” (SAUSSURE, 1960, p. 20).

menos dogmático e não recorrer ao misterioso *em si* ou à natureza intrínseca das coisas”, ao que conclui: “Assim, responder ‘Absolutamente não’ a uma pergunta ou a um pedido significa simplesmente avisar que esse ‘não’ está solidamente apoiado por boas razões e será mantido” (ABBAGNANO, 2012, p. 3).

Ao que nos parece, Saussure utiliza o termo *absoluto* em seu sentido primário, ou seja, o mais “dogmático”: a transformação no tempo é *intrínseca* à língua, faz parte de sua *essência*, e, portanto, trata-se de um *princípio absoluto*. É por essa razão que a ideia de um *estado de equilíbrio* não se sustenta para Saussure: não existe equilíbrio, um “ponto permanente, estável” porque a língua se transforma *incessantemente*.

Logo após anunciar o princípio da transformação como absoluto, o linguista genebrino complementa: “Não ocorre o caso de um idioma que se encontre em estado de imobilidade e de repouso” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 138). De onde vem então a “ilusão” de um estado de *imobilidade* da língua? Para o genebrino, parte dessa ilusão advém da língua escrita.

Vale ressaltar que, na PC, Saussure refere-se à escrita em dois momentos: no primeiro, menciona o papel da escrita como uma estratégia para impor uma nova língua a um povo recém conquistado; no segundo, ao comentar sobre o *volapük*, uma língua artificial, situa o emprego da escrita como parte do “conjunto de circunstâncias totalmente excepcional” que poderia, a princípio, validar o sucesso de uma língua dessa natureza; porém, há sempre uma “resistência invencível da massa que não renunciará a seu idioma habitual” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 135).

Na SC, por sua vez, a língua escrita comparece como o lugar da ilusão sobre a realidade da língua viva, que é a da transformação incessante. Para exemplificar a “tirania da língua escrita” sobre a língua “viva”, Saussure recorre ao francês oficial (“essa espécie de camisa-de-força que é o francês oficial”) para demonstrar que, mesmo submetida a uma vida totalmente “artificial”, que “trava” a “marcha da língua”, o princípio de transformação não cessa de agir sobre ela. Eis o exemplo dado pelo linguista, bem como suas colocações a respeito:

É assim, por exemplo, que <não percebemos mais> que *quatre, lettre, chambre, <double, table>* e todas as palavras que terminam em consoante + *re* ou consoante + *le* estão quase atingindo o ponto em que *re* e *le* terão desaparecido completamente. [...] Já hoje, um linguista que viesse à França com o objetivo de registrar <metodicamente>, por escrito, **o francês falado, <o francês real e autêntico>** [...] escreveria sem hesitar que no ano de 1891, *k-a-t, kat* <é a forma exata ou a forma principal> do quarto numeral, *l-e-t, let*, da palavra significa missiva ou signo do alfabeto. **Porque em Genebra, assim como <em Bordeaux,**

em Paris> em Lille, na rua assim como nos salões, só se fala *kat places, kat jours, ou la let que j'ai reçue, etc.* (SAUSSURE, 2004[2002], p. 138, grifos em itálico no original, grifos em negrito nossos – colchetes angulares cf. SAUSSURE, 1974, p.8).

A escrita do francês oficial mantém *re* em palavras como *quatre* e *lettre*, mas o francês “real e autêntico”, o francês efetivamente falado “na rua assim como nos salões”, em Genebra ou em diferentes cidades da França, esse francês emprega “kat” e “let”. Sendo assim, a língua escrita congela formas que já não acompanham a língua falada, a *marcha* do tempo da língua, criando, assim, uma ilusão de imobilidade. É por isso que, segundo o linguista genebrino, muitas vezes sequer desconfiamos das mudanças ocorridas na “língua verdadeira” que acontecem por intermédio “do trabalho subterrâneo que não cessa de se realizar <na língua viva por> baixo da superfície, <por assim dizer>, congelada, do francês clássico” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 138 – colchetes angulares cf. SAUSSURE, 1974, p. 8).

Essas considerações acerca da escrita são abundantes na teorização saussuriana. No III Curso, por exemplo, ele irá dedicar algumas aulas da parte destinada às “Línguas” para problematizar a relação conflituosa entre língua falada e escrita¹⁰⁵, ressaltando os equívocos cometidos pela gramática comparada ao tomar a palavra escrita como unidade de análise. Essa crítica se estende, inclusive, a Franz Bopp, um dos linguistas comparatistas mais influentes do século XIX. No capítulo *Representação da língua pela escrita*¹⁰⁶ do CLG, lugar onde os editores inseriram parte dessas aulas do III Curso sobre a escrita, Saussure afirma a respeito do eminente linguista alemão: “O próprio Bopp não faz diferença nítida entre a letra e o som; lendo-o, acreditar-se-ia que a língua fosse inseparável do seu alfabeto” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 35).

É nesse mesmo capítulo que também encontramos o famoso trecho em que Saussure irá apartar a escrita do objeto da linguística, atribuindo a ela o lugar subalterno de *representação* da língua:

Língua e escrita são dois sistemas distintos de signos: a única razão de ser do segundo é representar o primeiro; o objeto linguístico não se define pela combinação da palavra escrita e da palavra falada; esta última, por si só, constitui tal objeto (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 34).

¹⁰⁵ De acordo com Gambarara (2005, p. 33), Saussure inicia as aulas a respeito da *Representação da língua pela escrita* no dia 2 de dezembro de 1910. Ainda segundo o autor, essas aulas se estendem até o início de janeiro do ano letivo de 1911.

¹⁰⁶ Vale salientar que os editores mantiveram o mesmo título proposto por Saussure em suas aulas do III C.

Essa passagem teve um grande impacto na linguística do início do século XX, contexto em que a escrita foi majoritariamente excluída dos estudos linguísticos por ser compreendida como mera representação da língua falada.

A respeito da noção de *representação*, Chiss e Puech (1996) afirmam que esse termo serviu como “operador de passagem para leituras redutoras do CLG que acabam identificando *língua* e *língua falada*” (CHISS; PUECH, 1996, p. 44). Ou seja, os autores buscam esclarecer que a relação problemática a que Saussure se refere no trecho acima é a da *língua falada* com a escrita, não a da escrita com o objeto *língua*. Nessa direção, eles argumentam que há uma outra função da escrita presente na teorização saussuriana, a saber, a “função *operatória* de esquematização dos processos linguísticos sem suporte representativo” (ibid., p. 49, grifo no original). Para Chiss e Puech, trata-se de uma escrita que “escreve” o próprio objeto linguístico, a *langue* saussuriana, operação fundamental para a inscrição da linguística no campo das ciências

Ao analisar, no CLG, o capítulo sobre a representação da língua pela escrita em cotejo com outras fontes manuscritas, Turra (2018) afirma que, ao afastar a escrita da língua falada, “há aqui em Saussure um gesto de delimitação de um novo objeto linguístico, outro que não aquele da filologia de seus predecessores [...]” (TURRA, 2018, p. 86). Nessa perspectiva, parece legítimo afirmar com o autor que Saussure não “exclui” a escrita (ou, pelo menos, este não é o principal desdobramento), mas, antes, busca romper com a tradição da linguística anterior de tomá-la como objeto. Nessa direção e contrariando a interpretação de Arrivé (2010) sobre a crítica de Saussure à escrita¹⁰⁷, Turra defende que, na reflexão saussuriana, “a crítica à escrita se justifica mais [...] pelo movimento de ruptura com a filologia da época” (TURRA, 2018, p. 94).

Apesar de produtiva, essa discussão se distancia do propósito deste capítulo e desta seção em particular, razão pela qual não iremos abordá-la. Por ora, gostaríamos apenas de destacar dois pontos em relação à escrita em Saussure que nos parecem importantes. Primeiro, é preciso diferenciar *língua escrita* e *escrita científica* na teorização saussuriana, sendo esta última entendida nos termos de Chiss e Puech como “a escrita que escreve o objeto *langue*”. Na discussão sobre o princípio da transformação da língua no tempo, Saussure claramente convoca a língua escrita para problematizar a ideia de imobilidade fictícia da língua.

¹⁰⁷ Segundo Turra (2018, p. 93), “para Arrivé, a crítica de Saussure à escrita procede de uma confusão do significante com a substância sonora que, num segundo momento, se dissipa, fazendo com que a escrita ocupe outro lugar na obra”.

Em segundo lugar, como discutido acima, o que se observa a partir de Turra é que Saussure não exclui a escrita, mas insiste no fato de que o objeto da linguística que pretende construir parte apenas da *língua falada*. Para o genebrino, é somente a língua falada que permite reconhecer a atuação incessante do princípio de transformação sobre a língua; recordemos o fato de Saussure insistir no francês falado em contraste com o francês oficial, destacando as discordâncias entre o que se observa na fala dessa língua e o que a escrita ainda registra porque está “congelada” num estado “fictício” da língua francesa, uma vez que já não corresponde à língua falada.

Contudo, Saussure não *exclui* a escrita da linguística porque ela é extremamente necessária para o estudo das transformações da língua no curso do tempo: só é possível submeter-se a esse estudo através do recurso ao documento escrito, que testemunha os estados passados das línguas. Nessa direção, lemos no mesmo capítulo sobre a representação da língua falada pela escrita: “Quando se trata de um idioma falado a alguma distância, ainda mais necessário se torna recorrer ao testemunho escrito; e com mais forte razão no caso de idiomas que não existem mais” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 33).

A *escrita insiste*, como afirma Turra (2018, p. 73), razão pela qual Saussure, em vários momentos de seu percurso teórico, vê-se às voltas com as utilidades e os enganos proporcionados pelo testemunho escrito. Não seria diferente em sua reflexão sobre a línguas e sua relação com o Tempo.

Após discorrer sobre os efeitos equivocados da língua escrita em relação à língua “verdadeira”, Saussure encerrará a SC detendo-se especificamente na discussão sobre as *mudanças linguísticas*. O linguista genebrino assim anuncia o último tópico da aula:

Mas é tempo de nos perguntar, sem pegar qualquer exemplo isolado, em que consistem as mudanças que se produzem com necessidade tão constante em todas as línguas, de que natureza são esses <remanejamentos>, essas modificações perpétuas, a que causas remetem, e se têm o mesmo caráter em todas as línguas (SAUSSURE, 2004[2002], p. 138, grifo nosso – colchetes angulares cf. SAUSSURE, 1974, p. 9).

Notemos de imediato que Saussure se propõe a explicar *em que consistem* as mudanças, quais as suas causas e se elas são características de todas as línguas. Não há qualquer menção ao *porquê* as mudanças ocorrem. Se considerarmos a premissa anunciada por Saussure de que o princípio da transformação é absoluto (uma vez que exista, a língua não para de mudar), encontramos subsídios para afirmar que, para o linguista genebrino, a questão das razões pelas quais uma língua pode mudar é irrelevante.

É verdade que fatores externos, como as guerras e a dominação de povos, podem acelerar ou retardar esse processo de mudança das línguas, mas nunca o interromper. Como veremos na próxima seção, no III Curso, Saussure irá se posicionar de forma mais clara em relação à questão da necessidade das mudanças linguísticas. Por ora, detemo-nos apenas às consequências que podem ser pensadas a partir da assunção da transformação da língua no tempo como um princípio absoluto.

Outro destaque que fazemos para esse trecho é quanto ao uso do termo *remanejamento* por Saussure. Vale destacar que, na versão original do texto da SC tal como consta em Engler (1974), há, em relação ao texto dos ELG, uma pequena diferença quanto à forma com que a palavra “remanejamento” aparece (entre parênteses) e à ordem entre “remanejamento” e “modificações”, mas que, a nosso ver, não altera o sentido do todo. Eis o trecho no original: “[...] de quelle nature sont ces *modifications*, <*remaniements*> *perpétuelles*, à quelles causes elles se rattachent, et si elles ont le meme caractère dans toutes les langues” (SAUSSURE, 1974, p. 9, grifo nosso).

Se nos ativermos ao sentido do verbo “remanejar”, logo percebemos que esse termo, a grosso modo, pressupõe a ideia de que alguma coisa é “redistribuída”, “permutada”. Notemos que, nesse sentido, não há perdas, porque o que existia antes não foi apagado, apenas deslocado de sua posição anterior.

É particularmente nesse contexto que situamos a justificativa quase enigmática mencionada anteriormente quando Saussure se posiciona em relação à não contradição entre os princípios de continuidade e transformação. Ao que nos parece, essa afirmação relaciona-se com a ideia de *remanejamento*, ao mesmo tempo em que testemunha a “correlação estreita” entre continuidade e transformação.

De início, recuperemos o contexto em que a referida justificativa aparece na nota da SC: “[...] é o ponto de vista do *movimento da língua no tempo*, mas de um movimento que, em momento algum, *já que tudo está ali*, chega a entrar em conflito com o primeiro princípio, da unidade da língua no tempo” (SAUSSURE, 2004[2002] p. 137).

A frase em questão, *já que tudo está ali*, transcrita por itálico na edição dos ELG, corresponde a um trecho que, no manuscrito, aparece sublinhado¹⁰⁸; checamos essa informação no manuscrito original referente a essa nota através do site da BGP e

¹⁰⁸ Conforme anunciam Bouquet e Engler no prefácio dos ELG em relação a essa decisão metodológica: “Os sublinhados foram padronizados pelos editores: são transcritos por caracteres itálicos” (BOUQUET; ENGLER, 2004[2002], p. 17).

constatamos esse destaque. Para nós, o destaque feito pelo linguista genebrino confere a essa afirmação certo grau de importância na discussão.

Outro aspecto que merece nossa atenção é o uso do termo “unidade” para se referir ao primeiro princípio, que reforça a ideia de que, no curso da história, a língua se apresenta numa “trama contínua”, ou, como afirma Depecker (2012, p. 37), “uma língua forma [...] um todo que se estende de maneira contínua no tempo”. Não há divisões. Não há interrupções. Nessa perspectiva, não há espaço para a ideia de línguas que se originam de outras mais antigas: como advertiu-nos Saussure na PC, “o francês não *vem* do latim, mas *é* o latim, falado numa data determinada e em determinados limites geográficos” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 134, grifos no original).

O exemplo da relação entre o francês e o latim é bastante ilustrativo para pensarmos a ideia de *remanejamento*: trata-se da *mudança daquilo que continua. Tudo está ali*. O francês não é uma língua nova originada do latim, mas é o próprio latim submetido aos princípios de *continuidade* e de *transformação* no tempo. O francês nada mais é do que *um* estado a que chegou a língua latina a partir dos rearranjos “perpétuos” acometidos a seu sistema num certo intervalo de tempo e que, por razões históricas e/ou políticas, convencionou-se chamar de francês. Sendo assim, a ideia de remanejamento pressupõe a de reorganização do material que a própria língua carrega em sua trama contínua. Esse é o ponto de vista da *história da língua* ao qual Saussure insiste na PC, porque é somente a partir desse ponto (e não do ponto de vista da *língua na História*) que é possível reconhecer as condições universais que explicam como o tempo transcorre para as línguas.

Retomemos, agora, a discussão sobre as mudanças linguísticas. Para iniciá-la, o linguista genebrino recorre a três conclusões obtidas pelo estudo da linguagem até aquele momento: 1) a de que a essência do fenômeno da mudança é “a mesma em toda parte”; 2) a de que essa essência foi sempre a mesma, “de sorte que é uma ideia muito falsa acreditar que o problema da origem da linguagem é um problema diferente do de suas transformações” e 3) a de que, em todas as línguas, há duas causas distintas para a mudança linguística, a saber, a mudança *fonética* e a mudança *analógica*.

Em seguida, o linguista genebrino explica a mudança *fonética* e a mudança *analógica*, segundo ele, “os dois grandes fatores de renovação linguística” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 139) a partir de uma série de noções opostas que os caracterizam: “lado fisiológico e físico da fala” x “lado psicológico e mental da fala”; “inconsciente” x “consciente” (embora, para ele, a noção de consciência seja “eminentemente relativa”);

“fatos relativos aos sons” x “fatos relativos às formas gramaticais”; e, por fim, “operações puramente *mecânicas*” x “operações *inteligentes*” (ibidem.).

Na sequência, o genebrino ressalta que a observação e a análise das mudanças fonéticas e analógicas constituem praticamente toda a tarefa do linguista, independentemente da língua, e que, por isso, “é uma tarefa sem fim, mesmo quando se restringe a períodos limitados” (ibidem.). Com isso, o linguista salienta que uma descrição ou uma classificação de “tudo o que está contido na ideia de *mudança fonética* e na de *mudança por analogia*”, seria impossível, mesmo que de forma generalizada (ibidem., grifos no original). Por essa razão, ele se limitará a apresentar alguns exemplos de como essas causas agem na transformação das línguas.

O linguista genebrino inicia então pelos exemplos relacionados à mudança por analogia e irá se concentrar nisso praticamente até o final da SC. Destacamos que a parte dedicada às mudanças fonéticas, além de muito breve quando comparada à parte da mudança analógica, destoa significativamente da “linha de raciocínio contínua” aludida por Depecker (2012, p. 17) para caracterizar os manuscritos relativos às três conferências: trata-se de um trecho marcado por períodos curtos, muito próximo ao de uma estrutura topicalizada, além de algumas lacunas.

O primeiro ponto apresentado pelo linguista genebrino a respeito do fenômeno de analogia é o da fala de uma criança em fase de aquisição de linguagem, considerado por ele como a melhor maneira de percebermos esse fenômeno: “Sua linguagem é um verdadeiro tecido de formações analógicas, que nos fazem sorrir, mas que oferecem, em toda a sua pureza <e candura>, o princípio que não cessa de agir na história das línguas” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 139-140 – colchetes angulares cf. SAUSSURE, 1974, p. 9).

Em seguida, o linguista explica todo o processo mental que acontece para que uma produção como *je venirai* (“eu virei”) por uma criança seja possível:

Para isso, é preciso que, em primeiro lugar, a criança conheça *venir* e que associe, em seu espírito, a ideia contida em *venir* com a que <deseja> exprimir; mas isso não basta; é preciso, em segundo lugar, que ela tenha ouvido dizer *punir* e *je te punirai* ou *choisir* [*je choisirai*]. Então, acontece o fenômeno *punir* : *punirai* = *venir* : *venirai*. <Nada de mais consequente, nada de mais lógico e de mais certo do que o raciocínio que conduz <a *venirai*> (SAUSSURE, 2004[2002], p. 140, grifos no original – colchetes angulares cf. SAUSSURE, 1974, p. 9).

Saussure explica que, em certo sentido, esse processo observado em *je venirai* não se caracteriza como uma transformação, mas como uma *criação* por parte da criança, já

que *venirai* corresponde a um paradigma “novo” para o verbo francês *venir*. Contudo, “em última análise, não passa de uma transformação, já que todos os elementos de *venirai* estão contidos nas formas existentes, fornecidas pela memória” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 140).

Isso nos remete novamente ao trecho enigmático *já que tudo está ali*; neste caso específico, *tudo está potencialmente na própria língua francesa*. Os elementos armazenados na memória da criança para que *venirai* fosse possível, segundo Saussure, podem ser as formas *punirai*, *punir*, ou ainda a relação significativa entre os sufixos *-ir* e *-irai*. Independentemente de qual seja a via de acesso para que a “nova” associação seja feita,

Não haverá jamais criação *ex nihilo*, mas cada inovação será uma nova aplicação de elementos fornecidos pelo estado anterior da linguagem. É assim que a renovação analógica que, em certo sentido, é muito destrutiva, se limita a continuar a cadeia de elementos transmitidos desde a origem das línguas, <sem jamais conseguir rompê-la> (SAUSSURE, 2004[2002], p. 140 – colchetes angulares cf. SAUSSURE, 1974, p. 9).

Constata-se a partir desse trecho que, para Saussure, a analogia é um fenômeno que se limita a continuar a “cadeia de elementos transmitidos desde a origem das línguas” (ibidem.), e não a mudá-las no sentido forte do termo. É por essa razão que a ideia de *remanejamento* discutida anteriormente é fundamental para que Saussure possa fixar o ponto de vista da *história da língua* tratado na PC e, assim, situar os princípios de *continuidade* e de *transformação: a língua tem uma história* marcada por elementos próprios que são transmitidos e que se rearranjam constantemente no curso do tempo. São essas as condições da língua no Tempo.

O texto segue com mais exemplos, retirados do francês, do alemão e do inglês, com o intuito de aclarar o fenômeno da analogia nas línguas. Antes de recorrer a esses exemplos, Saussure faz um comentário sobre a relação entre memória e analogia, afirmando que, caso o poder e a precisão da memória do ser humano fossem bem superiores ao que são, as inovações analógicas poderiam ser quase raras. Porém, prossegue o genebrino, a realidade revela que qualquer língua em qualquer momento “nada mais é do que um vasto enredamento de formações analógicas, algumas absolutamente recentes, outras que vêm de um passado tão distante que podemos apenas adivinhá-las” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 140).

Nesse trecho, é interessante destacar o termo “enredamento”, que remete à ideia de “tecido” aludida por Saussure para falar do fenômeno da analogia na aquisição da

linguagem. Além disso, destaca-se nele a participação do sujeito falante na história da língua, mas não de um lugar marcado pela consciência: como revela o fenômeno da analogia, esse sujeito está sempre e completamente submetido aos elementos e ao sistema de sua língua materna, dado que as inovações são frutos de rearranjos feitos a partir do material que a própria língua oferece.

Na parte final dessa nota, como já dito anteriormente, o linguista genebrino aborda brevemente a causa fonética numa forma de elaboração mais próxima a de um rascunho. De início, ele afirma que essa causa “escapa à nossa atenção e à nossa consciência”, e isso se dá por tantas razões que seria impossível expô-las naquele momento. Talvez seja este o motivo para a brevidade que caracteriza esse tópico na SC.

Na sequência, Saussure afirma que “esse movimento fonético existe em todas as línguas” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 141) e, depois, apresenta alguns exemplos de palavras que ilustram a transformação do som latino “c” em *ch* no francês: *cantare* > *chanter*, *campus* > *champ*, *cathedra* > *chaire*, entre outros. O que se conclui a partir desses fatos é anunciado logo em seguida: “Característica capital: atinge cegamente todas as formas da língua em que se encontra o som em questão e, por conseguinte, oferece um caráter de regularidade matemática” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 142).

É exatamente esse caráter regular da mudança fonética que torna possível o ato de fazer previsões sobre as línguas: “sendo dada uma palavra latina, o que ela será em francês; sendo dada uma palavra indo-europeia, o que ela seria em grego; sendo dada []” (ibidem.); aqui, Saussure interrompe a sua lista de exemplos e, em seguida, escreve entre parênteses “(se não há perturbação por analogia)”.

Sendo assim, é possível reconhecer nessa discussão em relação ao fenômeno da mudança fonética os princípios relacionados às *leis fonéticas* tal como foram propostos pelos neogramáticos. Na ocasião da segunda conferência, o linguista detém-se apenas na retomada dessas noções, sem que haja qualquer acréscimo. Contudo, é oportuno mencionar que, no III Curso, Saussure fará ressalvas em relação ao uso do termo “lei”, além de sua insistência no caráter contingencial das alterações fonéticas, aspecto que problematiza o caráter imperativo das leis fonéticas. A esse respeito, Marques (2016, p. 41) afirma: “Efetivamente, o autor [Saussure] defende que as transformações fonéticas são contingenciais a línguas em exercício, como fruto do movimento criado por cada novo ambiente linguístico, e não em obediência a supostas ‘leis máximas da fonética’”.

E, assim, Saussure encerra sua discussão a respeito do princípio *absoluto do movimento* da língua no tempo, razão pela qual as línguas não cessam de mudar. Porém,

trata-se de uma relativa mudança, já que se trata de remanejamentos do material linguístico que a língua carrega no curso do tempo. Esses remanejamentos, segundo o genebrino, ocorrem em razão de mudanças analógicas e fonéticas, ambos fenômenos intrínsecos às línguas.

3.3 Terceira Conferência: a revisão

“Os objetos considerados em nossas duas primeiras conferências nos dão, desde já, se os agruparmos em nosso espírito, um apanhado suficiente sobre o que é a *condição da língua* <no> *Tempo*, diante do fator *Tempo* [...]” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 142, grifos no original – colchetes angulares cf. SAUSSURE, 1974, p. 10).

Apesar de Saussure ter anunciado que abordaria na Terceira Conferência os princípios da *continuidade* e da *divergência no espaço*, o linguista dedica o início desta aula para fazer uma retrospectiva acerca dos princípios da língua vinculados ao Tempo. Por essa razão, conforme já assinalado, incluímos em nossa análise apenas a parte inicial da TC com o intuito de destacar alguns aspectos que nos pareceram importantes na argumentação do linguista.

O primeiro aspecto que merece destaque é quanto ao trecho que abre a TC e que serviu de epígrafe para esta seção: nele, Saussure grafa a palavra “Tempo” com a inicial maiúscula, além de sublinhá-la; outro destaque é quanto ao uso pela primeira vez nas conferências da expressão “fator *Tempo*”. Como veremos no Capítulo 4, os destaques gráficos dados ao termo “Tempo” e a própria expressão “fator Tempo” são abundantemente utilizados no III Curso, fato que, por si só, sugere que esse elemento não ocupa um lugar banal na teorização saussuriana acerca da língua.

De forma geral, nesta conferência, Saussure recupera da discussão passada pontos que dizem respeito ao seu posicionamento em relação às ideias de nascimento/morte das línguas e ao caráter arbitrário de nomeação das línguas com a mesma postura provocativa que o acompanhou ao longo das conferências. Essa retomada será importante para o momento em que o genebrino explicitará seu posicionamento teórico em relação a essa discussão.

Inicialmente, Saussure retoma seus argumentos sobre a impossibilidade radical de qualquer ruptura ou sobressalto na tradição contínua da língua desde o primeiro dia em que uma sociedade humana falou. Na sequência, ele volta a questionar a ideia de nascimento de uma língua, reafirmando o princípio de continuidade e a nulidade da questão da origem: “só se pode ter, <sobre o globo>, a continuação de um idioma

<existente na véspera>, e sempre <existente na véspera, até que se chegue> à noite <insondável> das eras <decididamente> pré-históricas” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 142 – colchetes angulares cf. SAUSSURE, 1974, p. 11).

Em seguida, Saussure considera o ato de nomeação das línguas. Esse é um aspecto que, como vimos, incomoda profundamente o genebrino. Na TC, esse incômodo também se faz presente:

Sem dúvida, a influência que exercem sobre o nosso espírito dois nomes sucessivos desse gênero é tão decisiva e <tão inabalável>, inextirpável, que eu não sonho, <confesso francamente, em> destruir <tal preconceito>, em alguns dias, com duas ou três <observações de minha parte> (SAUSSURE, 2004[2002], p. 143 – colchetes angulares cf. SAUSSURE, 1974, p. 11).

Para rebater essas ideias consideradas por ele como “preconceituosas”, Saussure recorre à ciência, afirmando que todos os linguistas têm consciência de que é somente pela observação “prolongada” das línguas que se compreende “profundamente, <definitivamente>, a absoluta presunção <e inutilidade> de uma denominação diferente, como latim e francês” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 143 – colchetes angulares cf. SAUSSURE, 1974, p. 11).

Após uma série de afirmações e de metáforas a respeito da língua a fim de demonstrar seu total desacordo com a denominação latim/francês, Saussure demarca claramente sua posição teórica em relação a essa discussão, apoiando-se, para isso, na noção de *estado* desenvolvida ao longo das conferências:

Assim, nós negamos – não apenas que uma língua possa nascer sem ser precedida de uma outra – não apenas, <em segundo lugar>, que uma língua possa subitamente nascer de uma outra, mas, em terceiro lugar, <negamos> que uma determinada língua <nasça gradualmente> de uma outra, pois não há <nenhum instante em que a língua seja menos determinada nem mais determinada do que em outro; não existem, jamais, características permanentes, mas apenas transitórias e, além disso, delimitadas no tempo; *existem apenas estados de língua que são, perpetuamente, a transição entre< o estado> da véspera e o do dia seguinte [...]* (SAUSSURE, 2004[2002], p. 144 – colchetes angulares cf. SAUSSURE, 1974, p.11).

Apesar da força de seus argumentos, o próprio genebrino desacredita que a insistência na denominação latim/francês seja superada:

E, neste momento em que <tenho a honra de lhes> falar, estou persuadido, <estou, para dizer a verdade, absolutamente certo> que, a despeito de tudo <o que digo>, a denominação francês e latim é <infinitamente> mais forte, continuará, para sempre <ou por muito tempo>, mil vezes mais <poderosa no espírito de vocês> do que todas as instâncias a que <eu possa me> entregar <como> linguista para fazer

desabar esse dualismo papelão, que nos importuna, sob o nome de francês e latim (SAUSSURE, 2004[2002], p. 144 – colchetes angulares cf. SAUSSURE, 1974, p.11).

É nesse clima desanimador que Saussure encerra sua discussão acerca dos princípios que regem a língua no Tempo, descrente de que suas palavras possam provocar algum efeito transformador naquela instituição até então conservadora. Contudo, conforme discutido no Capítulo 2, o contexto de Genebra será bastante acolhedor, razão pela qual, mais de dez anos após as suas aulas inaugurais, Saussure divulgará, pela primeira vez, suas ideias inusitadas acerca do fenômeno da linguagem. Nesse contexto, a questão do “fator Tempo” será retomada, porém, de outro lugar. É o que buscaremos demonstrar no próximo capítulo.

CAPÍTULO 4

As últimas aulas sobre linguística geral em Genebra: o professor Saussure em atuação

“A partir desta data, a dialética entre instituição (língua) e mudança (Tempo) que ele enfrenta, *contamina* a própria organização de suas aulas¹⁰⁹” (GAMBARARA, 2005, p. 36, grifo nosso).

A data mencionada na citação acima é 19 de maio de 1911. Já haviam se passado alguns meses desde o início do III Curso de linguística geral em 28 de outubro de 1910, que, segundo Gambarara (2005, p. 36), se estendeu até o dia 4 de julho de 1911. Nos doze dias após o dia 4, os alunos matriculados no curso seriam submetidos aos exames finais. Portanto, a partir do dia 19 de maio, restavam menos de dois meses até a realização desses testes, fato que estava preocupando Saussure.

Durante a realização do III Curso, especificamente no dia 6 de maio de 1911, Saussure concedeu uma entrevista a um de seus alunos, Léopold Gautier, que, vale recordar, estava matriculado naquele curso. Godel (1957, p. 30) relata que Gautier por vezes tinha a oportunidade de conversar com Saussure e costumava fazer anotações após esses encontros com o mestre. Ao publicar pela primeira vez um extrato dessas notas, que corresponde à referida entrevista do dia 6, Godel destaca o contexto que antecede esse encontro; segundo o autor, “Saussure havia dado uma aula no dia anterior sobre as entidades concretas da língua¹¹⁰” (ibidem.). Portanto, o genebrino já havia iniciado a segunda parte do curso destinada à *Língua*.

Antes de partirmos para o conteúdo da entrevista, recorremos ao comentário de Gambarara acerca da maneira com que Saussure havia conduzido o início da segunda parte do curso:

Na terça-feira, 25 de abril, ele começa a segunda parte: *A língua*. O curso prossegue rapidamente: em menos de um mês Saussure mostra que a língua e os signos linguísticos são entidades mentais e sociais, que os signos linguísticos são arbitrários e possuem uma extensão, e que, na língua, existem signos completamente desmotivados e outros relativamente motivados¹¹¹ (GAMBARARA, 2005, p. 34, grifos no original).

¹⁰⁹ Tradução nossa: “A partir de cette date, la dialectique entre institution (langue) et changement (Temps) qu’il affronte, contamine l’organisation même de ses leçons”.

¹¹⁰ Tradução nossa: “Saussure avait donné la veille une leçon sur les entités concrètes de la langue”.

¹¹¹ Tradução nossa: “Le mardi 25 avril, il commence la deuxième partie: *La langue*. Le cours procede maintenant rapidement : en moins d’un mois Saussure montre que la langue et les signes linguistiques sont

A partir desse comentário do autor, é oportuno pontuar que os conteúdos abordados no início da segunda parte estavam circunscritos numa definição de língua considerada unicamente em seu caráter psíquico e social, sem a intervenção do “fator Tempo”. Além disso, o uso do advérbio “rapidamente” nesse trecho se justifica pelo fato de que, segundo Gambarara (2005, p. 33), no início do ano letivo de 1911, Saussure se sentia atrasado no programa; ele ainda não havia concluído a sua vasta exposição sobre as famílias das línguas, iniciada no final de 1910. Por conta disso, de acordo com o autor, o genebrino fará pequenos ajustes no planejamento inicial que tinha para a primeira parte do curso: não abordará o Ural-Altaico e se apressará para apresentar as características gerais das línguas semíticas e para fazer um rápido “tour” pela linguística europeia (ibidem.).

Contudo, o incômodo do professor não se restringe à primeira parte do III Curso, e é exatamente isso o que a entrevista dada a Gautier revela, razão pela qual faremos uma apreciação breve a seguir¹¹².

Logo no início da entrevista, Saussure declara seu estado de insatisfação com o curso até aquele momento: “Ainda estou muito incomodado com meu curso de linguística geral¹¹³” (SAUSSURE, por GAUTIER, 2005[1911], p. 69). Em seguida, Gautier revela ao professor que todos estavam bastante interessados em conhecer “pelo menos um elemento de seu sistema de filosofia da linguagem” (ibidem.). Aqui, vale recordar que, em função da repercussão dos dois primeiros cursos e do fato de Saussure ter anunciado, numa entrevista concedida a Riedlinger em 1909, um “curso filosófico de linguística¹¹⁴”, havia uma grande expectativa por parte dos alunos em relação ao III Curso.

Ao comentário de Gautier, o professor responde desanimado: “Acredito que não. Isso ainda não está suficientemente elaborado¹¹⁵” (ibidem.). Aparentemente sensibilizado com essas declarações, o aluno então pergunta se, antes da morte do professor Wertheimer¹¹⁶, o genebrino ainda não havia se dedicado a esses assuntos. A resposta de Saussure a esse questionamento é um dos trechos mais conhecidos dessa entrevista; nele,

des entités à la fois mentales et sociales, que les signes linguistiques sont arbitraires et possèdent une dimension, et que, dans la langue, il y a des signes complètement immotivés et d’autres relativement motivés”.

¹¹² Utilizaremos aqui a edição dessa entrevista publicada no *CFS* n. 58, 2005, pp. 69-70.

¹¹³ Tradução nossa: “Je suis toujours très tracassé par mon cours de linguistique générale”.

¹¹⁴ Tradução nossa: “[...] cours philosophique de linguistique” (GODEL, 1969, p. 30).

¹¹⁵ Tradução nossa: “Je ne le crois pas. Tout cela n’est pas assez élaboré”.

¹¹⁶ A cadeira de linguística geral foi ocupada por Saussure em razão da aposentadoria do professor Wertheimer.

além de afirmar que se ocupa desses assuntos antes mesmo de 1900, e, portanto, há mais de dez anos, o professor confessa estar diante de um “dilema”:

Pelo contrário, não creio ter acrescentado nada desde então. São assuntos que principalmente me ocuparam antes de 1900. Eu falei este ano sobre muitas questões externas à linguagem, comecei lá no inverno; *mas isso não pode ser suficiente. Encontro-me diante de um dilema: ou expor o assunto em toda a sua complexidade e confessar todas as minhas dúvidas, que podem não ser apropriadas para um curso que deve estar sujeito à exame. Ou faço algo mais simplificado, mais adaptado a um auditório de estudantes que não são linguistas. Mas a cada passo sou interrompido por escrúpulos*¹¹⁷ (SAUSSURE, por GAUTIER, 2005[1911], p. 69, grifo nosso).

Esse trecho é bastante revelador. Em primeiro lugar, testemunha a reflexão contínua e angustiante de Saussure em relação às questões “complexas” em torno da linguística geral. Nessa mesma entrevista, mais adiante, ele afirma que a linguística geral lhe parece um “sistema de geometria”: “Terminamos com teoremas que devem ser demonstrados. Agora vemos que o teorema 12 é, em outra forma, o mesmo que o teorema 33” (SAUSSURE, por GAUTIER, 2005[1911], p. 70). Mesmo após anos dedicados a essa reflexão, as incertezas ainda o dominavam. “Isso ainda não está suficientemente elaborado”, como ele mesmo declara no início da entrevista.

Além disso, é nítido o fato de que, naquele momento do curso, às vésperas de sua finalização e dos exames finais, os lugares de linguista e de professor ocupados por Saussure se entrecruzam, razão que parece explicar seu dilema: enquanto linguista, ele tinha consciência de que era necessário ultrapassar as “questões externas à linguagem”, pois isso não podia “ser suficiente” para abordar a linguística geral; ao mesmo tempo, a complexidade do tema somada as suas constantes dúvidas pareciam pouco adequadas para “um curso que deve estar sujeito à exame”, cujo auditório era formado por “estudantes que não são linguistas”; sobrevinha, agora, a figura do professor preocupado com a compreensão do assunto por parte do alunado.

Diante de tal dilema, qual caminho seguir?

Recordemos inicialmente o comentário de Gambarara aludido acima: em menos de um mês, Saussure já havia abordado conceitos fundamentais relacionados à “Língua”,

¹¹⁷ Tradução nossa: “Au contraire, je ne crois pas avoir rien ajouté depuis lors. Ce sont des sujets qui m’ont occupé surtout avant 1900. J’ai parlé cette année de beaucoup de questions extérieures au langage, j’ai commencé par là en hiver; mais cela ne peut suffire. Je me trouve placé devant un dilemme: ou bien exposer le sujet dans toute sa complexité et avouer tous mes doutes, ce qui ne peut convenir pour un cours qui doit être matière à examen. Ou bien faire quelque chose de simplifié, mieux adapté à un auditoire d’étudiants qui ne sont pas linguistes. Mais à chaque pas je me trouve arrêté par des scrupules. Pour aboutir, il me faudrait des mois de méditation exclusive”.

tais como as noções de *signo linguístico* e de *arbitrariedade*. Em sua proposta de índice do III Curso¹¹⁸, o autor sugere que essa parte inicial tenha ocorrido no período de 25 de abril a 9 de maio (GAMBARARA, 2005, p. 36). Sendo assim, numa direção contrária à vagarosidade que caracterizou a primeira parte do curso destinada às “Línguas”, agora, as aulas seguiam num ritmo acelerado que também parecia não satisfazer Saussure, já que, nessas condições, a exposição de um assunto tão “complexo” e a compreensão deste por parte dos alunos poderiam estar seriamente prejudicadas. De fato, como afirma Gambarara (2005, p. 34), o genebrino não estava satisfeito com a exposição “simplificada” que tinha dado até então.

É, então, que retomamos a data de 19 de maio de 1911 mencionada na epígrafe desta seção. Segundo Gambarara, a partir deste dia, a organização das aulas de Saussure, que até então apresentava um desenvolvimento cronológico bastante claro, será “contaminada” pela dialética entre instituição (língua) e mudança (Tempo) que o genebrino enfrenta. A reflexão sobre a relação “conflituosa” entre língua e Tempo, que, como pudemos observar no capítulo anterior, acompanha Saussure desde as conferências de 1891, pode ser expressa da seguinte maneira: se as condições da língua diante do “fator Tempo” são a da continuidade e a da incessante transformação, como é possível delimitá-la? Ou seja, no terreno contínuo e mutável da língua, como definir o objeto *langue*?

Recordemos o que Saussure declara na Primeira Conferência: “na realidade, a língua não é um ser definido e delimitado no tempo” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 135). Nesse sentido, considerada na linha temporal, o lugar da língua parece ser o da instabilidade. É exatamente essa “complexidade fugidia da língua¹¹⁹” que será enfatizada na reformulação proposta por Saussure a partir do dia 19, o que nos parecer ser uma estratégia do professor genebrino para insistir no fato de que teorizar sobre o objeto *langue* exige necessariamente considerar as reais condições da língua no tempo, que é a da continuidade e a da transformação incessante.

Na referida data, coincidentemente alguns dias após ter conversado com Gautier e de ter declarado ao aluno sua insatisfação com a sua “exposição simplificada” até aquele momento, Saussure propõe uma revisão dos conteúdos relativos à “Língua”; segundo Gambarara (2005, p. 34), nesse momento, o genebrino “retoma e corrige, comenta e

¹¹⁸ O leitor poderá encontrar o índice completo do III Curso proposto por Gambarara no Anexo deste trabalho.

¹¹⁹ Termo cunhado por Normand (2009, p. 149).

problematiza o que já havia dito¹²⁰”. Em seguida, ainda segundo o autor, Saussure enfatiza a distinção entre “linguística da língua” e “linguística da fala”, escolhe trilhar o primeiro desses caminhos (o da linguística da língua) e, somente a partir daí, propõe uma nova terminologia para as duas partes do signo, a saber, os termos “significante” e “significado” (GAMBARARA, 2005, p. 34).

Após essa revisão, Saussure resolve antecipar dois capítulos¹²¹: “Imutabilidade e mutabilidade do signo” e “A Linguística estática e a linguística histórica”. Segundo Gambarara, esses capítulos serão abordados nas aulas dos dias 23 de maio e 2 de junho, respectivamente. Num comentário acerca desse reajuste, o autor afirma que, ao mostrar o paradoxo que liga os princípios de imutabilidade e mutabilidade do signo, Saussure indica “o lugar primordial que pertence ao fator Tempo na ordem dos princípios teóricos e, prosseguindo, expõe a segunda bifurcação entre a linguística estática e a linguística histórica¹²²” (GAMBARARA, 2005, p. 34).

Essa afirmação de Gambarara nos interessa. De fato, podemos observar que, no início do III Curso, especificamente na parte destinada às “Línguas”, o professor havia demonstrado amplamente o papel do tempo e do espaço no que diz respeito à diversidade das línguas no globo. Poucos meses depois, o tempo é novamente convocado, mas, agora, não mais como o “tempo empírico” que age sobre as línguas particulares, mas comparece do lugar da generalização, da teorização sobre a “Língua” e, portanto, como o “fator Tempo”. Aqui, vale destacar também que, embora Saussure tenha abordado, na primeira parte, a história da diversidade das línguas na perspectiva do tempo e do espaço, somente o tempo é convocado para a segunda parte do curso, aspecto que corrobora com o lugar do “fator Tempo na ordem dos princípios teóricos”.

Considerando essa breve contextualização do instante em que Saussure, durante o seu ensino, convoca o “fator Tempo” para teorizar sobre a língua, analisaremos, a seguir, como essa discussão comparece nos cadernos de Constantin, um de seus alunos mais atenciosos e detalhistas, em cotejo com as notas preparatórias de Saussure para o III Curso e com o CLG. Quando pertinente, recorreremos também à edição crítica de Engler (1989)

¹²⁰ Tradução nossa: “[...] reprend et corrige, commente et problématise ce qu’il a déjà dit”.

¹²¹ Gambarara chama a atenção para a forma com que Saussure se refere às aulas do III Curso, a saber, como “capítulos”. A partir deste fato, o autor lança a hipótese de que, embora Saussure não possa ser considerado como autor do CLG, ele “parece ter desenhado seu curso de 1910-11 como autor” (GAMBARARA, 2005, p. 39).

¹²² Tradução nossa: “[...] la place primordiale qui revient au facteur Temps dans l’ordre des principes théoriques, et, partant, expose la seconde bifurcation entre linguistique statique et linguistique historique”.

a fim de complementar alguma informação e/ou trecho ausente no caderno de Constantin ou para situarmos trechos específicos da obra póstuma.

Aqui, vale destacar dois pontos importantes: 1) as notas preparatórias de Saussure para esse capítulo não contemplam todo o conteúdo das aulas, mas apenas uma parte da discussão sobre a *mutabilidade* do signo e parte do início do capítulo sobre linguística estática e linguística evolutiva, razão pela qual é somente a partir desses tópicos que a análise em conjunto dos dois documentos (caderno do aluno e notas do professor) será possível; 2) conforme discutido no Capítulo 2, os cadernos de Constantin não fizeram parte do *corpus* utilizado pelos editores para a montagem do CLG, fato que, por si só, sugere que haja nas anotações do referido aluno características ausentes na edição de 1916. Contudo, para nós, não se trata de evidenciar semelhanças e/ou diferenças entre esses materiais, mas de analisar conjuntamente dois textos que se apresentam como registros de *interpretações* das aulas de Saussure em dois momentos díspares: o texto do aluno, especialmente atento às lições do mestre no III Curso e que, portanto, acompanhou o instante das aulas; e o texto dos editores, ausentes do acontecimento dessas aulas, mas igualmente afetados pelo impacto do ensino de Saussure e que, diante disso, fazem *uma* escolha de interpretação legítima.

Considerando o acontecimento da aula do III Curso, ocorrida no dia 19 de maio de 1911, como determinante para a formulação teórica saussuriana, para procedermos à análise, seguiremos a ordem de exposição das aulas tal como se manifesta no caderno de Constantin aliando-a ao que se observa nas demais fontes, buscando, nessa direção, captar marcas desse acontecimento que testemunhem o lugar teórico do “fator Tempo” para a construção do objeto *langue* e para a conseqüente nomeação dos conceitos de *sincronia* e *diacronia*. Por essa razão, não excluiremos de nossa análise os momentos em que Saussure, por exemplo, insiste em determinados conceitos ou resume os principais tópicos das aulas; todos os gestos típicos do ensino oral para nós são pertinentes para acompanharmos as escolhas do professor Saussure diante do “dilema” confessado na entrevista a Gautier.

4.1 “L’immutabilité et mutabilité du signe”

“Após o segundo capítulo, devemos colocar o que teria sido conduzido mais tarde. Há que inserir este terceiro capítulo: *A imutabilidade e mutabilidade do signo*” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, III C, 2005 [1911], p. 238, grifos no original).

É dessa maneira que Constantin registra o título do novo capítulo inserido pelo professor após a revisão proposta no dia 19 de maio: “*L’immutabilité et mutabilité du signe*”, com a presença do artigo determinado, aspecto este que não se observa nos cadernos de Mme. Sechehay e de Dégalier e, conseqüentemente, no capítulo do CLG, que registram apenas “*Immutabilité e mutabilité du signe*”. Na edição dos cadernos de Constantin presente no *CFS* n. 58, esse capítulo é apresentado da página 238 a 252, desconsiderando dessa contagem as quatro páginas¹²³ em que são reproduzidos as notas manuscritas de Saussure referentes ao III Curso e a edição destas notas que aparece ao lado das anotações de Constantin.

Nesse capítulo, Saussure irá abordar os princípios de *continuidade* e de *transformação* da língua, e, nesse aspecto, há uma clara conexão com a temática discutida nas conferências, salvo algumas diferenças importantes que cumpre assinalar.

No III Curso, observa-se que há uma especificação sobre qual o elemento em que esses princípios atuam: não se trata mais das línguas empíricas, como demonstraram os diversos exemplos retirados do francês, do latim e de outras línguas utilizados nas conferências, mas do *signo linguístico*, a unidade de análise que constitui o sistema da *langue*, objeto teórico visado na segunda parte do curso. Portanto, trata-se da *continuidade e da transformação do signo no Tempo*.

Sendo o *signo linguístico* regido pela *arbitrariedade*, conteúdo abordado por Saussure no início da segunda parte do III Curso e revisado na aula do dia 19 de maio, esse princípio será constantemente retomado pelo genebrino ao discorrer sobre a imutabilidade e mutabilidade do signo. Nas aulas inaugurais de 1891, como vimos, o conceito do arbitrário do signo não comparece; a referência ao termo “arbitrário” nas conferências acontece somente duas vezes, ambas remetendo à discussão sobre a nomeação das línguas como sendo uma escolha totalmente arbitrária e, portanto, sem relação com a noção de signo¹²⁴.

Ainda a esse respeito, pontuamos que Constantin registra em seu caderno a informação de que há uma “ligação” que conduz do capítulo anterior (que versava sobre a arbitrariedade) para o da imutabilidade e mutabilidade do signo, o que sugere que esta

¹²³ A saber, as páginas 244, 245, 250 e 251.

¹²⁴ Por exemplo, no trecho que se segue: “Distingue-se a língua francesa e a língua latina, o alemão moderno e o germânico de Armínio como se distingue []¹²⁴ e, sendo assim, admite-se que, em algum ponto, um começa e que o outro acaba, o que é *arbitrário*” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 136, grifo nosso).

tenha sido uma orientação clara do professor no instante da aula a fim de estabelecer uma coerência interna entre esses conteúdos.

Outra característica que distingue claramente essas aulas do III Curso das notas preparatórias para as conferências diz respeito à própria adoção dos termos “imutabilidade” e “mutabilidade” para se referir aos princípios de *continuidade* e de *alteração*. É verdade que, na Segunda Conferência, Saussure utiliza o termo “mutabilidade” para tratar da transformação, mas esse uso acontece uma única vez e não se estabelece a partir de uma relação de oposição clara com o termo “imutabilidade”, este ausente nas Conferências.

Ainda sobre a terminologia saussuriana, o que se observa nos cursos em geral e no III Curso de forma bastante particular, em contraste com as Conferências, é que há um esforço por parte do professor em propor um refinamento dos termos associados aos conceitos visando a uma clareza a sua exposição, dado o objetivo pedagógico desta. Além da exigência oriunda do ato de ensino, havia ganhos teóricos nessas reformulações: é o que acontece, por exemplo, com as duas partes psíquicas do *signo linguístico*, que, no III Curso, exatamente no momento em que Saussure propõe uma revisão da segunda parte, são nomeadas como “significante” e “significado”, antes designadas respectivamente como “signo” e “ideia”. Ainda que a contragosto (uma vez que, segundo ele, essa reformulação não desfaz completamente os equívocos relacionados ao conceito de *signo*), Saussure propõe esses novos termos a fim de assinalar melhor a oposição entre as partes constitutivas do signo linguístico (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 237-238).

Nesse sentido, insistimos na afirmação de que o ensino oral de Saussure no III Curso, longe de ser apenas uma das atuações profissionais do genebrino, foi determinante para a construção e para o refinamento dos conceitos que se tornarão a base da ciência linguística, com destaque para os de *língua e fala* e *sincronia* e *diacronia*. Embora não acreditemos tratar-se de uma “teoria saussuriana”, no sentido da inexistência de um corpo teórico e metodológico que se apresente como acabado, não há como ignorar o impacto do *esforço de teorização* de Saussure diante de sua classe de alunos, esforço este que também reverberou nos editores do CLG, que, como discutimos no Capítulo 2, decidem publicar o conteúdo dessas aulas mesmo em circunstâncias tão adversas. A respeito do que foi essa experiência de construção teórica vivenciada por Saussure e por seus alunos no III Curso, Quijano (2005) afirma:

No terceiro curso, é o estabelecimento de uma teoria em toda complexidade de sua coerência que os alunos testemunham espantados. Uma construção meticulosa com idas e vindas, obscuridades, descobertas, decepções e, claro, a incompletude, como nos anos 1900¹²⁵ (QUIJANO, 2005, p. 47).

De fato, esta é uma característica marcante do ensino de Saussure. Meillet, um dos alunos mais brilhantes do genebrino, ao recordar-se de sua própria experiência com as aulas de Saussure em Paris, assinala com grande admiração esse estilo único do mestre de ensinar, o que corrobora com a afirmação de Quijano:

ele nunca parecia trazer para sua aula uma verdade pronta; ele preparava cuidadosamente tudo o que tinha a dizer, mas só dava às suas ideias um aspecto definitivo ao falar; e interrompia sua formulação no exato momento em que estava se expressando; seu auditório ficava perplexo diante deste pensamento em formação que ainda estava sendo criado diante de si e que, no exato momento em que estava sendo formulado da maneira mais rigorosa e impressionante, nos deixava à espera de uma fórmula ainda mais precisa e impressionante¹²⁶ (MEILLET, 1913, p. 119).

Contudo, cumpre destacar, no caso do III Curso, diferentemente das aulas em Paris, que o investimento teórico do professor terá por efeito o estabelecimento dos eixos em torno do qual se reconhecerá um gesto epistemológico profundo que redirecionará toda a linguística moderna, razão pela qual seus discípulos se esforçarão para publicar as ideias do mestre.

Se considerarmos ainda a baixa produtividade de Saussure no que diz respeito às publicações acadêmicas nos seus últimos anos de vida, o acontecimento das aulas do III Curso mostra-se ainda mais relevante e digno de atenção. É o que propomos fazer no decorrer desta seção.

Assim como consta no CLG, o primeiro princípio abordado por Saussure em sua aula é o da *imutabilidade*. Ele insiste que, se com relação ao significado, o significante aparece sempre como “livremente escolhido” em razão do princípio da arbitrariedade que rege essa relação, “a propósito da sociedade humana que é chamada a empregá-lo, o

¹²⁵ Tradução nossa: “Dans le troisième cours, c’est à la mise en place d’une théorie dans toute la complexité de sa cohérence que les étudiants assistent émerveillés. Une construction minutieuse avec des va-et-vient, des obscurités, des trouvailles, des déceptions et bien entendu de l’inachèvement, à l’image de la décennie 1900”.

¹²⁶ Tradução nossa: “il semblait n’apporter jamais à son cours une vérité toute faite; il avait soigneusement préparé tout ce qu’il avait à dire, mais il ne donnait à ses idées un aspect définitif qu’en parlant; et il arrêtait sa forme au moment même où il s’exprimait; l’auditeur était suspendu à cette pensée en formation qui se créait encore devant lui et qui, au moment même où elle se formulait de la manière la plus rigoureuse et la plus saisissante, laissait attendre une formule plus précise et plus saisissante encore”.

s[igno] não é livre, mas imposto [...]”¹²⁷ (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 238, grifo nosso).

Aqui, é interessante destacar a aparente insegurança com que Constantin registra o termo *signo* em seu caderno; vale lembrar que o professor acabara de propor uma terminologia nova a respeito desse conceito, a qual o aluno muito provavelmente não estava ainda familiarizado: inicialmente, ele escreve entre parênteses “*signe*” ao lado de “*significante*” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 238), uma vez que era dessa maneira que, anteriormente, o professor se referia à parte mais material do signo; depois, no trecho reproduzido acima, ele interrompe a escrita da palavra, registrando apenas “*s*”, que é complementada no trabalho de edição com o acréscimo de “[*igne*]”. Isso se repete em mais alguns trechos ao longo desse capítulo.

Embora seja apenas uma hipótese, já que a interrupção pode ter se dado tão somente em função da pressa do aluno ao anotar a lição oral, essa constatação reforça a ideia de construção do pensamento do mestre que se deixa perceber a partir das anotações de seus alunos. Ademais, tratando-se de uma reformulação terminológica, o ato de o aluno registrar um *s* no lugar da palavra *signo*, desgastada pelo uso corrente da linguística da época, sugere para nós ser indício do reconhecimento de um novo estatuto teórico para o termo.

Outro aspecto que vale ser mencionado a respeito desse trecho inicial é o registro de um exemplo, ausente na edição de 1916, que ilustra o princípio de arbitrariedade em relação ao signo como uma forma de recuperar os conteúdos dados nas aulas anteriores e conectá-los com o conteúdo atual: Constantin então anota que o “*significante (signo)*” pode ser substituído por outro: “(*mesa* pode ser chamada de *areia* e vice-versa)¹²⁸” (ibidem.).

Em seguida, Saussure enfatiza que nem um único indivíduo nem a massa podem alterar sequer uma palavra da língua francesa, uma vez que todos se encontram presos à língua “tal como ela é”; por essa razão, há a necessidade de examinar tanto as causas quanto as consequências desse fenômeno, consequências estas “que são incalculáveis” (ibidem.). O professor começa a discorrer sobre as causas da *imutabilidade*.

¹²⁷ Tradução nossa: “Par rapport à la société humaine qui est appelée à l’employer, le *s[igne]* n’est point libre mais imposé [...]”.

¹²⁸ Tradução nossa: “(*table* pouvant s’appeler *sable* ou inversement)”.

A primeira causa apontada é o fato de que, a qualquer momento, a língua aparece sempre como “uma herança do momento anterior¹²⁹” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 239). Nesse momento, a questão da origem da linguagem é convocada para destacar a impossibilidade de recuperarmos o ato pelo qual os nomes teriam sido distribuídos às coisas, “o ato pelo qual um contrato teria ocorrido entre ideias e signos, entre significados e significantes¹³⁰”, tudo isso “permanece no domínio exclusivo da ideia¹³¹” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 239). Se nos parece possível ter acesso a esse instante, isso se deve unicamente pelo “sentimento que nós temos da arbitrariedade do s[igne]¹³²” (ibidem.), ou seja, da assunção de que a relação que une o significante e o significado não é resultado de um contrato “natural”, mas convencional.

Recordemos que, nas Conferências, a questão da origem da linguagem também é mencionada por Saussure, mas para descartar a necessidade teórica de se retornar a um possível estado de origem da língua como condição para compreender a língua no presente. Como afirma o genebrino, o problema da origem não difere do de suas transformações: *tudo está ali*. No III Curso, como podemos observar, a ênfase é dada à impossibilidade de se recuperar essa gênese.

Na sequência, Constantin registra o que parece ser mais uma intervenção do professor com o intuito de estabelecer uma conexão do princípio de imutabilidade com as aulas anteriores: “Até agora, vimos um lado social da língua. Há um fator histórico que aparece quando procuramos por que o s[igno] aparece como imutável¹³³” (ibidem.). Sendo assim, o que explica a imutabilidade do signo (notemos novamente o registro incompleto por Constantin do que seria a palavra “signo”) é o fato histórico, ou seja, o fato de que o signo se perpetua no tempo. Aqui está o primeiro indício do que parece justificar o rearranjo dos capítulos propostos por Saussure a partir da aula do dia 19: definir a língua apenas como um fato social e psíquico, como havia sido feito até então, não era suficiente. Era necessário recorrer ao “fator Tempo” para demonstrar a “complexidade” desse objeto teórico.

Porém, apenas afirmar que a língua é uma herança para justificar a imutabilidade do signo não é suficiente: “Mas por que isso é uma herança? Por não se pode mudar nada

¹²⁹ Tradução nossa: “un héritage du moment précédent”.

¹³⁰ Tradução nossa: “l’acte par lequel un contrat serait passé entre les idées et les signes, entre les signifiés et les signifiants”.

¹³¹ Tradução nossa: “reste dans le seul domaine de l’idée”.

¹³² Tradução nossa: “sentiment que nous avons de l’arbitraire du s[igne]”.

¹³³ Tradução nossa: “Jusqu’à présent, nous avons vu dans la langue un côté social. Il y a facteur historique qui apparaît lorsque nous cherchons pourquoi le s[igne] apparaît comme immuable”.

nesta herança?¹³⁴” (ibidem.) Ou, como registram os editores: “Não se podem modificar, de um momento para outro, leis existentes e herdadas? (SAUSSURE, 2006[1916] p. 86). Em seguida, o professor afirma que essas objeções equivalem a colocarmos a língua em seu quadro social e a nos interrogarmos a esse respeito da mesma forma que fazemos em relação a outras instituições sociais.

O trecho que se segue nas anotações de Constantin é marcado por uma sequência de perguntas retóricas, todas indagando o porquê, no caso de uma instituição social como a língua, de o fato histórico ser mais “poderoso” do que o fato social e de essa característica particular excluir “uma mudança geral e repentina¹³⁵” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 239) na língua.

Para responder a esses questionamentos, Saussure apresenta algumas considerações gerais que, embora importantes, não eram consideradas por ele à época como as mais “atuais”. Essas considerações são as seguintes: 1) o fato de as gerações não serem sobrepostas como “gavetas de uma cômoda”, mas de existir, numa mesma geração, “homens de todas as idades”; 2) o esforço requerido no aprendizado de uma língua; 3) o fato de não aplicarmos a reflexão à língua; e, por fim, 4) o fato de a reflexão não ser sequer provocada porque “cada povo está satisfeito com a língua que recebeu” (ibidem.).

Feitas essas observações gerais, o professor parte então para aquelas que considera “mais atuais”, “mais diretas” e que englobam todas as considerações anteriores. Até aqui, é possível observarmos que, apesar de os editores não terem tido acesso aos cadernos de Constantin no momento da elaboração do CLG, não há diferenças significativas entre o texto do aluno, que captura o evento da aula, e o texto da edição, salvo alguns pequenos detalhes, como o exemplo mencionado acima, “(*mesa* pode ser chamada de *areia* e vice-versa)”, que consta no caderno do aluno e está ausente na edição, ou o apagamento das constantes perguntas retóricas lançadas por Saussure a seus alunos, que não escapam à escuta atenta de Constantin. Ou seja, de forma geral, as alterações presentes nesse capítulo da obra póstuma são mais no intuito de darem um acabamento mais refinado a textos que, por serem baseados em registros orais, apresentam características típicas de um ensino, difíceis de serem acompanhadas numa leitura linear; no que diz respeito ao conteúdo em si, não há modificações significativas.

¹³⁴ Tradução nossa: “Mais pourquoi est-ce un héritage? Pourquoi ne pourrait-on rien changer à cet héritage?”

¹³⁵ Tradução nossa: “un changement général et subit”.

Contudo, na discussão acerca das quatro causas que explicam a imutabilidade do signo propostas por Saussure, há três diferenças entre o texto do aluno e o dos editores que valem ser destacadas. Em primeiro lugar, os editores alteram a ordem em que as causas são discutidas na aula; em segundo lugar, há alterações nos títulos que anunciam cada uma dessas causas; e, por fim, Saussure faz uma separação entre a causa externa à língua e as causas que estão “contidas na própria língua” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 240), aspecto não contemplado na obra póstuma. No caso deste último aspecto, é interessante pontuar o trabalho pedagógico de Saussure ao buscar estabelecer claramente o que diz respeito à construção da *langue*, objeto teórico que se apresenta como o fio condutor de toda a segunda parte do III Curso.

As quatro causas da imutabilidade do signo apresentadas no caderno de Constantin são, nessa ordem e sob esses títulos: I) “a língua é uma coisa que todos os indivíduos usam, todos os dias, o dia todo¹³⁶”, II) “A imensa multidão de signos que constituem uma língua”¹³⁷, III) “Base arbitrária do signo”¹³⁸ e IV) “Toda língua forma um corpo e um sistema”¹³⁹. No CLG, por sua vez, são apresentadas as seguintes causas, nessa ordem: 1) “O caráter arbitrário do signo”, 2) “A multidão de signos necessários para constituir qualquer língua”, 3) “O caráter demasiado complexo do sistema” e 4) “A resistência da inércia coletiva a toda renovação” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 87-88). Discorreremos a seguir sobre como essas causas são apresentadas nas anotações de Constantin em cotejo com o texto da edição. Sempre que necessário, faremos referência à ordem dessas causas no CLG a partir da numeração proposta acima: 1), 2), 3) e 4).

O professor começa pela causa *externa*: o fato de os sujeitos falantes se servirem da língua todos os dias. Esta constitui a causa 4) na obra póstuma. Segundo ele, esse fato faz da língua uma instituição que não pode ser comparada a outras instituições sociais, já que, nestas, o uso é restrito a um grupo específico. Para exemplificar, Constantin registra de forma bastante abreviada, “código civil, religião muito formalista¹⁴⁰” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 240), ao que complementa: “O grau de revolução radical é, portanto, diminuído numa grande proporção¹⁴¹”. Em 4), esse mesmo aspecto é

¹³⁶ Tradução nossa: “la langue est une chose dont se servent tous les individus, tous les jours, toute la durée de la journée”.

¹³⁷ Tradução nossa: “La multitude immense des signes constituant une langue”.

¹³⁸ Tradução nossa: “Base arbitraire du signe”.

¹³⁹ Tradução nossa: “Toute langue forme un corps et un système”.

¹⁴⁰ Tradução nossa: “code civil, religion très formaliste”.

¹⁴¹ Tradução nossa: “Le degré de révolution radicale est ainsi diminué dans une très grande proportion”.

descrito de forma mais clara: “A língua, de todas as instituições sociais, é a que oferece menos oportunidades às iniciativas” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 88).

As três próximas causas da imutabilidade foram caracterizadas pelo genebrino como sendo *internas* à própria língua. Saussure discute, na sequência, a multidão dos signos que constituem uma língua, que é a causa 2) no CLG. Segundo o professor, nesse aspecto, não há nenhum elemento que se compare à língua; além disso, ele enfatiza que “a multiplicidade dos elementos que estão em jogo não deve ser desprezada¹⁴²” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 240), um destaque que não consta no CLG. Aqui, vale ressaltar que a ideia de “multiplicidade de elementos em jogo” anuncia, ainda que pontualmente, a noção de *valor linguístico* que será abordada pelo genebrino ao final da segunda parte do curso. Por fim, em contraste com o sistema da língua, o professor menciona um sistema de escrita composto por vinte a quarenta letras; dado o número restrito de elementos, esse sistema pode ser substituído por outro. Caso a língua se apresentasse como um sistema nesses termos, seria muito concebível a ideia de uma alteração total. Porém, não é este o caso.

A próxima causa discutida é a da “base arbitrária do signo”, sendo a causa 1) da obra póstuma. O ponto crucial dessa causa é o de demonstrar que o caráter arbitrário dos signos linguísticos, ao mesmo tempo em que torna a alteração uma possibilidade, já que não existe uma relação motivada entre o significante e o significado, barra qualquer discussão com o intuito de modificar a língua. Noutros termos, não existe razão, por exemplo, para que “mesa” se chame “mesa”, da mesma forma que não há razão para que não seja dessa forma; a massa apenas aceita o signo “mesa” imposto pela tradição da língua.

Além disso, ainda que a massa fosse “mais consciente do que é”, o professor explica que “é necessário ter um padrão comparável às coisas para ter uma base para discussão¹⁴³” (ibidem.). É possível, por exemplo, discutir sobre o símbolo de uma religião formalista, mas quando se trata da língua, que se caracteriza como um sistema de signos arbitrários, falta essa base. Os editores exemplificam esse aspecto da seguinte maneira: “não existe motivo algum para preferir *soeur* a *sister*, ou a irmã, *ochs* a *boeuf* ou boi” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 87).

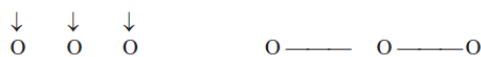
Por fim, a última causa que assegura a imutabilidade do signo é o fato de que “toda língua forma um corpo e um sistema” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p.

¹⁴² Tradução nossa: “la multitude des éléments qui sont en jeu n’est point à dédaigner”.

¹⁴³ Tradução nossa: “il faut avoir une norme comparable aux choses pour avoir un terrain de discussion”.

240), que, no CLG, é a causa 3). Novamente, Constantin registra a intervenção do professor ao assinalar que essa causa antecipa um aspecto que será abordado adiante: o fato de que, considerando a língua enquanto um sistema, há um lado em que ela não se apresenta totalmente arbitrária, mas onde se deve reconhecer uma “razão relativa¹⁴⁴”.

Nesse instante, é possível perceber pelas anotações de Constantin mais uma vez o professor Saussure em atuação: ao mencionar que o contrato entre “o signo e a ideia¹⁴⁵” no sistema é “muito mais complicado¹⁴⁶”, o genebrino tenta ilustrar essa complexidade para seus alunos a partir de uma representação gráfica no quadro, representação esta que foi registrada por Constantin. Cumpre ressaltar que esse registro não consta nos cadernos dos demais alunos cotejados na edição de Engler e, conseqüentemente, no CLG. Reproduziremos, abaixo, essa representação tal como se apresenta na edição desse material publicada no *CFS* n. 58:



(SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 240).

Segundo o professor, a relação “complicada” entre “o signo e a ideia” deve ser representada pelo segundo desenho (na direção da esquerda para a direita), não pelo primeiro. Aqui, é válido destacar que os desenhos estabelecem um recurso gráfico interessante para a distinção entre duas abordagens em relação ao signo linguístico: na primeira, o signo é considerado na linha do tempo (por isso as setas verticais indicadas para baixo) e de forma isolada; na segunda, o signo é considerado num sistema e de forma recíproca, ou seja, a partir de outros signos que compõem o mesmo sistema (por isso as linhas horizontais unindo os elementos). Nesse sentido, esses desenhos antecipam o conteúdo da próxima aula, que versará sobre a linguística estática e a linguística histórica.

Na sequência, Saussure enfatiza que, considerando a complexidade dessas relações entre os signos num sistema, “a operação que consistiria numa mudança radical escapa à massa social¹⁴⁷”, e conclui que esse tipo de iniciativa só deve ocorrer “dentro de uma assembleia de gramáticos e lógicos¹⁴⁸”.

¹⁴⁴ Tradução nossa: “raison relative”.

¹⁴⁵ Tradução nossa: “le signe et l’idée”.

¹⁴⁶ Tradução nossa: “beaucoup plus compliqué”.

¹⁴⁷ Tradução nossa: “l’opération qui consisterait en un changement radical échappe à la masse sociale”.

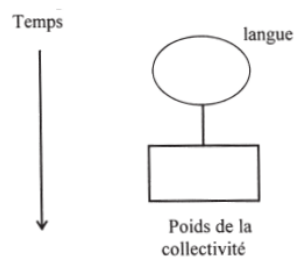
¹⁴⁸ Tradução nossa: “Il faudrait qu’elle se fasse au sein d’une assemblée de grammairiens et de logiciens”.

A partir desse momento, o professor genebrino introduzirá o princípio da *mutabilidade* do signo. Para isso, ele irá novamente enfatizar que é preciso considerar a língua numa perspectiva social e histórica, mas, agora, utilizará a expressão “forças sociais” e mencionará pela primeira vez a expressão “fator Tempo” na parte destinada à “Língua”, que, como discutido no Capítulo 3, aparece uma única vez nas Conferências, mais especificamente na TC.

É pertinente destacar desde então que todas as ocorrências da expressão “fator tempo” ou mesmo do termo “tempo” nos cadernos de Constantin são grafadas com letra minúscula (com exceção de uma ocorrência que será abordada a seguir), o que difere das notas preparatórias de Saussure para a segunda parte do III Curso, cujo termo é grafado pelo genebrino com o “T” maiúsculo. Cumpre ainda ressaltar que, nas notas de Saussure referentes à primeira parte do curso, também há a ocorrência do termo “Tempo” grafado com “T”: por exemplo, no trecho “Modificação <Evolução> no Tempo [...]” (SAUSSURE, 2005[1910], p. 114), retirado do material preparatório para a aula sobre a diversidade geográfica. Contudo, como buscamos sustentar neste capítulo, é somente na segunda parte que o “Tempo” assume o lugar de eixo na teorização saussuriana sobre a língua, razão pela qual a presença desse termo grafado em suas notas com a letra “T” maiúscula é significativa nesse contexto particular.

Ainda a esse respeito, recordamos aqui a crítica feita por Arrivé (2010, p. 134), discutida no Capítulo 1, em relação à supressão da “letra maiúscula autenticamente saussuriana” por parte dos editores do CLG em algumas passagens emblemáticas da obra póstuma, como a que analisaremos na próxima seção. Ao recuperarmos esse comentário de Arrivé, não é nossa intenção endossar a crítica do autor, mas tão somente assinalar que há diferenças significativas entre os três textos (Constantin, Saussure e CLG) quanto a esse aspecto.

Para assinalar a importância da ação do “fator Tempo” em conjunto com a das “forças sociais”, Saussure, como um típico professor, recorre mais uma vez a uma representação gráfica. Reproduziremos o registro desse esquema por Constantin novamente a partir da edição do *CFS* n. 58:



(SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 240).

A partir desse esquema, Saussure explica que, ao lado da “*langue*”, que, por sua vez, é ligada ao “*peso da coletividade*”, deve-se adicionar o “*fator tempo*”, que, no esquema, foi grafado como “*Temps*”, o único registro de “*Tempo*” com letra inicial maiúscula no caderno de Constantin.

Aqui, é pertinente destacarmos duas observações a partir da edição crítica de Engler (1989): em primeiro lugar, na reprodução desse esquema presente no caderno de Constantin, o termo “*temps*” aparece grafado com letra minúscula. Além disso, esse mesmo esquema foi registrado no caderno de Dégallier, salvas algumas diferenças, como podemos observar na reprodução abaixo:



(ENGLER, 1989, p. 164)

Nota-se que o registro de Dégallier reforça o elo necessário entre a “*língua*” e o “*peso da coletividade*” ao apresentar a expressão “*Nós não os separamos*” ao lado de uma chave que abarca os dois elementos, aspecto este ausente no esquema registrado por Constantin.

Como se pode observar nas anotações de Constantin e também nas anotações de outros alunos presentes na edição crítica de Engler, Saussure irá explorar esse esquema ao final da aula, desmembrando-o em partes para reforçar novamente que a presença do Tempo é fundamental. A insistência do professor genebrino nesse tópico, através de sua exposição oral e de esquemas, testemunha a relevância desse assunto, sobretudo quando relacionamos essa aula da imutabilidade e mutabilidade do signo com a aula seguinte, que versará sobre as consequências do “*fator Tempo*” para a linguística. Era preciso

insistir na real condição da língua no Tempo para, em seguida, discutir a maneira de abordá-la.

Somado a isso, é oportuno destacar que a questão do registro em maiúscula por Saussure revela o estatuto teórico específico que o tempo terá nessa discussão: não se trata de um “tempo qualquer”, mas do Tempo que, no contexto da língua, atrela-se a um princípio, o da imutabilidade.

A partir do esquema, Saussure enfatiza que “as forças sociais agem em função do tempo e nos mostra como a língua não é livre¹⁴⁹” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 240), ou seja, que o “fator Tempo” explica a imutabilidade do signo: “a língua é <todo o tempo> solidária do passado>, que é o que a priva de sua liberdade¹⁵⁰” (ibidem.).

A partir dessa afirmação, o professor explora a percepção que todos temos sobre a língua, já que não percebemos inicialmente que nessa convenção “um lugar pode ser reservado para o fator tempo¹⁵¹” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 241). Em seguida, Constantin registra uma passagem muito semelhante ao que se encontra também no caderno de Dégallier, porém, ausente no CLG. Esse trecho é importante porque diz respeito às condições em que se é possível extrair o “fator Tempo” da língua.

Em Constantin, lemos o seguinte: “E, de fato, *teoricamente*, a língua pode ser considerada independentemente do tempo. <como alguma coisa lógica ou psicológica>¹⁵²” (ibidem., grifo nosso). Em Dégallier, por sua vez, encontramos o seguinte trecho: “*Idealmente*, a língua pode ser concebida fora do tempo, como alguma coisa lógica ou psicológica. Na verdade, só conhecemos a língua como transmitida de geração em geração no tempo¹⁵³” (ENGLER, 1989, p. 164, grifo nosso).

Nesse sentido, considerar a língua “fora do tempo” corresponde a um gesto teórico, já que, na realidade, só conhecemos a língua através do fenômeno da sua transmissão no tempo. Esse recorte só é possível se nos fixarmos numa esfera “lógica ou psicológica”, ou seja, na perspectiva do funcionamento da língua para um sujeito falante.

¹⁴⁹ Tradução nossa: “Les forces sociales agissent en fonction du temps et nous montrent en quoi la langue n’est pas libre”.

¹⁵⁰ Tradução nossa: “la langue est <tout le temps> solidaire du passé, c’est ce qui lui ôte sa liberté [...]”.

¹⁵¹ Tradução nossa: “une place puisse être réservée au facteur temps”.

¹⁵² Tradução nossa: “Et en effet, théoriquement, la langue peut être considérée indépendamment du temps. <comme quelque chose logique ou psychologique>”.

¹⁵³ Tradução nossa: “Idéalement la langue peut se concevoir hors du temps. En fait on ne connaît la langue que comme transmise de génération à génération dans le temps”.

Trata-se, aqui, de mais um anúncio do que será abordado por Saussure na aula seguinte a respeito da sincronia e diacronia.

Na sequência, o professor genebrino retoma a ideia de que “a potência do tempo¹⁵⁴” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 241) derrota a cada instante “a potência que podemos chamar arbitrário¹⁵⁵” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 241): “Por que dizemos homem e cachorro? Porque antes de nós se disse homem, cachorro. A justificativa está no tempo”¹⁵⁶ (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 241). No entanto, o tempo não anula a arbitrariedade completamente; na verdade, explica Saussure, a “questão do tempo” e a “questão da arbitrariedade”, apesar de parecerem contraditórias, operam em oposição uma à outra (ibidem.).

Na sequência, o professor genebrino resume os dois fatos manifestados a partir do “fator Tempo” em relação à língua: ele afirma que a “não liberdade” dos signos deve-se ao lado histórico, ou seja, ao fato de a língua continuar no tempo através das gerações. Por outro lado, outro fato manifestado pelo “fator Tempo”, “aparentemente contrário ao primeiro¹⁵⁷”, é o da alteração do signo quando este atravessa um determinado número de gerações.

Após o anúncio dessa relação paradoxal entre os princípios de continuidade e de alteração manifestados a partir do Tempo, Constantin registra mais uma vez uma intervenção pedagógica de Saussure, que explica para os alunos a razão pela qual propôs o título daquele capítulo: “<É assim que> o título do nosso capítulo fala da imutabilidade e da mutabilidade <(alterabilidade)> do signo. As duas coisas se tocam intimamente¹⁵⁸” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 241). E, aqui, a terminologia adotada – “imutabilidade” e “mutabilidade” – ganha todo o sentido: ambos os termos marcam claramente a relação “íntima” entre os dois aspectos relacionados às condições da língua no tempo.

Ainda a respeito do efeito paradoxal do Tempo sobre a língua, cumpre fazermos um breve comentário sobre uma intervenção de Bally e Sechehaye na obra póstuma. Após o anúncio de que o tempo tem um duplo efeito na língua (assegurar sua continuidade e, também, alterar os signos linguísticos), em nota de rodapé, os editores saem em defesa

¹⁵⁴ Tradução nossa: “La puissance temps”.

¹⁵⁵ Tradução nossa: “la puissance qu'on peut appeler arbitraire”.

¹⁵⁶ Tradução nossa: “Pourquoi disons-nous : homme, chien? Parce qu'on a dit avant nous homme, chien. La justification est dans le temps”.

¹⁵⁷ Tradução nossa: “en apparence contraire au premier”.

¹⁵⁸ Tradução nossa: “<C'est ainsi que> le titre de notre chapitre parle à la fois de l'immutabilité et de la mutabilité <(altérabilité)> du signe. Les deux choses se touchent intimement”.

do mestre genebrino com o intuito de desfazer qualquer julgamento que atribua a Saussure “ser ilógico ou paradoxal”. Trata-se de um dos poucos momentos em que as vozes dos “editores intérpretes” comparecem explicitamente no CLG. Segue, abaixo, o trecho em que eles se manifestam a respeito desse tópico:

Seria injusto censurar a F. de Saussure o ser ilógico ou paradoxal por atribuir à língua duas qualidades contraditórias. Pela oposição de dois termos marcantes, ele quis somente destacar uma verdade: que a língua se transforma sem que os indivíduos possam transformá-la. Pode-se dizer também que ela é intangível, mas não inalterável (BALLY; SECHEHAYE, 2006[1916], p. 89).

Chama a nossa atenção o gesto dos editores de buscarem esclarecer o paradoxo da língua no Tempo para livrar o mestre de julgamentos equivocados quando o que nos parece é que o percurso de Saussure parece ser exatamente o contrário: nas aulas do III Curso, num momento de profunda insatisfação com a suposta forma “simplificada” com que vinha abordando os conteúdos relacionados à *langue*, Saussure convoca o “fator Tempo” justamente para acentuar o paradoxo que constitui a língua, não para eliminá-lo. Trata-se, arriscamos dizer, de uma estratégia para deslocar os alunos e a si próprio em direção à complexidade do fenômeno linguístico, passo fundamental para sua teorização. A esse respeito, afirma De Mauro (1982): “A nota dos editores a essa passagem mostra de forma evidente seu desconcerto diante do reconhecimento da dialética que se estabelece na língua entre continuidade e transformação”¹⁵⁹ (DE MAURO, 1982, n. 152, p. 449)

A aula segue e Saussure inicia sua explicação acerca do princípio da mutabilidade: “Por que o signo está em situação de se alterar? Porque continua¹⁶⁰” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 241). O genebrino prossegue afirmando que se a cada dez anos houvesse a instituição de uma nova língua com novos signos, “a noção de imutabilidade do signo seria abolida¹⁶¹” (ibidem.).

A partir desse aspecto, Saussure chama a atenção para o fato de que a alteração nada mais é do que uma forma de continuidade da língua, porque, na realidade, “em qualquer alteração, o que domina é a persistência de *boa parte* do que existia¹⁶²” (ibidem., grifo nosso). Cumpre assinalar que, no que diz respeito a esse trecho, em Dégallier lemos

¹⁵⁹ Tradução nossa: “La note des éditeurs à ce passage montre à l’évidence leur trouble devant la reconnaissance de la dialectique qui s’étabit dans la langue entre continuité et transformation »

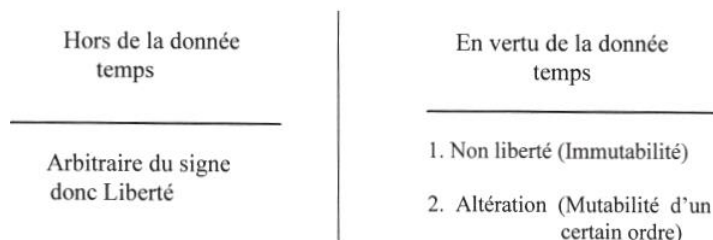
¹⁶⁰ Tradução nossa: “Pourquoi le signe est-il dans le cas de s’altérer? Parce qu’il se continue”.

¹⁶¹ Tradução nossa: “la notion de l’immutabilité du signe serait abolie”.

¹⁶² Tradução nossa: “En toute altération, ce qui domine, c’est la persistance d’une bonne partie de ce qui existait”.

“substância ancestral” (ENGLER, 1989, p. 165); no CLG, por sua vez, encontramos “matéria velha” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 89); tratam-se, pois, de expressões mais precisas do que aquela presente no texto de Constantin. Contudo, em todas as passagens, enfatiza-se que, no fenômeno da alteração, há uma “infidelidade relativa” em relação ao passado; nesse sentido, postula-se que “o princípio da alteração se baseia no princípio da continuidade¹⁶³” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 241).

Agora, o professor propõe mais uma recapitulação dos conteúdos, desta vez para situar os princípios de *arbitrariedade* e de *imutabilidade* e *mutabilidade* do signo em relação ao Tempo. Para isso, desenha no quadro mais um esquema, que foi registrado por Constantin e por Dégallier; a partir desse esquema, observa-se que a arbitrariedade do signo (ou “Liberdade”) está circunscrita na perspectiva do “domínio do tempo”, em oposição à imutabilidade (ou “Não liberdade”) e a “mutabilidade de uma certa ordem” (ou “alteração”), que comparecem “Em virtude do domínio do tempo”. Reproduzimos abaixo esse esquema tal como foi registrado no caderno de Constantin:



(SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 241).

Esse esquema proposto por Saussure tem um papel fundamental: além de, novamente, estabelecer uma conexão entre o conceito de arbitrariedade do signo com os princípios que regem a existência da língua no Tempo, lança luz sobre a questão paradoxal da “Liberdade” e da “Não liberdade”, ou seja, sobre o fato de que os signos são ao mesmo tempo arbitrários, mas não estão sujeitos à liberdade de mudá-los.

Para explicar essa questão, conforme se observa no esquema, Saussure parte de duas condições relacionadas ao “domínio do tempo”: “no domínio do tempo”, espaço onde a língua se apresenta como um *continuum* que se altera, ou seja, como uma herança em constante transformação; Saussure ressalta ainda que essa mutabilidade é “de uma certa ordem”, já que algo do passado da língua persiste nessa mudança. Por outro lado, é possível se situar “fora do domínio do tempo”, ou seja, suspender *idealmente* os efeitos

¹⁶³ Tradução nossa: “Le principe d’altération se fonde sur le principe de continuité”.

do “fator Tempo”, conforme termo registrado por Dégallier, para situar a língua “como alguma coisa lógica ou psicológica”, qual seja, na instância do sujeito falante, lugar onde a liberdade que caracteriza o princípio da arbitrariedade permite o deslocamento da relação entre significante e significado, porém não por um “ato de vontade” do falante, mas como consequência da circulação da língua entre os falantes. Por conseguinte, são esses deslocamentos que explicam a alteração da língua no domínio do tempo.

A aula segue com o comentário de Saussure a respeito da existência de inúmeras formas “<ou fatores> de alteração” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 241). Contudo, o professor ressalta que não é seu objetivo, naquele momento, tentar classificá-las. O mais importante é esclarecer que, em se tratando de *alterações*, isso não significa apenas uma questão de fonética, ou uma questão de “deformação de imagens acústicas ou mudança de significado” (ibidem.); na verdade, quaisquer que sejam os fatores de alteração, eles resultarão sempre numa “alteração da relação entre ideia e signo, ou da relação entre significante e significado¹⁶⁴” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 241-242).

Notemos, inicialmente, que a oscilação entre “signo e ideia” e “significante e significado” persiste. Também é interessante observar que as noções de *signo* e de *sistema* trabalhadas nas aulas anteriores retornam para fixar o sentido de “alteração” na língua: não se trata de uma transformação unilateral; ainda que essas alterações atinjam apenas uma das partes do signo, elas sempre incidem sobre a relação entre significante e significado e, conseqüentemente, sobre o sistema linguístico.

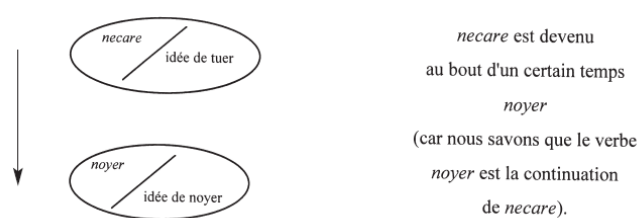
Ainda mais interessante é o trecho que sucede a citação acima, que testemunha o instante em que o professor Saussure ensaia a mudança de “alteração” para um termo que defina melhor o que de fato acontece no fenômeno da mutabilidade da língua: “Seria talvez melhor dizer: ao deslocamento da relação entre ideia e signo¹⁶⁵” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 241-242, grifo nosso). Cumpre assinar que o termo em destaque foi registrado também nos cadernos de Dégallier e Mme. Secheyay (ENGLER, 1989, p. 166) e no CLG (p. 89). Na substituição do termo “alteração” por “deslocamento”, podemos reconhecer a ideia de “remanejamento” aludida por Saussure na Segunda Conferência, que implica não a transformação total, já que a língua se apresenta como um *continuum*, mas o rearranjo dos elementos (agora *signos linguísticos*) no sistema da língua, quer na relação entre as suas partes, quer na sua relação com os demais signos.

¹⁶⁴ Tradução nossa: “l’altération du rapport entre idée et signe, ou du rapport entre signifiant et signifié”.

¹⁶⁵ Tradução nossa: “Il vaut peut-être mieux dire: au déplacement du rapport entre idée et signe”.

Há continuidade na alteração, e, ao que nos parece, Saussure sugere o termo “deslocamento” na aula para melhor expressar esse fenômeno complexo.

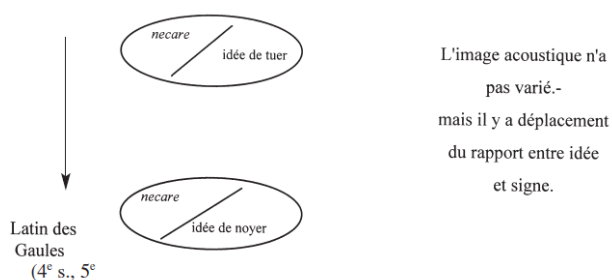
Em seguida, Saussure apresenta uma série de exemplos com diferentes tipos de alterações para ilustrar os deslocamentos que ocorrem na relação entre significante e significado. Vale destacar que encontramos os mesmos exemplos no CLG, com a diferença de que, nas aulas, esses exemplos são acompanhados de esquemas para demonstrar claramente a relação de oposição entre as partes do signo; o uso da seta vertical apontando para baixo para indicar o curso do tempo também é um recurso utilizado pelo genebrino como uma forma de explicitar que esses deslocamentos acontecem a partir da incidência do Tempo:



(SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 242).

Nesse exemplo, o professor genebrino destaca que houve mudança tanto no significante (*necare*, do latim, que tornou-se *noyer*, em francês) quanto no significado (“ideia de matar” no latim e “ideia de afogar” no francês) e que, no fenômeno geral, houve deslocamento na relação entre “ideia e signo”. A “legenda” que Constantin registra ao lado do esquema também é digna de atenção: notemos que há a informação de que *necare* tornou-se *noyer* após um “certo tempo”; e, ainda, que o verbo *noyer* em francês é a “continuação” de *necare*, embora dê testemunho de a relação original entre significante e significado ter sido deslocada. Trata-se, pois, de uma demonstração clara da ação conjunta dos princípios de continuidade e de alteração da língua.

Parece simples perceber a ideia de *deslocamento* partindo de um exemplo em que as duas partes do signo se modificam. Então, o professor recorre a um exemplo muito próximo ao primeiro, porém, situado num outro espaço de tempo: trata-se de um caso do latim clássico e do latim vulgar do século IV ou V:



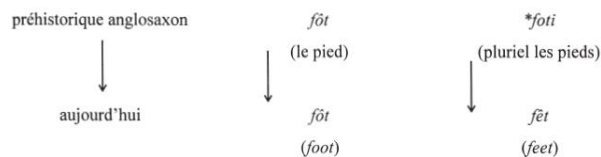
(SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 242).

Nesse caso, o significante não foi alterado: *necare* permaneceu na passagem do latim clássico para o latim vulgar. O significado, por sua vez, mudou do sentido “matar” para o de “afogar”. Contudo, ainda que a alteração tenha afetado, a princípio, apenas o significado, o professor insiste que o resultado geral é sempre o do deslocamento da relação entre as duas partes do signo. O inverso disso também é possível, ou seja, alteração do significante com a permanência do significado antigo.

A sequência dos dois exemplos anteriores é particularmente interessante se pensarmos que podemos encontrar ali o “elo linguístico” que une o latim e o francês. Isto é, o momento intermediário em que observamos, na passagem do latim clássico para o vulgar, um primeiro deslocamento no signo latino que se situa o significado. Deste para o francês, sua porção significante é agora atingida, preservando-se a outra. Se no segundo exemplo a língua é ainda nomeada de *latim*, o fato de receber uma denominação diferente na etapa seguinte (*francês*) é um evento completamente estranho ao funcionamento linguístico. Nesse sentido, podemos reconhecer aqui a demonstração teórica da afirmação de Saussure feita em sua Primeira Conferência: “em parte alguma se conhece, historicamente, uma ruptura na trama contínua da linguagem” (SAUSSURE, 2004[2002], p. 133). Se a sucessão é claramente observada, a ruptura não: o latim não morre para gerar o francês; “o francês não *vem* do latim, mas *é* o latim.” (SAUSSURE, 2004[2002], p.134). A reformulação do conceito de signo proposta por Saussure no III Curso e a noção de arbitrário a ele vinculada sustentam com impressionante elegância teórica a afirmação de certa forma provocadora feita anos antes, quando de sua chegada à Universidade de Genebra.

O último exemplo discutido é de um caso do anglo-saxão pré-histórico em contraste com a forma dessa língua na atualidade. De todos os casos mencionados anteriormente, este é o que coloca em evidência não apenas a relação entre significante e significado, mas sobretudo a relação entre signos num sistema; trata-se da relação

gramatical singular/plural. Não parece banal a aparente “perplexidade¹⁶⁶” com que Constantin registra o seguinte comentário a respeito desse exemplo: “<Aqui, muito complexo>¹⁶⁷” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 242). Eis o exemplo:



(SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 243).

Observa-se que, quanto ao singular *fot*, não houve alteração na passagem do tempo. Porém, em relação aos plurais **foti* e *fet*, houve claramente uma alteração fonética, mas não somente isso: como insiste o professor, “o mecanismo entre as duas palavras mudou¹⁶⁸” (ibidem., grifo nosso). Ou seja, a alteração fonética de **foti* para *fet*, embora tenha acontecido de forma isolada (já que *fot* não foi afetado), repercute no sistema porque provoca um deslocamento na relação entre singular e plural nos dois estados de língua. Com esse exemplo em particular, o genebrino enfatiza para seus alunos que não se trata apenas de identificar mudanças fonéticas ocorridas no curso do tempo, aspecto amplamente abordado no estudo da história das línguas, mas de reconhecer que, uma vez estabelecidas, essas mudanças repercutem no sistema linguístico, reorganizando as relações entre os signos.

Após discutir esses exemplos, Saussure enfatiza que qualquer língua é incapaz de se defender contra os “fatores de alteração” que deslocam, de “momento a momento”, a relação total entre significante e significado. No CLG, esse período de constante alteração é ainda mais preciso: “de minuto a minuto” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 90). Uma vez que uma língua esteja em suas condições reais de existência, está sujeita a esses deslocamentos. “Este é o corolário imediato do princípio da continuidade¹⁶⁹” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 243), afirma o genebrino.

A conclusão desta passagem será assim enunciada no CLG: “É uma das consequências da arbitrariedade do signo” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 90). Esta conclusão não consta nos cadernos dos alunos cotejados por Engler em sua edição crítica,

¹⁶⁶ Termo utilizado por Bouissac (2012, p. 58).

¹⁶⁷ Tradução nossa: “<Ici, très complexe.>”.

¹⁶⁸ Tradução nossa: “Le mécanisme entre les deux mots a été changé”.

¹⁶⁹ Tradução nossa: “C’est le corollaire immédiat du principe de continuité”.

e nos parece querer assinalar um destaque especial dado pelos editores ao “sentido não convencionalista do arbitrário saussuriano”¹⁷⁰, como o define De Mauro (1982, n.146, p. 448), colocando-o na posição de corolário da demonstração teórica precedente.

Mesmo na hipótese de uma língua estabelecida pela legislação num determinado dia, no outro, já seria possível observar deslocamentos nas suas relações. Segundo Saussure, só é possível manter o controle de uma língua enquanto ela não circular numa massa falante. É isso o que inevitavelmente se conclui a partir dos exemplos oferecidos pela história. Os inúmeros exemplos da história de diversas línguas trabalhados de forma detalhada na primeira parte do III Curso comprovavam a argumentação do professor. Nem mesmo uma língua artificial como o esperanto resistirá a essa “lei fatal”; outros sistemas de signos, como os sistemas de escrita e a linguagem dos surdos e mudos, também não escapam da ação das “forças cegas” que deslocam constantemente as relações.

Nada resiste ao princípio da continuidade no tempo aliado ao da alteração no tempo. Este é um fato que Saussure atribui à “semiologia geral”, uma ciência que ainda não existia, mas que o genebrino entendia como sendo a ciência que estuda a vida dos signos na sociedade. Numa das notas manuscritas a esse respeito, a nota 24a, que consta no Apêndice da edição crítica de Engler¹⁷¹, o genebrino destaca a presença determinante do Tempo no “sistema semiológico ‘língua’” e afirma que situar a linguística no ramo da Semiologia a inclui de antemão na psicologia, porém com uma condição importante imposta pelo próprio fato do Tempo. Mesmo não fazendo parte do nosso corpus de análise, recorreremos brevemente a esse trecho por julgarmos pertinente para a discussão aqui empreendida:

<Entre todos os sistemas semiológicos>, o sistema semiológico ‘língua’ é o único [...] que teve que <enfrentar a prova de> se ver em presença do *Tempo*, que não se <funda> apenas, de um vizinho a vizinho, por consentimento mútuo, mas também de pai para filho, por tradição imperativa e *à mercê do que acontece naquela tradição* [...] E esse <mesmo> fato, em troca, chama a tal ponto a atenção dos linguistas qu<e eles acabam> acreditando <por isso> que sua ciência é histórica ou eminentemente *histórica*, sendo que não é nada além que *semiológica*: o que a inclui, de antemão, na psicologia, com a condição de que esta veja, por sua vez, que tem, **na língua, um objeto que se estende através do tempo e que a força a sair absolutamente de suas especulações sobre o signo momentâneo e sobre a ideia**

¹⁷⁰ Tradução nossa : “le sens non conventionnaliste de l’arbitraire saussurien”.

¹⁷¹ Esta nota foi igualmente publicada por Bouquet e Engler nos ELG com algumas alterações, na seção Antigos Documentos (p.223-4).

momentânea (SAUSSURE, 1974, p. 47, grifo em itálico no original, grifo em negrito nosso)¹⁷².

É interessante destacar nesse trecho a insistência de Saussure quanto à condição temporal desse sistema semiológico “língua”, que “força” o deslocamento do “estado momentâneo” de seus termos para o lugar da instabilidade que somente o “fator Tempo” revela. É por essa razão que, segundo o genebrino, a gramática tradicional, apesar de apresentar um ponto de vista científico bem definido, uma vez que seu objetivo era claramente a descrição de *um* estado de língua (por exemplo, a gramática de *Port Royal*, cujo intuito era “fixar os valores do francês de Luís XIV”¹⁷³), não apresentava “um ponto de vista abrangente sobre a língua”¹⁷⁴ (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 260). Noutros termos, faltava-lhe o reconhecimento de que a língua está submetida ao “fator Tempo”, razão pela qual o estabelecimento de um estado “fixo” descrito por essa gramática era uma ficção.

Sendo assim, não parece banal o fato de, na entrevista a Gautier, Saussure ter declarado sua insatisfação com o curso até aquele instante, ter insistido na complexidade das questões em torno da “linguística geral” e, dias depois, ter proposto a revisão da parte destinada à “Língua” para, em seguida, acrescentar dois capítulos que convocam o “fator Tempo”. O Tempo parece ser o único elemento capaz de desfazer a ilusão de fixidez que a ideia de um *estado* de língua (que, por sua vez, abriga as noções de *signo* e de *sistema*) eventualmente possa sugerir. Trata-se da dialética entre instituição (língua) e mudança (Tempo) aludida por Gambaraba, que faz com que o professor Saussure reformule suas aulas do III Curso a partir da intervenção do “fator Tempo”.

A partir de agora, partiremos do texto de Constantin em cotejo com as notas preparatórias de Saussure para o III Curso. Na edição n. 58 do *CFS*, os dois textos aparecem em duas colunas: na coluna da esquerda, são dispostos os trechos presentes nas notas saussurianas; na coluna da direita, apresenta-se o texto de Constantin. Esse recurso visual é útil, pois facilita a execução de uma análise comparativa entre as duas fontes.

¹⁷² Tradução nossa : “<Parmi tous les systèmes sémiologiques> le système sémiologique 'langue' est le seul [...], qui ait eu à <affronter cette épreuve [de]> se trouver en présence du *Temps*, qui ne se soit pas simplement <fondé> de voisin à voisin par mutuel consentement, mais aussi de père en fils par impérative tradition et *au hasard de ce qui arriverait en cette tradition*. Et ce <même> fait accapare en revanche tellement l'attention des linguistes qu'e ceux-ci en <sont [b.]> à croire <pour cela> que leur science est historique ou éminemment *historique*, n'étant rien d'autre que *sémiologique*: par là complètement comprise d'avance dans la psychologie, à condition que celle-ci voie de son côté qu'elle a dans la langue un objet s'étendant à travers le temps, et la forçant de sortir absolument de ses spéculations sur le signe momentané et l'idée momentanée »

¹⁷³ Tradução nossa: “fixer les valeurs du français de Louis XIV”

¹⁷⁴ Tradução nossa: “point de vue d'ensemble sur la langue”.

Outra característica interessante dessa edição é a reprodução de trechos que foram rasurados por Saussure no manuscrito original e de algumas páginas desse material, o que se apresenta como um recurso que enriquece nossa análise. Sempre que possível e que julgarmos necessário, reproduziremos os trechos autenticamente saussurianos tal como se apresentam na edição consultada.

O primeiro destaque que fazemos é o da relativa proximidade entre o texto de Constantin e o texto de Saussure, já que há trechos das notas do professor que não comparecem nas notas do aluno. Contudo, de forma geral, são textos que apresentam alguns termos e trechos inteiros em comum. Nesse sentido, o comentário de Quijano acerca das habilidades de escuta de Constantin no III Curso é pertinente:

No decorrer do *terceiro* curso de linguística geral, Constantin já havia adquirido uma escuta específica da fala do professor, que ele capta quase até a vírgula, ao menos em relação às ideias diretrizes da exposição. Pois Saussure também hesitava muito durante suas aulas, particularmente em 1910-1911¹⁷⁵ (QUIJANO, 2005, p. 49, grifo no original)

A partir das semelhanças entre as anotações do aluno com as notas do professor, é possível supor que Saussure lia parte dessas notas nas aulas e que, aparentemente, elas funcionavam como ponto de partida para as discussões previstas e para as questões que o próprio genebrino inseria ao longo de sua exposição. Em vários trechos de sua narrativa fictícia a respeito do III Curso, Bouissac sugere esse percurso do professor Saussure, como, por exemplo, no trecho a seguir, que faz referência à aula em que o genebrino inicia o capítulo da linguística estática e da linguística histórica: “Ele sempre começa lendo as primeiras páginas do seu texto manuscrito, em seguida usa as páginas seguintes apenas como guias para as ideias que desenvolve e para os exemplos que vêm a sua mente” (BOUISSAC, 2012, p. 58).

Ainda que se trate apenas de suposições, já que jamais teremos acesso ao acontecimento da aula a não ser por uma via indireta, a ideia de que Saussure não apenas reproduz um pensamento prévio (pensamento este inacabado e marcado por incertezas), mas constrói uma teorização sobre a língua diante de seus alunos reforça o lugar fundamental do ensino oral para o genebrino. Foi na sua atuação enquanto professor de linguística em Genebra, na presença simultânea de seus alunos, que Saussure, apesar de todas as suas dúvidas, “ousou o risco de pensar em público”, para utilizarmos um termo

¹⁷⁵ Tradução nossa: “Lors du *troisième* cours de linguistique générale, Constantin avait déjà acquis une écoute spécifique de la parole du professeur qu’il prend au vol à la virgule près, en tous cas pour ce qui est des idées directrices de l’exposé. Car Saussure doutait également beaucoup dans ses cours, et particulièrement en 1910-1911”.

de Depecker num comentário a respeito da atuação do genebrino enquanto professor reproduzido abaixo:

Pois Saussure tinha em seus cursos a atitude do verdadeiro professor: explicar os fatos de maneira compreensível; trabalhar a partir de exemplos; simplificar as demonstrações para torná-las acessíveis; desenvolver livremente alguns pontos, às vezes em resposta a uma questão; ousar o risco de pensar em público (DEPECKER, 2012, p. 19).

Antes de terminar o “capítulo¹⁷⁶” sobre *Imutabilidade e mutabilidade do signo*, Saussure acrescenta às suas notas preparatórias um *post-scriptum* “como resposta a uma lacuna <aparente>¹⁷⁷” que poderia ser levantada. Essa questão diz respeito à *necessidade* de alteração dos signos. Comparada à questão da necessidade de continuidade dos signos, amplamente abordada nas aulas, a questão da *necessidade* de alteração carecia de uma explicação.

Saussure registra em suas notas o primeiro aspecto a esse respeito que já havia sido abordado anteriormente: a alteração é apenas uma forma de continuidade, que é justamente pelo “<próprio fato de que> os signos continuam que eles ~~podem~~ <chegam a> se alterar¹⁷⁸” (SAUSSURE, 2005[1911], p. 246). A substituição do verbo “poder” por “chegar a” por Saussure alinha-se ao princípio absoluto da alteração: não existe *possibilidade* de alteração; uma vez transmitida na linha do tempo, a língua irá se alterar. O registro de Constantin a respeito desse trecho é mais sutil: “Na verdade, forçados a dizer que a alteração é apenas uma das formas da continuidade¹⁷⁹” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 246).

O professor esclarece que essa lacuna provisória a respeito das necessidades de alteração deve-se ao fato de que há fatores distintos de alteração, “tão emaranhados em seus efeitos que não é prudente desemaranhá-los¹⁸⁰” (ibidem.). Saussure registra em suas notas que a questão da *necessidade* ou da *inelutabilidade* se apresenta de forma diferente para cada fator de alteração e, então, se questiona: “por exemplo, é inelutável <numa massa social colocada sob a condição do tempo> que as ~~palavras~~ <signos> se alterem foneticamente <(materialmente)> (em sua imagem acústica)¹⁸¹?” (SAUSSURE,

¹⁷⁶ Recordamos que é dessa maneira que Saussure se refere às aulas do III Curso, como destaca Gambarara.

¹⁷⁷ Tradução nossa: “comme réponse à une lacune <apparente>”.

¹⁷⁸ Tradução nossa: “<le fait même que> les signes se continuent qu’ils ~~peuvent~~ <arrivent à> s’altérer”.

¹⁷⁹ Tradução nossa: “En effet, nous nous sommes bornés à dire que altération n’était qu’une des formes de la continuité”.

¹⁸⁰ Tradução nossa: “tellement mêlés dans leurs effets qu’il n’est pas prudent de les démêler”.

¹⁸¹ Tradução nossa: “par exemple est-il inéluctable <dans une masse sociale placée sous la condition du temps> que les ~~mots~~ <signes> s’altèrent phonétiquement, <(matériellement)> (dans leur image acoustique)?”

2005[1911], p. 247). Esse questionamento de Saussure não aparece nas anotações do aluno.

A aula prossegue com a explicação de que as causas da continuidade através do tempo se encontram, a priori, disponíveis para o observador; o mesmo não acontece com as causas da alteração através do tempo: neste caso, “melhor falar apenas de deslocamento <da relação global> de termos e de valores¹⁸²” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 247). Dessa forma, a questão de investigar o grau de necessidade das alterações é renunciada.

Aparentemente não satisfeito com a maneira com que foi desviada a questão da necessidade de alteração, Saussure registra em suas notas um comentário que, por alguma razão desconhecida, não foi captado pela escuta atenciosa de Constantin, mas que está presente no CLG graças aos registros de Dégallier. Eis o trecho tal como se apresenta na nota do mestre:

Podemos nos referir provisoriamente a este simples fato de que toda a espécie de coisa ~~através do~~ <que esteja submetida ao> *Tempo* se modifica, portanto, a língua ou soma de relações [] <portanto, a língua = soma de relações entre o significante []>¹⁸³ (SAUSSURE, 2005[1911], p. 248, grifo em itálico nosso).

Saussure não conclui seu raciocínio na nota manuscrita, mas a razão lógica está posta: sendo a língua submetida ao Tempo, ela será modificada, assim como todas as coisas que compartilham da mesma condição. Em Dégallier, a referência a esse trecho aparece da seguinte forma: “Invocamos simplesmente o fato que não sabemos nada que não se altere no **tempo**¹⁸⁴” (ENGLER, 1989, p. 172, grifo no original). A partir desse trecho, os editores registram no CLG a seguinte reformulação: “*o tempo altera todas as coisas*; não existe razão para que a língua escape a essa lei universal” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 91, grifo nosso).

Em relação ao trecho tal como registrado no CLG, cumpre destacar que na parte *o tempo altera todas as coisas* é possível encontrarmos uma abertura para a hipótese do “tempo-ator” sustentada por Pétroff (2004) e discutida no Capítulo 1, uma vez que sugere o lugar do tempo como o agente da mudança linguística. Contudo, como se pode observar

¹⁸² Tradução nossa: “mieux vaut ne parler que du déplacement <du rapport global> des termes et des valeurs”.

¹⁸³ Tradução nossa: “On peut se référer provisoirement à ce simple fait que toute espèce de chose ~~à travers~~ **le** <qui [est] soumise au> Temps se modifie, donc que la langue ou somme de rapports [] <donc que la langue = somme des rapports entre le signifiant []>”.

¹⁸⁴ Tradução nossa: “Invoquons simplement ce fait que nous ne connaissons aucune chose qui n s’altère dans le **temps**”.

tanto nas notas de Saussure quanto no caderno de Dégallier, a ideia base é a de que todas as coisas submetidas ao Tempo (incluindo a língua) se alteram, não a de que o Tempo altera as coisas, fato que problematiza o argumento do autor. É oportuno recordar que, a esse respeito, concordamos com Arrivé e Pereira de Castro, que defendem que, se há uma agente da mudança linguística, este é a massa falante.

Para finalizar o capítulo, o professor propõe uma recapitulação das etapas seguidas do início da segunda parte do curso até aquele instante. Primeiro, o genebrino faz menção à “definição das coisas”, especificamente à distinção entre *linguagem*, *língua* e *fala*: “na linguagem, a língua foi liberta da fala¹⁸⁵” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 248). Em seguida, ele é ainda mais específico: quando retiramos da linguagem tudo aquilo que pertence à fala, “o resto pode se chamar apropriadamente língua e só compreende termos psíquicos¹⁸⁶” (ibidem.). A fim de que não restem dúvidas, o professor então enfatiza: “A língua = nó psíquico entre ideia e signo¹⁸⁷” (ibidem.). Trata-se do primeiro passo para a construção do objeto teórico *langue*; é preciso desamarrá-la das limitações físicas (sons) impostas pela *fala* para poder abordar a língua no campo psíquico, lugar de onde emana o conceito de *sistema de signos*. Mas isso não é tudo.

Considerar a língua apenas em oposição à fala é o mesmo que abordá-la “fora de sua realidade”, uma vez que abrange apenas o aspecto individual. Para que haja língua, há a necessidade de “uma massa falante se servindo da língua¹⁸⁸” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 249). O professor ressalta que, nessa definição de língua associada à massa falante, também não há espaço para a fala, que se caracteriza a partir de “atos individuais”.

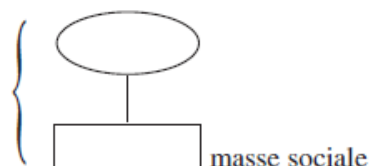
Mais uma vez, Constantin registra o esquema que Saussure esboça no quadro para ilustrar visualmente a relação entre “língua” e “massa falante”. É oportuno lembrar aqui que, nesses momentos finais da aula, Saussure retoma o mesmo esquema utilizado anteriormente para discorrer a respeito da relação entre língua, massa falante e Tempo, mas, agora, não o apresenta de uma só vez; ao invés disso, desenha-o por partes a fim de articulá-lo à cada ponto da recapitulação que propôs. Eis o esquema tal como se apresenta no caderno de Constantin:

¹⁸⁵ Tradução nossa: “dans le langage, la langue a été dégagée de la parole”.

¹⁸⁶ Tradução nossa: “le reste peut s’appeler proprement langue et se trouve ne comprendre que des termes psychiques”.

¹⁸⁷ Tradução nossa: “La langue = noeud psychique entre idée et signe”.

¹⁸⁸ Tradução nossa: “une masse parlante se servant de la langue”.



(SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 249).

Ao lado desse esquema, Constantin registra o seguinte: “<Com esse esquema, a língua é viável>¹⁸⁹” (ibidem.). Nas notas de Saussure, lemos “concebível <ou viável>¹⁹⁰” (SAUSSURE, 2005[1911], p. 249). Na redação desse trecho na obra póstuma, os editores estabelecem um jogo interessante entre as palavras “viável” e “vivente” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 92) para assinalar que, considerada apenas em sua realidade social, a língua é “viável”; porém, acrescentando-se o fato histórico, a língua torna-se “vivente”.

De fato, é preciso acrescentar à realidade social a realidade histórica para desviar-se da impressão de que a língua, por ser composta por signos linguísticos de natureza arbitrária, seria um “sistema livre, que só depende de princípios lógicos se movendo na esfera pura das relações¹⁹¹” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 249). Segundo o professor, o fato da massa falante não é suficiente para bloquear esse ponto de vista sobre a língua. Os editores acrescentam: “não é isso que nos impede de ver a língua como uma simples convenção modificável conforme o arbítrio dos interessados” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 92).

Nas notas preparatórias, o professor esboça os exemplos que serão abordados para reforçar a relação entre língua, massa falante e Tempo. Ele supõe duas realidades: “(Massa falante sem Tempo. (Tempo sem massa falante¹⁹²” (SAUSSURE, 2005[1911], p. 249). No contexto da aula, o genebrino desenvolve os exemplos previstos da seguinte maneira: “Se retivermos o tempo sem a massa falante, talvez não haja qualquer efeito externo (alteração)¹⁹³” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 249). Os editores complementam essa ideia com uma suposição mais específica: “suponha-se um indivíduo isolado que vivesse durante vários séculos – não se registraria talvez nenhuma

¹⁸⁹ Tradução nossa: “Avec ce schéma, la langue est viable”.

¹⁹⁰ Tradução nossa: “concevable <ou viable>”.

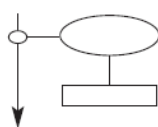
¹⁹¹ Tradução nossa: “un système libre, ne dépendant que de principes logiques se mouvant dans la sphère pure des rapports”.

¹⁹² Tradução nossa: “(Masse parlante sans Temps. (Temps sans masse parlante”.

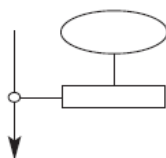
¹⁹³ Tradução nossa: “Si l’on prenait le temps sans la masse parlante, il n’y aurait peut-être aucun effet externe (d’altération)”.

alteração; o tempo não agiria sobre ela [a língua]” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 92). Por outro lado, se considerarmos a massa falante sem o tempo: “nós acabamos de ver que as forças sociais da língua só se manifestam se fizermos intervir o tempo¹⁹⁴” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 252), destaca Saussure.

Todas essas suposições estão distantes da “realidade completa¹⁹⁵” da língua. Finalmente, o esquema que pode representar adequadamente essa realidade precisa acrescentar “o eixo do tempo¹⁹⁶” (ibidem.). A seguir, reproduziremos esse esquema tal como se apresenta na edição do *CFS.*, n. 58 das notas de Saussure e no caderno de Constantin, respectivamente:



(SAUSSURE, 2005[1911], p. 252).



(SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 252).

Se compararmos esse esquema proposto ao final da aula com o que foi registrado anteriormente pelos alunos¹⁹⁷, podemos observar uma diferença sutil, porém bastante significativa. No esquema trabalhado anteriormente por Saussure, *língua*, *massa falante* e *Tempo* são contemplados, porém, o eixo do Tempo aparece ao lado esquerdo sem que haja uma marcação visual explícita ligando-o à língua e à massa falante. Ao final da aula e após ter destrinchado o mesmo esquema, o professor Saussure grava uma linha entre o balão que contém o elemento *língua* e a seta vertical que representa o eixo do Tempo. A nosso ver, este parece ter sido um recurso visual utilizado por Saussure para reforçar a relação intrínseca entre esses elementos. Nesse esquema reformulado, não há dúvidas de que, para Saussure, o Tempo comparece não como um elemento paralelo, mas como um fator constitutivo da própria língua.

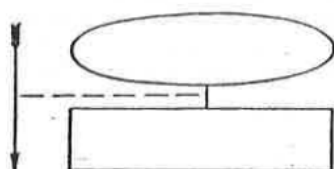
¹⁹⁴ Tradução nossa: “nous venons de voir que les forces sociales de la langue ne se manifestent que si on fait intervenir le temps”.

¹⁹⁵ Tradução nossa: “réalité complète”.

¹⁹⁶ Tradução nossa: “l’axe du temps”.

¹⁹⁷ Neste trabalho, página 120.

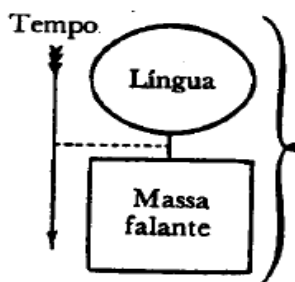
Em relação ao esquema tal como aparece no caderno de Constantin, cabem alguns comentários: primeiro, que há diferença entre a edição do *CFS*. n.58 e a edição crítica de Engler em relação ao registro desse esquema. No referido *CFS*., como se pode observar acima, o Tempo liga-se à massa falante no esquema do aluno, e não à língua, como no esquema de Saussure. Em Engler, o esquema de Constantin comparece de uma forma muito próxima ao que se registra no CLG, com a linha central ligando igualmente Língua, Massa falante e Tempo:



(ENGLER, 1989, p. 174).

Consultamos, ainda, a edição dos cadernos de Constantin proposta por Komatsu e Harris (1993) e constatamos que o registro do esquema do aluno nessa obra é o mesmo que comparece na edição do *CFS*. Não nos é possível checar o próprio manuscrito do aluno para verificarmos como ele efetivamente registrou esse esquema em suas anotações. Contudo, essa oscilação na forma de registro desse esquema é interessante porque acentua o fato de que a divisão que Saussure propõe em suas aulas entre Língua, Massa falante e Tempo aparentemente não é facilmente esquematizável, já que os três elementos estão imbricados e constituem a realidade da língua; porém, trata-se de um gesto didático que auxilia a compreensão do conteúdo por parte dos alunos.

Por fim, vale reproduzirmos a versão desse esquema presente na última página do capítulo sobre *Imutabilidade e mutabilidade do signo* no CLG:



(SAUSSURE, 2006[1916], p. 93).

Nota-se que os editores mantiveram o traço presente no manuscrito saussuriano e no caderno de Constantin, com a diferença de que, agora, esse traço aparece entre a Língua e a Massa falante. Observa-se ainda que o esquema reproduzido pelos editores se apresenta como um compilado de todos aqueles que foram utilizados ao longo da aula (nota-se que a chave que aparece nos esquemas anteriores foi adicionada ao esquema final presente no CLG), o que demonstra que, de alguma maneira, o acontecimento da aula repercutiu no trabalho de reconstituição das aulas empreendido por eles, de modo que mesmo os recursos típicos das lições orais (como o uso do quadro para demonstrar conceitos) demandava também uma interpretação. Além disso, a própria decisão de manter esse esquema diante de outros que não foram reproduzidos (como, por exemplo, o esquema que situa a arbitrariedade e os princípios de continuidade e de alteração em relação ao “domínio do tempo”) testemunha o reconhecimento por parte dos editores de uma marca do ensino oral de Saussure acerca da relação entre o Tempo e a língua que não poderia ser ignorada.

Uma vez trabalhada a questão paradoxal da língua no Tempo, o professor Saussure se prepara para discorrer na próxima aula sobre as consequências teóricas e metodológicas do “fator Tempo” para a linguística, que serão analisadas na próxima seção.

4.2 “La linguistique statique et la linguistique historique”

“Este capítulo é a sequência direta do precedente e, ao mesmo tempo, a indicação da base geral sobre a qual vamos nos colocar daqui por diante¹⁹⁸ (SAUSSURE, 2005[1911], p. 252).

De acordo com Gambarara (2005, p. 36), essa aula foi iniciada no dia 2 de junho de 1911. Nas notas preparatórias de Saussure, o genebrino nomeia o capítulo referente a essa aula de *A linguística estática e a linguística histórica*, o mesmo título que foi registrado no caderno dos alunos. Cumpre destacar que, na obra póstuma, esse título foi modificado: os editores substituíram o termo “linguística histórica” por “linguística evolutiva¹⁹⁹”.

Ao que nos parece, essa substituição deu-se como uma estratégia dos editores a fim de distanciar o sentido de “linguística histórica”, termo frequentemente utilizado por

¹⁹⁸ Tradução nossa: “Ce chapitre est la suite directe du précédent en même temps que l’indication de la base générale sur laquelle nous allons nous placer pour la suite”.

¹⁹⁹ “La linguistique statique et la linguistique évolutive” (*Cours de linguistique générale*, Paris: Payot, 1965).

Saussure para se referir à gramática comparada, do sentido de “linguística diacrônica”, que, nos cursos, se estabelece em oposição à “linguística sincrônica”. Apesar de o genebrino expressar sua insatisfação quanto à vagueza dos termos “histórico” e “evolutivo”, aparentemente os editores julgaram o termo “linguística evolutiva” mais distante da referência à escola comparatista e, portanto, mais próximo da relação de oposição entre as duas ordens da linguística. Retomaremos esse ponto mais adiante.

Antes de prosseguirmos, cumpre assinalar qual o nosso intuito ao analisarmos essa aula. Inicialmente, essa parte do III Curso nos interessa porque se trata de uma “sequência direta” da aula anterior, conforme assinala o próprio Saussure, e, portanto, apresenta-se como uma continuidade da discussão acerca do “fator Tempo”. Em segundo lugar, esse material merece nossa atenção porque nele são anunciados os conceitos de *sincronia* e *diacronia*, noções diretamente associadas ao Tempo.

Contudo, nosso intuito não é seguir todas as ocorrências dos termos *sincronia* e *diacronia* nesse material, nem buscar aprofundar essas noções à luz do sistema conceitual saussuriano. Nesse momento, interessa-nos particularmente o instante em que Saussure nomeia e estabelece a *sincronia* e a *diacronia* como os dois eixos da ciência linguística. Entendemos que esse ato se apresenta como uma consequência teórica e metodológica do reconhecimento e do enfrentamento da incidência do “fator Tempo” sobre a língua.

Para sustentarmos nossa proposição, apoiamo-nos em Chiss (1978) em seu artigo intitulado *Sincronia/diacronia: metodologia e teoria em linguística*, texto sobre o qual discorreremos brevemente a seguir. Nele, o autor afirma que desvendar os problemas em torno da *temporalidade* parece ser a condição para o projeto científico da linguística empreendido por Saussure, e é este, segundo ele, o papel atribuído à distinção rigorosa entre *sincronia* e *diacronia* proposta pelo genebrino. Nessa perspectiva, para Chiss, essa distinção não deve ser compreendida meramente como uma operação metodológica, mas “essencialmente como uma *operação epistemológica* necessariamente constitutiva da linguística²⁰⁰” (CHISS, 1978, p. 99, grifo no original). Ainda segundo o autor, “é somente nessa medida que ela [a distinção entre sincronia e diacronia] pode também fornecer um princípio metodológico²⁰¹” (ibidem.). Para defender o papel epistemológico da distinção sincronia/diacronia, Chiss analisa a linguística do século XIX, particularmente as

²⁰⁰ Tradução nossa: “Cette distinction est à comprendre essentiellement comme une *opération épistémologique* nécessairement constitutive de la linguistique”.

²⁰¹ Tradução nossa: “c'est seulement dans cette mesure qu'elle peut aussi fournir un principe méthodologique”.

principais proposições de importantes teóricos da época (destacamos aqui Bopp, Schleicher e os neogramáticos), contrastando-a com as ideias de Saussure.

Com relação aos comparatistas, o autor destaca a confusão entre sistema e história pressuposta na assimilação da língua a um organismo vivo, aspecto este já presente em Bopp, mas que alcançará sua maior radicalidade com Schleicher. Chiss recorda então a crítica feita por Saussure aos comparatistas ao caracterizar como um “terreno mal demarcado” a incompreensão, por parte desses teóricos, do “estado de língua”, consequência esta da não teorização da oposição entre sincrônico e diacrônico. Em se tratando da etapa neogramática, como já mencionado no Capítulo 3, o autor afirma que, apesar de ter havido nela “descontinuidades” importantes em contraste com os comparatistas (a saber, o reconhecimento da fase estática como essencial para a compreensão do passado das línguas), os neogramáticos mantiveram ainda a questão no terreno do empirismo.

De forma geral, para Chiss, o “evolucionismo generalizado” da linguística do século XIX, além de ter mantido o problema da origem da linguagem, mostrou-se “incapaz de reduzir os fenômenos à essência, de pensar o caminho da abstração e da generalização que leva as línguas à linguagem como objeto específico de uma ciência linguística²⁰²” (CHISS, 1978, p. 98). Segundo o autor, é Saussure quem encontra esse caminho a partir da distinção sincronia/diacronia.

A partir desse ponto, Chiss apresenta uma série de apontamentos interessantes com o intuito de justificar a centralidade da questão da temporalidade para a linguística instaurada por Saussure; a seguir, abordaremos apenas alguns deles, particularmente aqueles que julgamos pertinentes para esta seção.

Inicialmente, Chiss destaca a insistência de Saussure em relação ao caráter dual da linguagem e da linguística. Segundo o autor, “pelo pleno reconhecimento dessa dualidade [sobretudo da linguística], Saussure se destaca claramente de seus antecessores” (ibid., p. 100). Esse aspecto será importante para situarmos a orientação que o professor genebrino fará ao tratar da linguística estática e da linguística histórica na parte do III Curso que será analisada nesta seção: ao denunciar as “cegueiras²⁰³” da gramática de Port-Royal e da Gramática Comparada, que, respectivamente, concebiam o fato estático e o fato histórico de forma isolada, Saussure defende que apenas a oposição

²⁰² Tradução nossa: “[...] incapable de réduire les phénomènes à l’essence, de penser le trajet d’abstraction et de généralisation qui mène des langues à la langue comme objet spécifique d’une Science linguistique”.

²⁰³ Expressão utilizada por Chiss (1978, p. 100).

das duas ordens é frutífera para a linguística. A nosso ver, a força dessa afirmação revela que, ao opor sincronia e diacronia, Saussure não oferece uma simples conveniência de pesquisa/método, mas condiciona a própria definição do objeto da ciência linguística: sem a “perpétua oposição” entre o sincrônico e o diacrônico, “não se chega a lugar nenhum” (GODEL, 1957, p. 29).

Outro apontamento interessante apresentado por Chiss diz respeito ao estabelecimento e à ordem das antinomias língua/fala e sincronia/diacronia propostas por Saussure em razão do “terreno extremamente multifacetado da linguagem²⁰⁴” (CHISS, 1978, p. 100): por exemplo, a palavra francesa *nu*, que pode ser considerada como som, como expressão de uma ideia ou, ainda, como correspondente da palavra latina *nudum*. Ao recuperar a afirmação de Godel de que Saussure, aparentemente, teria tido certa dificuldade para determinar qual seria a ordem ideal desses dois teoremas, Chiss defende que, “se Saussure define sincronia/diacronia como o ‘segundo ramo’ (depois de língua/fala), ele parece ter descoberto essa segunda bifurcação da linguística antes da ‘primeira’²⁰⁵” (ibid., p. 101, grifos no original). Para o autor, a bifurcação sincronia/diacronia caracteriza-se como o “passo fundador do projeto saussuriano²⁰⁶” (ibidem.).

Isso porque, segundo Chiss, a *arbitrariedade* do signo, considerada por Saussure como o “primeiro princípio” (princípio este atrelado à noção de *língua*), implica necessariamente a relação sistema/valor que, conseqüentemente, pressupõe “o reconhecimento da dualidade fundamental que governa ‘todas as ciências que operam com valores’²⁰⁷” (ibidem.), a saber, a linguística estática e a linguística evolutiva. Noutras palavras, se, para Saussure, somente a língua se apresenta como um “princípio de classificação” no campo multifacetado da linguagem, isso se deve “ao gesto epistemológico que separa sincronia e diacronia, que anula o tempo da realidade (‘abstração’), condição da generalização científica”²⁰⁸ (ibidem.). Para Chiss, este é um “procedimento teórico”, uma vez que, na realidade, como assinalou o mestre genebrino em suas aulas, a língua é, a todo momento, um sistema estabelecido e uma evolução.

²⁰⁴ Tradução nossa: “[...] terrain extrêmement multiforme du langage”.

²⁰⁵ Tradução nossa: “[...] si Saussure définit synchronie/diachronie comme le ‘deuxième embranchement’ (après langue/parole), il semble avoir découvert cette seconde bifurcation de la linguistique avant la ‘première’”.

²⁰⁶ Tradução nossa: “[...] le pas fondateur dans le projet saussurien”.

²⁰⁷ Tradução nossa: “[...] reconnaissance de la dualité fondamentale régissant ‘toutes les sciences opérant sur les valeurs’”.

²⁰⁸ Tradução nossa: “[...] au geste épistémologique qui separe synchronie et diachronie, qui anule le temps du réel (‘faire abstraction’), condition de la généralisation scientifique”.

A partir dessas colocações, Chiss defende a possibilidade de três leituras distintas para a oposição sincronia/diacronia: uma “leitura realista-ingênua”, que considera sincronia e diacronia como dois aspectos de um mesmo objeto; uma “leitura estritamente metodológica”, que, ao ignorar a eficácia teórica dessa oposição, a reduz à oposição de “dois pontos de vista sobre um objeto já constituído²⁰⁹” (CHISS, 1978, p. 102), o que resulta na construção das linguísticas estática e evolutiva de forma segregada (é válido pontuar que a orgânica dos capítulos do CLG pode favorecer esse tipo de leitura); e, por fim, uma “leitura teórica”, a qual problematiza uma concepção meramente metodológica dos conceitos de sincronia e diacronia e que, por essa razão, foi determinante para o estabelecimento desta pesquisa: essa leitura, nas palavras do autor, “faz da dicotomia sincronia/diacronia a condição da possibilidade de uma ciência linguística²¹⁰” (ibidem.), dicotomia esta que, segundo Chiss, é retomada para se pensar cada “novo” objeto da pesquisa linguística, uma vez que este se encontra sempre em evolução no curso do tempo.

Como buscamos pontuar neste trabalho, desde as Conferências, ao problematizar os efeitos do Tempo sobre a língua, Saussure percorre o caminho rumo à generalização que caracteriza seu projeto científico inovador para a linguística, e é exatamente no III Curso, particularmente no bloco de aulas que será analisado nesta seção, que, a nosso ver, esse objetivo alcança um corpo teórico mais sólido a partir da nomeação dos conceitos de *sincronia* e de *diacronia*, consequência máxima do problema da temporalidade e que será a base para o sistema conceitual proposto pelo genebrino ao longo de sua teorização sobre o fenômeno global da linguagem. Nessa direção, partindo das proposições de Chiss a respeito da relevância teórica dos conceitos de sincronia e diacronia, nosso intuito nesta última etapa de análise do III Curso é investigar como essas noções comparecem nas anotações de Saussure e de seus alunos, assim como quais as consequências teóricas desse empreendimento saussuriano.

Diferentemente da análise empreendida na seção anterior, não contemplaremos nesta seção toda a discussão da aula sobre linguística estática e linguística histórica tal como se apresenta nos registros de Constantin. Trata-se de um material extenso e, certamente, bastante revelador das lições de Saussure a esse respeito. Contudo, em razão do nosso objetivo, iremos nos deter apenas na parte inicial da aula, especificamente até o

²⁰⁹ Tradução nossa: “[...] deux points de vue sur un objet déjà constitué”.

²¹⁰ Tradução nossa: “[...] faix de la dichotomie synchronie/diachronie la condition de possibilite d’une Science linguistique”.

momento em que o genebrino enuncia os termos “diacronia” e “sincronia” e situa este último a partir do “ponto de vista do sujeito falante”. Neste momento, reconhecemos o ápice do que Gambarara (2005, p. 36) chama de “contaminação” ao se referir à “dialética entre instituição (língua) e mudança (Tempo)” que Saussure enfrenta.

No *CFS*. n. 58, a parte do caderno de Constantin que será submetida a nossa análise está circunscrita no intervalo entre as páginas 252-262 (com exceção das páginas 256 e 257, que reproduzem duas folhas manuscritas de Saussure). Ainda em relação ao material de análise, tratando-se especificamente das notas preparatórias de Saussure para essa aula, é possível acompanhá-las em comparação com as anotações do aluno somente até a página 259 (considerando a mesma edição dos *CFS*); portanto, a partir da página 260, seguiremos a análise considerando apenas o caderno de Constantin em cotejo com o *CLG*.

Na nota que escreve para essa aula, Saussure discorre sobre as razões pelas quais resolveu reformular o planejamento inicial que tinha para a segunda parte do curso. Segundo o genebrino, não houve “desacordo com o plano primitivo do curso²¹¹”, apenas uma “inversão” da questão do Tempo para um momento não previsto.

Ainda a respeito do início dessa nota de Saussure, é oportuno reproduzirmos dois trechos em sequência a fim de destacarmos um aspecto na redação original do manuscrito que nos pareceu importante:

Houve simplesmente uma inversão do momento em que trouxe a **noção** <domínio> Tempo, a noção histórica, <que eu [introduzi] no terceiro capítulo>²¹².

Pode-se hesitar, com efeito, a respeito do momento exato em que é preciso fazer com que a **noção** <domínio> Tempo faça a sua aparição²¹³ (SAUSSURE, 2005[1911], p. 252-253, grifo nosso).

Como podemos observar, nos dois trechos seguidos, Saussure havia escrito inicialmente o termo “noção”; em seguida, ele rasura essa palavra e escreve o termo “domínio” ao lado de “Tempo”. Ao que nos parece, o genebrino rasura o termo “noção” por entendê-lo como superficial para o lugar ocupado pelo Tempo na reflexão linguística. Após ter evidenciado, na aula anterior, o “fator Tempo” como o “domínio” pelo qual se situam, de um lado, o princípio de *arbitrariedade*, e, do outro, os de *imutabilidade* e

²¹¹ Tradução nossa: “désaccord avec le plan primitif de ce cours”.

²¹² Tradução nossa: Il a eu simplement une interversion du moment où j’ai fait intervenir la ~~notion~~ <donnée> Temps, la notion historique, <que j’ai [introduite] au troisième chapitre>.

²¹³ Tradução nossa: “On peut hésiter en effet sur le moment exact où il faut faire faire son apparition à la ~~notion~~ <donnée> Temps”.

mutabilidade, referir-se ao Tempo apenas como “noção” parece não fazer jus a sua relevância teórica. O uso de “domínio”, termo que, por sua vez, alude ao campo da Matemática, parece estar mais alinhado à ideia do problema que a temporalidade inscreve para a linguística e ao seu esforço de formalização.

Curiosamente, ao compararmos a nota do mestre com a de seus alunos, observamos que o termo “domínio” não aparece e, em seu lugar, lemos exatamente o trecho rasurado por Saussure. Tanto nas anotações de Constantin quando nas de Dégallier, lê-se o seguinte trecho: “Pode-se hesitar sobre quando introduzir a **noção** de tempo e suas consequências” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 252, grifo nosso) e (ENGLER, 1989, 174, grifo nosso).

Considerando a presença, nos cadernos dos alunos, de um termo claramente rejeitado por Saussure em suas notas, levantamos a hipótese de que o genebrino tenha reajustado o trecho em questão num momento *posterior* à aula. Nessa direção, é possível supor que Saussure tenha retornado ao seu texto sob o efeito da escuta de seu próprio ensino, que o desloca em relação à sua própria reflexão tão sensível às questões terminológicas.

Seguindo a leitura das notas preparatórias de Saussure, encontramos mais informações importantes a respeito de sua decisão de antecipar o enfrentamento do fator Tempo. Segundo o professor, esta seria uma discussão que poderia ocorrer mais adiante e, com isso, “um remanejamento incômodo²¹⁴” (SAUSSURE, 2005[1911], p. 253) na ordem dos capítulos poderia ser evitado. Contudo, Saussure afirma que, por se tratar apenas de uma questão de numeração dos capítulos, não hesitou, “*em vista de certas vantagens*, situar os capítulos sobre as consequências do Tempo acima antes do que tinha havia [previsto]²¹⁵” (ibidem., grifo nosso).

Quais seriam as “vantagens” em antecipar um capítulo que, segundo o próprio Saussure, estaria muito bem acomodado mais adiante? O professor não explicita. Contudo, dado o contexto que antecede toda a reformulação da segunda parte do III Curso, arriscamos afirmar que se trata de insistir no paradoxo complexo da língua, aspecto amplamente abordado na aula anterior, para, em seguida, teorizar sobre o objeto a partir dessas condições.

²¹⁴ Tradução nossa: “un remaniement incommode”.

²¹⁵ Tradução nossa: “en vue de certaines avantages, à mettre les chapitres sur les conséquences du Temps plus haut que je ne l’avais [prévu]”.

O trecho que se sucede nessas notas é certamente um dos mais simbólicos no que diz respeito à temática do Tempo em Saussure. A título de exemplificação, vale mencionar que todos os autores resenhados no Capítulo 1 fazem referência a esse trecho, o que sugere a sua relevância nessa discussão. Nele, o genebrino expressa claramente o lugar central ocupado pelo Tempo na ciência linguística em função da “questão central” que ele impõe para a área. Segue o trecho abaixo:

O fato de que o Tempo intervém para alterar a língua, como intervém para alterar <ou modificar> qualquer coisa, não parece, de início, um fato muito grave para as condições em que se coloca a ciência linguística. E eu devo acrescentar que vejo apenas uma ínfima proporção de linguistas, ou talvez nem isso, dispostos a ~~adicionar uma~~ acreditar que a questão do Tempo criou, para a Linguística, condições particulares, dificuldades particulares, questões particulares e até mesmo uma questão central, podendo acabar por cindir a Linguística em duas ciências²¹⁶ (SAUSSURE, 2005[1911], p. 253).

Há vários aspectos a se explorar nesse trecho. Em primeiro lugar, é relevante insistirmos na permanência da grafia de “Tempo” com o “T” maiúsculo, aspecto que é frequente nas notas de Saussure. De fato, este não parece ser um mero recurso estilístico; a letra maiúscula confere a esse elemento toda a “gravidade” com que é necessário tratá-lo; mais do que isso, dá a ele ares de uma *notação* que registra, sem ambiguidades, o uso preciso de um termo retirado da língua usual, assim como convém ao discurso científico. A espécie de enumeração do que a “questão do Tempo” criou para a linguística presente no final do trecho corrobora essa afirmação, e o resultado disso para a ciência linguística não é banal: a cisão da linguística em “duas ciências”.

Outro aspecto que chama a nossa atenção nesse trecho é o fato de Saussure questionar a pouca ou nenhuma adesão dos linguistas para o reconhecimento das consequências que a questão do Tempo cria para a área. De início, essa afirmação parece desconsiderar todos os esforços empreendidos pelos linguistas do período oitocentista, momento em que as investigações sobre o fenômeno da mudança linguística alcançaram seu ápice. Afinal, como falar em mudança sem convocar o Tempo? Então, em que se sustenta a afirmação saussuriana de que os linguistas ignoravam a questão do Tempo e suas consequências?

²¹⁶ Tradução nossa : “ Le fait que le Temps intervient pour altérer la langue, comme il intervient pour altérer <ou modifier> toute chose, ne semble pas d’abord un fait bien grave pour les conditions où est placée la science linguistique. Et je dois ajouter que je ne vois qu’une infime proportion de linguistes, ou peut-être aucune, qui soit disposée elle-même à ~~ajouter une~~ croire que la question du Temps crée à la Linguistique des conditions particulières, des difficultés particulières, des questions particulières, voire une question centrale et pouvant aboutir à scinder la Linguistique en deux sciences ».

A resposta certamente não é imediata, tendo em vista que, ao longo de suas reflexões, Saussure constantemente critica a linguística de seu tempo. Tanto na introdução da primeira parte do III Curso quanto nesta aula, o genebrino discorre sobre o passado da área e menciona vários desses problemas sob diferentes óticas. Afinal, referir-se ao *tempo* não é o mesmo que conceber o *domínio do Tempo*, isto é, reconhecê-lo e dele tirar consequências teóricas.

Nas anotações de Constantin, encontramos o mesmo trecho aludido acima, com a diferença de um acréscimo que não se observa nas notas do mestre: “Poucos veem lá uma encruzilhada central onde somos forçados a nos perguntar se devemos ficar no tempo ou caminhar fora do tempo” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 253).

Na sequência, o professor Saussure, reconhecido por sua enorme habilidade de recorrer a exemplos e a comparações para demonstrar suas ideias, resolve então comparar a linguística a diversas outras ciências. Assim como a comparação de outras instituições sociais com a língua, feita no capítulo anterior, revelou a sua condição especial, a comparação empreendida por Saussure nesse momento resultará na conclusão de que os efeitos particulares produzidos pela consideração do “fator Tempo” colocam a linguística num lugar radicalmente distinto do das demais ciências. O anúncio dessa discussão é assim registrado por Constantin: “Considerando as outras ciências, não reconhecemos efeito particular do tempo²¹⁷” (ibidem.).

Após discorrer brevemente sobre a astronomia, a geologia, a ciência do Direito e a História do Direito, a História política dos Estados e a História das instituições políticas, o professor destaca que, embora haja algumas diferenças, em todas elas o fator Tempo não nos obriga a separá-las como se fossem disciplinas distintas: por exemplo, a geologia lida com mudanças no tempo e com estados fixos da terra (e, nesse sentido, “fora do Tempo”), porém, esse aspecto “não faz dessas duas coisas objetos fundamentalmente separados²¹⁸” (SAUSSURE, 2005[1911], p. 254).

Contudo, ao falar a respeito da Economia política (equilíbrio entre o trabalho e o capital como forças sociais) e da História econômica (economia política no tempo), Saussure enfatiza uma característica que as diferencia das ciências anteriores: são disciplinas distintas. Para insistir nessa afirmativa, o professor genebrino utiliza um exemplo concreto que pode ser facilmente constatado no próprio ambiente de estudo dos alunos: “uma Universidade como a nossa confia a dois professores diferentes a História

²¹⁷ Tradução nossa: “En considérant les autres sciences, on ne reconnaît pas effet particulier du temps”

²¹⁸ Tradução nossa: “ne fait pas de ces deux choses des objets fondamentalement séparés”.

econômica e a Economia política. Por quê?²¹⁹” (SAUSSURE, 2005[1911], p. 254). O registro de Constantin a esse respeito é sutil, mais, ainda assim, preserva a diferença fundamental: “(duas disciplinas diferentes)²²⁰” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 254).

A resposta de Saussure ao seu próprio questionamento é a de que a necessidade de professores distintos para essas disciplinas dá-se em função de uma “necessidade interna²²¹”, razão que, segundo ele, será revelada pela dualidade da ciência linguística: trata-se do caso de a Economia política estar “diante da noção de *Valor*, /²²²” (SAUSSURE, 2005[1911], p. 255). Destaca-se aqui “Valor” grafado com inicial maiúscula e sublinhado, aspecto que difere da forma como esse termo consta noutras notas do genebrino. Esse trecho é imediatamente seguido por uma correção explícita em relação às suas próprias palavras (“<eu me corrijo:>²²³”); a reformulação visa enfatizar que *já* se observa a noção de “Valor” na Economia política, porém, num “grau inferior ao do caso da linguística²²⁴”. Saussure acrescenta ainda que dizer *Valor* é o mesmo que dizer *sistema de valores*, “pois todo valor implica um sistema de valores”²²⁵ (SAUSSURE, 2005[1911], p. 255). Mais uma vez, o uso da letra maiúscula nos parece indício de busca de precisão quanto ao uso teórico de uma palavra da língua usual.

Observa-se que Constantin anota toda essa sequência argumentativa a respeito da Economia política apresentada pelo professor genebrino, porém, de uma forma visivelmente embaralhada e marcada por trechos que foram acrescentados a posteriori, fato que contrasta com a maior parte de seus registros na aula anterior:

Nós apenas obedecemos <para essas duas ciências> a uma necessidade interna, <e essa necessidade nos fará ver a necessidade da dualidade da linguística> essa razão é que com a economia política estamos em face da noção de valor, <(e sistema de valores)> mas em menor grau do que com a linguística²²⁶ (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 255).

²¹⁹ Tradução nossa: “[...] une Université quel conque comme la nôtre confie à deux professeurs différents l’Histoire économique ou l’Économie politique. Pourquoi?”.

²²⁰ Tradução nossa: “(deux chaires différentes)”.

²²¹ Tradução nossa: “nécessité interne”.

²²² Tradução nossa: “en face de la notion de *Valeur*, /”

²²³ Tradução nossa: “<je me corrige:>”.

²²⁴ Tradução nossa: “un moindre degré qu’avec la Linguistique”

²²⁵ Tradução nossa: “car toute valeur implique un système de valeurs”.

²²⁶ Tradução nossa: “On n’a fait qu’obéir <pour ces deux sciences> à une nécessité intérieure, <et cette nécessité nous fera voir la nécessité de la dualité de la linguistique> cette raison, c’est qu’avec l’économie politique on est en face de la notion de valeur, <(et système de valeurs)> mais à un moindre degré qu’avec la linguistique”.

Trata-se, talvez, de um registro diante da “perplexidade” com que ele e, possivelmente, os demais alunos acompanharam uma comparação tão imprevisível e ao mesmo tempo tão reveladora como a da linguística com a ciência econômica. Bouissac idealiza esse momento em seu diário dramatizado: “Os alunos nunca antes haviam pensado que a ciência da língua e a economia pudessem ser comparadas de forma produtiva” (BOUISSAC, 2012, p. 58).

Em suas notas, Saussure continua a destacar o que a economia, considerada por ele como uma “primeira ciência de valores”, ainda pode revelar acerca da linguística; segundo ele, um aspecto fundamental foi o de ressaltar “a impossibilidade de tratar ao mesmo tempo desses dois objetos: o sistema de valores tomado em si <ou em um momento>, e o sistema de valores no Tempo²²⁷” (SAUSSURE, 2005[1911], p. 255). Novamente, o registro de Constantin a esse respeito é breve, porém, não desconectado da ideia essencial: “Não podemos tratar ao mesmo tempo do sistema de valor em si, e o sistema de valor no tempo²²⁸” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 255). O alcance geral da distinção entre “os dois eixos”, a saber, “no tempo” e “fora do tempo”, é tão verdadeiro que Saussure declara que mesmo as “ciências que se ocupam de coisas” (e, portanto, não lidam com “valores”) ganhariam ao estabelecer melhor a distinção entre esses eixos.

Destacamos novamente o fato de que, diferentemente de Saussure, Constantin registra a palavra *tempo* com inicial minúscula em praticamente todo o texto, com exceção de uma única vez, quando do registro do primeiro esquema da relação entre Língua, Massa falante e Tempo na aula sobre Imutabilidade e Mutabilidade, conforme sinalizamos na seção anterior. Isso sugere ter sido esta uma discussão prioritariamente oral. Além disso, ainda que tenha aparecido por escrito no quadro outras vezes para além do registro do esquema, talvez não tenha havido por parte do aluno a percepção de se tratar de um termo que assumia contornos tão precisos, justificando o uso de um recurso gráfico para diferenciá-lo de seu uso corrente. O mesmo se observa nos cadernos dos demais alunos e, conseqüentemente, no CLG. A edição sinótica de Engler (1989) dá a essa questão uma visão bastante clara – Tempo só aparece registrado constantemente desta forma nas notas do professor.

²²⁷ Tradução nossa: “l'impossibilité ~~au moins pratique~~ de mener de front ces deux objets : le système de valeurs pris en soi <ou à un moment>, et le système de valeurs selon le Temps”.

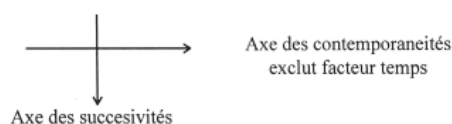
²²⁸ Tradução nossa: “On ne peut mener à la fois le système de valeur en soi, et le système de valeur selon le temps”.

É chegado o momento da aula em que o professor Saussure julga necessário recorrer a um esquema para melhor ilustrar tudo que foi dito até o momento sobre a diferença entre os dois eixos e sobre a impossibilidade de partir simultaneamente de ambos. Em suas notas, ele nomeia esses eixos da seguinte forma: “O eixo das contemporaneidades (onde se pode fazer *desaparecer* o fator Tempo) e o eixo ~~do Tempo~~ <das> sucessividades (Coisas multiplicadas pelo Tempo)²²⁹” (SAUSSURE, 2005[1911], p. 258).

Aqui, o uso da expressão “onde se pode fazer *desaparecer* o fator Tempo” a respeito do eixo das contemporaneidades estabelece uma conexão clara com a ideia de suspensão *ideal* do “fator Tempo” com vistas à generalização. Na realidade empírica das línguas, o fator Tempo jamais desaparece; ele é o motor da continuidade e da mudança das línguas. Contudo, para Saussure, idealmente, *é possível fazer desaparecer* o Tempo a fim de explicar o mecanismo complexo do sistema linguístico, e, nessa direção, teorizar sobre a *langue*. Nesse recorte teórico, a noção de “estado de língua” surge; porém, uma vez reconhecido que o “fator Tempo” não cessa de agir sobre a língua, esta noção não coincide com a de “estado fixo”.

Nos cadernos de Constantin, está registrada a definição dos dois eixos propostos por Saussure e, logo abaixo, o esquema encontrado nas notas do professor. Porém, o que se observa é que há um desacordo entre a legenda do esquema presente no caderno do aluno e a definição dos eixos:

[...] eixo das contemporaneidades (ou das relações entre as coisas coexistentes), o qual equivale a *fazer desaparecer o fator tempo*, e o eixo das sucessividade – (ou relação das coisas sucessivas – coisas multiplicadas pelo tempo)²³⁰.



(SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 258, grifo nosso).

²²⁹ Tradução nossa: l’axe des contemporanéités (où on peut faire *disparaître* le facteur Temps) et l’axe du ~~Temps~~ <des> succesivités (Choses multipliées par le Temps).

²³⁰ Tradução nossa: “[...] axe des contemporanéités (ou des rapports entre les choses coexistantes), lequel équivaut à faire disparaître le facteur temps, et l’axe des succesivités – (ou rapport des choses successives) – choses multipliées par le temps”.

Notemos que a definição anterior ao esquema mantém a expressão “fazer desaparecer o fator tempo”, embora não seja construída a partir da locução verbal “poder fazer”, como consta nas notas de Saussure. Porém, na legenda do eixo, Constantin escreve “Eixo das contemporaneidades *exclui* fator tempo”. Diferentemente de “poder fazer desaparecer”, o verbo “excluir” é claramente mais categórico, o que pode favorecer uma interpretação de que o “fator Tempo” não incide de forma alguma sobre o eixo das contemporaneidades.

No caderno de Dégallier, encontramos a mesma ideia categórica de exclusão: “eixo das contemporaneidades (*exclui* o fator tempo)²³¹” (ENGLER, 1989 p. 177, grifo nosso). Nos registros de Mme. Secheyne, há ideia semelhante a partir do uso do verbo “expulsar”: “eixo das contemporaneidades com coisas coexistentes; equivale a *expulsar* o fator tempo²³²” (ibidem., grifo nosso). Do cruzamento dessas informações, encontramos finalmente no CLG o seguinte trecho: “O eixo das simultaneidades (AB), concernente às relações entre coisas coexistentes, *de onde toda intervenção do tempo se exclui*” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 95, grifo nosso).

Ao fazermos essas comparações, nosso intuito não é enfatizar a ideia de equívoco cometido por parte dos alunos ou mesmo por parte dos editores; de fato, no eixo das *contemporaneidades* ou das *simultaneidades*, o tempo precisa ser teoricamente “excluído” para que se possa neutralizar as forças do Tempo e, assim, descortinar o sistema em “relativo” equilíbrio, que é o que permite o funcionamento da *langue*. Nosso objetivo é chamar a atenção para algumas escolhas lexicais de Saussure que testemunham a complexidade da questão do Tempo para a linguística, quer seja em seus escritos próprios, quer seja por aquilo que se deixa perceber nos escritos dos alunos. Trata-se do enfrentamento do “novelo dos problemas que gravitam em torno da *temporalidade*”, nos termos de Chiss (1978, p. 99), para extrair desses problemas as consequências teóricas necessárias. Saussure perseguirá esse objetivo incansavelmente até suas últimas aulas de linguística geral, e todo seu esforço teórico, defendemos, ganhará seu destino no decorrer do III Curso.

Saussure prossegue em suas notas afirmando que, para as ciências que lidam necessariamente com *valores*, a distinção dos dois eixos, facultativa para as outras

²³¹ Tradução nossa: “axe des contemporanéités (exclut le facteur temps) ”.

²³² Tradução nossa: “axe des contemporanéités avec choses coexistantes ; equivaut à chasser le facteur temps”.

ciências, “se torna uma necessidade teórica e prática de primeira ordem²³³” (SAUSSURE, 2005[1911], p. 258). O professor é firme em suas palavras. Contudo, encontramos no caderno de Constantin um trecho, novamente, embaralhado e marcado por acréscimos posteriores, cujo sentido difere do que aquele encontrado nas notas do genebrino:

Quando chegamos às ciências que se ocupam de valor, isto <(distinção)> torna-se uma necessidade <(muito mais sensível na prática)> <e dependendo do caso, uma necessidade teórica de primeira ordem.>²³⁴ (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 258).

Observa-se que há uma relativização em relação a serem ambas as necessidades (prática e teórica) de “primeira ordem”; no texto de Constantin, somente a “necessidade teórica” figura claramente nesses termos essenciais. Ao compararmos o mesmo trecho nos cadernos de Dégallier e de Joseph, encontramos sentidos semelhantes. Conseqüentemente, a redação do CLG apresenta a mesma ideia de relativização: “Para as ciências que trabalham com valores, tal distinção se torna uma necessidade prática e, *em certos casos*, uma necessidade absoluta” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 95, grifo nosso).

No entanto, a advertência de Saussure é explícita: sendo ambas as necessidades prática e teórica de “primeira ordem”, não se é possível “estabelecer uma ciência clara fora da separação dos dois eixos²³⁵” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 258).

Para Saussure, o ponto máximo da necessidade de distinguir os dois eixos é em relação às ciências que trabalham não com o valor “que tem sua raiz nas coisas”, mas com aquelas que se ocupam de *valores arbitrários*, ou, nos seus próprios termos, que se ocupam do “valor arbitrariamente fixável²³⁶” (ibidem.). Isso porque “só vale o que é instantaneamente valorável²³⁷” (ibidem.); Constantin registra fielmente as mesmas palavras. Vale destacar que o uso do advérbio *instantaneamente* marca novamente o “estado momentâneo dos termos”, haja vista o reconhecimento de que as forças do tempo estão sempre atuando e deslocando a relação entre eles.

A respeito da redação do CLG em que tal trecho comparece, cabe fazer um breve comentário: “*É ao linguista* que tal distinção se impõe mais imperiosamente, pois a língua constitui um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de

²³³ Tradução nossa: “devient une nécessité théorique et pratique de premier ordre”.

²³⁴ Tradução nossa: « Quand on arrive aux sciences qui s’occupent de valeur, cela <(distinction)> devient une nécessité <(beaucoup plus sensible pratiquement)> <et suivant le cas une nécessité théorique de premier ordre.> ».

²³⁵ Tradução nossa: “ On ne peut établir une science nette hors de la séparation des deux axes ».

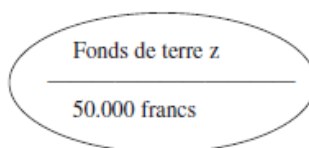
²³⁶ Tradução nossa: “valeur arbitrairement fixable”.

²³⁷ Tradução nossa: “ne vaut que ce qui est instantanément valable”.

seus termos” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 95, grifo nosso). Ao cruzarmos as notas de Saussure com as notas dos alunos, não encontramos nenhuma referência explícita à figura do linguista, o que nos leva a supor que se trata de uma intervenção dos editores.

Obviamente, ao falar sobre ciências que se ocupam de valores arbitrários, Saussure está se referindo à linguística. Contudo, é interessante observar que, ao acrescentarem uma orientação que se apresenta como uma consequência direta do ensino do genebrino, os editores acabam inserindo marcas de seu gesto interpretativo e do que representava a publicação do livro póstumo: tratava-se de um livro sobre linguística geral, cujos princípios e métodos eram voltados diretamente para o trabalho ordinário do linguista. A necessidade de explicitar a quem se destinavam aquelas ideias inovadoras parece ter sido uma preocupação dos editores.

Todo o esforço do professor Saussure a partir de agora é o de reafirmar a *radical arbitrariedade* do signo linguístico; para isso, ele demonstra que todo *valor* apresenta dois lados, mas que, no caso específico do signo linguístico, nenhum desses lados possui “uma raiz nas coisas²³⁸”, mas constituem-se desde o início “*um pelo <em virtude de> o outro*²³⁹”. Para explicar essa diferença, o genebrino utiliza o seguinte exemplo inspirado na Economia.



(SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 259).

Nesse caso, a “propriedade z” apresenta-se como a “coisa” que possui um valor em relação ao franco. A respeito do franco, Saussure afirma que é relativamente possível acompanhar as variações de seu valor no tempo considerando fatores como, por exemplo, os estados de abundância do ouro; contudo, “tudo isso preserva um valor final por força das coisas e não pode, na maioria das vezes, ultrapassar um certo limite²⁴⁰” (SAUSSURE, 2005[1911], p. 259). Em Constantin, esse trecho aparece reformulado: “mantém uma

²³⁸ Tradução nossa: “une racine dans les choses”.

²³⁹ Tradução nossa: “*une ~~p~~ <en vertu de> l’autre*”.

²⁴⁰ Tradução nossa: “tout cela garde une valeur finale de par les choses, et ne peut le plus souvent dépasser une certaine limite”.

certa base tangível, as materialidades permanecerão lá²⁴¹” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 259).

Por outro lado, considerando a associação que constitui o signo linguístico, não há nada imposto previamente em função das “coisas” ou das “materialidades”: “não há nada além de dois valores (princípio da arbitrariedade do signo)²⁴²” (ibidem.). É esse fato que explica o potencial de variabilidade dos signos linguísticos e, conseqüentemente, a abertura para os “remanejamentos” desses elementos no sistema. Neste ponto, fica explícito que a linguística se separa radicalmente de qualquer outra ciência que lida com valores, inclusive a Economia.

Ainda a respeito dos dois valores do signo, vale mencionar que Saussure registra em suas notas uma conjectura que é também anunciada na aula, uma vez que Constantin a anota em seu caderno: “Se um dos dois lados do signo linguístico pudesse passar por algo que <tem> uma existência em si, seria o lado conceitual, a ideia como base do signo. /²⁴³” (SAUSSURE, 2005[1911], p. 259).

Conforme sinalizado no início desta seção, a partir de agora nossa análise partirá apenas dos cadernos de Constantin em cotejo com o CLG, em razão da ausência de notas preparatórias de Saussure para a próxima sequência da aula.

Após a demonstração da radical arbitrariedade do signo, lemos nas anotações de Constantin o estabelecimento do problema: “Estamos diante da complicação máxima dos fatos de valor” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 260). Se todo valor depende “de um valor vizinho ou de um valor oposto²⁴⁴” (contemporaneidades) e, também, se esses mesmos valores são sempre submetidos a alterações que produzem deslocamentos nas relações (sucessividades), como é possível avaliar os termos “misturando as épocas²⁴⁵? “Escolheremos o eixo do tempo ou o eixo oposto?²⁴⁶” (ibidem.).

O professor Saussure é ainda mais explícito: “A linguística deve ser dividida em duas. Existe uma dualidade irremediável, criada pela própria natureza das coisas <quando se trata> de sistemas de valores²⁴⁷” (ibidem.). Está anunciada então a famosa bifurcação

²⁴¹ Tradução nossa: “Mais cela garde une certaine base tangible, les matérialités resteront là”.

²⁴² Tradução nossa: “il n’y a rien que deux valeurs (principe de l’arbitraire du signe)”.

²⁴³ Tradução nossa: “Si l’un des deux côtés du signe linguistique pouvait passer pour <avoir> une existence en soi, ce serait le côté conceptuel, l’idée comme base du signe. /”.

²⁴⁴ Tradução nossa: “ d’une valeur voisine ou d’une valeur opposée »

²⁴⁵ Tradução nossa: “ en mêlant les époques »

²⁴⁶ Tradução nossa: “ Choisirons-nous axe du temps ou axe opposé? »

²⁴⁷ Tradução nossa : “ Il faut séparer en deux la linguistique. Il y a une dualité irrémédiable, créée par la nature même des choses <quand il s’agit> de systèmes de valeurs. »

da linguística e as razões pelas quais esse gesto mostrava-se incontornável: é uma condição imposta pela própria essência “das coisas” que compõem um sistema de valores, que podemos afirmar ser a condição da temporalidade da língua.

A partir desse momento, o professor propõe uma retomada da história da linguística, desta vez guiada pela perspectiva dos eixos da contemporaneidade e da sucessão no Tempo. Aqui é oportuno destacar a dinâmica da aula em contraste com a montagem do CLG. No III Curso, Saussure anuncia a cisão da linguística, parte para uma breve discussão sobre a história da linguística e somente depois estabelece os termos que formalizam essa divisão; na obra póstuma, a cisão da linguística é logo seguida pela nomeação dos termos para abordá-la, sendo a parte destinada a retomada da história da linguística deslocada para a seção posterior.

A nosso ver, o percurso escolhido por Saussure para a condução dessa parte da aula tem um efeito didático e teórico fundamental: insistir na complexidade do problema mostrando que, apesar de distintos, os dois eixos encontram-se em constante oposição é reconhecer tratar-se de uma relação *dialética* e não simplesmente dicotômica. Trata-se do cruzamento das duas ordens, revelada sobretudo a partir do esquema proposto anteriormente pelo professor, em que as linhas horizontal e vertical não estão dispostas de forma paralela, mas em cruzamento (no *CFS*. n. 58, p. 258).

Desta vez, o professor genebrino não abordará os estudos filológicos nem os estudos neogramáticos, como o fez na introdução do III Curso. Ele concentrará sua discussão na gramática comparada e na gramática tradicional, demonstrando como os eixos são perceptíveis nessas duas abordagens.

O professor inicia pela gramática comparada. Segundo ele, durante muito tempo quase nada foi feito além de linguística histórica. O próprio reconhecimento da necessidade de uma separação entre os eixos não atingiu os linguistas. Saussure então define a gramática comparada como uma linguística histórica, uma vez que “ela extrai dos termos comparados a hipótese de um tipo antecedente²⁴⁸” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 260). Ele ainda ressalta que, em relação às línguas românicas, o que se faz é linguística histórica: “<estudo direto de diferentes línguas>²⁴⁹” (ibidem.).

Aqui, é pertinente retomarmos a questão da substituição do termo “linguística histórica” por “linguística evolutiva” no CLG; ao que nos parece, a escolha dos editores

²⁴⁸ Tradução nossa: “qu’extraire des termes comparés, l’hypothèse d’un type antécédent”.

²⁴⁹ Tradução nossa: “<étude directe des différentes langues>”.

por registrar “linguística evolutiva” deve-se em função do reconhecimento de que, nessa etapa do curso, não se tratava mais de um estudo direto (empírico) das diferentes línguas, mas do estabelecimento de princípios gerais da ciência linguística que o genebrino buscou formular. Era preciso então desvincular-se da associação da linguística à empiria das línguas para poder alçar o voo em direção à formalização científica, tal como o genebrino propôs.

Uma vez que a gramática comparada esteve inteiramente voltada para o estudos das alterações das formas linguísticas no tempo, os “estados” foram contemplados apenas por uma via indireta (já que as formas linguísticas só são percebidas a partir dos estados, como afirmado anteriormente); além disso, os comparatistas misturavam os estados, “se movendo de um dos eixos para o outro²⁵⁰” (ibidem.) sem qualquer discernimento.

A partir desse ponto, o professor lança uma questão provocadora para os alunos: “se a linguística que se desenvolveu desde Bopp representa apenas um ponto de vista histórico sobre a língua, *um ponto de vista ruim e mal definido*. <que representa os trabalhos dos linguistas anteriores? – (gramáticos franceses, latinos)>”²⁵¹ (ibidem., grifo nosso). Nesse instante, o genebrino convoca a gramática tradicional.

Para Saussure, os trabalhos dos gramáticos representam “um ponto de vista científico inteiramente irrepreensível para o ponto de vista que nos interessa²⁵²” (ibidem.). Isso porque, contrariamente à gramática comparada, a gramática tradicional apresentava um objetivo bem definido: a descrição de um estado de língua. Daí o exemplo mencionado anteriormente a respeito da gramática de Port Royal publicada em 1660, que “não misturava aí [na descrição do francês de sua época] o valor do francês da idade média ou do latim²⁵³” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 260). Em seguida, Constantin anota um trecho em que não é possível afirmar se se trata de uma intervenção do professor ou do registro de uma interpretação particular do aluno; de toda forma, é interessante mencioná-lo porque ele testemunha uma associação clara entre o esquema dos eixos e a perspectiva da gramática tradicional: “<Ela preenche completamente o eixo horizontal²⁵⁴>” (ibidem.).

²⁵⁰ Tradução nossa: “passe d’un des axes à l’autre”

²⁵¹ Tradução nossa: “ si la linguistique qui s’est développée depuis Bopp ne représente qu’un point de vue historique sur la langue, un point de vue mêlé et mal défini. <que représente le travail des linguistes antérieurs ? – (grammairiens français, latins) »

²⁵² Tradução nossa: “un point de vue scientifique entièrement irréprochable au point de vue qui nous occupe”.

²⁵³ Tradução nossa: “sans y mêler la valeur du français du moyen âge ou du latin”.

²⁵⁴ Tradução nossa: “<Elle remplissait complètement axe horizontal>”.

Prossegue Saussure afirmando que a base da gramática tradicional era muito mais científica que a linguística posterior; isto porque a gramática comparada se colocava no “terreno ilimitado do tempo²⁵⁵” (ibidem.) e, por essa razão, não tinha clareza sobre qual seria seu objeto de investigação. Dégallier registra a mesma expressão (ENGLER, 1989, p. 184). Em contrapartida, lemos no CLG “terreno mal delimitado” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 98), ou seja, sem referência ao “tempo”. Novamente, trata-se de um contraste sutil, porém significativo para nós: a expressão “terreno ilimitado do tempo” reforça que é a questão do Tempo que impõe a delimitação do objeto de análise, já que, em si mesma, a língua é um *continuum*; não partir desse passo fundamental resultará num “terreno mal delimitado”, ou seja, onde não há clareza sobre qual eixo seguir, “o eixo do tempo ou o eixo oposto”. É isso o que, segundo Saussure, faltava à gramática comparada e o que explica sua localização num terreno mal definido.

Contudo, apesar de apresentar um ponto de vista científico “irrepreensível”, Saussure afirma que a gramática tradicional não é “perfeita ou completa²⁵⁶”. Há diversos aspectos questionáveis nessa abordagem: ela ignora partes inteiras da língua, como a formação de palavras; é normativa, e, portanto, preocupa-se em promulgar leis ao invés de constatar os fatos existentes; não apresenta uma perspectiva abrangente da língua; não conhece a natureza das coisas com as quais está lidando, ou seja, “está em uma esfera psíquica e outra²⁵⁷”; e, por fim, não distingue a palavra escrita da palavra falada (aqui, vale pontuar que se trata de um problema apontado por Saussure também para a gramática comparada).

Diante do atual estado em que se encontrava a linguística, o professor Saussure anuncia o seu programa científico para a área: não se trata de adotar a perspectiva da gramática comparada e perseguir apenas a história das línguas, tampouco de escolher o caminho da gramática tradicional e fixar-se num estado de língua; a partir dos “resultados valiosos²⁵⁸” colhidos pela linguística histórica, “será necessário voltar ao ponto de vista estático, mas retornar a ele com *um ponto de vista renovado*²⁵⁹” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 260-261, grifo nosso).

²⁵⁵ Tradução nossa: “terrain illimité dans le temps”.

²⁵⁶ Tradução nossa: “parfaite ou complete”.

²⁵⁷ Tradução nossa: “est dans une sphère psychique et autre”.

²⁵⁸ Tradução nossa: « résultats précieux »

²⁵⁹ Tradução nossa: “il faudra revenir au point de vue statique, mais y revenir avec un point de vue renouveau”.

Em seguida, Saussure trata de explicar em que sentido o retorno ao *ponto de vista estático* apresenta-se renovado: é a partir dos estudos históricos que se poderá compreender mais adequadamente “o que é um estado²⁶⁰” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 261). Não se trata da noção de *estado* encontrada na gramática tradicional, mas de um *estado* afetado pelo histórico; sendo a língua essencialmente um eterno *dever*, o conceito de *estado linguístico* é um ponto fictício teoricamente fixado pelo linguista para buscar compreender um funcionamento linguístico: “<Então, mesmo para a linguística estática, ganharemos por ter feito linguística histórica>”²⁶¹ (ibidem.).

Outra orientação importante desse projeto científico é o de que os fatos estáticos e os fatos históricos não devem ser tomados de forma isolada (tal como a gramática tradicional e a gramática comparada, respectivamente), nem de forma indiscriminada (como o fez a gramática comparada), mas precisam ser colocados em oposição: “é apenas a oposição das duas ordens que é fecunda como ponto de vista²⁶²” (ibidem.). Aqui, é oportuno mencionar a declaração de Saussure em 1909 na entrevista concedida a Riedlinger, já mencionada neste capítulo: “Seria necessário começar pela linguística diacrônica; o sincrônico deve ser tratado por si mesmo; mas sem a perpétua oposição com o diacrônico, não se chega a lugar nenhum” (GODEL, 1957, p. 29).

Em busca de assinalar de forma cada vez mais clara essa “perpétua oposição”, o professor Saussure agora propõe mais uma reformulação na terminologia: “Não contestamos a existência das duas ordens, *mas nós não as opomos suficientemente*. <Há uma série de termos quase sinônimos sobre os quais nós podemos concordar>²⁶³” (ibidem., grifo nosso).

Saussure é notadamente reconhecido por sua incansável revisão terminológica. Nesse instante de aula, os alunos assistem a mais uma dessas reformulações. Constantin registra atentamente esse percurso em que o pensamento reflexivo do mestre ganha corpo nas idas e vindas de suas palavras. Primeiro, o professor se dedica aos “fatos históricos”: “Grosso modo, história, vamos chamá-la de uma palavra mais precisa (evolução, alteração), e também podemos propor o termo fatos diacrônicos (fatos que acontecem

²⁶⁰ Tradução nossa: “ce qu’était un état”.

²⁶¹ Tradução nossa : “ Donc même pour linguistique statique on gagnera à avoir fait linguistique historique>

²⁶² Tradução nossa: “ce n’est que l’opposition des deux ordres qui est féconde comme point de vue”.

²⁶³ Tradução nossa: “On ne conteste pas existence des deux ordres, mais on ne les oppose pas suffisamment. <Il y a un certain nombre de termes à peu près synonymes sur lesquels on peut se mettre d’accord>”

através do tempo)”²⁶⁴ (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 261). É válido pontuar que, no II Curso, Saussure já expressava sua insatisfação em relação aos termos “histórico” e “evolutivo”; a respeito deste último, ele afirma: “ainda não é bastante preciso, *não coloca em oposição suficiente os dois sistemas de forças*” (CFS., n. 15, p. 12, grifo nosso).

Imediatamente em seguida, surge um termo, seguido de sua definição: “*Diacronia*: período que se passa através do tempo”²⁶⁵ (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 261, grifo no original). Essa ordem é caracterizada principalmente pelo fato de que nela estamos diante de “fatos sucessivos”. O destaque gráfico dado à palavra *Diacronia*, fato que não ocorre com os demais termos, parece selar a decisão tomada pelo genebrino.

Ressaltamos que esta não é a primeira vez que o termo “diacronia” surge nos cursos. Nas notas de Riedlinger para o II Curso, há um trecho em que se lê “estabelecer a *diacronia*, a passagem diacrônica de um estado a outro” (CFS., n.15, p. 98, grifo nosso). Contudo, defendemos que é somente no III Curso que *diacronia* assumirá, em oposição à *sincronia*, um lugar de destaque em função do claro esforço teórico de Saussure para esclarecer os princípios a partir de uma terminologia renovada.

Resta ainda um termo para se referir aos “estados”, ou seja, aos “<equilíbrios determinados dos termos e dos valores colocados numa determinada relação>”²⁶⁶ (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 261). Segundo Saussure, esses termos são “necessariamente contemporâneos <(coexistentes)>”²⁶⁷ e compõem *sincronias*²⁶⁸ (ibidem., grifo nosso). Nas anotações de Mme. Secheyay, o mesmo termo foi registrado: “Estados – equilíbrio (determinado de termos e de valores colocados numa certa relação – *sincronias*”²⁶⁹ (ENGLER, 1989, p. 181, grifo nosso).

Assim, estabelece-se a oposição entre as forças estáticas e as forças históricas a partir de uma terminologia “renovada” proposta naquele instante da aula: *diacronia* e *sincronias*. Ao entrelaçar os termos propostos, como fizera com *significante* e *significado*, o professor parece alcançar a eficácia teórica que almejava.

²⁶⁴ Tradução nossa: “En gros, histoire, nous l’appellerons d’un mot plus précis (évolution, altération), et on peut proposer aussi le terme de faits diachroniques (faits se passant à travers le temps)”.

²⁶⁵ Tradução nossa: “*Diachronie* = période se passant à travers le temps”.

²⁶⁶ Tradução nossa: (équilibres déterminés des termes et des valeurs placés dans un certain rapport).

²⁶⁷ Tradução nossa: forcément contemporains <(coexistants)>

²⁶⁸ Tradução nossa: “synchronies”

²⁶⁹ Tradução nossa: “*États – équilibre* (determine des termes et des valeurs placés dans un certain rapport) – *synchronies*”.

Chama a atenção o emprego de “sincronias” no plural, fato não muito comum nos textos saussurianos. Na análise do percurso de elaboração desses termos por Saussure, Depecker destaca que o termo “sincronia”, enquanto substantivo, foi raramente empregado pelo genebrino e foi mais presente nos seus últimos anos de vida. Ainda segundo o autor, esse emprego deu-se sob a forma de “*uma sincronia*” (DEPECKER, 2012, p. 55, grifo nosso). Em contrapartida, são abundantes termos como “estático”, “sincrônico” e, por vezes, “sinótico” para se referirem ao eixo das forças estáticas, como se pode observar no II Curso.

Após estabelecer os termos *diacronia* e *sincronias*, Saussure volta a convocar explicitamente o “fator Tempo” e compara as duas ordens com duas partes da Mecânica. Ele parte do seguinte esquema:

Statique	Dynamique (Cynématique)
Forces en équilibre	Forces en mouvement
	T

(SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 261).

Esclarece, ainda, que, na Dinâmica, intervém o “fator T (tempo)”²⁷⁰ (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 261).

Para finalizarmos, consideraremos um último aspecto que é fundamental para sustentar teoricamente a possibilidade de suspensão do Tempo na língua: trata-se do *ponto de vista do sujeito falante*.

O professor afirma que o ponto de vista pelo qual as duas ordens foram separadas, além de ser deduzido de uma série de experimentos da linguística, pode ser inspirando numa “observação mais simples”, qual seja, no ponto de vista do sujeito falante. Segundo o genebrino, desse ponto de vista, “a sequência de fatos ao longo do tempo é uma coisa inexistente. O sujeito falante está diante de um estado²⁷¹” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 261). Ou seja, para o sujeito falante, as forças históricas atuantes na língua, apesar de presentes, não são percebidas, já que é preciso partir de um sistema em relativo equilíbrio para que haja comunicação. Como seria possível compreender e fazer-se compreender num estado linguístico caótico? A noção de estado,

²⁷⁰ Tradução nossa : “Dans la dynamique intervient le facteur T (temps) »

²⁷¹ Tradução nossa: “la suite des faits dans le temps est une chose inexistante. Le sujet parlant est devant un état”.

então, funda-se na perspectiva do falante. É somente nessa perspectiva que é possível neutralizar os efeitos imperiosos do “fator T”.

Nesse sentido, para chegar ao mecanismo sistemático da língua, é preciso que o linguista faça “tábula rasa do que é diacrônico, do que produziu um estado no tempo, a fim de compreender esse estado em si. Ele só pode entrar na consciência dos sujeitos falantes adotando o ponto de vista da ignorância das fontes²⁷²” (ibidem.). Notemos que a ignorância ao passado é uma característica do falante em relação à sua língua materna; o linguista assume *idealmente* essa condição para proceder à investigação científica. Trata-se pois de assumir o lugar do sujeito falante, mas como linguista, a fim de teorizar sobre o fenômeno que estuda.

Na sequência, o professor Saussure recorre a mais uma de suas metáforas para demonstrar os equívocos quando os pontos de vista sincrônico e diacrônico são misturados; segundo ele, seria um “absurdo” fazer um panorama dos Alpes focalizando de maneira simultânea o Reculet, o Dôle e o Chasseral, assim como é um absurdo “combinar o ponto de vista sincrônico e o ponto de vista diacrônico²⁷³” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 261-262).

Depois, o genebrino retoma o ponto de vista do sujeito falante (e do linguista) em relação à metáfora adotada: “O observador colocado em um ponto fixo e determinado é o sujeito falante ou *o lingüista que se coloca em seu lugar*²⁷⁴” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 262, grifo nosso). Por outro lado, “um observador em movimento fazendo a viagem contínua <de Reculet a Chasseral>, o movimento da cena, <as relações entre as montanhas que mudam> representará a alteração histórica, a evolução²⁷⁵” (ibidem.). Contudo, mesmo um observador em movimento não ignora completamente a noção de estado de língua, uma vez que reconhece que para desenhar esse panorama <é preciso estar diante de um determinado estado. Só é possível se servir da língua num estado>” (SAUSSURE, por CONSTANTIN, 2005[1911], p. 262).

Durante o restante da aula, Saussure continuará sua demonstração da linguística sincrônica e da linguística diacrônica, chamando a atenção para os objetos específicos de

²⁷² Tradução nossa: “table rase de ce qui est diachronique, de ce qui a produit un état dans le temps pour comprendre cet état lui-même. Il ne peut entrer dans la conscience des sujets parlants qu’en adoptant le point de vue de l’ignorance des sources”.

²⁷³ Tradução nossa: “combiner le point de vue synchronique et le point de vue diachronique”.

²⁷⁴ Tradução nossa: “L’observateur placé en un point fixe, déterminé, c’est le sujet parlant ou le linguiste qui se met à sa place”.

²⁷⁵ Tradução nossa: “un observateur en mouvement faisant le trajet continu <du Reculet au Chasseral>, le mouvement du tableau, <les rapports des montagens qui changent> représentera l’altération historique, l’évolution”.

cada uma delas, assim como para o fato de que ambos os objetos, apesar de distintos, estão em constante oposição, uma vez que história e sistema linguístico se entrecruzam no fenômeno complexo da língua. Contudo, conforme sinalizamos no início deste capítulo, nosso percurso pelo ensino de Saussure não contemplaria toda a aula sobre linguística estática e linguística histórica/evolutiva em razão do nosso interesse estar circunscrito no instante da eleição dos conceitos de *sincronia* e *diacronia*, consequências máximas da incidência do fator Tempo sobre a língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dúvida científica ainda está presente na última época da vida de Ferdinand de Saussure, mas de forma menos paralisante. Claro, ele ainda não publica, porque *o ato em Saussure não é próprio do autor de textos; é o do professor*²⁷⁶ (QUIJANO, 2005, p. 46, grifo nosso).

O objetivo inicial desta tese era investigar os desdobramentos teóricos da incidência do “fator Tempo” sobre a teorização acerca do objeto *língua* empreendida por Ferdinand de Saussure, esse respeitado *linguista* suíço que muito escreveu e pouco publicou a respeito de suas mais inusitadas ideias sobre o fenômeno geral da linguagem. Contudo, durante nosso percurso investigativo, o próprio “fator Tempo” conduziu-nos a um *reencontro* com o *professor* Saussure em sua sala de aula na Universidade de Genebra, particularmente em dois momentos singulares de sua atuação como docente nessa instituição: em 1891, quando de seu retorno à terra natal para assumir a “História e Comparação das línguas indo-europeias” criada especialmente para ele, e em 1910-1911, período em que ocorreram suas últimas aulas de *linguística geral*.

Nesses dois momentos distintos, que marcam respectivamente a estreia e o encerramento de seu ensino em Genebra, Saussure convoca o “fator Tempo” para demonstrar o fato complexo e paradoxal de que *a língua se altera em sua continuidade* sem que os falantes percebam as mudanças ou possam interferir conscientemente nesse processo. Porém, como buscamos demonstrar ao longo deste trabalho, tanto os objetivos quanto os efeitos dessas aulas não foram os mesmos.

Nas Conferências, sobressaiu a figura do Saussure *linguista* recém-chegado à Universidade de Genebra, uma instituição que, à época, era bastante conservadora e pouco habituada para uma linguística como a dele, como assinala Cichichimo (2009, p. 263). Dado esse contexto particular, observou-se que, apesar de desenvolver amplamente os princípios de *continuidade* e de *movimento*, que explicam a condição da língua no Tempo, não houve, por parte do genebrino, uma preocupação clara em fornecer uma terminologia para esses princípios (recordemos aqui a oscilação de termos para se referirem ao princípio do *movimento* da língua no tempo na Segunda Conferência) ou mesmo para situá-los num sistema conceitual. Nessas aulas inaugurais, Saussure buscou sobretudo marcar seu posicionamento teórico em relação à linguística de seu tempo e

²⁷⁶ Tradução nossa: “Le doute scientifique est encore à l’oeuvre dans la dernière époque de la vie de Ferdinand de Saussure, mais d’une façon moins paralysante. Certes, il ne publie toujours pas, car l’acte chez Saussure n’est pas le propre de l’auteur de textes ; c’est celui de l’enseignant”.

combater veementemente e num tom bastante provocativo noções equivocadas a respeito das línguas, que atrapalhavam a construção do objeto teórico *langue* visado por ele.

Passados quase vinte anos, vimos que a situação se modificou: o professor Saussure já havia conquistado seu território em Genebra, assim como o respeito de seus alunos que então se tornaram discípulos e os primeiros propagadores de suas lições. Nesse espaço bastante acolhedor e na ocasião de ter sido convidado em 1909 para lecionar cursos de linguística geral, Saussure teve a oportunidade de, pela primeira vez, expor para um público de alunos suas ideias acerca da natureza da língua e sobre a ciência linguística que almejava construir, ideias que, até então, circulavam apenas num grupo seletivo de amigos e profissionais da área, como afirma Bouissac (2012, p. 9).

Graças a esse contexto favorável, vimos no III Curso que os desdobramentos teóricos e metodológicos vinculados ao “fator Tempo” atingiram seu ponto máximo no instante em que a “dialética” entre língua e Tempo “contaminou” o ensino de Saussure, provocando uma reformulação da segunda parte do curso, conforme constatou Gambarara (2005, p. 36). Nesse caminho, pudemos observar que os princípios de continuidade e movimento da língua reaparecem no curso, mas, agora, com uma terminologia definida e relacionados ao conceito teórico de *signo linguístico*, necessariamente concebido a partir do *sistema*: são os princípios de *imutabilidade* e *mutabilidade*. Além disso, vimos que, após ter demonstrado amplamente a condição essencialmente *temporal* das línguas empíricas na primeira parte do curso, o tempo que o professor Saussure convocou na segunda parte não se referia mais ao tempo empírico, mas ao “fator Tempo”, que agora opera como o eixo de sua teorização sobre a *langue*: a partir desse gesto epistemológico, os conceitos de *sincronia* e *diacronia* são nomeados e então se instalam como princípios teóricos e metodológicos da ciência linguística.

A partir da análise do nosso *corpus*, buscamos demonstrar que o *acontecimento do ensino* foi determinante para a elaboração teórica de Saussure, sobretudo a respeito da relação entre língua e “fator Tempo” no III Curso. Apesar das constantes incertezas, que costumavam paralisar sua escrita solitária, Saussure encontrou, no *acontecimento de suas aulas* e a partir da escuta de seus alunos e de si próprio, um espaço livre para que pudesse “ousar o risco” e expor/formular suas ideias mais desafiadoras e instigantes sobre o fenômeno *língua*. Nesse sentido, o comentário de Quijano (2005) a respeito dos efeitos do ensino sobre o próprio Saussure nos parece bastante oportuno:

[...] no ensino, a presença simultânea daquele a quem se dirige seu conhecimento necessariamente estabelece um limite a ser respeitado,

independentemente da verdade das coisas. A mente de Saussure precisava desse limite de entendimento do seu ouvinte. *Esta é a razão pela qual, apesar de suas dúvidas, Saussure conseguiu ensinar o que ele não pode escrever*²⁷⁷ (QUIJANO, 2005, p. 47, grifo nosso).

Ao final desse nosso percurso, sob efeito das lições do III Curso, não pudemos ignorar uma interessante comparação que se impôs: nesta tese, empreendemos uma análise “diacrônica” do ensino do professor Saussure ao longo de seu retorno a Genebra e uma análise “sincrônica” de cada um desses momentos, a saber, o de inauguração e o de encerramento. Este último, foco privilegiado em nossa análise, dá testemunho de como o “remanejamento” das ideias de Saussure, já em circulação tantos anos antes (de Leipzig a Paris), sob os efeitos de seu ensino, produz o deslocamento teórico que culmina num sistema conceitual no qual, a partir do enfrentamento do “fator Tempo”, conceitos como *sincronia, diacronia, língua, fala, signo, significante, significado, valor* se imbricam completamente numa relação dialética que funda a linguística moderna. Eis o que podemos chamar de a maior lição saussuriana.

²⁷⁷ Tradução nossa: “dans l’enseignement, la présence simultanée de celui à qui l’on adresse son savoir établit nécessairement une limite à respecter, indépendamment de la vérité des choses. L’esprit de Saussure avait besoin de cette limite posée par la compréhension de son auditeur. C’est la raison pour laquelle malgré ses doutes Saussure a pu enseigner ce qu’il n’a pas pu écrire”.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- AMSTERDAMSKA, O. **Schools of thought: the development of linguistics from Bopp to Saussure**. Dordrecht: D. Reidel, 1987.
- ARRIVÉ, M. **Em busca de Ferdinand de Saussure**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- BALLY, A.; SECHEHAYE, A. “Prefácio” [1915]. In: SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BOUISSAC, P. **Saussure: um guia para os perplexos**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012.
- CHIDICHIMO, A. **Les premières leçons de Saussure à Genève, 1891: textes, témoins, manuscrits**. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 62, Genève : Droz, 2009. p. 257-276.
- CHISS, J. L. “Synchronie/diachronie: méthodologie et théorie en linguistique”. In: **Langages**, n. 49, 1978. p. 91-111.
- CHISS, J-L.; PUECH, C. “O Cours de linguistique général e a representação da língua pela escrita”. In: CATACH, N. (org.) **Para uma teoria da língua escrita**. São Paulo: Ática, 1996.
- CHOI, Y. H.. **Le problème du temps chez Ferdinand de Saussure**. Paris: L’Harmattan, 2002.
- CONSTANTIN, E. **Le troisième cours**. Texte établi par Cláudia Mejía Quijano. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 58, Genève: Droz, 2005. p. 83-292.
- CRUZ, M. A.. “A filologia saussuriana: debates contemporâneos”. In: **Alfa**, v.53, n.1, São Paulo, 2009. p. 107-126,
- CRUZ, M. A.; FARIA, N. R. B. “Novo retorno a Saussure: algumas reflexões sobre a circulação indefinida do nome de Ferdinand de Saussure”. In: **Leitura**, v. 1, n. 62, Maceió, 2019. p. 2-12.
- DEPECKER, L. **Compreender Saussure a partir dos manuscritos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- FARACO, C. A. “Apresentação”. In: FARACO, C. A. (Org.). **O efeito Saussure: cem anos do Curso de linguística geral**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- FARIA, N.; LIMA, D. O Curso de linguística geral e seus efeitos: a escrita em Hjelmslev. **Gragoatá**, v. 22, n. 44, Niterói, 2017. p. 1027-1048.
- FIORIN, J. L., FLORES, V. do N., BARBISAN, L. B. (Org.) **Saussure: a invenção da linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

GAMBARARA, D. “Um texte original – présentation des textes de F. de Saussure”. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 58, Genève: Droz, 2005. p. 29-42.

GODEL, R. “Inventaire des manuscrits de F. de Saussure remis a la Bibliothèque Publique et Universitaire de Genève”. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 17, Genève : Droz, 1960. p. 5-11.

GODEL, R. **Les sources manuscrites du cours de linguistique générale**. Genebra: Droz, 1969.

HENRIQUES, S. M. **Os manuscritos de Ferdinand de Saussure sobre as lendas germânicas: uma relação entre a fala e a história**. Tese (Doutorado em Linguística) – Unicamp, IEL, Campinas, S.P. p.151, 2019.

LIMA, D. T. **Forma pura e forma material: língua, escrita e oralidade a partir de Hjelmslev**. Maceió, 2016. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Alagoas.

MARQUES, L. M. B. **As aulas de Saussure: um retorno aos manuscritos**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2016.

MEILLET, A. Comptes Rendus. **Bulletin de la Societé de Linguistique de Paris**, v. 20, p. 32-36.

MEILLET, A. “Nécrologie – M. Ferdinand de Saussure”. *École pratique des hautes études, Section des sciences historiques et philologiques*. Annuaire 1913-1914. 1913. pp. 115-123. www.persee.fr/doc/ephe_0000-0001_1913_num_1_1_9152

MILNER, J-C. Retorno a Saussure. In: _____. **El périplo estructural: figuras y paradigma**. 1ª ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

MORPURGO-DAVIES, A. **Nineteenth-century linguistics**, vol. 4 of G. Lepschy (ed.) History of Linguistics. London: Longman, 1998.

MORPURGO-DAVIES, A. “Saussure and Indo-European linguistics”. In : CAROL, S. **The Cambridge Companion to Saussure**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

NORMAND, C. **Saussure**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

NORMAND, C. “Uma epistemologia da linguística”. In: SILVEIRA, E. (Org.). **As bordas da linguagem**. Uberlândia: EDUFU, 2011.

PEREIRA DE CASTRO, M. F. **A língua(gem) no tempo: um tema saussuriano**. **CULT** - Revista Brasileira de Cultura, v. 1, 2016. p. 54-57.

PEREIRA DE CASTRO, M. F. Ler os manuscritos saussurianos com o Curso de linguística geral. In: FARACO, C. A. (Org.). **O efeito Saussure: cem anos do Curso de linguística geral**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

PEREIRA DE CASTRO, M. F. “Pequeno ensaio sobre o Tempo na teorização saussuriana”. In: FIORIN, J. L. et al. **Saussure: a invenção da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

PÉTROFF, A. **Saussure: la langue, l’ordre et le désordre**. Paris: L’Harmattan, 2004.

QUIJANO, C. M. “Sous le signe du doute – présentation des textes de E. Constantin”. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, v. 58, p. 43-67, 2005.

ROBINS, R. H. **Pequena história da linguística**. Trad. Luiz M. Monteiro de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983 [1967].

SALUM, I. “Prefácio”. In: SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SAUSSURE, F. de. Introduction du deuxième cours de linguistique générale (1908-1909). **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 15, Genebra : Droz, 1957. p. 6-103.

SAUSSURE, F. de. **Cours de Linguistique Générale**. Édition critique préparé par Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1967.

SAUSSURE, F. de. **Cours de Linguistique Générale**. Édition critique par Rudolf Engler (Tome 1). Wiesbaden: Harrassowitz, 1989.

SAUSSURE, F. de. **Cours de Linguistique Générale**. Édition critique par Rudolf Engler (Tome 2). Wiesbaden: Harrassowitz, 1974.

SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**. Paris: Payot, 1965.

SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SAUSSURE, F. de. **Escritos de lingüística geral**. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler. São Paulo: Cultrix, 2004 [2002].

SAUSSURE, F. de. Souvenirs de F. de Saussure concernant sa jeunesse et ses études”. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, n. 17, Genève: Droz, 1960. p. 12-25.

SILVEIRA, E. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

SOUZA, M. O. **Os anagramas de Saussure: entre a poesia e a teoria**. Uberlândia: Edufu, 2018.

TURRA, B. **Ferdinand de Saussure e seu saber fazer com a escrita: ou do que se circunscreve de um enigma**. Tese (Doutorado em Linguística) – Unicamp, IEL, Campinas, S.P. p.225, 2018.

ANEXO

- Reprodução do índice do III Curso proposto por Gambarara (2005, p. 35) para a primeira parte destinada às “Línguas”:

Linguistique générale, Cours 1910-1911

Introduction	C 1-10	[28 octobre]
Divisions générales du cours	C 10-19	[4 novembre]
PREMIÈRE PARTIE: LES LANGUES	C 19-21	[8 novembre]
Chapitre I: Diversité géographique de la langue	C 21-30	[8 novembre]
Chapitre II: Entrecroisements de la diversité géographique	C 30-38	[11 novembre]
Chapitre III: Causes de la diversité géographique	C 38-73	[14 novembre] ²⁰
Chapitre IV: La représentation de la langue par l'écriture	C 73-111	[*2 décembre] ²¹
Chapitre V: Tableau des familles de langues	C 111-117	[9 janvier]
1) La famille indoeuropéenne	C 117-217	[13 janvier]
2) La famille des langues sémitiques	C 217-255	[*7 mars]
Chapitre VI: Coup d'œil sur l'Europe	C 255-262	[*18 avril]

- Reprodução do índice do III Curso proposto por Gambarara (2005, p. 36) para a segunda parte destinada à “Língua” antes da intervenção do Tempo:

DEUXIÈME PARTIE: LA LANGUE	C 263	[25 avril]
Chapitre I: La langue séparée du langage	C 263-277	[25 avril] ²²
Chapitre II: Nature du signe linguistique	C 278-285	[2 mai]
Chapitre III: Les entités concrètes de la langue	C 285-295	[5 mai]
Chapitre IV: Les entités abstraites de la langue	C 295-299	[9 mai]
Chapitre V: L'arbitraire absolu et l'arbitraire relatif	C 299-308	[9 mai]

- Reprodução do índice do III Curso proposto por Gambarara (2005, p. 36) para a segunda parte destinada à “Língua” após a intervenção do Tempo:

Reprise de la deuxième partie du cours, sur la langue	C 308 a	[19 mai]
À la suite du premier chapitre	C 308 a-309	[19 mai]
Sur Chap. II: La langue comme système de signes	C 309-310	[19 mai]
Nouveau Chap. III: L'immutabilité et mutabilité du signe	C 310-326	[23 mai]
Nouveau Chap. IV: La linguistique statique et la linguistique historique	C 326-373	[2 juin]
Nouveau Chap. V: La linguistique statique	C 373-378	[23 juin] ²³
1) Les mots comme termes d'un système	C 379-390	[27 juin]
2) Valeur des termes et sens des mots	C 391-402	[30 juin]
Chap. suivant: Il n'y a dans la langue que des différences	C 403-406	[4 juillet]
Observations finales	C 406-407	[4 juillet]